

POLLIANA BARBOZA DA SILVA

**A INCLUSÃO DO ESTUDANTE SURDO NO
ENSINO SUPERIOR:
das percepções de estudantes surdos e seus professores
às práticas de sala de aula. Estudo de caso.**

Orientadora: Prof.^a Doutora Isabel Rodrigues Sanches

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2015

POLLIANA BARBOZA DA SILVA

**A INCLUSÃO DO ESTUDANTE SURDO NO
ENSINO SUPERIOR:
das percepções de estudantes surdos e seus professores
às práticas de sala de aula. Estudo de caso.**

Dissertação defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias, perante o júri, nomeado pelo
Despacho de Nomeação nº 15/2016, de 15 de
janeiro de 2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor António Teodoro

Arguente:

Prof.^a Doutora Raquel Oliveira

Vogal:

Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

Orientadora:

Prof.^a Doutora Isabel Rodrigues Sanches

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação

Lisboa

2015

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.

(Terje Basilier)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, autor da minha existência, a minha fortaleza que sempre tem olhado para mim diariamente me proporcionando a alegria de viver. A ele toda honra, glória e louvor. Aos meus pais, avós e noivo por todo amor, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À ORIENTADORA,

Professora Doutora Isabel Rodrigues Sanches que com sua sabedoria direcionou a construção deste trabalho, dando suportes fundamentais para a concretização do mesmo. A ela toda a minha admiração profissional.

AOS PROFESSORES,

Que no decorrer dos módulos nos proporcionaram momentos maravilhosos de aprendizagens e conhecimentos.

À coordenação do curso de mestrado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Professores Doutores António Teodoro e Óscar de Sousa pelo apoio no âmbito acadêmico durante a realização do curso.

Aos nossos colegas de turma, em especial a Márcia Henrique Pachêco, Maria José Martins de Queiroz Santos, Lauricéa Francisco da Silva, Vera Fernandes de Souza, Hellen Kelly Vieira Paulino e Givaldo Martins Junior pela parceria desenvolvida durante o curso e na realização dos momentos de estudos.

À equipe da secretaria de educação do município de Itambé, mais precisamente, a Veridiana Brito, Olimpiades de Queiroz, Cleonice Pimentel e Kelly Sandra pelo apoio durante o período da construção deste trabalho e por me proporcionar o tempo necessário para os estudos.

À direção, coordenação, educadores e estudantes surdos do local da pesquisa, pela acolhida e disponibilidade em participar da pesquisa, contribuindo assim de forma primordial para a realização desta dissertação.

RESUMO

Considera-se pessoa surda àquela que tem a compreensão do mundo por meio de experiências visuais, tendo uma cultura e língua própria, a língua brasileira de sinais – LIBRAS, no caso do Brasil. Os surdos têm a sua identidade na comunicação, sendo participantes de diversos contextos, podendo utilizar a mediação de um intérprete de LIBRAS, a leitura e a escrita. Assim sendo, a educação inclusiva busca promover a participação e a permanência desses estudantes surdos na instituição de ensino superior, focando a reestruturação de culturas, políticas, currículos e práticas pedagógicas respondendo às especificidades dos mesmos e de todos os estudantes. O objetivo da nossa pesquisa é compreender o processo de inclusão dos estudantes surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes e das percepções e das práticas dos seus professores, no curso de graduação em pedagogia. Esta investigação quanto à abordagem se apresenta como sendo qualitativa, pois nos aponta caminhos para o desenvolvimento de uma pesquisa mais próxima do cotidiano e das experiências dos sujeitos. Quanto à natureza se apresenta como exploratória, pois buscamos descrever os fatos e fenômenos da realidade encontrada no campo da pesquisa. Quanto à tipologia se apresenta como sendo estudo de caso, pois se fez referência à análise de uma situação específica. O campo da pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada, onde o nosso foco foi o curso de graduação em pedagogia, por ter estudantes surdos. A técnica utilizada foi a entrevista com os estudantes surdos e os professores desses estudantes bem como a observação das aulas dos professores. Trabalhar na perspectiva de uma educação inclusiva se faz necessário para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem que favoreça a todos os estudantes, do cuidado para com o outro, da compreensão dos professores sobre o processo de inclusão dos estudantes surdos e da aprendizagem dos mesmos e assim poder criar estratégias que favoreçam a inclusão e a aprendizagem. Como resultados, verificou-se que a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior a partir das percepções e práticas de sala de aula observadas acontece principalmente por meio da atuação do intérprete que medeia a comunicação, através de um dos professores que conhece a LIBRAS e a utiliza, e também através de algumas estratégias utilizadas pelos professores que favorecem a aprendizagem dos estudantes surdos. No entanto, existem muitas dificuldades a serem superadas, como a falta de comunicação entre professores e estudantes surdos, utilização de mais estratégias que favoreçam a aprendizagem dos estudantes surdos e formação de professores na área de LIBRAS e da educação inclusiva.

Palavras-chave: Ensino Superior; Estudante surdo; Inclusão; Percepções; Práticas de sala de aula; Professores.

ABSTRACT

It is considered deaf to that person who has the understanding of the world through visual experiences, having a culture and own language, the Brazilian Sign Language - LIBRAS, in the case of Brazil. The deaf have their identity in communication, with participants from diverse backgrounds and may use the mediation of a LIBRAS interpreter, reading and writing. Therefore, inclusive education seeks to promote participation and the permanence of these deaf students in higher education institution, focusing on reestruturação cultures, policies, curricula and teaching practices responding to the specificities of ourselves and of all students. The goal of our research is to understand the process of inclusion of deaf students in higher education, through the perceptions of these students and the perceptions and practices of their teachers in the undergraduate course in pedagogy. This research on the approach appears to be qualitative, it points the ways to develop closer research of everyday life and experiences of subjects. The nature presents itself as exploratory, as we seek to describe the facts and phenomena of reality found in the research field. As for the typology is presented as case study, because it referred to the analysis of a specific situation. The field of research was a private institution of higher education, where our focus was on undergraduate degree in pedagogy, having deaf students. The technique used was the interview with deaf students and teachers of these students as well as the observation of the classes of teachers. Work towards an inclusive education is needed to develop the teaching and learning process that encourages all students, care for each other, understanding of teachers about the process of inclusion of deaf students and learning thereof and thus to create strategies that promote inclusion and learning. As a result, it was found that the inclusion of deaf students in higher education from the perceptions and classroom practices observed mainly happens through the work of the interpreter that mediates communication through a teacher who knows the LIBRAS and uses, and also through some strategies used by teachers who favor the learning of deaf students. However, there are many difficulties to be overcome, such as lack of communication between teachers and deaf students use more strategies that enhance the learning of deaf students and teacher training in the LIBRAS area and inclusive education.

Keywords: Higher Education; Deaf student; Inclusion; Perceptions; Classroom practices; Teachers.

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas
AEE – Atendimento Educacional Especializado
CEB – Câmara de Educação Básica
CF – Constituição da República Federativa do Brasil
CENESP – Centro Nacional de Educação Especial
CNE – Conselho Nacional de Educação
CREFAS – Centro de formação de LIBRAS para crianças e adultos
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
ES1 – Estudante surdo 1
ES2 – Estudante surdo 2
ES3 – Estudante surdo 3
IES – Instituição de Ensino Superior
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
L1 – Língua de sinais
L2 – Língua portuguesa
MEC – Ministério da Educação
ONU – Organização das Nações Unidas
PAC – Plano de Aceleração do Crescimento
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação
PNE – Plano Nacional de Educação
PS – Pessoa surda
P1 – Professor 1
P2 - Professor 2
P3 - Professor 3
SRM – Sala de Recursos Multifuncionais
TCC – Trabalho de conclusão de curso

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
LISTA DE SIGLAS	8
ÍNDICE DE QUADROS	11
ÍNDICE DE APÊNDICES	12
ÍNDICE DE ANEXOS	13
INTRODUÇÃO	14
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	19
1.1. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	19
1.1.1. <i>A Educação Inclusiva como questão de Direito Humano</i>	<i>21</i>
1.1.2. <i>A Educação Inclusiva na Instituição de ensino</i>	<i>28</i>
1.1.3. <i>O Marco Legal da Educação Inclusiva no cenário educacional brasileiro</i>	<i>30</i>
1.2. A PESSOA SURDA	34
1.2.1. <i>O trajeto histórico da educação das pessoas surdas</i>	<i>36</i>
1.2.1.1. <i>O trajeto histórico da educação das pessoas surdas no Brasil</i>	<i>43</i>
1.2.1.2. <i>O oralismo</i>	<i>44</i>
1.2.1.3. <i>A comunicação total</i>	<i>45</i>
1.2.1.4. <i>O bilinguismo</i>	<i>45</i>
1.2.2. <i>A investigação com/sobre estudantes surdos: ponto da situação</i>	<i>47</i>
1.3. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	49
1.4. A COMPETÊNCIA DOCENTE E O ENSINO SUPERIOR	51
1.4.1. <i>O ensino superior frente aos apontamentos contemporâneos</i>	<i>56</i>
1.4.2. <i>A competência docente para atuação junto aos estudantes surdos no ensino superior</i>	<i>59</i>
PROBLEMÁTICA E ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	61
2.1. PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA	61
2.2. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	63
2.2.1. <i>Objetivo geral</i>	<i>63</i>
2.2.2. <i>Objetivos específicos</i>	<i>63</i>
2.3. TIPO DE ESTUDO	64
2.4. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	65
2.5. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	66
2.6. TÉCNICAS, INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	67
2.6.1. <i>A entrevista</i>	<i>67</i>
2.6.2. <i>A observação</i>	<i>70</i>
2.6.3. <i>A análise de dados</i>	<i>72</i>
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	74
3.1. OS PROFESSORES: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS	74
3.1.1. <i>As percepções dos professores</i>	<i>74</i>
3.1.1.1. <i>Caracterização dos professores entrevistados</i>	<i>75</i>
3.1.1.2. <i>Comunicação do professor com os estudantes surdos</i>	<i>76</i>

3.1.1.3.	Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula	79
3.1.1.4.	Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos	81
3.1.1.5.	Relação do professor	83
3.1.1.6.	Inclusão	85
3.1.2.	<i>As práticas dos professores</i>	90
3.1.2.1.	Relação/comunicação do professor com os estudantes surdos	90
3.1.2.2.	Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	93
3.1.2.3.	Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	98
3.1.2.4.	Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	101
3.1.2.5.	Participação dos estudantes surdos na aula	104
3.1.2.6.	Considerações importantes	107
3.2	AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SURDOS	110
3.2.1.	<i>Caraterização dos estudantes surdos</i>	110
3.2.2.	<i>Comunicação entre os professores e os estudantes surdos</i>	112
3.2.3.	<i>Participação dos estudantes surdos</i>	115
3.2.4.	<i>Estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem</i>	117
3.2.5.	<i>Relação dos estudantes surdos</i>	118
3.2.6.	<i>Inclusão</i>	120
	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	125
4.1.	AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SURDOS E DOS SEUS PROFESSORES: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	125
4.1.1.	<i>Perfil dos entrevistados</i>	125
4.1.2.	<i>Comunicação entre professores e estudantes surdos</i>	129
4.1.3.	<i>Relação</i>	132
4.1.4.	<i>Processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos</i>	135
4.1.5.	<i>Inclusão</i>	139
4.2.	DAS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES ÀS SUAS PRÁTICAS DE SALA DE AULA: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	145
4.2.1.	<i>Relação e comunicação do professor com os estudantes surdos</i>	145
4.2.2.	<i>Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula</i>	149
4.2.3.	<i>Relação dos estudantes surdos</i>	158
4.2.4.	<i>Participação dos estudantes surdos na aula</i>	163
	CONCLUSÕES	169
	RECOMENDAÇÕES	173
	REFERÊNCIAS	174
	APÊNDICES	I
	ANEXOS	LXXIX

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 - ORGANIZAÇÃO E AGENDAMENTOS DAS OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA.....	71
QUADRO 2 – PERFIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS	75
QUADRO 3 – COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ESTUDANTES SURDOS	77
QUADRO 4 – PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE SURDO EM SALA DE AULA.....	79
QUADRO 5 – AVALIAÇÃO QUE O PROFESSOR FAZ DA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS	82
QUADRO 6 – RELAÇÃO DO PROFESSOR	83
QUADRO 7 – INCLUSÃO	85
QUADRO 8 – RELAÇÃO/COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ESTUDANTES SURDOS	90
QUADRO 9 – ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS	93
QUADRO 10 – RELAÇÃO/COMUNICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES SURDOS E ESTUDANTES OUVINTES	98
QUADRO 11 – RELAÇÃO/COMUNICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES SURDOS E O INTÉRPRETE.....	101
QUADRO 12 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS NA AULA	104
QUADRO 13 – CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES	107
QUADRO 14 – PERFIL DOS ESTUDANTES SURDOS ENTREVISTADOS	111
QUADRO 15 – COMUNICAÇÃO	113
QUADRO 16 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS EM SALA DE AULA	115
QUADRO 17 – ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	117
QUADRO 18 – RELAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS	118
QUADRO 19 – INCLUSÃO.....	120
QUADRO 20 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	126
QUADRO 21 – COMUNICAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES SURDOS.....	130
QUADRO 22 – RELAÇÃO	133
QUADRO 23 – PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS.....	136
QUADRO 24 – INCLUSÃO.....	140
QUADRO 25 – RELAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ESTUDANTES SURDOS.....	146
QUADRO 26 – PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE SURDO EM SALA DE AULA	150
QUADRO 27 – RELAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS	159
QUADRO 28 - PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS.....	164

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – PLANO DA ENTREVISTA – PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR (CURSO DE PEDAGOGIA)	II
APÊNDICE 2 - PLANO DA ENTREVISTA – ESTUDANTE SURDO	IV
APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 1.....	VI
APÊNDICE 4 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 2	VIII
APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 3.....	XII
APÊNDICE 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 1	XVII
APÊNDICE 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 2	XX
APÊNDICE 8 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 3	XXII
APÊNDICE 9 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 1	XXIV
APÊNDICE 10 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 2	XXVI
APÊNDICE 11 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 3	XXVIII
APÊNDICE 12 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 1	XXXI
APÊNDICE 13 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 2	XXXIII
APÊNDICE 14 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 3	XXXIV
APÊNDICE 15 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 1	XXXV
APÊNDICE 16 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 2	XXXVI
APÊNDICE 17 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 3	XXXVIII
APÊNDICE 18 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 1.....	XL
APÊNDICE 19 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 2.....	XLI
APÊNDICE 20 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 3.....	XLII
APÊNDICE 21 – PLANO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA	XLIII
APÊNDICE 22– DESCRIÇÃO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1	XLIV
APÊNDICE 23 – DESCRIÇÃO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1	XLV
APÊNDICE 24 – DESCRIÇÃO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1	XLVII
APÊNDICE 25 – DESCRIÇÃO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2	XLVIII
APÊNDICE 26 – DESCRIÇÃO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2	L
APÊNDICE 27 – DESCRIÇÃO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2	LI
APÊNDICE 28 – DESCRIÇÃO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3	LV
APÊNDICE 29 – DESCRIÇÃO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3	LVII
APÊNDICE 30 – DESCRIÇÃO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3	LIX
APÊNDICE 31 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1	LXI
APÊNDICE 32 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1	LXIII
APÊNDICE 33 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1	LXVI
APÊNDICE 34 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2	LXVIII
APÊNDICE 35 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2	LXX
APÊNDICE 36 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2	LXXI
APÊNDICE 37 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3	LXXIII
APÊNDICE 38 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3	LXXV
APÊNDICE 39 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3	LXXVII

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO DE RECOLHA DOS DADOS	LXXX
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS E ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA	LXXXI
ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS E ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA	LXXXII
ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS E ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA	LXXXIII
ANEXO 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS E ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA	LXXXIV
ANEXO 6 – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS E ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA	LXXXV
ANEXO 7 – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS E ESCLARECIMENTOS DA PESQUISA	LXXXVI
ANEXO 8 – TERMO DE CONSENTIMENTO DAS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES.....	LXXXVII
ANEXO 9 – TERMO DE CONSENTIMENTO DAS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES	LXXXVIII
ANEXO 10 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DOS PROFESSORES	LXXXIX
ANEXO 11 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DOS PROFESSORES	XC
ANEXO 12 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DOS PROFESSORES	XCI
ANEXO 13 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE OBSERVAÇÕES DE AULAS DOS PROFESSORES	XCII
ANEXO 14 – TERMO DE CONSENTIMENTO DAS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES	XCIII
ANEXO 15 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE OBSERVAÇÕES DE AULAS DOS PROFESSORES	XCIV
ANEXO 16 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE OBSERVAÇÕES DE AULAS DOS PROFESSORES	XCV

INTRODUÇÃO

A escolha desta temática se deu muito cedo, ainda no curso de graduação por meio dos módulos cursados e estágios que vinham sendo realizados nas escolas públicas de ensino fundamental. E assim a questão da inclusão surgiu como uma constante inquietação, ora presenciando atos de exclusão, ora identificando concepções e práticas de exclusão no ambiente escolar as quais me direcionaram para a especialização em atendimento educacional especializado como também para fazer o curso de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, tecnologias assistivas e a ter participações em congressos nacionais e internacionais, grupo de pesquisa na universidade que abordaram temáticas acerca da política nacional de educação inclusiva e da pessoa surda. Esta preocupação tornou-se ainda mais aguçada ao assumir os atendimentos na sala de recursos multifuncionais.

As razões para a escolha desta temática se deram também ao lecionar diversos módulos no curso de graduação em pedagogia como professora auxiliar de uma instituição de ensino superior privada, pois passamos a ter o convívio direto e diário com as pessoas surdas.

Assim sendo, todos esses fatores nos fizeram perceber as possibilidades, os limites e o desejo do avanço no que diz respeito às práticas de inclusão das pessoas surdas, respeitando a língua que estas têm por direito, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

A presença de estudantes surdos no ensino superior vem aumentando de acordo com os dados do Ministério da Educação / Brasil. Alguns estudos anteriores revelam que estes estudantes vêm enfrentando dificuldades dentro da Instituição de Ensino Superior – IES referentes à leitura e a escrita, a não valorização da cultura surda e a Língua Brasileira de Sinais. Esses estudos realizados recentemente procuraram discutir as condições oferecidas para os estudantes surdos no ensino superior, compreender a vivência universitária desses estudantes surdos, investigar a trajetória educacional e

conhecer as experiências também desses estudantes e as suas condições no nível superior.

A presente pesquisa traz uma nova ótica de estudo no que se refere à inclusão dos estudantes surdos no ensino superior buscando compreender esse processo de inclusão desses estudantes dentro do curso de graduação em pedagogia através das percepções e das práticas dos professores como também através das percepções dos estudantes surdos. Para isso, adentramos no conceito de inclusão, na relação e comunicação entre os professores e estudantes surdos, na Língua Brasileira de Sinais, nas estratégias utilizadas pelos professores, na avaliação da aprendizagem, na importância do profissional intérprete de LIBRAS, procurando também perceber o processo de ensino e aprendizagem ocorridos em sala de aula.

Assim sendo, o nosso objeto de estudo trata da inclusão dos estudantes surdos no Ensino Superior, mais precisamente no curso de graduação em Pedagogia na busca da construção dos saberes acadêmicos desses estudantes.

O estudo desenvolvido traz contribuições para a educação na perspectiva de buscar responder a algumas inquietações, proporcionar saberes para a educação dos estudantes surdos, na busca de transformar esses saberes e competências em favor de uma educação inclusiva eficaz.

Neste sentido, existe no Brasil ainda uma compreensão inadequada do conceito de educação inclusiva. Esta compreensão distorcida pode afetar de forma negativa o processo de construção de saberes acadêmicos dos estudantes surdos. Outro impasse encontrado está na metodologia utilizada pelo professor do ensino superior. O que acontece é que os cursos de mestrado e doutorado brasileiros estão voltados mais para a pesquisa, busca-se formar em maior parte um professor pesquisador. Neste contexto, a formação docente para o ensino superior se detém em essência à pesquisa, assim a didática, as técnicas de ensino não são enfatizadas como deveria.

Observamos também que problemas de comunicações acontecem entre estudantes e professores devido à incompreensão da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a falta de recursos didáticos e tecnológicos para a pessoa com surdez também são fatores agravantes no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta direção, considerando a inclusão, é necessária uma instituição de ensino superior, mais precisamente um curso de graduação em pedagogia na qual os estudantes

surdos estejam incluídos de fato, ou seja, com direitos de participar de forma ativa do processo escolar e acadêmico de acordo com suas capacidades. Assim, é oportuno questionar: *como está a processar-se a inclusão dos estudantes surdos, no curso de graduação em Pedagogia, segundo estes estudantes e seus professores?*

Para dar sustento à problemática e à questão de investigação temos como objetivo geral: Compreender o processo de inclusão dos estudantes surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes e das percepções e das práticas dos seus professores, no curso de graduação em pedagogia.

Especificamente, partindo das percepções dos estudantes surdos e professores bem como das práticas dos professores, caminhamos na direção de caracterizar as percepções dos professores, no curso de graduação em pedagogia, da instituição de ensino superior a pesquisar, relativas ao processo de inclusão dos estudantes surdos no Ensino Superior; caracterizar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, no curso de graduação em pedagogia, da instituição de ensino superior, junto dos estudantes surdos; caracterizar as percepções dos estudantes surdos relativas ao seu processo de inclusão e a sua aquisição de saberes acadêmicos, no que diz respeito às facilidades, dificuldades e estratégias adotadas; fazer o cruzamento das percepções dos professores e dos estudantes surdos, bem como o cruzamento das percepções dos professores com as suas práticas de sala de aula.

Nos dias atuais o perfil dos profissionais docentes é o de manter-se atualizado, com visão das questões presentes na sociedade que estão no entorno da sua área e instituição, adepto às novidades e também com poder de tomada de decisões. Sobretudo, sempre disponível a aprender. Nesta direção, a competência se faz um diferencial na qualidade do ser professor, estar comprometido por inteiro com o desempenho de sua função multifacetada, com a aprendizagem e a formação da construção de saberes dos estudantes.

A pesquisa realizada se caracteriza como qualitativa. Esta “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.” (CHIZZOTTI, 2011, p.28). Em relação aos seus objetivos de natureza é descritiva, pois temos o objetivo de descrever as características do fenômeno, da experiência e da população, estabelecendo relações entre os resultados e o objeto de

estudo. Quanto à tipologia a pesquisa se apresenta como estudo de caso, pois, buscamos nos aprofundar buscando informações detalhadas sobre o objeto de estudo na tentativa de compreendê-lo em um conjunto maior. Assim coletamos os dados, analisamos e realizamos a interpretação destes, o que nos conduz à compreensão da temática estudada.

Utilizamos como técnica a entrevista que foi realizada com os participantes da pesquisa, os estudantes surdos e os professores destes estudantes, como também a observação sistemática com relação às aulas dos professores, todos pertencentes ao curso de Pedagogia de uma instituição superior privada.

Deste modo, para analisar os dados utilizamos a análise de conteúdo, esta é um conjunto de técnicas que analisam as comunicações, com o objetivo de descrever e interpretar o conteúdo de um conjunto de textos e documentos buscando a compreensão de significados. A análise de conteúdo ainda é caracterizada como sendo aplicável através de uma grande variedade de formas num campo bastante amplo.

Nesta direção, o nosso trabalho se encontra estruturado em quatro pontos.

O primeiro ponto aborda o enquadramento teórico, no qual apresentamos a investigação dos estudantes surdos apresentando o estado da arte. Através de diversos autores abordamos alguns pontos referentes à Educação Inclusiva. Iniciamos pela educação inclusiva como uma questão de direito humano e também na instituição de ensino. Apresentamos também o marco legal da educação inclusiva no cenário educacional brasileiro. Abordamos a pessoa surda, o trajeto histórico da educação dessas pessoas e a língua brasileira de sinais – LIBRAS, a Competência Docente e o ensino superior, apresentando o ensino superior frente aos apontamentos contemporâneos bem como a competência docente para a atuação junto ao estudante surdo no ensino superior.

No segundo ponto é apresentado o enquadramento metodológico. Neste aborda-se a problemática e questão de partida, os objetivos da investigação, o tipo de estudo, a caracterização da instituição de ensino superior bem como a dos participantes da pesquisa, as técnicas, instrumentos e procedimentos de coleta e de análise de dados.

No terceiro ponto realizamos a apresentação e análise dos dados empíricos revelando assim todo o trajeto da pesquisa, a partir das percepções e práticas dos professores e as percepções dos estudantes surdos.

No quarto ponto trazemos a discussão dos resultados da pesquisa tendo como base os resultados coletados nas entrevistas e nas observações das aulas dos professores apontando convergências e divergências como também confrontando com as fundamentações teóricas e as investigações empíricas. Neste contexto, discutimos as percepções dos estudantes surdos e dos seus professores e as percepções dos professores confrontadas com as suas práticas de sala de aula.

Por fim, a norma utilizada no presente trabalho para as citações e referência bibliográfica é a Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo é apresentada a revisão bibliográfica de forma a discutir os estudos sobre a educação inclusiva, a pessoa surda e a competência docente no ensino superior para a inclusão dos estudantes surdos. Os conceitos e discussões teóricas sobre a problemática da pesquisa objetivam compreender a temática.

1.1. A educação inclusiva

A Educação Inclusiva é assunto primordial nos debates nacionais e internacionais, diversos estudos e obras vêm sendo desenvolvidos. Deste modo chegamos ao século XXI, dispondo de diversas tecnologias avançadas, várias políticas e ainda a educação inclusiva vem sendo um desafio para as instituições de ensino.

De acordo com Machado (2010) a educação inclusiva “leva em consideração a pluralidade das culturas, a complexidade das redes de interação humanas” (MACHADO, 2010, p.69). Neste contexto, a educação inclusiva permite o acesso e a permanência dos estudantes com deficiência, nos ambientes escolar e acadêmico, além de respeitar as diferenças e promover a construção da aprendizagem através das potencialidades. Assim sendo, a educação Inclusiva nos propõe ainda mudanças de percepções relacionadas à aprendizagem e ao ensino, pois o estudante com deficiência é capaz de produzir e de aprender em tempo próprio.

Se existe a educação inclusiva é porque existe também a exclusão, temos que incluir alguém, porque este mesmo alguém estava excluído. Desta forma, podemos dizer que nos dias de hoje a palavra inclusão é a que tenta conceituar os direitos humanos e a igualdade. Nesta perspectiva, de acordo com Sanches e Teodoro (2006) “muitos pensam que a inclusão escolar é para os jovens em situação de deficiência, mas não, ela deve

contemplar todas as crianças e jovens com necessidades educativas” (SANCHES; TEODORO, 2006, p.69).

Podemos perceber que o conceito de inclusão é algo que dispõe de uma amplitude, pois não só apenas as pessoas com deficiência são contempladas, mas também aquelas que apresentam dificuldades de aprendizagens, que são discriminadas, os negros, os quilombolas, indígenas e os mais diversos grupos sociais.

Para que a educação inclusiva possa acontecer em nossas instituições escolares é necessária uma combinação, um conjunto de fatores. Primeiramente, a Constituição Federal Brasileira nos dá o respaldo no artigo 205 de que a educação é direito de todas as pessoas, a Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira (lei nº 9394/96) confirma a inclusão das pessoas com deficiência no ensino regular tendo como complemento o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Deste modo, além de todos esses direitos assegurados por lei, a educação destas pessoas deve ter o apoio da equipe da instituição, colegas de sala e família. Os recursos e suportes tecnológicos também são de fundamental importância na aprendizagem das pessoas com deficiência.

De acordo com Sanches e Teodoro (2006)

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema, mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas. (SANCHES, TEODORO, 2006, p.72).

Nós, enquanto professores nos deparamos com as salas de aulas repletas de pessoas, cada uma tem a sua personalidade, costumes, cultura, religião, ou seja, vida própria e particular. É necessário que nós entendamos essa diversidade de pessoas, de saberes, de culturas como sendo construtora de conhecimentos, portanto dotada de aprendizagens.

Hoje, pretende-se uma aprendizagem que seja construída com a mediação do professor, do grupo escolar e da família, valorizando as experiências e potencialidades dos estudantes.

A evolução da educação inclusiva, o acesso das pessoas com deficiência foi sendo adquirido e conquistado aos poucos de acordo com as oportunidades que foram surgindo e posteriormente ampliadas.

Para Sanches (2005),

a mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um, independentemente da sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física. (SANCHES, 2005, p.128).

Neste sentido, a mudança que a educação inclusiva propõe às instituições é o desenvolvimento de um trabalho de responsabilidade e compromisso para com as pessoas, educando e respeitando as diferenças permitindo a cada uma aprender de acordo com as suas limitações, possibilidades e potencialidades.

Ainscow (2009) afirma que

a inclusão abrange todas as crianças e jovens nas escolas; está focada na presença, na participação e na realização; inclusão e exclusão estão vinculadas, de maneira que a inclusão envolve o combate ativo à exclusão; a inclusão é vista como um processo sem fim. Assim, uma escola inclusiva é aquela que está evoluindo, e não aquela que já atingiu um estado perfeito. (AINSCOW, 2009, p. 20).

Assim sendo, a educação inclusiva se preocupa em promover a participação dos estudantes, buscando reduzir a exclusão, reestruturando culturas, políticas, currículos e práticas pedagógicas nas instituições de ensino respondendo a diversidade dos estudantes continuamente.

1.1.1. A Educação Inclusiva como questão de Direito Humano

Neste século XXI as instituições de ensino tiveram que realizar mudanças com o objetivo de acolher e oferecer serviços educacionais a todas as pessoas. Nesta direção, os professores nas mais diversas modalidades Infantil, Fundamental, Médio e Superior receberam em suas turmas estudantes com necessidades específicas. Esta realidade vem

trazendo discussões sobre a formação dos professores bem como as competências a serem desenvolvidas no trabalho com o diferente.

A diferença consiste numa especificidade que cada ser humano tem, ou seja, cada pessoa tem sua própria particularidade e que a distingue como um ser humano individual. Deste modo cada pessoa tem uma singularidade também para aprender e desenvolver a sua própria identidade. Assim sendo, a Educação Inclusiva vem trazendo a concepção de que a educação é possível para todos. De acordo com Fávero (2011) “a educação é um direito humano, fundamental e, portanto, deve ser colocado à disposição de todos os seres humanos. Assim, é óbvia a conclusão de que as pessoas com deficiência também são seus titulares”. (FÁVERO, 2011, p.18).

O direito à educação tem pressupostos. Esse direito precisa estar garantido através do acesso, permanência e conclusão dos estudos. Segundo Fávero (2011) com relação às crianças e adolescentes o direito a educação estará totalmente alcançado se:

a) O ensino recebido visar o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania, entre outros objetivos; b) For ministrado em estabelecimentos oficiais de ensino, em caso do ensino básico e superior, nos termos da legislação brasileira de regência; c) Tais estabelecimentos não forem separados por grupos de pessoas, nos termos da Convenção relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino. (FÁVERO, 2011, p.18).

A Educação é um direito que é dado a todos nós com a finalidade de proporcionar o desenvolvimento integral, o conhecimento, a troca de saberes e experiências através das instituições e sistemas de ensino. Neste contexto, as pessoas com deficiências são titulares desse direito, pois, quando nos referimos à educação inclusiva e ao direito do acesso à escola e à sala de aula onde todos estejam aprendendo, estamos garantindo a essas pessoas o direito humano comum e fundamental: a educação.

A Educação em Direitos Humanos se apresenta na mesma vertente de uma educação para a democracia, sendo a democracia entendida como uma forma de viver mais do que de governar. De acordo com Teixeira (2011) esta “pode ser traduzida por um conjunto de valores, que estão expressos na Declaração dos Direitos Humanos, e

devem servir como guias não só do que queremos ser, mas de como pretendemos nos relacionar” (TEIXEIRA, 2011, p.150).

Assim sendo, as escolas que trabalham na perspectiva dos Direitos Humanos e da Democracia envolvem todas as pessoas que fazem parte do processo educativo, convivendo, respeitando regras e valores humanos. Deste modo, a Educação em Direitos Humanos, assim como a educação para a democracia é um processo de vivência.

Para Bobbio (2002) a democracia “é um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos” (BOBBIO, 2002, p.30).

Deste modo a ideia democrática é um contínuo espaço de repertório dos direitos individuais e coletivos, referindo-se a um conjunto de regras e encaminhamentos de decisões públicas que vão sendo ampliadas como fonte de decisão através de um maior número de pessoas.

As escolas democráticas têm como características a prática dos Direitos Humanos, a participação na tomada de decisões e perceber que todos têm conhecimentos e que estes deverão ser respeitados e levados em consideração.

Na perspectiva da Educação dos Direitos Humanos e da educação para a Democracia, as pessoas com deficiências são incluídas no processo escolar, tendo valorizadas as suas diferenças e necessidades específicas para a aprendizagem. A escola democrática, segundo Teixeira (2011), “deve receber todos aqueles que buscam a satisfação de suas necessidades educacionais (...) estas podem garantir acesso e permanência dos alunos, com respeito à diferença e satisfação do direito à formação integral enquanto ser humano”. (TEIXEIRA, 2011, p.157).

Os Direitos Humanos vêm destacar a importância de cada pessoa na sociedade enquanto cidadão consciente de seus direitos e deveres tendo como ponto de partida as relações que constroem com o mundo.

Segundo Padilha (2011),

Como Freire, acreditamos que “mudar é possível” e que a tradução dos direitos humanos em conquistas concretas e efetivas, de grande alcance social, é um desafio de toda a sociedade que, certamente,

passa também pela educação em todos os seus níveis, modalidades e dimensões. (PADILHA, 2011, p.173).

A partir da concepção dos Direitos Humanos que objetiva a dignidade e a liberdade de todas as pessoas, a organização das escolas passa a ser repensada com o intuito de que todos os estudantes sejam atendidos de acordo com as suas particularidades.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi organizada pela Organização das Nações unidas - ONU com a finalidade de romper com o desrespeito aos direitos da pessoa humana bem como beneficiar a ampliação do respeito aos direitos e liberdades elementares. A questão em torno da educação como sendo um direito de toda pessoa vem sendo apresentado desde 1948 pela referida Declaração. Deste modo o artigo 1º diz que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.

Nesta direção todas as pessoas em suas diversidades, possuem direitos, sendo importantes no contexto social. As pessoas precisam agir com fraternidade e respeito às diferenças. A Declaração Universal de Direitos Humanos também aborda o direito a educação em seu artigo 26º apresentando que:

Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional dever ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.

No que se refere à educação fica claro que esta deve ser oferecida a todas as pessoas sem distinção, de forma gratuita e de qualidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN / Lei nº 9394/96 pautada na Declaração Universal dos Direitos Humanos ressalta:

Título II – Dos princípios e Fins da Educação Nacional. Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da

cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância; X – valorização da experiência extraescolar. (BRASIL, 1996).

Com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos os princípios educativos devem valorizar as especificidades de todos, enxergarem as diferenças como novas e variadas possibilidades de aprendizagens.

Na atualidade os Direitos Humanos compõem uma das questões fundamentais para a problemática da sociedade seja local ou internacional. Sejam estes afirmados ou negados, fazem parte da nossa vida. Assim sendo, quando um direito nos é negado ou violado sofremos com o fato e quando usufruímos algum direito humano estamos exercendo a cidadania. No entanto, convivemos numa realidade em que as violações dos direitos acontecem. Na sociedade brasileira “a impunidade, as múltiplas formas de violência, a desigualdade social, a corrupção, as discriminações e a fragilidade da efetivação dos direitos juridicamente afirmados constituem uma realidade cotidiana” (CANDAU, 2011, p.717).

Desta forma os Estados que aceitaram a declaração de Direitos Humanos se comprometeram a realizar a proteção e a promoção dos direitos humanos em suas legislações.

De acordo com Candau (2011)

A Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos, realizada em Viena, em 1993, para comemorar os 45 anos da promulgação da Declaração Universal, reafirmou, após intenso debate, a universalidade, assim como a indivisibilidade, interdependência e interrelação dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Também afirmou enfaticamente a relação entre democracia, desenvolvimento e direitos humanos. (CANDAU, 2011, p.717).

A educação é um direito humano, social sendo considerada como parte integrante de uma geração de direitos. O reconhecimento dos direitos humanos na sociedade, por sua vez, busca a construção da democracia.

Do ponto de vista histórico os direitos nascem e se desenvolvem por meio de conjunturas históricas de variadas formações sociais, assim sendo Boto (2005) nos apresenta a tese de que o direito a educação foi construído postos em três gerações:

a) O ensino torna-se paulatinamente direito público quando todos adquirem a possibilidade de acesso à escola pública; b) A educação como direito dá um salto quando historicamente passa a contemplar, pouco a pouco, o atendimento a padrões de exigência voltados para a busca de maior qualidade do ensino oferecido e para o reconhecimento de ideais democráticos internos à vida escolar; c) O direito da educação será consagrado quando a escola adquirir padrões curriculares e orientações políticas que assegurem algum patamar de inversão de prioridades, mediante atendimento que contemple – a guisa de justiça distributiva - grupos, sociais reconhecidamente com maior dificuldade para participar desse direito subjetivo universal – que é a escola pública, gratuita, obrigatória e laica. (BOTO, 2005, p.779).

Considerando o contexto da primeira geração, os direitos estão ligados a um ensino universal que seja para todas as pessoas. Como se pensa em educação como um direito público, todas as crianças e jovens vão à mesma escola. Este é o primeiro pressuposto da educação como um direito universal e público.

Na segunda geração de direitos busca-se a revisão de padrões ideológicos que orientam o ensino público. Sendo assim, Boto (2005) afirma que “existe um subterrâneo procedimento excludente interno à escolarização; advindo este de fatores que estão fora da escola: em nome do talento e do dom, é possível desqualificar a criança que se supõe não possuir a mesma capacidade dos outros” (BOTO, 2005, p.788). Assim sendo, de acordo com esta percepção de um lado se apresenta a inclusão das crianças que estão em um determinado padrão de letramento. Do outro lado se apresenta a exclusão daqueles que não possuem conhecimentos prévios acerca dos significados culturais.

Nesta direção, a segunda geração de direitos requer uma pedagogia que contemple os saberes escolares de todos os envolvidos. Para isso, a didática, os conteúdos e os métodos de ensino necessitariam ser mais flexíveis e criativos atendendo a todos.

A terceira geração, por sua vez, nos traz o pensamento de que é preciso saber trabalhar com as diferenças, no entanto o currículo que se apresenta fragmentado em

disciplinas não dará conta de atender as diferenças. Segundo Boto (2005) para romper algumas amarras do sistema escolar é necessário “um currículo que, aberto quanto aos conteúdos, possa entretecer a diversidade, mobilizando-se pela desconstrução de uma falsa unidade de um saber seqüencial, repartido em disciplinas estanques e hierarquizadas entre si” (BOTO, 2005, p.790).

Assim sendo, a terceira geração de direitos apresenta o encontro das culturas que se constrói e reconstrói continuamente por meio da partilha entre os diferentes grupos e pessoas.

A educação inclusiva como uma questão de Direito Humano vem propor aos estabelecimentos de ensino abrir as portas para todos, independente de suas condições físicas, psíquicas ou sensoriais deve ser garantida desde o acesso, a permanência e a conclusão dos estudos. Neste contexto, a inclusão é uma mobilização que requer ações de cunho político, cultural, social e pedagógico tendo como foco minimizar ou eliminar as barreiras que impedem as pessoas com deficiência de participar dos diversos contextos.

Nesta direção, a educação inclusiva compõe um paradigma educacional baseado nos direitos humanos, isto é, “que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.” (BRASIL, 2008, p. 5).

Neste contexto da educação inclusiva requer um planejamento a partir das diferenças, respeitando essas diferenças, assim todos precisam ser incluídos nas atividades escolares, o professor precisa compreender que o trabalho a ser desenvolvido deve ser através do olhar sobre a heterogeneidade. Deste modo, os direitos são iguais para todas as pessoas, porém cada uma tem a sua particularidade, ou seja, a sua diferença.

Na educação Inclusiva como uma questão de direito humano, o educador também precisa saber escutar, assim Ana Freire (2006), afirma sobre o educador, brasileiro Paulo Freire sobre suas práticas desenvolvidas com os educandos:

Entendo essa capacidade que ele teve de tocar o corpo do outro ou da outra com suas pequenas mãos enquanto dialogava e de escutar

paciente e atentamente o outro, ambos os gestos completados por seu olhar forte, profundo e meigo, como categorias que ultrapassam o campo do sensível, da emoção ou mesmo de uma simples racionalidade intencional pela qual poderia ter optado para expressar seus sentires, ou mesmo provocar os dos outros. Eles abarcam e superam estes e se instalam no espaço mais profundo, abrangente e autêntico do ser humano (FREIRE, 2006, p. 23).

O educador na ótica Freireana dentro da educação como Direito Humano precisa acolher, contemplar os estudantes bem como suas necessidades específicas, enxergar o potencial de cada um, os conhecimentos que estes trazem consigo. O educador que permanece cumprindo o seu dever respeita os direitos dos outros e os seus próprios direitos. O educador que trabalha na busca dos Direitos Humanos é um educador da Utopia e para este de acordo com Padilha (2011)

O mundo não prescinde da guerra para ser mundo. O homem não é o ser da guerra, mas do amor, da afetividade, da esperança e da utopia. Falta-lhe a abertura para aprender com a diversidade e buscar uma sociedade que consiga alcançar uma ética fundada no respeito às diferenças, isso significando conviver com elas, e não se isolar nos guetos multiculturais que não enfrentam os desafios de uma radicalidade democrática para a convivência plena de direitos e de deveres. (PADILHA, 2011, p. 175-176).

Os educadores envolvidos com a Educação Inclusiva como questão de Direito Humano respeita cada pessoa como um ser humano completo e dotado de todos os seus direitos.

1.1.2. A Educação Inclusiva na Instituição de ensino

Para compreendermos o contexto da educação inclusiva na instituição de ensino é necessário nos referirmos primeiramente à sociedade, pois é nesta que a inclusão e a exclusão acontecem. As instituições de ensino são organizadas pela sociedade para trabalhar em favor das pessoas que dela fazem parte, especificamente as pessoas com deficiência.

No que diz respeito a estas pessoas, Madruga (2013) afirma

que o conceito de deficiência hoje pode ser encontrado na própria Convenção da ONU, no artigo 1º: Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (MADRUGA, 2013, p. 33).

A deficiência, portanto está na essência da pessoa, não sendo algo que pode ser portado, carregado como um objeto. A pessoa com deficiência tem limitações determinadas que podem ser físicas, mentais e sensoriais. Essas limitações precisam ser trabalhadas pedagogicamente no âmbito da escola numa perspectiva inclusiva.

Neste contexto, a educação inclusiva acontece nas instituições de ensino procurando “promover uma cultura de escola e de sala de aula que adote a diversidade como lema e que tenha como objectivo primeiro o desenvolvimento global dos alunos” (CORREIA, 2001, p. 125).

Assim sendo, a educação inclusiva busca atender as necessidades dos estudantes garantindo a participação nas diversas situações de aprendizagens dentro e fora da sala de aula, as interações com os que fazem parte da escola, professores formados e especializados, ambientes propícios à aprendizagem, materiais pedagógicos e recursos didáticos e tecnológicos acessíveis.

O ensino inclusivo de acordo com Stainback e Stainback (1999) “é a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas”. (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 21).

Para conseguir realizar o ensino inclusivo os professores podem buscar parcerias, participar de formações continuadas, planejar pensando na diversidade e nas oportunidades de aprendizagem que cada estudante poderá ter de forma a trabalhar as potencialidades.

Correia (2001) afirma que o princípio da inclusão é

a heterogeneidade de características dos alunos que só enriquece a escola, contribuindo para o desenvolvimento harmonioso de uma comunidade escolar, onde as capacidades de cada um se unam para a promoção de sucesso. O princípio da inclusão apela, portanto, para a educação inclusiva que pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais diversas capacidades, interesses, características e

necessidades, possam aprender juntos, que seja dada atenção ao seu desenvolvimento global (acadêmico, socioemocional e pessoal), que, sempre que possível, todos os serviços educativos sejam prestados nas classes regulares, que se crie um verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades (não necessariamente as mesmas oportunidades para todos) que vise o sucesso escolar. (CORREIA, 2001, p. 125).

Neste sentido, a educação inclusiva requer de todos nós um esforço no que diz respeito à aprendizagem dos estudantes com deficiência promovendo o bem-estar acadêmico, emocional e social favorecendo assim o desenvolvimento global desses estudantes. Além de ensinar os estudantes a aceitar e respeitar as pessoas com ou sem deficiências.

1.1.3. O Marco Legal da Educação Inclusiva no cenário educacional brasileiro

No âmbito educacional, políticas públicas vêm sendo pensadas e implementadas para orientar o processo de inclusão nas escolas. No Brasil alguns documentos norteadores e orientadores também foram criados e debatidos para a compreensão e efetivação da educação inclusiva.

Neste contexto a inclusão movimenta ações em toda a escola envolvendo as pessoas que dela fazem parte, pois para que a inclusão aconteça é fundamental a participação e ação de todos os envolvidos. As práticas inclusivas em sala de aula, na universidade e na escola devem ter como norteadores os documentos que regem a inclusão. Nesta perspectiva a Constituição Federal de 1988 surge apresentando o objetivo de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art. 3º inciso IV). Estabelece ainda no artigo 205 que a educação é direito de todas as pessoas, garantindo o desenvolvimento pleno de cada pessoa, a cidadania bem como a qualificação para o trabalho. Assim, estes artigos expressam a abertura e o acesso à educação.

Ainda na Constituição Federal no artigo 206, inciso I, destaca a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” e no artigo 208 estabelece “como um dos princípios para o ensino e, garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento

educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Para reforçar princípios de responsabilidade da matrícula das crianças e adolescentes na instituição escolar, a Lei nº 8.069/90 que trata do Estatuto da criança e do Adolescente – ECA vem determinar que “os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino” (BRASIL, 1990). Assim, esta lei fortalece os princípios da carta magna brasileira quando diz que toda criança independente de deficiência ou de qualquer situação tem direito a educação e os pais e o estado têm responsabilidades a cumprir.

Ainda no que se refere à LDBEN 1996, no artigo 59 fica claro que os sistemas de ensino precisam assegurar currículo, métodos, recursos e organização específicos no atendimento às pessoas com deficiência, terminalidade de forma específica para os discentes que não alcançaram o nível de conclusão no ensino fundamental, aceleração para a conclusão dos estudos em menor tempo no caso dos superdotados e professores capacitados para trabalhar com a inclusão.

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013): I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns. (BRASIL, 1996).

Nesta direção, a educação brasileira tem o constante desafio de dar o suporte para o acesso e a permanência dos estudantes com deficiência na instituição escolar.

A Convenção da Guatemala, aprovada em 8 de outubro de 2001 através do Decreto nº 3.956/2001, estabelece que as pessoas com deficiência possuem direitos humanos e liberdades iguais às demais pessoas apresentando como discriminação todo ato de diferenciação que impeça o exercício dos direitos humanos.

A Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 estabelece o Plano Nacional de Educação – PNE. Este documento destaca que a construção de uma escola inclusiva e que atenda a diversidade se faz necessário. Neste contexto o PNE tem como uma das metas:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.(BRASIL/PNE, 2014).

O PNE ao definir objetivos e metas a cada decênio procurou dar um destaque à educação inclusiva e traz um alerta referente à oferta das matrículas para os estudantes com deficiência nas classes comuns, a acessibilidade ao AEE – Atendimento Educacional Especializado e a formação docente.

O decreto nº 5.296/2004 “garante também a concepção e a implantação de projetos arquitetônicos e urbanísticos segundo os princípios do desenho universal, com base nas normas técnicas de acessibilidade da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT)” (SILVA, 2010, p.120). Este Decreto também estabelece a acessibilidade dos serviços de transporte coletivo, a comunicação e a informação.

O Decreto nº 5.626/05 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a Lei nº10.436/2002, focando na inclusão dos estudantes surdos, estabelecendo a inclusão da LIBRAS como uma disciplina. Assim sendo, o artigo 4º estabelece que:

A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua. (BRASIL, 2005).

É necessário ressaltar também entre os documentos oficiais a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência aprovada em 2006 pela ONU – Organização das Nações Unidas, em que o Brasil é signatário. Este documento afirma que os Estados devem trabalhar por uma educação inclusiva em todos os níveis de ensino.

O Ministério da Educação, da Justiça, Secretaria Especial dos Direitos Humanos e a UNESCO lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Este tem como finalidade enfatizar no currículo da educação elementar os temas relacionados às pessoas com deficiência buscando também realizar “ações afirmativas que possibilitem inclusão, acesso e permanência na educação superior.” (BRASIL, 2007, p.11).

Em 2007 é lançado o Plano de Aceleração do Crescimento – PAC juntamente com o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE confirmado pela Agenda Social de Inclusão das Pessoas com Deficiência. Este plano apresenta como principais tópicos a acessibilidade dos prédios, a criação das SRM – Sala de Recursos Multifuncionais como também a formação docente para atuar nestas.

O Decreto nº 6.094/2007 afirma as diretrizes do Compromisso “Todos pela Educação” bem como garante o acesso e a permanência no ensino comum e o atendimento às especificidades das pessoas com deficiência e a inclusão nas escolas públicas.

A Política Nacional de Educação Inclusiva (2007), prima por uma educação em que todos os estudantes devem aprender em condições de igualdade tendo como objetivo:

O acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2007).

As práticas pedagógicas inclusivas, propostas pela Política Nacional de Educação Inclusiva, devem ser realizadas na parceria Ensino Regular e Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). O professor da SRM trabalha de maneira específica a deficiência dos estudantes por meio de atividades pedagógicas, com materiais e tecnologias próprias para cada deficiência.

O professor da SRM ainda atua junto ao professor da sala regular no suporte a aprendizagem das pessoas com deficiência, na metodologia, nas sugestões das atividades e no acompanhamento da pessoa com deficiência do ponto de vista pedagógico.

A Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009 institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado – AEE. Este é oferecido de forma complementar e suplementar, e não substitutivo ao ensino comum nas instituições de ensino em salas de recursos multifuncionais com o objetivo de trabalhar a especificidade dos estudantes com deficiência. O artigo 5º reforça esta ideia quando afirma que:

O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL, 2009).

Nesta direção, considerando as leis e documentos apresentados, percebemos que houve mudanças na organização a favor da inclusão das pessoas com deficiência. Assim sendo, a educação inclusiva passa a ser pensada na sala regular e com o apoio das salas de recursos multifuncionais por meio do atendimento educacional especializado como uma complementação à escolarização das pessoas com deficiência.

1.2. A Pessoa surda

Em cada época de nossa história houve uma concepção de Pessoa surda, estas foram consideradas pessoas anormais, sem capacidade de produzir, de se comunicar, houve o oralismo onde era considerada a leitura labial, como também a comunicação total onde eram valorizados os gestos sem nenhum padrão. Hoje estamos vivendo uma nova concepção de surdez baseada no bilingüismo. Nesta direção, a educação dos surdos é marcada pelo bilingüismo e pela Língua Brasileira de Sinais no currículo acadêmico, pela inclusão, pela busca de intérpretes e atuação do professor surdo.

Segundo Gesueli (2006), “a nova concepção de surdez na qual se baseia o bilingüismo implica mudanças ideológicas que rompem, de fato, tanto com a concepção oralista, quanto, em grande parte, com os sistemas da comunicação total” (GESUELI, 2006, p. 278).

Considera-se pessoa surda àquela que compreende o mundo através de experiências visuais, manifestando sua cultura por meio da língua de sinais, no Brasil, a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Sendo assim,

os Surdos são pessoas que não se consideram deficientes, utilizam uma língua de sinais, valorizam sua história, arte e literatura e propõem uma pedagogia própria para a educação das pessoas surdas. (BISOL; VALENTINI, 2011).

Neste sentido, as pessoas surdas possuem nomes com sinais próprios através da língua de sinais que as identificam como pessoas que fazem parte de um grupo e também de culturas.

De acordo com Sá (2006)

Podemos definir uma pessoa surda como aquela que vivencia um déficit de audição que a impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem. (SÁ, 2006, p.2).

Deste modo o conceito de surdo passou a se referir ao diferente pelo motivo perceptual, pois as pessoas surdas utilizam ações visuais e língua própria, ao contrário das pessoas ouvintes que é predominantemente sonoro. A comunicação das pessoas surdas valoriza bastante o potencial da visão e a língua de sinais.

Para reforçar, Skliar (2013) afirma que “a surdez é uma experiência visual, e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e de todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual” (SKLIAR, 2013, p. 28).

Os estudos que utilizam a referência “surdo” têm buscado ampliar o espaço social e educacional para essas pessoas, respeitando assim suas particularidades e forma de comunicação, ou seja, a língua que lhe é própria, a língua de sinais.

Assim sendo, as pessoas surdas

não podem ser reduzidas ao chamado mundo surdo, com uma identidade e uma cultura surda. É no descentramento identitário que podemos conceber cada pessoa com surdez como um ser biopsicossocial, cognitivo, cultural, não somente na constituição de sua subjetividade, mas também na forma de aquisição e produção de conhecimentos, capazes de adquirirem e desenvolverem não somente os processos visuais - gestuais, mas também de leitura e escrita, e de fala se desejarem. (ALVEZ; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010, p. 8).

A pessoa surda tem a sua identidade na comunicação sendo percebida nos ambientes, pois utiliza as mãos para se expressar podendo se utilizar da mediação de um intérprete de língua de sinais, a leitura, a escrita e possibilidades de fala se desejarem.

A concepção de surdez com base na antropologia e na cultura “é uma das mais importantes balizas do movimento dos surdos, que busca seu reconhecimento como um grupo linguístico minoritário que compartilha tanto uma língua em comum quanto uma cultura a que chamam de cultura surda”. (BRASIL, 2014, p. 32 – 33). Sendo assim, a perspectiva linguística acentua a ação pedagógica, o trabalho do professor com a diferença linguística e com a cultura surda.

1.2.1. O trajeto histórico da educação das pessoas surdas

Durante vários períodos da História as pessoas surdas foram postas à margem do mundo social, político, econômico, cultural e educacional, sendo desprovidas de direitos e consideradas incapazes de aprender. De acordo com Sá (2003) “a situação a que estão submetidos os surdos, suas comunidades e suas organizações, no Brasil e no mundo, têm muita história de opressão para contar” (Sá, 2003, p. 89).

Neste contexto o esforço para educar as pessoas surdas é notável a partir do século XVI, é neste período que tem início a História da Educação dos Surdos. Pereira (2011) afirma que a História das pessoas surdas está dividida em três grandes fases, sendo a primeira até o ano de 1760, onde a educação das crianças surdas era realizada individualmente por tutores em sua maioria médicos ou religiosos, destacando-se Pedro Ponce de León. A segunda fase predominou de 1760 a 1880 com a fundação das escolas para surdos e o Congresso de Milão. A terceira ocorreu depois do ano de 1880 após o Congresso de Milão, período no qual o método oral se espalhou por toda a Europa.

No início do século XVI, correspondente a primeira fase da História da Educação dos surdos encontramos os primeiros discursos acerca da instrução das pessoas surdas, por meio do trabalho desenvolvido pelo médico pesquisador italiano Gerolamo Cardano. Este estudioso “concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos” (JANUZZI, 2004, p.31).

Os primeiros direcionamentos mais precisos sobre a educação das pessoas surdas aconteceram com o monge beneditino Pedro Ponce de León que ensinava estas pessoas, filhos dos nobres e de famílias ricas da época, ensinava-os a ler, escrever, falar, orar e educava-os na fé católica. Este monge foi reconhecido como sendo o primeiro professor das pessoas surdas, seu trabalho era realizado através de rótulos, alfabeto manual e palavras escritas associando as pronúncias das mesmas.

No início do século XVII, Juan Pablo Bonet e Manuel Ramirez de Carrión realizaram trabalhos com as pessoas surdas. Deste modo “Carrión, estudioso das questões gramaticais e do valor fonético representado pelas letras, criou o método de soletração fonética” (ALVEZ; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010, p. 8). Sendo assim, para que o surdo se tornasse cidadão era necessário fazê-lo falar, assim foram surgindo outros defensores deste pensamento. Juan Pablo Bonet utilizava um alfabeto manual para ensinar a gramática, a língua de sinais e a leitura. Mesmo sendo um adepto da oralidade ele não descartou a língua de sinais no processo de ensino e aprendizagem.

Outro registro encontrado é o do estudioso Jacob Rodrigues Pereira que foi um educador muito fluente em língua de sinais, mas assim como os primeiros valorizavam o oralismo. A finalidade das aulas realizadas por Jacob era fazer com que os surdos falassem.

O estudioso John Wallis também contribuiu com a educação das pessoas surdas, sendo este considerado na Inglaterra o fundador do oralismo, mas também utilizava a língua de sinais.

No século XVIII (1750), o abade francês Charles Michel de L'epée começa a dar instrução formal a duas crianças surdas. Com esse trabalho ele teve grande sucesso, este era realizado com sinais e a língua falada. O objetivo deste trabalho era fazer uma aproximação do surdo com a língua francesa. Na Alemanha e na Inglaterra predominou o método oral. De acordo com Silva (2006),

Para o abade, os sons articulados não eram o essencial na educação de surdos, mas sim a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da língua de sinais, pois essa era a forma natural que possuíam para expressar suas idéias. A língua utilizada no processo educativo era a de sinais. (SILVA, 2006, p. 23).

O abade L'Epée constatou que as pessoas surdas estavam desenvolvendo comunicações através da visão e dos gestos, assim este estudioso criou o método dos sinais metódicos, onde os educadores aprendiam os sinais com as pessoas surdas para assim ensinarem a língua escrita e falada. Neste período a educação dos surdos tinha o mesmo objetivo que a educação das pessoas ouvintes: o ensino da leitura. Foi neste período também que começou a ter início a Língua de Sinais relacionada ao ensino da língua falada.

A segunda fase da História da Educação das pessoas surdas iniciou-se com a primeira escola para surdos que surgiu em 1760 em Paris sendo fundada por L'Epée. Nesta instituição eram utilizados pelos professores e estudantes os sinais metódicos, sendo realizadas constantemente reuniões para analisar o processo de aprendizagem das pessoas surdas.

Segundo Silva (2006)

Na Escola Pública para Surdos em Paris, após cinco ou seis anos de formação, os surdos dominavam a língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e uma outra língua estrangeira também de forma escrita. Além da leitura e da escrita em três línguas distintas, os alunos surdos tinham acesso aos conhecimentos de geografia, astronomia, álgebra, etc., bem como artes de ofício e atividades físicas. (SILVA, 2006, p. 23 – 24).

A primeira escola pública para surdos teve como principal objetivo pedagógico a Língua de Sinais, além do ensino do francês, latim e outra língua estrangeira tanto a leitura quanto a escrita. A escola também

Tinha como eixo orientador a formação profissional, cujo resultado era traduzido na formação de professores surdos para as comunidades surdas e a formação de profissionais em escultura, pintura, teatro e

artes de ofício, como litografia, jardinagem, marcenaria e artes gráficas. (SILVA, 2006, p. 24).

L'Épée contribuiu na educação das pessoas surdas trazendo uma proposta educacional que deu abertura para a criação da Língua de Sinais, porém há registros de que este estudioso recebeu críticas por ter utilizado em seu método a língua de sinais, pois outros estudiosos desta época consideravam que a linguagem oral era a que deveria predominar. Um dos defensores da linguagem oral foi Heinicke, ele “acreditava que era somente aprendendo a fala articulada que a pessoa surda conseguiria uma posição na sociedade ouvinte” (PEREIRA, 2011, p.9). Este estudioso ainda utilizava máquinas de fala para trabalhar a posição correta dos órgãos vocais.

Em 1790, o médico francês Jean Marc Itard incentivou a compreensão da surdez no âmbito da medicina e contribuiu para uma busca de cura da mesma, tendo a ideia também de transformar os surdos em ouvintes: “nessa visão a pessoa com surdez passou a ser um doente que precisava ser curado, por meio de inúmeros procedimentos que visavam à recuperação da normalidade”. (ALVEZ; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010, p.11). Desta forma negava-se a língua de sinais.

Posteriormente, Desiré sendo diretor do Instituto Nacional de Surdos-mudos de Paris, admitiu que a Língua de Sinais francesa era a forma ideal para a instrução das pessoas surdas.

Nos Estados Unidos a educação das pessoas surdas teve grande influência europeia. Com o passar do tempo a Língua de Sinais americana foi rompendo com os sinais franceses passando assim a utilizar em sala de aula o inglês escrito e o alfabeto digital.

Nesta direção outros educadores, como Johan Graser e Moritz Hill, diziam que havia dificuldades na educação das pessoas surdas em classes de ouvintes na escola comum. Assim, Graser propunha o treinamento oral das pessoas com surdez e só depois estes deveriam ser encaminhados para as escolas regulares. Hill, por sua vez, adotou também o método oral.

O estudioso Thomas Gallaudet participou de alguns eventos em Paris, conhecendo trabalhos e assim chegou à conclusão de que o modelo ideal para a

educação das pessoas surdas seria a combinação da língua oral com a língua de sinais.

Assim, Gallaudet julgava importante:

Criar escolas elementares, oferecer treinamento aos professores, usar livros com textos graduados, usar pouco os sinais e mais a língua escrita inglesa para os anos finais da escolaridade básica, bem como promover leitura orofacial para os alunos com melhor aproveitamento do residual auditivo. (ALVEZ; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010, p.14).

Essas decisões foram aceites, porém os treinamentos da fala foram colocados em foco principal desenhando assim com as idéias de Gallaudet.

Outro estudioso que aparece na história das pessoas surdas é Alexander Graham Bell, este considerava a língua oral superior à língua de sinais. Assim, era necessário que todas as pessoas surdas fossem oralizadas, se assim não fosse a falha estaria na metodologia do trabalho. Dessa forma, os professores deveriam ensinar as pessoas surdas nas escolas regulares ensinando por meio dos fonemas e grafemas.

Ainda na segunda fase da História das Pessoas surdas houve o Congresso Internacional de Educação do surdo em Milão no ano de 1880, mais precisamente no período de 06 a 11 setembro. Este congresso teve por objetivo discutir propostas para a educação das pessoas surdas tendo 182 participantes em sua maioria ouvintes de países como a Itália, Suécia, Inglaterra, Rússia, Canadá, Estados Unidos, França, Alemanha e Bélgica. Neste Congresso ficou estabelecido que a educação das pessoas surdas seria unicamente realizada através do oralismo. Segundo Pereira (2011), “com a aprovação do método oral, os professores surdos foram destituídos de seu papel de educadores e a língua de sinais foi proibida de ser usada pelos professores na educação e na comunicação com seus alunos surdos” (PEREIRA, 2011, p.10).

A terceira fase da História das Pessoas surdas inicia-se após o Congresso em Milão, nesta fase o oralismo se expande por toda a Europa. O oralismo propunha às pessoas surdas utilizar a língua dos ouvintes como única possibilidade de linguagem, o uso da voz e também da leitura labial. Sendo assim, o oralismo esteve presente na educação das pessoas surdas por um longo período e ainda se encontra presente nos dias atuais.

As escolas chegaram a não aceitar matrículas de pessoas com surdez profunda pelo fato destas não conseguirem falar. Neste sentido, as pessoas surdas que não conseguiam desenvolver a oralidade eram consideradas incapazes e não aptas a estar na escola sendo também caracterizadas como deficientes intelectuais.

No início do século XX, depois de oito anos da exposição das pessoas surdas ao oralismo, deu-se conta de que a leitura e a escrita dessas pessoas eram insuficientes e que o oralismo não proporcionou o desenvolvimento esperado.

De acordo com Pereira (2011) “a proibição do uso da língua de sinais na educação de surdos por mais de cem anos trouxe como consequências baixo rendimento escolar e a impossibilidade de o surdo prosseguir seus estudos em nível médio e superior” (PEREIRA, 2011, p. 11).

Os estudiosos psicólogos franceses Binet e Simon aplicaram uma avaliação sistemática em duas instituições francesas e assim chegaram à conclusão de que o sistema oralista não garantia a conversação com as pessoas ouvintes. Em pleno século XX as pessoas surdas continuaram sendo consideradas como subclasse sob a ótica do oralismo.

Na década de 1960 surgem investigações e estudos sobre o oralismo e a língua de sinais, assim se obtendo resultados negativos sobre o oralismo, deste modo decidiram utilizar a língua de sinais como instrumento de comunicação, surge assim a comunicação total.

A comunicação total também passou a ser chamada de comunicação bimodal. Essa comunicação consistia na fala acompanhada dos sinais. Esta concepção ganhou espaço nos Estados Unidos, em outros países e no Brasil.

Neste contexto Lane, Hofmeister e Bahan (1996) afirmam que

Embora a comunicação total tenha sido concebida como filosofia que encorajava o uso de todas as formas de comunicação, incluindo sinais da língua de sinais americana, pantomima, desenho e alfabeto digital, entre outras, na prática, ela se tornou um método simultâneo que se caracterizava pelo uso concomitante da fala e da sinalização na ordem sintática da língua da comunidade ouvinte. (LANE, HOFFMEISTER e BAHAN, 1996. Apud PEREIRA, 2011, p. 12).

A Comunicação Total se apresentou como proposta flexível na utilização do oral e também dos gestos, surgindo o bilingüismo. Este é “considerado como um movimento social e multicultural, atendendo às reais necessidades linguísticas, cognitivas, identitárias, culturais que expressam os anseios das pessoas com surdez” (ALVEZ; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010, p.18).

Assim sendo, as pessoas com surdez nesse movimento reivindicaram seus direitos e o reconhecimento da língua específica, no caso a gestual e visual.

O bilinguismo tem como proposta para a educação dos surdos a utilização de duas línguas, sendo a primeira a língua de sinais e a segunda a dos ouvintes sendo também no âmbito da escrita.

Segundo Quadros (1997),

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997, p. 27).

O reconhecimento da língua de sinais como primeira língua da pessoa surda possibilita o desenvolvimento em diversos aspectos, desta forma muitas instituições nos últimos anos adotaram o modelo bilíngue na educação dos estudantes surdos.

Destacando a importância da pessoa surda na sociedade, Skliar (2013) afirma que “a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência”. (SKLIAR, 2013, p. 11).

Assim sendo, a pessoa surda precisa ser reconhecida em sua diferença, sendo também reconhecida a sua primeira língua - a língua de sinais tendo como opção também a segunda – a língua da comunidade ouvinte.

1.2.1.1. *O trajeto histórico da educação das pessoas surdas no Brasil*

No Brasil a educação das pessoas surdas está relacionada com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos que foi criado no Rio de Janeiro através do apoio do imperador D. Pedro II no ano de 1857. O trabalho no referido instituto foi iniciado com a utilização do método oral e da Língua de Sinais.

No ano de 1883 deu-se início ao ensino da linguagem articulada através do Dr. Joaquim José de Menezes Vieira. Essa forma de ensino foi aplicada durante anos, depois deste período o Dr. Tobias Leite chegou à conclusão de que este ensino não obteve o resultado esperado, com exceção do ensino da língua escrita.

Em 1911, o Dr. Custódio Ferreira Martins assume a administração do Instituto das pessoas surdas e reformula o regulamento do mesmo legitimando assim o oralismo. No entanto, em 1914 os resultados do ensino através do oralismo apontam negativamente.

No ano de 1930, na administração do Dr. Armando Paiva Lacerda divulgou-se a normalização e a reabilitação das pessoas surdas, objetivando assim a adaptação dessas pessoas na sociedade como também a preparação para o mercado profissional. Um fator importante para as pessoas surdas era a vida acadêmica nas escolas do Brasil. De acordo com Alvez, Ferreira e Damázio (2010):

Geralmente, as escolas especiais fornecem escolarização até o final do ensino fundamental e, posteriormente, encaminham às escolas do ensino regular aqueles que consideram com capacidade para continuar os estudos. A vida escolar das pessoas com surdez, em geral, fica comprometida, em decorrência da estrutura organizacional das escolas especiais e das escolas regulares. (ALVEZ, FERREIRA e DAMÁZIO, 2010, p.22).

Deste modo tanto a escola especial como a regular falham por não compreenderem profundamente os princípios fundamentais para a educação das pessoas surdas.

Os desafios postos para a educação e aprendizagem das Pessoas surdas no Ensino Fundamental são diversos tendo sido objeto de discussões como também de dedicação de diversos atores sociais.

Segundo Pereira (2011)

Ao longo do tempo, como aconteceu com todas as escolas para surdos no mundo, as abordagens adotadas na educação de surdos foram acompanhando as tendências mundiais. Assim, por influência do Congresso de Milão, o Instituto Nacional de Educação de Surdos adotou o oralismo, depois a comunicação total, e, hoje tem uma proposta de educação bilíngue para os alunos surdos. (PEREIRA, 2011, p.14).

A pessoa surda é vista nos dias atuais como sujeitos de sua própria história e da história da sociedade. As pesquisas e os trabalhos mais recentes mostram que essas pessoas aos poucos estão conseguindo espaço e vez na sociedade de diversos modos. O reconhecimento da identidade surda está acontecendo, sendo notável a atuação de diversas associações de surdos que lutam pelos seus direitos, como também a caminhada percorrida com o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

1.2.1.2. O oralismo

O oralismo propunha às pessoas surdas utilizar a língua dos ouvintes como única possibilidade de linguagem, o uso da voz e também da leitura labial. Sendo assim, o oralismo esteve presente na educação das pessoas surdas por um longo período e ainda se encontra presente nos dias atuais.

As escolas chegaram a não aceitar matrículas de pessoas com surdez profunda pelo fato destas não conseguirem falar. Neste sentido, as pessoas surdas que não conseguiam desenvolver a oralidade eram consideradas incapazes e não aptas a estar na escola, sendo também caracterizadas como deficientes intelectuais.

No início do século XX, depois de oito anos da exposição das pessoas com surdez ao oralismo, deu-se conta de que a leitura e a escrita dessas pessoas eram insuficientes e que o oralismo não proporcionava o desenvolvimento esperado.

De acordo com Pereira (2011) “a proibição do uso da língua de sinais na educação de surdos por mais de cem anos trouxe como consequências baixo rendimento escolar e a impossibilidade de o surdo prosseguir seus estudos em nível médio e superior” (PEREIRA, 2011, p. 11).

Os estudiosos, psicólogos franceses Binet e Simon aplicaram uma avaliação sistemática em duas instituições francesas e assim chegaram à conclusão de que o sistema oralista não garantia a conversação com as pessoas ouvintes.

Em pleno século XX as pessoas surdas continuaram sendo consideradas como subclasse sob a ótica do oralismo.

1.2.1.3. *A comunicação total*

A comunicação total também chamada de comunicação bimodal consistia na fala acompanhada dos sinais. Esta concepção ganhou espaço nos Estados Unidos, em outros países e no Brasil. Esta conferiu ao oralismo uma nova roupagem, pois proporcionou ao estudante surdo o contato com a língua de sinais além de não perder de vista o domínio da língua majoritária por meio da oralidade.

Neste contexto, Lane, Hofmeister e Bahan (1996) afirmam que:

Embora a comunicação total tenha sido concebida como filosofia que encorajava o uso de todas as formas de comunicação, incluindo sinais da língua de sinais americana, pantomima, desenho e alfabeto digital, entre outras, na prática, ela se tornou um método simultâneo que se caracterizava pelo uso concomitante da fala e da sinalização na ordem sintática da língua da comunidade ouvinte. (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996. Apud. PEREIRA, 2011, p. 12).

A Comunicação total se apresentou como proposta que favorecia a utilização do oral e também dos gestos. Nesta abordagem os sinais funcionam como complemento da fala, sendo assim a língua de sinais ainda não era compreendida como a língua da pessoa surda. No entanto, através da prática da comunicação total houve um contato mais amplo da língua de sinais o que era anteriormente proibido pelas concepções do oralismo além do surgimento de estudos sobre a língua de sinais.

1.2.1.4. *O bilinguismo*

Após a comunicação total surge o bilingüismo. Este “... desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como

segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de LIBRAS e Língua Portuguesa...” (BRASIL, 2007). Sendo assim, a proposta da educação bilingue consiste primeiramente em valorizar a língua própria do surdo, ou seja, a LIBRAS e em segundo, o ensino da língua portuguesa para os surdos. Há também a oportunidade dos alunos ouvintes aprenderem a LIBRAS para se comunicar com os colegas surdos.

Nesta direção, O bilinguismo não envolve apenas os aspectos linguísticos, mas também políticos referentes à identidade e a cultura das comunidades surdas.

Segundo Gesueli (2006), “a proposta de educação bilíngüe sugere-nos, então, mudanças que se mostram necessárias, sendo a mais importante delas o respeito à língua de sinais como língua natural e de direito do surdo” (GESUELI, 2006, p. 279).

Assim sendo, a pessoa surda precisa ser reconhecida em sua diferença, como também em sua primeira língua - a língua de sinais, tendo como opção a segunda, a língua da comunidade ouvinte.

O reconhecimento da língua de sinais como primeira língua da pessoa surda possibilita o desenvolvimento em diversos aspectos, desta forma muitas instituições nos últimos anos adotaram o modelo bilíngüe na educação dos estudantes surdos.

De acordo com Giammelaro, Gesueli e Silva (2013)

a abordagem bilingue diferencia-se da oralista ao considerar o canal viso-gestual fundamental para a aquisição de linguagem do surdo, e ainda, contrapõe-se à Comunicação Total ao preservar um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional, defendendo a ideia de que cada uma das línguas apresentadas ao surdo deve manter suas características próprias. (GIAMMELARO; GESUELI; SILVA, 2013, p.512).

Nesta direção, a proposta da educação bilingue para surdos surge para valorizar a linguagem e a cultura da comunidade surda, apresentando as duas línguas L1 – Língua de Sinais e L2 – Língua majoritária, no caso Português valorizando assim a característica de cada uma e permitindo ao surdo fazer parte de uma comunidade, o desenvolvimento de potencialidades e ainda ter o contato com a cultura ouvinte.

1.2.2. *A investigação com/sobre estudantes surdos: ponto da situação*

O número de estudantes surdos que iniciam o curso superior é cada vez maior no Brasil. De acordo com os dados do Ministério da Educação (MEC), no ano de 2003 apenas 665 surdos estavam a frequentar a universidade, porém em 2005 houve um aumento deste número para 2428 nas instituições privadas e públicas (Brasil, 2006). Esta presença dos estudantes surdos na universidade é bastante recente e acontece devido a alguns elementos que segundo Bisol (2010) são:

O reconhecimento, a partir de meados da década de 1990, do status de língua para a língua de sinais; o desenvolvimento de propostas de educação bilíngue de qualidade para surdos; e um momento histórico no qual políticas públicas de inclusão vêm aos poucos aumentando o acesso e a participação ativa de pessoas com necessidades especiais em diferentes contextos sociais. (BISOL, 2010, p.148).

Nesta direção, discussões e pesquisas sobre a inclusão, o processo de aprendizagem e de aquisição de saberes acadêmicos dos estudantes surdos vem ocorrendo recentemente.

Assim sendo, Daroque (2011) ao trabalhar a temática "Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária" teve o interesse de discutir as condições que são oferecidas para os estudantes surdos que frequentam o ensino superior, tendo por objetivo analisar através das entrevistas individuais os dizeres dos estudantes surdos e de seus professores sobre os obstáculos e possibilidades que o surdo encontra no dia a dia da sala de aula.

A metodologia utilizada neste estudo foi a entrevista semi-estruturada de modo presencial com os estudantes surdos, como também foram gravadas e transcritas. A entrevista com os professores, por sua vez, aconteceram através de videoconferência, *messenger* e *email*. Para analisar os dados, os depoimentos dos dois grupos foram organizados em quatro unidades temáticas.

Os resultados desta pesquisa revelam que os obstáculos enfrentados pelos estudantes surdos são referentes à leitura e a escrita pelo fato da escolarização anterior não ter sido eficaz, prejudicando assim a ampliação dos conhecimentos nesta etapa de estudo. Os estudantes surdos afirmaram que alguns professores demonstram

preconceitos e não tem informações sobre a surdez. Os professores, por sua vez, destacam que a dificuldade encontrada é a língua, pois ainda a prática bilingue é inexistente e não reconhecida no campo da pesquisa.

Bisol (2010) ao desenvolver a temática "Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão" teve o objetivo de compreender a vivência universitária de estudantes surdos matriculados no curso de graduação. Estes foram inquiridos através das entrevistas semi-estruturadas individualmente e gravadas em vídeo. Estes estudantes frequentaram escolas especiais, se identificam com a LIBRAS e com a cultura surda, e dispõem de intérprete.

Os resultados desta pesquisa apontam o desafio dos estudantes surdos a estudarem num espaço universitário voltado para a comunidade ouvinte. Sendo assim, a LIBRAS, o contato com o surdo e a valorização da cultura surda acaba sendo esquecida. Assim sendo, sobre os desafios enfrentados pelos estudantes surdos: "o primeiro deles diz respeito à identidade surda: estar em um ambiente onde a surdez e a comunicação visual não são a regra exige muito desses jovens". (BISOL, 2010, p.169). Outra dificuldade encontrada é a relação entre a leitura e a escrita.

Ansay (2009) ao abordar "A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior" teve como objetivo investigar a trajetória educacional de estudantes surdos inseridos nas universidades da cidade de Curitiba, no estado do Paraná - Brasil. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada gravadas em vídeo, nove estudantes surdos participaram da pesquisa.

Os resultados mostraram que não é uma tarefa fácil para o estudante surdo estar no ensino superior, pois este tem encontrado muitos desafios:

A falta de intérpretes, o despreparo dos professores, o preconceito e discriminação e a falta ou o uso inadequado do material didático pedagógico para este alunado, como por exemplo, filmes legendados, aulas sem material de apoio visual e o uso do power point na sala escura. (ANSAY, 2009, p.114).

A pesquisa constata ainda que o estudante surdo que ingressa no ensino superior almeja a capacitação profissional, sendo necessário valorizar o estudante surdo e

proporcionar condições para que estes possam avançar em seus estudos.

Diante deste contexto é evidente que o grande desafio da universidade é mudar suas práticas pedagógicas, de modo a alcançar a todos os estudantes independentemente das limitações de cada um. É necessário se pensar em práticas pedagógicas que valorizem a heterogeneidade, a cultura surda e principalmente a língua das pessoas surdas para que estas possam se sentir parte integrante no espaço universitário.

Cruz (2007) ao abordar a temática "Consolidação de uma trajetória escolar: o olhar do surdo universitário sobre o ensino superior" teve como objetivo conhecer as experiências dos estudantes surdos e as suas condições no nível superior de ensino e três cidades da região norte do estado de São Paulo (Brasil). Participaram da pesquisa sete estudantes surdos, foram aplicadas dez entrevistas presenciais, estas foram gravadas e transcritas e onze a distância por meio de *email* e *messenger*.

Os resultados revelaram que as condições dos estudantes surdos no ensino superior são de dificuldades, abandono, rejeição e impedimentos. Desta forma, o surdo passa a ser responsável por sua própria aprendizagem tendo que se dedicar aos trabalhos extraclasse para a recuperação de notas. Apesar dos impedimentos, os surdos são produtivos e interessados em avançar nos estudos. A dificuldade maior é em a universidade ser organizada para ouvintes não havendo assim a contemplação da LIBRAS.

Os estudos analisados nos revelam que os estudantes surdos enfrentam muitas dificuldades na universidade. Essas dificuldades estão ligadas ao processo de ensino e aprendizagem, a leitura e a escrita, a cultura surda e a língua. Como os estudantes universitários em sua maioria são ouvintes se faz necessário um trabalho que seja associado à valorização da heterogeneidade, o investimento na formação dos professores no tocante a inclusão dos estudantes surdos e a valorização da Língua Brasileira de Sinais. Ficou explícito que também é necessária a parceria com outros profissionais principalmente com o intérprete de LIBRAS em sala de aula.

1.3. A Língua Brasileira de Sinais

A Lei nº 10.436 de 2002 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais assegurando às Pessoas com Surdez uma primeira língua, facilitando assim a comunicação entre

surdo-surdo e surdos-ouvintes, além da inclusão da disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo. No artigo 4º da referida lei nos é apresentado que os sistemas educacionais devem garantir a LIBRAS nos cursos de formação em nível médio e superior.

A Lei nº 10.436 apresenta também a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como sendo “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. (BRASIL, 2002). O reconhecimento da LIBRAS pela lei federal assegura esta como sendo a língua oficial das comunidades surdas brasileiras, realizando assim uma mudança bastante significativa na educação das pessoas com surdez.

A LIBRAS é composta por parâmetros, estes são um conjunto de regras que dão significado às direções e configurações de mãos. Estes parâmetros são: configuração de mãos, localização, movimento, orientação e traços não manuais onde a comunicação se dá através das mãos. Sendo um idioma, a mesma tem suas regras e funções na vida das pessoas. Com a LIBRAS é possível alcançar uma comunicação plena, para isso é necessário aprendê-la.

Assim sendo, a configuração de mãos “refere-se às formas que as mãos assumem na produção dos sinais, que podem ser da datilologia (alfabeto digital / manual) ou outras formas feitas pela mão dominante (direita ou esquerda) ou pelas duas mãos” (PEREIRA, 2011, p. 61). Na LIBRAS são identificadas sessenta e três configurações de mãos, cada uma destas responde a um número de sinais.

A localização se refere ao lugar em que o sinal da LIBRAS é articulado podendo ser no corpo ou no espaço neutro. O movimento envolve tanto os movimentos internos das mãos e do pulso como também os direcionais no espaço neutro e o conjunto de movimentos em um mesmo sinal. O parâmetro da orientação refere-se à direção do sinal. Os traços não manuais referem-se à expressão facial, ao olhar e ao movimento corporal. Na expressão e no olhar o surdo mostra a intensidade com que comunica algo e também o estado em que se encontra. Em suma, os parâmetros caracterizam a LIBRAS fazendo com que cada configuração de mão seja compreendida.

A partir da lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 junto com o decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2006 é reconhecido o direito das pessoas surdas à educação bilíngüe.

Nesta perspectiva, Quadros (2004) afirma que “a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngüe, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua” (QUADROS, 2004, p.17).

Nesse modelo bilíngüe de educação para surdos a primeira língua, a LIBRAS sendo visual é bastante acessível para as pessoas surdas. Por ser acessível à língua de sinais possibilita o aprendizado da segunda língua, a língua portuguesa na modalidade escrita por ser também visual.

Portanto, “uma proposta educacional bilíngüe e bicultural para surdos caracteriza-se pela utilização de uma língua oral usada na comunidade ouvinte e uma língua de sinais própria da comunidade surda” (QUADROS, 1997, 46).

Diante do exposto, a educação de surdos nas instituições pode ser realizada através de uma educação bilíngüe, pois desde pequenas as crianças surdas necessitam conhecer a LIBRAS, tendo a oportunidade de aprendê-la através do contato com os professores e outras crianças surdas ou ouvintes que compreendam a referida língua. A apropriação da língua de sinais se dará no contato da pessoa surda com as que utilizam a mesma língua, no caso a LIBRAS.

1.4. A competência docente e o ensino superior

A Constituição Federal (CF) se refere ao ensino superior colocando para o estado a tarefa de garantir o acesso aos níveis mais elevados de ensino e pesquisa determinando às universidades a autonomia didática, científica, administrativa, gestão financeira e de patrimônio, respondendo assim pela garantia do ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com Daroque (2011), a CF também estabelece que “o ensino deve basear-se nos princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, pluralismo de idéias, gestão democrática do ensino público e valorização dos profissionais do ensino” (DAROQUE, 2011, p.6).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9394/1996 através dos artigos 43 ao 57, se refere ao ensino superior estabelecendo como objetivo o estímulo ao “pensamento reflexivo, a criação cultural e o desenvolvimento científico, bem como

formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, entre outros” (BRASIL, 1996).

O Ministério da Educação (MEC), por sua vez, tem a importante tarefa de pensar e avaliar a política nacional de educação se preocupando com a qualidade do ensino.

Segundo Daroque (2011)

Em sua organização, as instituições de ensino superior (IES) se vinculam ao sistema federal de ensino ou aos sistemas estaduais e municipais. Sendo subordinadas à União, as instituições de ensino superiores públicas federais podem se organizar como fundações públicas ou como autarquias. Já as instituições de ensino superior privadas podem se classificar como particulares, confessionais, filantrópicas ou comunitárias e são administradas e mantidas por pessoas jurídicas de direito privado ou pessoas físicas, havendo uma grande diversidade institucional integrada por estas instituições e por estabelecimentos de perfil empresarial. (DAROQUE, 2011, p.6-7).

A universidade como instituição educativa tem por objetivo o exercício permanente da crítica com base na pesquisa, no ensino e na extensão, isto é através da produção do conhecimento pelo viés da problematização desses conhecimentos que são historicamente produzidos como também de seus resultados no processo de construção da sociedade.

Nesta perspectiva, Pimenta (2014) ressalta que esses desafios “são produzidos e identificados também nas análises que se realizam no próprio processo de ensinar e na experimentação e análise de projetos de extensão, mediante as relações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos do conhecimento” (PIMENTA, 2014, p.162). O conhecimento científico é a essência para a produção dos trabalhos dentro da universidade, seja no ensinar ou no aprender, este proporciona à pessoa o contato direto com o conhecimento.

Morin (2000) nos apresenta que

a universidade conserva, memoriza, integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias e valores, que acaba por ter um efeito regenerador, porque a universidade se incumbe de reexaminá-la, atualizá-la e transmiti-la. Gera saberes, ideias, valores que, posteriormente, farão parte dessa mesma herança. Por isso, a universidade é conservadora, regeneradora e geradora. Uma função

que vai do passado ao futuro por intermédio do presente. (MORIN, 2000, p. 9-10).

Assim sendo, a universidade trabalha em direção à humanização, pois a educação tem o sentido de humanizar, ou seja, possibilitar às pessoas as condições de participar da sociedade, de ter o compromisso para solucionar problemas que vêm sendo gerados por esta mesma sociedade.

Tratando-se das atribuições do ensino na universidade é solicitado ao profissional docente uma prática reflexiva, crítica e competente.

Nesta direção Pimenta (2014) afirma que

na docência enquanto prestador de um serviço à sociedade mediante sua profissão o professor universitário precisa atuar como profissional reflexivo, crítico e competente no âmbito de sua disciplina, além de capacitado a exercer a docência e realizar atividades de investigação. (PIMENTA, 2014, p.165).

A prática pedagógica dos professores requer boa formação acadêmica voltada ao ensino visando à aquisição de competências que deem suporte a esta prática. Sobre competências Perrenoud (2002) apresenta esta como sendo:

A aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio. Desta forma a competência requer de nós o desenvolvimento de um conjunto de funções (PERRENOUD, 2002, p. 19).

A competência está relacionada ao enfrentamento de situações, envolvendo o conhecimento da teoria e da prática, mobilizando de forma criativa, rápida e precisa diversos recursos cognitivos para a resolução dessas situações.

Jobert (2003) afirma que na competência está

expressa a capacidade de obter um desempenho em situação real de produção. Interessando-se pela situação de efetivação da atividade, não se está mais do lado da teoria, isto é, da forma como as coisas supostamente se apresentam e se regulam, mas da prática. (JOBERT, 2003, p. 222).

Assim sendo, a competência está relacionada ao conhecer e ao saber fazer. É preciso conhecer a teoria para aplicá-la bem. Nesta perspectiva, Perrenoud (2000), através de estudos realizados, apresenta dez competências profissionais para ensinar:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
5. Trabalhar em equipe;
6. Participar da administração da escola;
7. Informar e envolver os pais;
8. Utilizar novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar sua própria formação contínua.

O trabalho docente é multifacetado, pois é necessário que o professor se preocupe com diversas situações procurando solucioná-las. São nestas diversas situações que o profissional precisa desenvolver suas competências para que o trabalho seja coerente com o objetivo a ser alcançado, com um processo de ensino e aprendizagem significativos e que alcance a cada estudante em sua particularidade.

Assim sendo, o trabalho docente representa uma atividade complexa e que requer competências e conhecimentos teóricos e práticos. De acordo com Tardif e Lessard (2008) esses conhecimentos e competências estão associados a vários campos como: “cultura geral e conhecimentos disciplinares; psicopedagogia e didática; conhecimento dos alunos, conhecimento das dificuldades de aprendizagem, do sistema escolar; das novas tecnologias, relações humanas e de gestão”. (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 9). Deste modo a atividade de ensino tornou-se rigorosa requerendo um profissional que exerça atividades complexas.

A formação docente para o ensino superior deve contemplar os eixos que formam a identidade da instituição de ensino superior, principalmente o ensino, pois

estamos frente a uma sociedade, a uma educação e ensino que requer um olhar para a diversidade.

Nesta direção, Moraes e Cavalcante (2009) afirmam que:

Enfocar a formação docente sob a ótica da diversidade e da inclusão implica reconhecer que tal formação poderia ser encarada sob a ótica da uniformidade e da homogeneização que, sob o pretexto de incluir, exclui, instala a desigualdade. Como bem sabemos, a escola, muito frequentemente, tem-se caracterizado como prática uniformizadora, homogeneizadora. Com o discurso falacioso de tratar de modo igual a todos, vem se tornando experiência negativa na vida de muitos que fogem ao padrão que ela privilegia. (MORAES; CAVALCANTE, 2009, p. 32).

Assim sendo, o docente do ensino superior tem um grande desafio pela frente, a prática de ensino direta com a diversidade e não com a homogeneidade e nem a uniformidade. É saber compartilhar saberes acadêmicos de forma que alcance a todos em sua particularidade, rompendo as barreiras existentes no processo de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência.

De acordo com Moraes e Cavalcante (2009) “A formação docente sob a ótica da diversidade e da inclusão é, pois, derrubar crenças, conceitos, pré-conceitos, que embora já questionados por nós continuam a se manifestar sem que, muitas vezes, sequer nos demos conta” (MORAES; CAVALCANTE 2009, p. 33).

As pessoas que fazem parte da instituição de ensino superior precisam estar atentas, pois a exclusão é um mal que assola toda a sociedade e o ambiente da sala de aula, tanto no espaço físico como no comportamento humano. Pensar a formação docente na vertente da inclusão e da diversidade é reconhecer que esta faz parte de um processo, um projeto buscando superar a homogeneização.

Segundo Rodrigues e Ramos (2012)

A profissionalização docente é uma busca difícil, complexa, mas possível se perseguida através de atitudes de valorização da pesquisa no processo formativo, da socialização de resultados e de estudos pedagógicos que consolidam um modelo, um caminho de profissionalização que se espera obter, uma profissionalização capaz de preparar o professor, para conviver e trabalhar com a diversidade na sala de aula. (RODRIGUES; RAMOS, 2012, p. 47).

Assim sendo, nossas práticas pedagógicas precisam ser constantemente inovadas, dinâmizadas de forma que alcancem a todas as pessoas, estando atentas às particularidades, situações de cada um, nos embates do dia-a-dia, no acolhimento e no respeito um para com o outro.

As novas exigências ao trabalho docente requer um profissional que considere a permeabilidade social relativo à informática, a mídia, as redes sociais e virtuais, aos demais meios de comunicação, as relações interpessoais, preparação e qualificação para a diversidade e as diferenças.

Nesta direção Gatti (2011) afirma que “a nova situação solicita, cada vez mais, que esse profissional esteja preparado para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do momento, à cultura local, ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares”. (GATTI, 2011, p.25). Todo esse contexto ao qual o docente está atrelado solicita cada vez mais de forma intensiva posturas profissionais abertas, valores e atitudes positivas para os desafios encontrados.

O trabalho do profissional docente é fundamental para a universidade, pois este intervém na realidade social por meio da prática educativa. Nesta perspectiva, Tardif e Lessard (2007) afirmam que “os professores são também atores que investem em seu local de trabalho, que pensam, dão sentido e significado aos seus atos, e vivenciam sua função como uma experiência pessoal, construindo conhecimentos e uma cultura própria da profissão”. (TARDIF; LESSARD, 2007, p.38). Assim sendo, a profissão de professor tem por objetivo o processo de mediação entre os diferentes sujeitos na conquista do conhecimento, além de requerer uma reflexão contínua da construção da identidade docente.

1.4.1. O ensino superior frente aos apontamentos contemporâneos

O ensino superior está relacionado à educação oferecida pelas universidades, faculdades, centros acadêmicos, institutos superiores e outras instituições que emitam diplomas e graus acadêmicos. Este nível de ensino oferece estudos teóricos e práticos, de extensão e pesquisa, além de trabalhos sociais.

No que diz respeito à expansão e ao acesso das pessoas ao ensino superior estes vêm se intensificando através das instituições privadas e públicas. O setor privado

amplia o acesso através dos diversos cursos e serviços, enquanto que o setor público amplia este acesso e oferece mais vagas nos cursos através dos vestibulares e também através da criação de novos campi e cursos.

Assim sendo, o interior das instituições de ensino superior já vem sendo repensado e reformado através da expansão e da diversidade de cursos e financiamento do ensino.

No contexto atual vivenciamos o processo de democratização do ensino e da educação superior. Esta democratização de acordo com Andrade (2012)

Insere-se nas discussões sobre a própria educação, e do movimento em defesa da ampliação do acesso à escola, que posteriormente impulsiona a luta em prol da universidade pública e intensifica as reivindicações pela ampliação do acesso ao ensino superior. (ANDRADE, 2012, p. 149).

A ampliação do ensino superior é enfatizada na década de 1990 e com isso, através da Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é promovida a diversificação com o artigo 45 que afirma “a educação superior será ministrada em instituições de ensino superior públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização” (BRASIL, 1996).

Desta forma o ensino superior ganha nova roupagem ampliando a oferta dos cursos, regulamenta-se a educação à distância e também o ensino noturno. Diante disso, a sociedade espera que as políticas implementadas no ensino superior contribuam para o acesso e a permanência dos estudantes com ou sem deficiência.

Segundo Pimenta (2014) as funções universitárias podem ser sistematizadas nas seguintes:

Criação, desenvolvimento, transmissão e crítica da ciência, da técnica e da cultura; preparação para o exercício de atividades profissionais que exijam a aplicação de conhecimentos e métodos científicos e para a criação artística; apoio científico e técnico ao desenvolvimento cultural, social e econômico das sociedades. (PIMENTA, 2014, p. 163).

Deste modo, as funções universitárias contribuem para a organização e o funcionamento do ensino superior, consolidando a condição humana e integrando o estudante ao universo do trabalho com base na ciência.

Neste sentido, o ensino na universidade é um processo de construção científica, de crítica e de busca do conhecimento. Desta forma, Pimenta (2014) apresenta algumas atribuições que caracterizam o ensino superior, estas são:

Propiciar o domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicos, que assegurem o domínio científico e profissional do campo específico e devem ser ensinados criticamente; b) Conduzir a uma progressiva autonomia do aluno na busca de conhecimentos; c) Considerar o processo de ensinar / aprender como atividade integrada à investigação; d) Desenvolver a capacidade de reflexão; e) Substituir a simples transmissão de conteúdos por um processo de investigação do conhecimento; f) Integrar, vertical e horizontalmente, a atividade de investigação à atividade de ensinar do professor, o que supõe trabalho em equipe; g) Criar e recriar situações de aprendizagem; h) Valorizar a avaliação diagnóstica e compreensiva da atividade mais do que a avaliação como controle; i) Conhecer o universo cultural e de conhecimentos dos alunos e desenvolver com base nele, processos de ensino e aprendizagem interativos e participativos. (PIMENTA, 2014, p. 164-165).

Atualmente, nas instituições de ensino superior brasileiras, podemos identificar ainda traços de separação entre os objetivos da universidade como instituição social e as desejadas pelo Estado nacional com característica neoliberal. Assim sendo, a universidade como sendo instituição social está caracterizada como ação e prática social com base no conhecimento de suas próprias necessidades no que se reporta ao conhecimento, na descoberta e na transmissão deste.

Por outro lado,

a reforma do Estado definiu a universidade como uma organização social e não como uma instituição social. Uma organização difere de uma instituição por definir-se por uma prática social determinada de acordo com sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida a ações articuladas às idéias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas idéias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define (CHAUÍ, 2003, p.6).

A universidade perde essa característica social assumindo a administrativa. Nesta perspectiva, passa a ser guiada pela gestão, pelo planejamento, controle, previsão e êxito em suas atividades. Essa passagem da universidade brasileira, enquanto instituição social, para o âmbito administrativo é parte integrante do contexto de alteração do Estado e também da sociedade.

1.4.2. A competência docente para atuação junto aos estudantes surdos no ensino superior

A competência docente para incluir os estudantes surdos no ensino superior não depende unicamente da formação de professores, mas também da organização do ensino para todos os estudantes. Esta organização do ensino e da aprendizagem “em função de todos os alunos, para além de estarem sensibilizados à questão da diferença, independentemente da sua etiologia, sentirem-se confiantes quanto à(s) resposta(s) que podem pôr em prática” (SILVA, 2008, p. 480).

Nesta vertente, a organização do processo de ensino e aprendizagem quando realizada pensando em todos os estudantes valoriza os princípios da inclusão. Ainda, de acordo com Silva (2008) é “por isso que a educação inclusiva faz tanto sentido quando a perspectiva é o ensino e a aprendizagem para todos, com todos, no contexto de sala de aula” (SILVA, 2008, p.481). Assim sendo, a inclusão tem como ponto de partida a diferença, pois esta é um grande desafio implicando numa organização de ensino que seja para todos os estudantes de forma que estes aprendam uns com os outros.

A formação de professores passa então por uma redefinição das competências. Sobre este fato Figueiredo (2011) ressalta:

A formação inicial, bem como a formação continuada de professores visando à inclusão de todos os alunos e o acesso deles ao ensino superior, precisa levar em conta princípios éticos, políticos e filosóficos que permitam a esses profissionais compreenderem o papel deles e da escola frente ao desafio de formar uma nova geração capaz de responder às demandas do novo século (FIGUEIREDO, 2011, p. 141).

A nova competência requerida ao professor do ensino superior é a do cotidiano da sala de aula. Essa nova competência requer tempos e espaços de aprendizagens, participação e agrupamentos de estudantes. Assim sendo, “o professor situa-se como mediador, considerando aspectos como atenção às diferenças dos alunos; variação de papéis que o professor assume diferentes situações de aprendizagem” (FIGUEIREDO, 2011, p. 142).

A competência docente para atuação junto aos estudantes surdos além de toda uma organização do trabalho pedagógico incluindo o tempo, espaço, atividades coletivas apresenta a necessidade de conquistar o estudante surdo, fazendo com que estes se sintam importantes na sala de aula, como pertencentes a um grupo. Para isso o professor precisa estar bem formado, preparado e capacitado. Primeiramente, é necessária uma comunicação plena e esta é alcançada com a LIBRAS, sendo assim, o professor precisa utilizá-la na comunicação com os estudantes surdos.

O professor necessita criar estratégias para que os estudantes participem das aulas, dando oportunidades de aprendizagem. O trabalho do professor também pode ser realizado com a atuação do intérprete na sala de aula. Para isso, estes precisam conversar, planejar e executar buscando atender e valorizar especificamente o estudante surdo e o restante da turma.

Assim sendo,

No percurso da inclusão os professores irão ampliar e elaborar suas competências e habilidades a partir das experiências que já tem. A formação continuada considera a formulação dos conhecimentos do professor, sua prática pedagógica, seu contexto social, sua história de vida, suas singularidades e os demais fatores que o conduziram a uma prática pedagógica acolhedora (FIGUEIREDO, 2011, p. 144).

Com vistas a atender bem os estudantes surdos, a formação dos professores só poderá ocorrer dentro de um espaço coletivo, proporcionando uma transformação na cultura da escola desenvolvendo assim uma cultura colaboradora onde as pessoas aprendam LIBRAS para se comunicar com os estudantes surdos. Com esse espaço de aprendizagem, interação e cooperação é possível conviver com o contexto da diversidade.

CAPÍTULO 2

PROBLEMÁTICA E ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta o enquadramento metodológico da pesquisa, enfatizando primeiramente na problemática, questão de partida e objetivos e depois nos caminhos que foram percorridos.

2.1. Problemática e Questão de partida

Ao longo dos séculos aplicaram-se as pessoas com deficiências castigos severos, onde a deficiência era interpretada como sendo um castigo de Deus em virtude dos pecados cometidos. Posteriormente, na Idade Média, o olhar cristão surge e estas pessoas são acolhidas pela igreja, porém com o pensamento de que precisavam ser exorcizadas, pois estavam possuídas pelo demônio.

Com o passar do tempo, algumas instituições direcionadas ao trabalho com as pessoas com deficiências começaram a surgir e assim atendimentos especializados foram sendo realizados nestas instituições mesmo de forma limitada.

No Brasil o movimento de inclusão tomou forma no século XX com a Declaração de Salamanca em 1994. Sendo assim, a educação inclusiva no Brasil vem sendo um grande desafio, pois as escolas, as universidades e as faculdades em sua maioria não apresentam ainda estruturas inclusivas e de acessibilidade, os profissionais ainda não estão preparados totalmente para o trabalho com as pessoas com deficiência.

Nesta direção, as escolas preocupadas em atender um estudante idealizado e ensinando por meio de um projeto escolar elitista e meritocrático acabam assim construindo quadros de exclusão que vem prejudicando a trajetória educacional dos estudantes.

Desta forma, problemas conceituais, desrespeito a preceitos constitucionais e interpretações tendenciosas da legislação educacional brasileira, como também os

preconceitos distorcem o significado e sentido da inclusão escolar que fica vinculada apenas a matrícula e a introdução de estudantes com deficiência na educação básica e no ensino superior.

A educação das pessoas surdas faz parte de uma história de luta e também passou e passa por dificuldades. A falta da aquisição da língua brasileira de sinais, de professores utilizadores da LIBRAS e da educação bilíngue são grandes entraves na educação superior, na busca da construção de saberes acadêmicos dos estudantes surdos.

Diante do exposto, fazemos parte de uma sociedade que se encontra em constante processo de mudança, mas nem sempre as ações acompanham as mudanças. Assim sendo, no âmbito educacional a aquisição de competências necessárias é um paradigma emergente, devido à participação cada vez maior de estudantes surdos nas instituições de ensino superior, devido a essas mudanças as ações devem transcorrer e acompanhar essas necessidades que surgem.

O nosso objeto de estudo trata da inclusão dos estudantes surdos no Ensino Superior, mais precisamente no curso de graduação em Pedagogia na busca da construção dos saberes acadêmicos desses estudantes.

Assim sendo, a compreensão errônea do conceito de educação inclusiva acontece na instituição de ensino superior por parte dos que compõem a mesma, e esta compreensão distorcida pode afetar de forma negativa o processo de construção de saberes acadêmicos das pessoas surdas.

Desta forma, outro impasse encontrado está na metodologia utilizada pelo professor do ensino superior. O que acontece é que os cursos de mestrado e doutorado brasileiros não estão voltados para o ensino e sim para a pesquisa, busca-se formar um professor puramente pesquisador. Neste contexto, a formação docente para o ensino superior se detém em essência à pesquisa, assim a didática, as técnicas de ensino não são enfatizadas como deveria. Nesta direção, “à formação e preparação do professor universitário para o exercício de ensinar está ligada aos estudos que sustentam a afirmativa da pouca atenção dada a este segmento de ensino” (FERENC; MAZUKAMI, 2005, p. 3).

Observamos que problemas de comunicações também acontecem entre estudantes e professores devido à incompreensão da Língua Brasileira de Sinais –

LIBRAS, a falta de recursos didáticos e tecnológicos para a pessoa com surdez também são fatores agravantes no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta direção, partimos do pressuposto de que as discussões acerca da educação inclusiva têm acontecido de forma efervescente permeando o ambiente acadêmico.

Dentro deste contexto, levanta-se a seguinte questão: *como está a processar-se a inclusão dos estudantes surdos, no curso de graduação em Pedagogia, segundo estes estudantes e seus professores?*

2.2. Objetivos da Investigação

2.2.1. Objetivo geral

Compreender o processo de inclusão dos estudantes surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes e das percepções e das práticas dos seus professores, no curso de graduação em Pedagogia.

2.2.2. Objetivos específicos

- Caracterizar as percepções dos professores, no curso de graduação em Pedagogia, da instituição de ensino superior a pesquisar, relativas ao processo de inclusão de estudantes surdos no Ensino Superior;
- Caracterizar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, no curso de graduação em Pedagogia, da instituição de ensino superior, junto dos estudantes surdos;
- Caracterizar as percepções dos estudantes surdos relativas ao seu processo de inclusão e a sua aquisição de saberes acadêmicos, no que diz respeito às facilidades, dificuldades e estratégias adotadas;
- Fazer o cruzamento das percepções dos professores e dos estudantes surdos, bem como o cruzamento das percepções dos professores com as suas práticas de sala de aula.

2.3. Tipo de estudo

A pesquisa a ser realizada quanto à abordagem se apresenta como qualitativa, quanto aos seus objetivos de natureza é descritiva e quanto à tipologia de pesquisa se apresenta como estudo de caso.

Segundo Chizzotti (2011),

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (Chizzotti, 2011, p. 28).

Assim sendo, os métodos qualitativos nos aponta caminhos para o desenvolvimento de uma pesquisa que seja mais próxima do cotidiano e das experiências dos sujeitos. Na pesquisa qualitativa se faz necessário escolher procedimentos metodológicos que possibilitem ao pesquisador uma postura epistemológica que servirá de fundamentação para a pesquisa a ser realizada.

De acordo com Novena (2008),

Esta postura exige do pesquisador a valorização da cultura, das percepções e das experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação e as relações sociais por eles atribuídas, como também, uma postura participante, acolhedora e comprometida com os problemas presentes no campo de estudo. (NOVENA, 2008, p. 188).

Nesta direção, o pesquisador não assume uma postura neutra, mas estará sempre compromissado com a realidade social e educacional.

Segundo Stake (2011) “a pesquisa qualitativa se baseia muito nas percepções interpretativas feitas durante todo o planejamento, a coleta de dados, a análise e a elaboração do texto do estudo”. (STAKE, 2011, p. 66).

Nesta perspectiva, a pesquisa de natureza descritiva requer do pesquisador um conjunto de informações sobre o que se quer pesquisar, tendo a finalidade de descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade. De acordo com Gil (2008) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28).

O estudo de caso busca informações detalhadas sobre o objeto de estudo na tentativa de compreendê-lo em um conjunto maior.

De acordo com Duarte (2008) “o estudo de caso pode constituir uma contribuição importante para o desenvolvimento científico permitindo uma visão em profundidade de processos educacionais, na sua complexidade contextual” (DUARTE, 2008, p. 114).

O estudo de caso, como tipologia de pesquisa caracteriza-se justamente por esse interesse em casos individuais, os quais podem ser os mais variados, tanto qualitativos como quantitativos.

Yin (2010) afirma que

O estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, o desempenho escolar, e as relações internacionais. (YIN, 2010, p. 24).

Nesta direção o Estudo de caso faz referência a uma análise de uma situação específica investigando um fenômeno contemporâneo.

2.4. Caracterização da Instituição de Ensino Superior

A instituição de ensino superior privada está localizada na região nordeste do estado da Paraíba tendo várias filiais em outras cidades dentro dos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. Encontram-se matriculados 1.200 estudantes nos cursos de graduação em Administração de empresas e Pedagogia tendo cinco anos de funcionamento. Os cursos de graduação oferecidos tem a duração de 4

anos e as pós graduações *latu sensu* tem a duração de 1 ano e 6 meses. Sendo assim, a pesquisa foi realizada em uma das unidades acadêmicas do estado de Pernambuco por ter estudantes surdos no curso de Pedagogia.

O espaço ocupado pela instituição de ensino superior pesquisada é de 4.337 m² de área construída, possui calçamento nas ruas de acesso, água encanada, saneamento básico, energia elétrica. Esta possui ainda sala da direção acadêmica, sala para o departamento pessoal, financeiro, administrativo, acadêmico e pedagógico, secretaria, lanchonete, banheiros e salas de aulas.

A referida instituição dispõe de aparelhos de projeções, computadores, *notebooks*, impressoras e máquinas de *xerox*. O principal espaço onde se dá a aprendizagem dos estudantes surdos é a sala de aula.

2.5. Caracterização dos participantes da pesquisa

De acordo com o objetivo desta investigação se fez necessário entrevistar alguns sujeitos envolvidos no processo de inclusão dos estudantes surdos, deste modo buscamos compreender o referido processo através das percepções de cada participante.

Nas turmas do curso de graduação em pedagogia encontramos 03 (três) estudantes surdos, bem como professores que vivenciam suas experiências profissionais com esses estudantes. Sendo assim, os participantes foram 03 (três) estudantes surdos e 03 (três) professores do curso de graduação em Pedagogia que trabalham com esses estudantes.

Os 3 (três) professores que atuam no curso de pedagogia com os estudantes surdos foram assim caracterizados: Professor 1: possui formação em História com pós-graduação também na mesma área, atua no magistério superior há 1 (um) mês; Professor 2: possui formação também em História com pós-graduação em Psicopedagogia clínica e institucional, leciona há mais de 15 anos; Professor 3: possui formação em Pedagogia e pós –graduação em Atendimento Educacional Especializado – AEE atuando como docente do ensino superior há 3 (três) anos. (Apêndices 3, 4 e 5). Estes professores foram escolhidos por estarem lecionando no ensino superior, mais precisamente no curso de pedagogia e por terem na turma estudantes surdos.

Os estudantes surdos entrevistados foram 3 (três). O estudante surdo 1 tem 32 (trinta e dois) anos de idade, cursa o 8º (oitavo) período do curso de graduação em Pedagogia na instituição pesquisada e o 2º período do curso de Letras LIBRAS em uma instituição de ensino superior pública; o estudante surdo 2 tem 33 (trinta e três) anos e também cursa o 8º (oitavo) período do curso de Pedagogia; o estudante surdo 3 tem 31 anos, cursando também o 8º período do curso de Pedagogia (Apêndices 6, 7 e 8).

2.6. Técnicas, Instrumentos e Procedimentos de coleta e análise de dados

Com o objetivo de compreender o processo de inclusão dos estudantes surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes e das percepções e práticas dos seus professores, no curso de graduação em Pedagogia, em uma instituição de ensino superior privada, localizada na região nordeste do estado de Pernambuco. Utilizaram-se, na coleta de dados, as técnicas da entrevista e da observação sistemática. No tratamento dos dados aplicou-se a análise de conteúdo.

2.6.1. A entrevista

A entrevista é uma técnica de pesquisa podendo ser considerada também um diálogo com o intuito de coletar dados para a pesquisa realizada. Segundo Minayo (2009)

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (MINAYO, 2009, p.64).

Nesta direção a entrevista é caracterizada como uma técnica de pesquisa com vistas a coletar dados importantes e úteis para a investigação de um problema a ser pesquisado.

De acordo com Richardson (1999) a entrevista é uma técnica importante “que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de

comunicação no qual determinada informação é transmitida” (RICHARDSON, 1999, p. 207).

As entrevistas foram realizadas com 03 (três) estudantes surdos e 03 (três) professores que têm estudantes surdos, todos do curso de pedagogia de uma instituição superior privada. As mesmas foram gravadas (áudio/vídeo) com a permissão dos sujeitos participantes e transcritas com o objetivo de não perder dados importantes e minuciosos, tendo como ponto de partida um roteiro, para cada um dos grupos de sujeitos (Apêndices 1 e 2).

Na realização das entrevistas utilizamos a semiestruturada, esta permite a utilização de uma “série de perguntas abertas feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (LAVILLE; DIONNE, 2007, p.188). Deste modo, objetivamos coletar os dados referentes ao processo de ensino e aprendizagem, a inclusão, dos estudantes surdos, no ensino superior, a partir das percepções dos próprios estudantes surdos e dos seus professores.

Inicialmente foi realizada uma visita à Instituição de Ensino Superior Pública com a finalidade de conhecer a mesma, realizar a apresentação (pesquisador e trabalho a ser realizado), dialogar com o coordenador do curso, entregar o termo de autorização da recolha dos dados e assim ver a possibilidade do agendamento das entrevistas. (Anexo 1).

Somente após a devida autorização deu-se Início a construção das agendas de acordo com a disponibilidade dos professores e dos estudantes surdos. Durante o agendamento foi comunicado aos participantes que as entrevistas seriam gravadas para depois serem transcritas e em seguida devolvidas para a autorização da publicação, os mesmos concordaram e assinaram o termo de consentimento da entrevista (Anexos 2, 3, 4, 5, 6 e 7).

Buscando responder à questão de pesquisa, o roteiro das entrevistas foi construído e organizado tendo em vista a função de cada participante na instituição de ensino superior. Foi realizada previamente uma entrevista a cada um dos grupos a serem entrevistados, não sendo esta incluída na presente pesquisa, com a finalidade de testar a compreensão, a pertinência dos blocos contidos na mesma e a duração. Realizamos os acertos necessários e assim posteriormente realizamos a primeira entrevista aos

professores do ensino superior, mais precisamente do curso de graduação em Pedagogia (Apêndice 1). As perguntas foram organizadas em 6 (seis) blocos: o primeiro teve como objetivo coletar dados referentes ao perfil do entrevistado, de âmbito pessoal e profissional; o segundo caracterizar os modos de comunicação com os estudantes surdos; o terceiro caracterizar as estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos e os seus modos de reação; o quarto explicar as metodologias que usa para avaliar os estudantes surdos; o quinto falar sobre a relação com os estudantes surdos e com o intérprete de LIBRAS e o sexto definir conceito e significado de inclusão e explicar como está acontecendo a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior (curso de Pedagogia) e na instituição em que trabalha.

Em seguida foram entrevistados os estudantes surdos (Apêndice 2). As perguntas foram organizadas também em 6 (seis) blocos: o primeiro buscou coletar dados referentes ao perfil do entrevistado, de âmbito pessoal e profissional; o segundo caracterizar os modos de comunicação com os professores; o terceiro caracterizar a participação em sala de aula; o quarto caracterizar as estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem; o quinto caracterizar a relação e a comunicação com os colegas ouvintes e com o intérprete de LIBRAS e o sexto definir conceito e significado de inclusão como também explicar como está acontecendo a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior (curso de Pedagogia) e na instituição em que estuda.

As entrevistas ocorreram na própria instituição de ensino superior, nos horários vagos dos professores e algumas no final do horário de aulas.

Sendo feitas as entrevistas foram realizadas as transcrições das mesmas (Apêndices 3, 4, 5, 6, 7 e 8). Posteriormente o conteúdo das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo (Apêndices 9, 10, 11, 12, 13 e 14) sendo classificadas em categorias e subcategorias. Por último foi feita uma síntese tendo como ponto de partida cada análise (Apêndices 15, 16, 17, 18, 19 e 20).

2.6.2. A observação

De acordo com os objetivos da pesquisa, utilizamos a observação como um dos instrumentos na coleta dos dados. Segundo Laville e Dionne (2007) a observação sistemática propõe ao pesquisador

Conhecer bem o contexto em que vai operar e conhecer também os aspectos que deverão chamar sua atenção no comportamento das pessoas. Pode, portanto, preparar um plano bem determinado de observação: adaptado às circunstâncias e ao objeto de estudo, esse instrumento vai permitir-lhe fazer uma ordenação de dados antecipada dentre o fluxo de informações e selecionar as que são pertinentes. (LAVILLE e DIONNE, 2007, p. 177).

Neste contexto a observação sistemática proporciona ao pesquisador a preparação de plano para observar em tempo real o campo da pesquisa e perceber as interações que ocorrem entre as pessoas. Como afirma Richardson (1999) a observação sistemática “sugere uma estrutura determinada onde serão anotados os fatos ocorridos e a sua frequência” (RICHARDSON, 1999, p.261).

O observador deverá procurar diversos ângulos com o objetivo de deslocar a sua visão e assim obter olhares múltiplos sobre as situações encontradas. Ao realizar a observação o observador ainda poderá organizar três posições diferentes: o mesmo lugar com o objetivo de coletar os dados de comparação; lugares diferentes com o objetivo de compreender as situações em sua diversidade e ainda olhar para as pessoas.

Sobre os registros das observações, Peretz (2000) ressalta que:

Registrando continuamente as suas observações, o inquiridor orienta também a sua percepção ulterior da situação e constrói gradualmente um modo de recolha e de interpretação da situação. Dois princípios simples devem guiar o observador redator: o conteúdo dos seus apontamentos implicará bem depressa escolhas intelectuais que orientem a sua pesquisa; durante todo o tempo em que observe, impor-se-lhe-á um incessante vai-vem entre as notas já escritas e o que perceberá em cada regresso ao terreno. (PERETZ, 2000, p.115-116).

Com o objetivo de coletar dados pertinentes a pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem e a inclusão dos estudantes surdos realizaram-se observações em sala de aula.

Iniciamente foi feita uma conversa com os professores da turma para a apresentação do trabalho que está a ser desenvolvido e da importância da observação das aulas. Em seguida, foi apresentado e assinado o termo de consentimento da observação sistemática em sala de aula (Anexos 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16).

Após a autorização começou-se o processo da observação das aulas dos professores. Assim sendo, foram realizadas 09 observações em sala de aula conforme o quadro a seguir:

QUADRO 1 - ORGANIZAÇÃO E AGENDAMENTOS DAS OBSERVAÇÕES EM SALA DE AULA

PROFESSOR (A)	DISCIPLINA	DATA	HORÁRIO
P 1	Estágio I e Trabalho de Conclusão de Curso	28/02/2015	08h00min às 11h00min
		07/03/2015	08h00min às 11h00min
		21/03/2015	08h00min às 11h00min
P 2	Estágio II e III e Gestão Escolar	14/03/2015	08h00min às 11h00min
		21/03/2015	08h00min às 11h00min
		28/03/2015	08h00min às 11h00min
P 3	Didática e Letramento Infantil	07/02/2015	08h00min às 11h00min
		14/02/2015	08h00min às 11h00min
		21/02/2015	08h00min às 11h00min

As observações foram realizadas durante as aulas que aconteciam aos sábados. Sendo assim, eu chegava antes da professora e aguardava. Assim, que ela chegava ao prédio da Instituição de Ensino Superior – IES ela se apresentava na secretaria e em seguida nós íamos juntas para a sala de aula. Sempre que chegávamos já tinha alguns estudantes à espera, pois muitos desses vêm nos ônibus das cidades vizinhas. Às 08h00min da manhã a aula tinha início com os estudantes que já estavam em sala. Quando a observação acontecia no período vespertino às 13h00min já estávamos na sala de aula e assim a aula era iniciada no mais tardar com 10 (dez) minutos de tolerância. Então, as 09 observações tiveram durabilidade de 3 (três horas), cada uma. No início de cada observação o professor assinava o termo de consentimento de observação (Anexos 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16).

As observações foram realizadas tendo em consideração a relação e a comunicação do professor com os estudantes surdos; as estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem desses estudantes; a relação e comunicação dos

estudantes surdos com os estudantes ouvintes; a comunicação com o intérprete de LIBRAS; a participação dos estudantes surdos nas aulas dos professores e as considerações importantes a serem realizadas (Apêndice 21).

Quanto à posição do observador se deu na última fila de carteiras da sala, na parte central. Na observação utilizou-se o registo contínuo que de acordo com Danna e Matos (2011) ao registrar, o observador relata o que está presenciando na ordem em que os fatos ocorrem. Assim sendo, o registo contínuo requer dentro de um período de tempo e sem interrupções registrar as situações ocorridas obedecendo à sequência temporal.

Nos registos foram anotados os acontecimentos durante a aula, verbalizações, comportamentos, expressões faciais, entradas, chegadas, saídas dos estudantes, as movimentações, as interações e discussões que foram acontecendo no decorrer das aulas por parte dos professores, estudantes surdos, ouvintes e intérprete de LIBRAS. À medida que os fatos iam acontecendo estes foram sendo registados continuamente em uma agenda.

2.6.3. A análise de dados

A análise dos dados se deu através dos resultados coletados na entrevista e na observação. Para Gonçalves (2005), “nessa fase da pesquisa, após a coleta e a obtenção dos resultados, o pesquisador inicia a análise, a crítica e a interpretação do que foi encontrado, de forma a demonstrar a tese defendida”. (GONÇALVES, 2005, p.122).

Nesta perspectiva utilizamos a análise de conteúdo que de acordo com Bardin (2006) “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, sendo marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. (BARDIN, 2006, p. 27). Este tipo de análise busca descrever e também interpretar conjuntos de textos através de procedimentos sistemáticos com o objetivo de compreender o conteúdo desses textos.

Por fim, a análise de conteúdo pode ser aplicada a uma variedade de materiais permitindo retratar uma ampla diversidade de objetos de investigação.

O processo de análise de conteúdo abordado por Bardin (2006) apresenta diferentes fases em sua organização:

1. Pré-análise – esta é a etapa da organização do material a ser analisado, da sistematização das idéias, da elaboração do desenvolvimento do trabalho sendo composta por atividades não estruturadas;
2. Exploração do Material – trata-se de analisar o material que foi organizado, é a análise propriamente dita sendo por isso uma fase longa.
3. Tratamento dos resultados, inferência e interpretação – o analista por meio dos resultados significativos poderá realizar inferências e antecipar interpretações no entorno dos objetivos que foram previstos como também contribuir para novas descobertas.

Deste modo a análise de conteúdo tem a finalidade de descrever e de interpretar o conteúdo de todo um conjunto de textos e documentos por meio de descrições sistemáticas tanto qualitativas como quantitativas reinterpretando as mensagens como também adquirindo a compreensão de significados numa esfera além da leitura comum.

A análise de conteúdo realizada seguiu as três fases de organização proposta por Bardin (2006), partindo da unidade de registo como uma ideia completa, expressa na proposição, por vezes alargada, para melhor compreensão do conteúdo, relativamente ao contexto específico em que surge (a resposta à pergunta) e ao contexto mais alargado (a entrevista, no seu todo).

De posse dos dados coletados deu-se início ao processo de construção dos quadros divididos em categorias e subcategorias, além da interpretação e comentários.

No que diz respeito à análise de conteúdo das observações das aulas dos professores também seguimos as fases propostas por Bardin (2006).

Na fase da exploração do material foram realizadas as observações das aulas dos professores onde foram descritas as ações dos professores, estudantes surdos, ouvintes e intérpretes e o desenvolvimento da aula, sendo realizada uma descrição global. A descrição de cada aula foi anotada em uma agenda.

No tratamento dos resultados, inferência e interpretação foi feita a análise dos dados de acordo com o plano de observação (Apêndice 21).

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo os dados empíricos são apresentados e analisados. Primeiramente, abordaram-se as percepções dos professores do magistério superior bem como as práticas desses professores em sala de aula. Na sequência encontram-se as percepções dos estudantes surdos acerca da inclusão no curso de graduação em Pedagogia.

3.1. Os professores: percepções e práticas

Primeiramente, é necessário retomar os objetivos da pesquisa. Neste ponto caminhamos com o intuito de Caracterizar as percepções dos professores, no curso de graduação em Pedagogia, da instituição de ensino superior a pesquisar, relativas ao processo de inclusão de estudantes surdos no Ensino Superior; Caracterizar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, no curso de graduação em Pedagogia, da instituição de ensino superior, junto dos estudantes surdos. Nesta direção, a partir das percepções e práticas dos professores será abordada a inclusão dos estudantes surdos no curso de graduação em pedagogia.

3.1.1. *As percepções dos professores*

Iniciando à apresentação e a análise dos dados, apresentamos nos quadros a seguir, as categorias, subcategorias e unidades de registros das entrevistas realizadas com os professores do ensino superior, mais precisamente do curso de graduação em pedagogia.

Na análise às respostas dos professores procuramos de acordo com as categorias traçar o perfil de cada entrevistado, perceber como acontece a comunicação do professor com os estudantes surdos, o processo de ensino e aprendizagem, a avaliação

que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos, a relação do professor com os estudantes surdos e com o intérprete de LIBRAS e a inclusão desses estudantes, de acordo com a informação contida nos Apêndices 3, 4, 5, 9, 10, 11, 15, 16 e 17.

3.1.1.1. Caracterização dos professores entrevistados

No que se refere à primeira categoria, **o perfil do professor entrevistado** apresentamos os seguintes resultados:

QUADRO 2 – PERFIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Categoria	Subcategoria	Professor	Unidade de Registro
Perfil do professor entrevistado	Formação acadêmica	P1	“A minha formação é em História” “pós – graduada” “especializada em História do Nordeste.”
		P2	“Minha formação é História pela (nome da IES)” “fiz especialização em psicopedagogia clínica e institucional”
		P3	“Sou formada em Pedagogia” “pós-graduada” “em Psicopedagogia Institucional” “em Atendimento Educacional Especializado,” “em Supervisão e Orientação Educacional” e “em Desenvolvimento e Políticas Educativas.”
	Tempo de atuação no magistério superior	P1	“Faz mais ou menos em torno de 1 (um) mês que estou trabalhando na educação superior, chamada pela Instituição de Ensino Superior” “estou gostando da experiência.”
		P2	“estou atuando em torno de 10 a 15 anos por aí, acho que mais, 15 anos.”
		P3	“Atuo no magistério superior há precisamente 3 (três anos).”
	Caracterização pessoal e profissional	P1	“Tenho 32 anos de idade”. “como pessoa e profissional que sou, gosto de fazer tudo muito bem feito porque eu preciso zelar pelo meu nome, pela minha imagem.” “Então, eu gosto de tudo certinho, porque eu posso cobrar das outras pessoas e também posso ser cobrada a partir do momento que faço o meu trabalho bem feito.”
		P2	“Tenho 42 anos”. “como pessoa e também como profissional eu sou uma pessoa acessível.” “Eu me considero extrovertida, legal.” “Sou de fácil amizade,” “sou uma pessoa normal, simples, humilde.”
		P3	“Tenho 28 anos” “Como pessoa eu gosto muito de ajudar as pessoas” “de compartilhar o que eu sei com as outras pessoas” “de aprender com cada uma que eu convivo, que eu encontro e que trabalho.” “sou uma pessoa muito aberta ao diálogo e também ao novo.” “Como profissional eu sou uma professora que gosto das minhas aulas planejadas com antecedência.” “Levo tudo organizado para a sala de aula.” “Gosto

			de utilizar diversas estratégias para que os alunos aprendam.”
--	--	--	--

Fonte: Entrevista aos professores (2015)

No quadro acima temos o perfil dos 3 (três) professores entrevistados, e quanto à subcategoria que apresenta a *formação acadêmica* constatamos que 2 (dois) desses professores apresentam formação inicial em História e 1 (um) em Pedagogia. Todos, sem exceção são pós-graduados, estando habilitados para atuarem no magistério superior.

Observando a subcategoria quanto ao *tempo de atuação* desses professores no ensino superior podemos verificar que estes possuem tempos bem distintos, sendo 1 (um) com apenas 1 mês de experiência, 1 (um) com mais de 15 (quinze anos) e 1 (um) com 3 (três) anos. Com este resultado percebemos que P1, talvez por ter menos experiência não demonstrou muito conhecimento acerca da inclusão dos estudantes surdos no ensino superior.

Quanto à *caracterização pessoal e profissional* percebemos que os 3 (três) professores apresentam idades bem distintas. Um dos professores, P1, afirma que gosta de realizar um trabalho bem feito, pois tem um nome a zelar. P2 diz ser bastante acessível, humilde e simples. P3 afirma gostar de compartilhar o conhecimento com outras pessoas e aprender; como professor preza por suas aulas sempre planejadas com antecedência, levando para a sala de aula diversas estratégias para que os estudantes aprendam.

É notável a preocupação e o esforço dos 3 (três) professores para atender os estudantes surdos, embora 2 (dois) destes não tenham tido preparação nenhuma na área de inclusão. P3 se destaca mais na compreensão desse processo, pois tem pós-graduação na área, curso de LIBRAS e experiência na mesma turma durante 2 (duas) disciplinas.

3.1.1.2. Comunicação do professor com os estudantes surdos

Apresentamos, agora, a informação recolhida sobre a **Comunicação do professor com os estudantes surdos**, primeiro no Quadro 3 e depois, fazendo uma síntese, para destacar os aspectos mais importantes.

QUADRO 3 – COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Professor	Unidade de registro
Comunicação do professor com os estudantes surdos	Aprendizagem da LIBRAS	P1	“Não. Não fiz até o momento ainda porque não tive oportunidade, mas acho muito bonito quem sabe falar, quem sabe se expressar com relação e sei que o mercado está se expandindo muito” “há necessidade de fazer parte.”
		P2	“Não fiz ainda” “mas estou bastante interessada” “trabalhei numa escola durante três anos que tinha uma sala de especiais de surdo – mudo e a professora de lá dava umas dicas ao nosso grupo” “Então, eu já sei algumas coisas, pouquinho, bem básica, mas eu acho muito interessante.” “Estou com vontade de fazer agora.”
		P3	“Sim. Eu fiz curso de LIBRAS, um curso técnico que teve duração de 2 (dois) anos.” “Nesse curso nós aprendemos a teoria da Língua Brasileira de Sinais, a lei que está em volta da disseminação e da expansão da LIBRAS nas escolas, nas instituições e também o principal, nós aprendemos um pouco da língua das pessoas surdas” “nós tivemos vários conteúdos ligados a LIBRAS, juntamente com muita prática”. “durante o curso conhecemos muitos surdos tanto homens quanto mulheres e nós passamos a dialogar tendo um contato mais próximo com essas pessoas.”
	Modalidades de comunicação	P1	“Por meio do intérprete que tem aqui na sala” “tento ao máximo compreender, tentar fazer com que eles compreendam o que eu venho falando.”
		P2	“alguma noção eu tenho, é bem básico, um bom dia, um olá, perguntar nomes, porque as letras algumas eu já sei fazer também e tem que ter o auxílio de alguém com certeza.” “É muito complicado” “tem que ter alguém com certeza para auxiliar, no caso feito essa sala da gente que tem 1 (um) intérprete e 3 (três) estudantes surdos, tem que ter realmente porque a gente fala acelerado para dar aula” “os gestos assim, a gente sabe o básico mesmo.” “Então não tem como não. Tem que ter alguém para nos ajudar.”
		P3	“eu utilizo a Língua Brasileira de Sinais” “por saber um pouco dessa língua, utilizo também outras estratégias” “Procuro realizar na minha aula sempre metodologias que tragam o visual, como slides com ilustrações para que ajudem os estudantes surdos a compreender um pouco do assunto com mais facilidade.” “E o principal também é que nós temos muito contato com o intérprete de LIBRAS que há na sala.”
	Experiência com estudante surdo	P1	“Foi o contato no primeiro dia de aula” “com os alunos foi meio complicado porque eu não sou muito boa em entender o que eles falam.” “Aí eu me senti insegura na hora de me expressar para eles.”
		P2	“Agora está sendo a primeira vez, assim de eu trabalhar diretamente com eles em um nível superior.” “eu trabalhei numa escola que tinha, mas era ensino fundamental e eu não dava aula nessa sala.” “Era só uma sala que pertencia à escola e a gente tinha todo dia que vê-los, falar com cada um.”
		P3	“A única experiência que eu tive foi justamente nessa

			turma.” “Além de lecionar esta disciplina eu também lecionei outra disciplina anteriormente.” “Eu nunca imaginava poder ter 3 (três) estudantes surdos dedicados, totalmente autônomos, inteligentes, abertos e sempre buscando aprender.” “Então é maravilhoso conviver com estes estudantes surdos porque faz também com que nós compreendamos a cultura surda, a Língua Brasileira de Sinais.” “Então, assim é fascinante a experiência que estou tendo no momento.”
--	--	--	--

Fonte: Entrevista aos professores (2015)

Observamos que na subcategoria, a *aprendizagem da LIBRAS*, apenas 1 (um) dos 3 (três) professores realizou curso de LIBRAS, contudo os outros 2 (dois) professores entendem a necessidade de realizar este curso. P2, além de reconhecer a necessidade, cita também uma experiência que teve na escola de ensino fundamental e relata que tem interesse em realizar um curso de LIBRAS.

Percebemos nas falas dos 3 (três) professores o interesse em aprender a LIBRAS. Portanto, é questionável o seguinte: P2 tem 15 (quinze) anos de atuação no magistério superior e P3 apenas 3 (três) anos, no entanto P3 que tem menos tempo de atuação no magistério superior se interessou rapidamente pelo curso de LIBRAS para poder se comunicar com os estudantes surdos, enquanto que P2 com muitos anos de experiência, trabalhou numa escola fundamental que tinha estudantes surdos e ainda não fez um curso na área. É preciso também que cada professor busque formação continuada, não ficando apenas na espera que um curso apareça para ser feito.

No que compete à subcategoria, *modalidades da comunicação*, é comum aos 3 (três) professores o auxílio do intérprete de LIBRAS. P2 além de mencionar o intérprete utiliza como modalidade de comunicação os gestos. Já P3 afirma utilizar um pouco da LIBRAS juntamente com outra estratégia: o visual. Portanto, percebemos que o professor que tem uma formação na área, que conhece um pouco da LIBRAS a utiliza com mais frequência, realizando a comunicação de forma correta, enquanto que os que não têm ainda esta habilidade utilizam com mais frequência outra modalidade de comunicação, principalmente os gestos.

Quanto à subcategoria, *experiência com estudante surdo*, os 3 (três) professores afirmam que a primeira experiência está sendo nesta turma do curso de pedagogia. P1 apresenta que o contato no primeiro dia de aula e com os estudantes surdos foi meio

complicado por não compreender o que os mesmos falavam. Assim sendo, este professor sentiu a necessidade de comunicar-se com os estudantes surdos e por não conhecer a LIBRAS sentiu dificuldade. Nesta perspectiva, P3 destaca os estudantes surdos e se apresenta surpreso com o desenvolvimento da aprendizagem de cada um destes.

Nas falas dos professores é evidente a pouca experiência que estes têm com estudantes surdos, no entanto, esta pouca experiência e conhecimento dificultam a inclusão e o processo de ensino e aprendizagem desses estudantes. Está claro também que estes não esperavam encontrar estudantes surdos tão dedicados e esforçados em um curso de nível superior.

3.1.1.3. Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula

Apresentamos a seguir os resultados obtidos na categoria, **Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula**, de acordo com as percepções dos professores, primeiro no Quadro 4 e depois em síntese, destacando os aspectos relevantes.

QUADRO 4 – PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE SURDO EM SALA DE AULA

Categoria	Subcategoria	Professor	Unidade de registo
Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula	Estratégias utilizadas pelos professores	P1	“Procuro ao máximo falar mais devagar” “falar sempre olhando no rosto do aluno para que ele possa compreender pelo menos pela leitura labial.”
		P2	“A estratégia que a gente usa na verdade é geral para os alunos”. “Eles vão falar na linguagem deles e o intérprete vai passar para a gente.” “A estratégia vai ser normal como fazemos com os alunos normais até porque eles não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam.” “Nas minhas aulas eu utilizo slides e também vídeos”.
		P3	“Utilizo algumas estratégias como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma mais visual” “procuro que eles fiquem sentados à frente para que o intérprete possa interpretar tudo o que eu esteja apresentando a turma,” “pergunto sempre se eles entenderam.” “Se tiver alguma dúvida levanta a mão,” “aí eles começam a se expressar em LIBRAS e o intérprete fala para a turma e para mim.” “Outra estratégia utilizada são os trabalhos em grupo” “procuro sempre misturá-los para que não fique só um grupo de surdos, mas proporcionar o contato também com os ouvintes.”

			“Utilizo também rodas de conversas, debates, filmes que tenham legendas.”
	Percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar	P1	“De início, eu acredito que bem, porque até agora não houve nenhuma reclamação.” “Então, acredito que eles estão compreendendo e estão gostando do meu trabalho.”
		P2	“Vendo agora acho que eles estão se adequando” “eles nunca reclamaram nada.”
		P3	“Os alunos surdos, eles de antemão reagem bem, em minha opinião.” “eu preciso aprender mais a Língua Brasileira de Sinais para poder alcançar uma comunicação plena com eles.” “E eles reclamam muito que os professores não sabem se comunicar com eles.” “Muitas vezes também eu, por saber pouco a língua de sinais também não consigo me comunicar muito”.

Fonte: Entrevista aos professores (2015)

Constatamos que os 3 (três) professores divergem no que diz respeito as estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos. Quanto a percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar 2 (dois) destes afirmam que os estudantes surdos reagem bem e 1 (um) professor relata que os estudantes surdos estão se adequando ao seu modo de ensinar.

Especificamente na subcategoria, *estratégias utilizadas pelos professores*, estes utilizam estratégias diferentes. P1 afirma que se esforça ao máximo para falar pausadamente e com o olhar voltado para o rosto do estudante surdo para que ele possa ao menos fazer a leitura labial. Já P2 afirma que a estratégia utilizada na aula é a mesma para todos os estudantes seja este surdo ou ouvinte. Destacando que a estratégia utilizada nas aulas é comum a todos, porque os estudantes surdos não são diferentes dos outros. Na percepção de P2 os surdos apenas não falam.

Já P3 ressalta que utiliza algumas estratégias como a apresentação de conteúdos de forma mais visual, fazendo com que os estudantes se localizem próximo ao intérprete. P3 afirma ainda que também utiliza como uma das estratégias os trabalhos em grupo com o objetivo de proporcionar a interação entre estudantes surdos e ouvintes além de utilizar também rodas de conversas, filmes legendados e também o debate.

É evidente na fala de P1 e P2 a utilização limitada de estratégias, P1 se limita apenas a leitura labial, o que é bastante trabalhoso para os estudantes surdos compreenderem o que o professor fala apenas com esta estratégia. P2 demonstra pouco conhecimento sobre a aprendizagem do estudante surdo quando afirma que os surdos

não falam e também por não diversificar as estratégias de aprendizagem de forma a atender as diferenças existentes na sala de aula. É notável também a total dependência do intérprete de LIBRAS, os professores dependem bastante da mediação deste profissional. É evidente também que P3 se preocupa em atender as especificidades dos estudantes quando apresenta diversas estratégias e preocupação com a participação e aprendizagem dos estudantes surdos e ouvintes.

Na subcategoria, *percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar*, P1 menciona que acredita que os estudantes surdos reagem bem, compreendem porque os mesmos não reclamam das aulas. P2 afirma que os estudantes surdos estão se acostumando à sua maneira de ensinar e que eles nunca reclamaram da aula. Já P3 argumenta que necessita aprender mais a LIBRAS para poder se comunicar plenamente com os estudantes surdos, além de ressaltar que os mesmos reclamam porque os professores não conseguem se comunicar através da LIBRAS. Assim sendo, na afirmação de P3 está evidente que os professores precisam se apropriar da língua brasileira de sinais.

Diante das falas dos 3 (três) professores percebemos que existem divergências. Na opinião de P1 e P2 o modo de ensinar não precisa ser modificado porque os estudantes surdos não demonstram que não compreendem, porém na fala de P3 está claro que os estudantes surdos reclamam que os professores não sabem se comunicar. Será que esses professores dão abertura para que os estudantes surdos participem e deem opiniões? Na fala de P3 está claro que consegue proporcionar este momento de diálogo com os estudantes, porém reconhece ainda que precisa desenvolver melhor a LIBRAS, aprendê-la mais e melhor. Voltamos a destacar que os professores precisam ter o conhecimento da LIBRAS para se comunicar com esses estudantes.

3.1.1.4. Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos

A informação compilada na categoria **Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos** encontra-se sintetizada no quadro 5 e analisada no texto que se lhe segue.

QUADRO 5 – AVALIAÇÃO QUE O PROFESSOR FAZ DA APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Professor	Unidade de registo
Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos	Metodologias utilizadas pelo professor	P1	“Para avaliar eu levo em consideração esse conjunto a atenção e a participação nas aulas.”
		P2	“através das discussões e interações durante as exposições dos mesmos eu já avalio a aprendizagem.”
		P3	“observo a postura dos estudantes e a participação dos mesmos e já servem para eu avaliar a aprendizagem de cada um.”
	Resultados	P1	“Boa. Eles conseguem identificar o que é desejado por meio do educador e se saem muito bem.”
		P2	“Acho que o aprendizado dele não é diferenciado não.” “Eles não são menos do que os outros não.” “Eu acho até que tem alguns que se destacam até mais.”
		P3	“os estudantes surdos, principalmente na questão da aprendizagem, eles se destacam em relação aos próprios alunos ouvintes porque eles buscam, eles pesquisam, eles enviam mensagem, enviam email, falam comigo por meio do facebook, sempre tirando dúvidas.” “a aprendizagem deles realmente acontece porque cada um se dedica e até muitas vezes quando acontece o trabalho, provas, eles se destacam bastante.”

Fonte: Entrevista aos professores (2015)

Observamos que para avaliar a aprendizagem dos estudantes surdos os 3 (três) professores avaliam de forma processual. As metodologias comuns aos 3 (três) professores é a participação dos estudantes surdos nas aulas, valorizando assim o conjunto de discussões e participações dos mesmos.

Com relação aos resultados da aprendizagem dos estudantes surdos, 2 (dois) professores P2 e P3 ressaltaram que esses estudantes se destacam na aprendizagem em relação ao restante da turma e 1 (um) professor, P1 apontou que eles atingem a expectativa de aprendizagem proposta para a turma.

Na subcategoria, *metodologias utilizadas pelo professor*, os 3 (três) professores afirmam que utilizam a avaliação processual através das participações de todos os estudantes nas diversas atividades. P1 avalia a atenção e a participação dos estudantes nas aulas, P2 avalia o estudante por meio das discussões propostas e interações dos mesmos durante as aulas. P3 faz uma observação acerca da participação e da postura dos estudantes e assim realiza a avaliação da aprendizagem.

Na fala dos professores encontramos muitas semelhanças, é bastante positiva a forma que os mesmos avaliam fazendo com que os estudantes estejam dentro de um processo contínuo de aprendizagem, ficando claro que a avaliação não acontece apenas por meio das provas e documentos escritos. A avaliação da aprendizagem é um processo, levando em consideração esse conjunto de atividades.

Na subcategoria, *resultados*, constatamos que os estudantes surdos apresentam bons resultados na aprendizagem. Os 3 (três) professores ressaltam que os estudantes surdos se destacam em relação à turma na aprendizagem. Os mesmos são esforçados, gostam de estudar e de se envolver nas atividades propostas, buscam sempre esclarecer dúvidas, seja pessoalmente ou utilizando a tecnologia.

Diante das afirmações dos professores é possível compreender que os mesmos avaliam os estudantes surdos considerando todo o processo de ensino e aprendizagem, valorizando a participação dos mesmos, o que é bastante positivo. Os resultados da aprendizagem dos estudantes surdos, segundo os professores são bons, pois esses estudantes são muito esforçados e dedicados, se destacando em relação à turma.

3.1.1.5. Relação do professor

A informação obtida, relativa à **Relação do professor** com os estudantes surdos e com o intérprete de LIBRAS, encontra-se sintetizada e analisada no Quadro 6 e no texto subsequente.

QUADRO 6 – RELAÇÃO DO PROFESSOR

Categoria	Subcategoria	Professor	Unidade de registro
Relação do professor	Com os estudantes surdos	P1	“É proveitosa para mim” “acredito que para eles também porque a cada dia eu aprendo um pouquinho mais como me expressar com os dedos.”
		P2	“Muito bom e muito amigável.” “Uma das alunas, ela é professora lá do CREFAS, ela dá aula de LIBRAS lá e eu disse a ela que aqui eu sou professora dela e lá ela vai ser minha professora. Então, ela começou rir. Isso foi hoje.” “Então super bem, sem problema algum.” “Tento ser bastante clara, tento ser o máximo que posso.”
		P3	“é uma relação de amizade.” “Nós conversamos bastante sobre a temática, os acontecimentos que vem perdurando no âmbito nacional, municipal e estadual”. “Então, é uma relação de amizade, é uma relação de respeito, um buscando aprender com o outro.” “Então, assim, eles são muito carinhosos e muito amigos.”
	Com o intérprete de LIBRAS	P1	Satisfatória.
		P2	“Muito boa.” “Da melhor maneira possível” “às vezes até assunto extra sala que eu quero dizer para os alunos de LIBRAS, que eu não sei, eu já o chamo para me auxiliar” “a gente se dá super bem”
		P3	“é a melhor possível.” “Ele é um profissional muito atento, muito aberto, dá sugestões para as aulas.”

			“ele é uma pessoa que realmente eu vejo como parceiro dentro da sala de aula” “É uma pessoa totalmente capacitada”
--	--	--	---

Fonte: Entrevista aos professores (2015)

No que concerne a **relação do professor com os estudantes surdos** os 3 (três) professores afirmam que a relação é positiva sendo proveitosa, e de amizade. No que diz respeito à **relação do professor com o intérprete de LIBRAS**, estes afirmam que também é bastante positiva, sendo satisfatória, muito boa e a melhor possível.

Ainda na subcategoria, relação dos professores *com os estudantes surdos*, P1 coloca que essa relação é proveitosa para ele e para os estudantes surdos porque aprende a se expressar com os dedos. P2 afirma que uma das estudantes é professora do centro de LIBRAS da cidade onde reside e mencionou que neste centro de LIBRAS a estudante surda vai ser sua professora de LIBRAS. P3 afirma dialogar com os estudantes surdos sobre as temáticas do curso e também sobre outras temáticas.

Identificamos nas falas dos 3 (três) professores boas relações com os estudantes surdos. Porém, P1 quando afirma que aprende com os estudantes surdos como se comunicar com os dedos demonstra também a falta de conhecimento da LIBRAS e da maneira correta de se comunicar com esses estudantes, por meio da LIBRAS.

Identificamos que a maior barreira na sala de aula do curso de Pedagogia da instituição de ensino superior pesquisada é a comunicação, por falta de conhecimento do professor, ficando assim toda a responsabilidade para o profissional intérprete de LIBRAS. P2 não conhece a LIBRAS, porém tenta se esforçar para se comunicar, mas é muito difícil, porque sem conhecimento da língua brasileira de sinais não existe uma comunicação plena. P3 ainda consegue conversar um pouco com os estudantes surdos. Parece contribuir para essa boa relação à formação específica do professor.

Na subcategoria da relação dos professores *com o intérprete de LIBRAS*, P1 se limita a dizer que é satisfatória essa relação. P2 ressalta que é positiva e dialoga que recorre sempre ao intérprete até para falar outros assuntos para os estudantes surdos e assim se dão super bem. P3 também afirma essa relação como sendo positiva e justifica que vê o intérprete como um parceiro na sala de aula, sendo este bastante capacitado.

Assim sendo, constatamos nas falas dos professores (P1 e P2) a dificuldade na relação com os estudantes surdos. Quanto a relação com o intérprete os 3 (três) professores ressaltam a importância do intérprete de LIBRAS, além da afirmação de que

sua presença em sala de aula é fundamental, uma vez que os professores não dominam a LIBRAS. O intérprete de LIBRAS é um profissional necessário em sala de aula, sendo notável que a comunicação plena entre todos os participantes da sala de aula só acontece por meio do suporte deste profissional.

3.1.1.6. Inclusão

Apresentam-se no Quadro 7 e no texto que se lhe segue os resultados da categoria **inclusão** de acordo com as percepções dos 3 (três) professores entrevistados.

QUADRO 7 – INCLUSÃO

Categoria	Subcategoria	Professor	Unidade de registro
Inclusão	Conceito	P1	“Inclusão é como o próprio nome já diz, a questão de incluir, fazer com que esteja dentro, não é isso?” “Então, inclusão social, inclusão do jovem é fazer com que ele permaneça, não seja excluído por apenas apresentar certa deficiência do meio social.”
		P2	“E a inclusão, eu acho que foi a melhor coisa que fizeram, foi tentar dar um novo horizonte para essas pessoas.”
		P3	“Inclusão é incluir. E o que significa esse incluir? Primeiro: o acesso da pessoa à educação, a ter uma aprendizagem. Além disso, para incluir é preciso assegurar a permanência dessa pessoa ou dessas pessoas na instituição de ensino e também dar condições para esta pessoa consiga concluir os seus estudos.” “A inclusão vem propor ao professor, aos profissionais que estão dentro da escola, de uma instituição, de uma universidade a fazer com que todas as pessoas participem do processo de ensino e aprendizagem. Ninguém pode ficar de fora.”
	Como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior	P1	“O mais normal possível. Porque eles apresentam uma deficiência, mas não uma incapacidade.”
		P2	“Eu acho que todas as instituições deveriam abraçar essa ideia de imediato” “Deveria abraçar essa ideia e se ele conseguiu chegar ao nível superior é porque tem capacidade sim e como eu já falei não é diferente” “deveria oferecer meios de contratar esses profissionais de LIBRAS.”
		P3	“fazê-los participar de um processo de ensino e aprendizagem que contemple a sua cultura e também a Língua Brasileira de Sinais.”
	Contribuição do professor, para inclusão dos estudantes surdos	P1	“A partir do momento em que os alunos interagem com os outros alunos, interagem na minha aula.”
		P2	“A gente sempre faz essa divulgação. Então, eu tento ajudar assim divulgando também.”
		P3	“Acredito que estou contribuindo um pouco.” “Porque, primeiro eu fiz um curso básico e técnico em Língua Brasileira de Sinais, busquei compreender um pouco da LIBRAS.” “Acredito que estou contribuindo um pouco também porque me preocupo com cada estudante, seja ele ouvinte

			ou surdo, buscando levar recursos que facilitem a aprendizagem, buscando explicar os conteúdos de cada aula por meio de estratégias que contemplem tanto o estudante surdo como o estudante ouvinte.”
	Contribuição da Instituição de ensino superior	P1	“Com certeza. A partir do momento em que esta paga um intérprete para facilitar a vida do educador.”
		P2	“A partir do momento que ela abriu espaço para ter um intérprete na sala de aula, uma pessoa intérprete, ela abriu espaço para que um aluno surdo se inscreva nessa faculdade que faça o vestibular, que passe, que seja um aluno normal como ele realmente é.” “Ela está contribuindo sim para o avanço.”
		P3	“a instituição em que leciono contribui em parte pelo seguinte: pela aquisição do intérprete de LIBRAS que é sempre muito preocupado com cada estudante, sempre procura ajudar ao máximo que ele pode. Então, isso é um ponto muito positivo.” “Acredito que faltam estudos, espaço de tempo dedicado aos professores para que possamos nos capacitar, realizar cursos de Língua Brasileira de Sinais, para que possamos ter um acesso maior à cultura surda.”
	Conselhos a um colega de trabalho, para incluir estudantes surdos	P1	“Que de início ele procurasse ao máximo se adaptar porque a inserção realmente é meio complicada para quem não consegue desenvolver a linguagem com os alunos.” “E que em nenhum momento deve haver essa proibição e sim pelo contrário, um incentivo.”
		P2	“Na divulgação mostrando que eles precisam de apoio, que precisa de alguém que dê uma força.”
		P3	“que estudasse a LIBRAS seja por meio de um curso técnico ou superior,” “em segundo lugar orientaria a busca do contato com as pessoas surdas.” “Em terceiro, pediria ao meu colega professor que pensasse em estratégias de aprendizagens dentro e fora da sala de aula.”

Fonte: Entrevista aos professores (2015)

Na categoria **inclusão** constatamos que dos 3 (três) professores, 2 (dois) destes compreendem o conceito de inclusão (P1 e P3). Quanto ao como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior, os 3 (três) professores apresentam pensamentos divergentes, pois P1 ressalta que esta inclusão deve ser o mais normal possível; P2 afirma que as instituições devem oferecer meios para contrato dos profissionais da LIBRAS; P3 afirma que incluir estes estudantes é fazê-los participar do processo de ensino e aprendizagem.

Dos professores entrevistados 2 (dois) afirmam estar contribuindo para a inclusão dos estudantes surdos e 1 (um) diz contribuir um pouco. Dos professores entrevistados 2 (dois) afirmam que a instituição de ensino superior em que lecionam contribui para a inclusão dos estudantes surdos. Ao aconselhar um colega no trabalho

sobre a inclusão dos estudantes surdos apenas 1 (um) professor destaca a importância da aprendizagem da LIBRAS.

Na subcategoria, *conceito de inclusão*, P1 destaca que incluir é fazer com que o estudante permaneça no meio social. P2 destaca que a inclusão é um meio de garantir novos caminhos para as pessoas com deficiência, limitando-se a esta fala, por isso demonstra não conhecer o conceito de inclusão. P3 afirma que a inclusão vem propor ao professor e aos profissionais da educação fazer com que todas as pessoas participem do processo de ensino e aprendizagem. Diante das falas dos professores é notável que dos 3 (três) professores, apenas 2 (dois) demonstram compreender o conceito de inclusão (P1 e P3); 2 (dois) ainda não estão preparados para trabalhar com os estudantes surdos (P1 e P2). A falta de formação, o conhecimento da LIBRAS para poder incluir esses estudantes é um ponto relevante. Porém, é perceptível na fala de P3 que o processo de inclusão depende do envolvimento de todas as pessoas que trabalham na instituição, não basta apenas receber o estudante com surdez é preciso lutar para que o mesmo seja protagonista na instituição em que estuda.

Na subcategoria, *como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior*, P1 apresenta que a inclusão deve acontecer a mais normal possível. Deixando subentendido como deve acontecer essa inclusão. P2 ressalta que as instituições deveriam abraçar a ideia da inclusão e que estas deveriam oferecer meios para contratar os profissionais da LIBRAS. P3 destaca a participação de todos os estudantes surdos no processo de ensino e aprendizagem e que se trabalhe a cultura surda e a LIBRAS.

Observamos que na fala dos 3 (três) professores existe uma preocupação com a inclusão dos estudantes surdos. Os mesmos compreendem o que precisa ser feito para incluir os estudantes surdos, ressaltando que todas as instituições precisam trabalhar na perspectiva da inclusão contemplando a cultura surda, a LIBRAS e melhores meios para garantir o profissional intérprete de LIBRAS nas salas de aulas.

Na subcategoria, *contribuição do professor*, P1 afirma contribuir com o processo de inclusão dos estudantes surdos, pois estes interagem em sua aula. P2, também afirma contribuir para a inclusão do estudante surdo, divulgando cursos de LIBRAS e de educação inclusiva. P3 acredita contribuir um pouco justificando que estudou LIBRAS através de um curso técnico, compreendendo assim um pouco desta língua. P3 ainda se

preocupa em utilizar recursos que facilitem a aprendizagem e estratégias que atendam as necessidades dos estudantes surdos e ouvintes.

Fica evidente nas falas dos professores que os mesmos acreditam estar contribuindo no processo de inclusão. Para que estes pudessem contribuir plenamente com este processo falta o principal a comunicação com os estudantes surdos em sala de aula. Divulgar ações de inclusão ajuda, mas não é somente essa ação que contribuirá para a inclusão. A preocupação em pensar estratégias de aprendizagens e executá-las, como afirma P3, é uma ação fundamental e se faz ainda mais interessante que o intérprete participe junto com o professor dessa construção.

Na subcategoria, *contribuição da instituição de ensino superior*, P1 afirma que a IES em que trabalha contribui para a inclusão dos estudantes surdos, pois esta paga um profissional intérprete de LIBRAS para facilitar a atuação do professor. P2 também concorda que a IES contribui com este processo de inclusão referindo-se também ao profissional intérprete de LIBRAS e também à oportunidade dos estudantes surdos se inscreverem no vestibular da instituição para cursar a graduação em pedagogia. P3 ressalta que a referida IES contribui em parte para a inclusão referindo-se também ao intérprete de LIBRAS, porém apontando também que faltam estudos, tempo a ser dedicada a capacitação principalmente relacionada a LIBRAS para que os professores tenham acesso à cultura surda.

Percebemos nas falas de 2 (dois) professores, mais precisamente P1 e P2 que a IES pesquisada contribui no processo de inclusão dos estudantes surdos por conta do intérprete. P1 afirma que a referida instituição paga este profissional para facilitar a vida do educador. Primeiro, a IES não paga o intérprete, este profissional é um estudante bolsista do curso de pedagogia que realiza este trabalho. Segundo, o intérprete não tem como foco principal facilitar a vida do educador. O intérprete está para dar o suporte aos estudantes surdos, principalmente na comunicação destes com o professor e com outros profissionais e também em situações que necessitem do acompanhamento do intérprete. Sendo assim, o referido professor não demonstra conhecimento sobre a função do intérprete de LIBRAS.

Na fala de P2, além de destacar positivamente a contribuição da instituição por conta do intérprete, também destaca que a referida instituição contribui neste processo porque abriu vagas para que as pessoas com deficiência pudessem se inscrever no

vestibular. Nesta afirmação P2 demonstra desconhecer a legislação, pois é assegurada por lei a participação dos estudantes com deficiências nos vestibulares das diversas instituições de ensino.

P3 ressalta a importância do intérprete de LIBRAS, porém menciona que ainda faltam ações a serem feitas, principalmente cursos e capacitações voltadas para a inclusão e para a LIBRAS. É notável que os professores sentem falta de estudos, formações e capacitações acerca da inclusão, este é outro ponto relevante para que a inclusão aconteça.

Quanto à subcategoria, *Conselhos a um colega de trabalho, para incluir estudantes surdos*, P1 aconselharia a adaptação do professor porque a inserção é complicada para as pessoas que não conseguem se comunicar com os estudantes surdos. P2 limita-se a orientação apenas da divulgação em relação aos estudantes surdos para mostrar que estes precisam de incentivo. P3 aconselha como primeiro ponto o estudo da LIBRAS, como segundo ponto o contato com as pessoas surdas além da sala de aula e como terceiro ponto orientar o colega professor a pensar em estratégias de aprendizagem que contemplem os estudantes surdos.

Fica evidente na fala de P1 a confusão entre inserção e inclusão quando afirma que a inserção é complicada. Logo o conceito de inserção e inclusão é diferente. É necessário que o professor e a equipe da IES se adaptem ao estudante surdo, mas de que forma? Assim sendo, é quando voltamos a ressaltar a importância da busca da formação continuada para a inclusão e para a compreensão da LIBRAS. P2 apenas ressalta novamente a importância da divulgação de que os estudantes surdos necessitam de apoio. Isto contribui, mas é pouco quando se pensa em incluir esses estudantes. São importantes os 3 (três) pontos que P3 coloca como sendo primordiais ao professor: o estudo da LIBRAS, o contato com as pessoas surdas e a utilização de estratégias em sala de aula que proporcione a aprendizagem dos estudantes surdos.

Observamos que as percepções dos professores que lecionam no curso de pedagogia da instituição de ensino superior pesquisada, acerca da inclusão dos estudantes surdos, tendo como base as categorias apresentadas compreendem o processo de inclusão dos estudantes surdos, mas tem dificuldades em colocar em prática. A instituição dispõe de um intérprete qualificado para que a comunicação não deixe de acontecer, porém 2 (dois) dos professores entrevistados ainda não conhece a LIBRAS,

tendo como exceção P3. Deste modo essa fragmentação na comunicação por parte dos professores também contribui para que a inclusão não aconteça.

3.1.2. As práticas dos professores

Apresentamos e analisamos nos quadros a seguir os dados referentes às observações de aulas dos 3 (três) professores participantes da pesquisa: P1, P2 e P3. Foram observadas 3 (três) momentos de aulas de cada um deles, totalizando 9 (nove) observações.

Na análise às práticas dos professores procuramos perceber: 1) A relação/comunicação do professor com os estudantes surdos; 2) As estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos; 3) A relação/comunicação entre os estudantes surdos e estudantes ouvintes; 4) A relação e comunicação dos estudantes surdos e o intérprete; 5) A participação dos estudantes surdos na aula; 7) As considerações importantes realizadas durante as observações das aulas desses professores, de acordo com a informação contida nos Apêndices 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39.

3.1.2.1. Relação/comunicação do professor com os estudantes surdos

Apresentamos a seguir os resultados obtidos nas observações de aulas dos professores, referente à categoria **Relação/comunicação do professor com os estudantes surdos**, primeiro no Quadro 8 e depois destacando os aspectos relevantes.

QUADRO 8 – RELAÇÃO/COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ESTUDANTES SURDOS

Professor	Nº das observações de aulas	Comportamentos observados
P1	1ª	P1 entra na sala de aula, deseja bom dia oralmente a todos os estudantes. ES3 cumprimenta P1 que responde oralmente.
	2ª	P1 deu continuidade aos relatórios de estágio, explicando novamente as fichas referentes às 3 (três) etapas. P1 retoma a aula e fala sobre as temáticas dos trabalhos dos estudantes e pede para que durante a semana os mesmos realizem as duas observações propostas na primeira semana do estágio.

	3 ^a	P1 pede a ES1 que se ausente da sala para conversar com o colega surdo no pátio.
P2	1 ^a	P2 deu Início à aula cumprimentando a todos e explicando o horário de término dos trabalhos do dia. O tema abordado por P2 neste dia é Gestão escolar e cidadania. O intérprete está sentado junto a ES1 e ES2, interpretando a explicação de P2. P2 recomeça a aula falando sobre a importância do trabalho na escola, um trabalho articulado, o gestor como líder e a valorização do grêmio estudantil. A escola pública é para todos e envolve os diferentes sujeitos de uma comunidade.
	2 ^a	P2 inicia a aula conversando com os estudantes, pergunta como os mesmos passaram a semana, se durante a semana conseguiram desenvolver as atividades de estágio.
	3 ^a	P2 inicia a aula dando bom dia e logo vai falando da importância da participação e frequência dos estudantes nas aulas.
P3	1 ^a	Mesmo ainda não chegando todos os estudantes P3 deu início à aula através de um bom dia em LIBRAS e oralmente, perguntando como os estudantes estavam em LIBRAS e oralmente. Os estudantes ouvintes e surdos responderam e também afirmaram que estava tudo bem. P3 se apresentou em LIBRAS e oralmente, pois se tratam da volta as aulas e pediu para que cada estudante falasse da expectativa com relação à disciplina. Alguns estudantes falaram que espera aprender mais sobre a didática na sala de educação infantil, sobre a leitura e a escrita na educação infantil, sobre conteúdos nessa modalidade de ensino. Após explicação do plano de curso P3 pergunta se ES1 entendeu, o mesmo afirma que agora sim e agradece.
	2 ^a	P3 entra na sala, cumprimenta a todos oralmente e em LIBRAS, pergunta como passaram a semana e se estão todos bem. Os estudantes ouvintes respondem e perguntam o mesmo a P3 que também responde e agradece. ES1 responde que a semana foi de muito estudo, mas foi boa. P3... para e pergunta se estão compreendendo, se tem dúvidas de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que está tudo bem. P3, pergunta novamente se a turma está compreendendo, oralmente e em LIBRAS. ES2 ressalta que esta teoria da aprendizagem leva em consideração o contato da pessoa com o meio e com o grupo. P3 afirma positivamente e parabeniza ES2.
	3 ^a	P3 entra na sala de aula, dar bom dia a todos oralmente e em LIBRAS, pois os estudantes surdos já estão em sala. Pergunta se estão bem e como passaram a semana. P3 vai junto a ES1, ES2 e ES3 e conversa um pouco em LIBRAS. P3 vai ao encontro de ES1, ES2, ES3 e do intérprete e pergunta para eles o que compreenderam sobre listas temáticas? ES3 responde que o trabalho com listas pode ser feito desde a educação infantil podendo ser de frutas, brinquedos preferidos, festa de aniversário e entre outros. ES1 e ES2 afirmam que compreenderam a importância de um trabalho que promova a leitura e a escrita desde a educação infantil. P3 parabeniza e volta ao grande grupo.

Referente à *Relação/comunicação do professor com os estudantes surdos* observou-se que P1 durante a 1^a (primeira) observação realizada se relaciona e se comunica de forma passiva com os estudantes surdos, não tendo interação para com eles. É perceptível também que P1 não conhece a LIBRAS, sempre se utiliza da

oralidade para se comunicar, o que dificulta a relação e comunicação com os estudantes surdos. Na 2ª observação de aula percebe-se que P1 em todo o tempo da aula utiliza a oralidade, além de não se aproximar dos estudantes surdos. Sendo assim, sem comunicação, sem o olhar, sem o mínimo gesto não existe relação. Percebe-se também que o intérprete ainda não havia chegado à sala de aula. Na 3ª (terceira) observação realizada é notável que durante a aula não se percebe uma relação de atenção para com os estudantes surdos. A única comunicação que acontece é a de P1 pedindo para o ES1 se ausentar da sala, após poucos minutos do mesmo entrar, pois o som que ele emite na percepção de P1 atrapalha a orientação aos grupos.

Referindo - se a P2 constatamos na 1ª (primeira) observação que a relação e comunicação de P2 para com os estudantes surdos não se dão de forma plena, pois P2 não conhece a LIBRAS. Essa comunicação acontece de forma oral e o intérprete dá total suporte a comunicação. Percebe-se que P2 durante a aula se dirige mais aos estudantes ouvintes, a todo o tempo utiliza a oralidade, não chega próximo aos estudantes surdos. Na 2ª (segunda) observação percebemos que essa relação e comunicação de P2 com os estudantes surdos acontecem de forma superficial, pois é utilizada a oralidade, favorecendo assim os ouvintes apenas. Percebe-se também que ES2 se sente perdida dentro da sala de aula, não percebe o que está a ser discutido e P2 não vai ao seu encontro, a comunicação não chega e o intérprete não está presente na aula para fazer a ponte da comunicação. Se sentindo excluída ES2 sai da sala. A falta de comunicação é o grande entrave para que a inclusão aconteça, sem comunicação não há inclusão. De acordo com a 3ª (terceira) observação confirmamos que a relação e comunicação de P2 com os estudantes surdos são restritas, não há uma aproximação constante entre professor e estudante surdo. P2 se comunica mais com os estudantes ouvintes. P2 utiliza a oralidade para se comunicar o que dificulta a comunicação para com os estudantes surdos.

Com relação a P3 e de acordo com a 1ª (primeira) observação é perceptível que o mesmo tem um conhecimento da LIBRAS o que facilita a relação com os estudantes surdos. P3 consegue se comunicar um pouco com os estudantes surdos, pois conhece um pouco da LIBRAS. Proporcionou um momento de oração com o pai nosso em LIBRAS e sempre que explica o conteúdo se reporta aos estudantes surdos e toda a turma para perceber se compreenderam. Na 2ª observação constatamos que essa relação

e comunicação de P3 com os estudantes surdos é de compreensão e tranquilidade pelo fato de P3 conhecer um pouco da LIBRAS. P3 consegue conversar com os estudantes surdos. P3 também se preocupa com os estudantes sempre perguntando de compreenderam e incentivando a participação dos mesmos. Esses fatores favorecem a inclusão dos estudantes surdos. Na 3ª observação de aula confirmamos que a relação e comunicação de P3 com os estudantes surdos são positivas, P3 sempre procura conversar com os mesmos e atendê-los da melhor forma possível. Percebe-se que P3 procura sempre ir ao encontro dos estudantes surdos, busca a comunicação por meio da LIBRAS, sempre os chama para participar, se preocupa se os mesmos estão compreendendo o assunto. A comunicação é o principal instrumento para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça.

Em síntese observando a prática de P1, P2 e P3 em sala de aula constatamos que P1 e P2 apresentam uma relação e comunicação superficiais com os estudantes surdos talvez por não conhecerem a LIBRAS. Assim sendo, P1 e P2 ainda não conseguem se aproximar dos estudantes surdos, na maioria do tempo se comunica com os estudantes ouvintes ficando a cargo do intérprete na maioria das vezes a comunicação e aprendizagem dos estudantes surdos. Já P3 apresenta uma relação mais tranquila, pois em sua prática percebemos que o mesmo conhece a LIBRAS de forma que consegue se comunicar, procura chegar perto para perceber se a aprendizagem está acontecendo.

3.1.2.2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos

A informação obtida, relativa à categoria **Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos**, encontra-se sintetizada no Quadro 9 e analisada no texto subsequente.

QUADRO 9 – ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS

Professor	Nº das observações de aulas	Comportamentos observados
P1	1ª	P1 começa a aula falando que hoje explicará as diretrizes para o estágio supervisionado I e que será necessária a atenção de todos para que possam fazer estágios e relatórios bem feitos.

	2 ^a	P1 conclui a explicação sobre as etapas do estágio e passa a dividir os estudantes para atender de acordo com as temáticas dos trabalhos de conclusão de curso. P1 divide os estudantes por tema do trabalho de conclusão de curso, forma grupos e passa nestes para conversar sobre as ideias dos estudantes com relação à temática escolhida. Ao orientar os grupos de ouvintes P1 passa no grupo onde estão ES2 e ES3 e o intérprete tira as dúvidas dos estudantes surdos com P1. P1 redivide os grupos de acordo com o material que os estudantes trouxeram: pasta de estágio e TCC (projeto / monografia). Os que trouxeram pasta de estágio foram para o lado esquerdo da sala e quem trouxe o material do TCC para o lado direito. ES2 e ES3 permaneceram no lado esquerdo da sala, pois trouxeram a pasta de estágio. Os grupos se formaram e P1 orienta o primeiro grupo a fazer o relatório das primeiras observações em sala de aula. Após, orientar os estudantes do grupo de estágio P1 vai até o grupo 2 para direcionar o Início das construções dos TCCs. Discute a partir da estrutura do mesmo e organiza as temáticas. Enquanto isso o outro grupo está discutindo a 1ª etapa do estágio.
	3 ^a	P1 deu Início à aula conversando com os estudantes sobre o trabalho de conclusão de curso. Na sequência foi realizada uma roda de conversa para ver o andamento dos tccs. P1 expôs a estrutura do trabalho, como também revisou as diretrizes para a construção do trabalho. Após a explicação P1 começou a atender os estudantes individualmente em sua mesa, olhando as produções da semana com relação ao tcc e ao estágio supervisionado.
P2	1 ^a	P2 explica o conteúdo do material e aponta para a tela de projeção, a mesma preparou o conteúdo em slide com base nos textos distribuídos. Os slides além dos textos contêm imagens para melhor visualização dos estudantes surdos. Os estudantes surdos olham para a tela, apostila e intérprete. P2 abre um vídeo de curta duração sobre a escola mostrando o trabalho do gestor. O intérprete traduz todo o vídeo para ES2 e ES3. O vídeo aborda o trabalho de uma escola sem informatização e assim, a documentação se encontrava toda acumulada, o serviço era grande para assinar, conferir e carimbar estes documentos. Explicou que ao adotar um sistema de trabalho na escola toda essa demanda de serviço e acúmulo foi facilitado. P2 coloca outro vídeo sobre a reunião de professores na escola, conselho de classe, formação continuada e grêmio estudantil. O intérprete realiza toda a interpretação, pois o vídeo não contém legenda. P2 explicita a dinâmica para a divisão de grupos, sendo necessário no total formar 4 grupos para realizar um trabalho em sala de aula.
	2 ^a	Às 10h00min P2 Iniciou um atendimento individual em seu birô para os estudantes que trouxeram a documentação do estágio da semana. Alguns estudantes não haviam feito, então foram liberados. P2 ficou apenas com aqueles que haviam trazido a documentação.
	3 ^a	P2, por sua vez, apresenta 1 (um) vídeo sobre o trabalho em equipe. Este é composto apenas por imagens, o intérprete não realiza a interpretação para ES2. ES2, então faz a leitura das imagens do vídeo. A turma se diverte e ri com o desenrolar do vídeo. P2 apresenta outro vídeo sobre conceitos de gestão e participação. Os estudantes estão atentos, o intérprete se encontra interpretando o vídeo para ES1 e ES2. ES1 afirma que conhece o vídeo. P2 dá uma pausa no vídeo e faz algumas considerações.

		P2 apresenta um vídeo contendo o trecho do filme – Desafiando gigantes. O intérprete se põe de pé e interpreta o vídeo para ES1 e ES2. O vídeo passa um desafio para um jogador levando o outro nas costas. O treinador incentiva o jogador a levar o outro nas costas com um percurso de 50 m. Assim sendo, o treinador incentiva tanto que o jogador anda o campo quase inteiro com o colega que pesa 68 kilos. A turma de jogadores critica, mas o treinador acredita e o jogador se supera. A turma em sala de aula interage e discute o vídeo, cada um fala do que enfrenta no dia a dia para estar presente na faculdade. P2 incentiva os estudantes, falando que os mesmos são capazes sim de realizar os trabalhos, os estágios e a monografia, é preciso procurar o melhor para nós e que um objeto podem tirar de nós, mas o conhecimento não, nós levamos por toda a vida.
P3	1ª	P3 apresenta oralmente o plano de curso da disciplina didática e letramento infantil discutindo a ementa, os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos metodológicos e avaliação. P3 realizou uma apresentação em slides sobre a origem, história e conceito de didática, alfabetização e letramento. Os slides contêm imagens referentes ao conteúdo. O intérprete se encontra interpretando a fala de P3 para ES1, ES2 e ES3. P3 sempre para perguntar se a turma está compreendendo, se não tiver é preciso interromper e perguntar. P3 prossegue a aula explicando o conteúdo. Na oportunidade P3 lança o desafio da turma produzir um resumo contendo os conceitos de alfabetização, letramento e didática. A turma se agita, P3 distribui papel pautado para todos e os mesmos dão início, durante a atividade P3 passa entre as carteiras, observando e tirando dúvidas dos estudantes, chega próximo a ES1, ES2 e depois ES3 pergunta em LIBRAS se tem dúvidas, os mesmos afirmam que está tranquilo. ES1 afirma que está contente porque P3 demonstra saber um pouco da LIBRAS. Então, P3 chama a atenção da turma para que deem continuidade após o almoço. E que além desta atividade, na parte da tarde todos terão um texto de Magda Soares para discutir em roda de conversa.
	2ª	P3, por sua vez, dá continuidade ressaltando que agora dará início a exposição dialogada em slides sobre as Teorias de Aprendizagens: construtivismo e sociointeracionismo e que em seguida será realizado um jogo de perguntas e respostas através de 2 (dois) grupos Piagetianos e Vygotskyanos. P3 dá início à exposição, nos slides tem o conteúdo e gravuras referentes ao mesmo. Assim sendo, P3 inicia perguntando aos estudantes o que eles entendem por construtivismo? Em seguida, P3 apresenta o sociointeracionismo, perguntando à turma o que compreendem sobre este conceito. 1 (um) estudante ouvinte relata que acredita ser a interação social das pessoas tendo como fim o conhecimento. P3 parabeniza e diz que tem a ver. P3 apresenta o conceito e resalta que nesta teoria a interação social tem papel principal para o conhecimento. P3 vai à lousa e faz um diagrama para explicar a ZDP (...) Após a explicação, P3 pergunta se compreenderam o conteúdo. A turma afirma que sim. P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais 1 (um) grupo farão perguntas sobre Vygotsky.
	3ª	P3 dá alguns avisos sobre o horário de entrada, a recolha dos estudos dirigidos para o próximo sábado e divide grupos para a mesa redonda também do próximo sábado. Nessa divisão de grupos ES1 fica em um grupo com ouvintes e ES2 e ES3 ficaram em outro grupo junto com o intérprete. P3 inicia o conteúdo da aula através do estudo do texto “Saber a prática para ensinar bem”. P3 pede que todos peguem o texto que fora recebido no primeiro dia de aula. O estudo começa pela leitura da introdução do texto. P3 pede para que alguns estudantes leiam trechos do texto e vai explicando o sentido do texto que é pautado na formação inicial e contínua do professor, a relação entre teoria e prática, experiência, pesquisa, competências e conhecimento.

		P3 apresenta em slides os tópicos do texto que se subdivide em: A organização do ensino; A identidade do professor pelo que ele faz, e a atividade orientadora de ensino. P3 expõe os subtópicos. Ao término P3 pergunta se todos compreenderam de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que sim. P3 prossegue a apresentação de slides com o subtema – A prática pedagógica, contendo atividades com listas temáticas, textos que se sabe de cor, nomes próprios, sequências didáticas e projetos didáticos. P3 passa uma atividade em grupo, preparar um roteiro de aula de acordo com o modelo que irá distribuir, as temáticas serão as discutidas anteriormente: textos que se sabe de cor, nomes próprios, listas temáticas. Acrescentando contos, fábulas e rótulos de embalagens. A turma se divide, P3 entrega a proposta do roteiro. A proposta inicial é um roteiro, diz P3. Mas, na volta do almoço P3 afirma que os grupos irão colocar os roteiros em prática, ou seja, os grupos darão aulas uns para os outros e mostrar que trouxe alguns materiais para ajudar como cartolinas, hidrocores, colas, tesouras, lápis de cor e fitas. Neste momento há bastante discussão, P3 circula pela sala apoiando os grupos.
--	--	---

Relativamente às *estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos* na 1ª (primeira) observação, percebemos que P1 utiliza a mesma para todos os estudantes. P1 trabalha com a oralidade, o que é comum à maioria da turma e o intérprete realiza toda a interpretação para os estudantes surdos. Na 2ª (segunda) observação P1 em suas estratégias utiliza a oralidade, a divisão de grupos para facilitar os trabalhos de estágio e orientação. Durante essas estratégias chega pouco tempo perto dos estudantes surdos e quando chega o intérprete é quem faz as perguntas no lugar dos estudantes surdos. As estratégias utilizadas em sala de aula têm o papel de facilitar a aproximação do professor de seus estudantes, isto não acontece nesses momentos propostos por P1. Na 3ª observação é notável mais uma vez que a estratégia utilizada por P1 é a exposição oral, sempre explicando os conteúdos dessa forma. Esta estratégia não contempla os estudantes surdos, somente os ouvintes. Os estudantes surdos não se sentem a vontade com esta estratégia e ainda mais que nesta aula o intérprete não estava presente. Observa-se que outra estratégia utilizada foi a formação de grupos para atendimentos, esta estratégia poderia contemplar os estudantes surdos, porém só contemplou os estudantes ouvintes. Os estudantes surdos não permaneceram na aula, se ausentaram logo.

Referindo – se a P2, de acordo com a 1ª (primeira) observação realizada é notável a preocupação de P2 para com os estudantes surdos. P2 adota a exibição de vídeos, Power points com imagens para melhor visualização e assimilação dos estudantes surdos. A dinâmica da formação de grupos também está presente

favorecendo a inclusão e a interação com os estudantes ouvintes. Assim sendo, através de estratégias que favoreçam estudantes surdos e ouvintes o momento da aprendizagem se torna rico para todos, fator que também favorece a inclusão. Na 2ª observação percebemos que a estratégia proposta por P2 não atende as necessidades dos estudantes surdos, a orientação está sendo de forma oral e também excludente. De acordo com a 3ª (terceira) observação constatamos que as estratégias de P2 favorecem a aprendizagem dos estudantes surdos, são vídeos contextualizados e de imagens e legendas. A fala de P2 durante esta aula teve o apoio visual dos slides. Essas estratégias favorecem a todos.

Reportando-nos a P3 percebemos na 1ª (primeira) observação de aula que ao apresentar o plano de curso da disciplina Didática e Letramento Infantil P3 destaca os objetivos, a ementa e principalmente as estratégias e metodologias diversificadas de avaliação, o que favorece toda a turma. P3 utiliza slides com imagens, trabalho em grupo, a roda de conversa o que favorece a aprendizagem dos estudantes surdos e o contato com os estudantes ouvintes. É notável que P3 chega perto dos estudantes, circula por entre os grupos, para a aula para verificar se os estudantes surdos compreenderam o conteúdo. Na 2ª (segunda) observação verificamos que P3 utiliza diversas estratégias. Podemos observar que são utilizadas as exposições de slides com imagens e textos junto com a interpretação do profissional intérprete de LIBRAS. É utilizado o lúdico que é o jogo de perguntas e respostas por meio de 2 (dois) grupos de estudantes e os conhecimentos prévios dos mesmos são explorados. Essas estratégias favorecem a construção do processo de ensino e aprendizagem e a inclusão dos estudantes surdos por oferecerem suportes específicos como a imagem atrelada ao texto, o incentivo e a opinião por meio dos conhecimentos prévios e do jogo proposto. Outra estratégia importante é a utilização do diagrama para a compreensão da zona de desenvolvimento proximal, o desenho ilustra e assimila as informações promovendo o conhecimento.

Em síntese percebemos que P2 e P3 utilizam estratégias que favorecem a aprendizagem dos estudantes surdos. O que acontece é que P1 e P2 se utilizam ainda da oralidade, sendo P1 com frequência, sendo que esta estratégia não favorece a aprendizagem dos estudantes surdos. Assim sendo, a oralidade não é uma estratégia que favorece a aprendizagem, ficando ainda mais difícil para os estudantes surdos quando o intérprete não se encontra na sala de aula. Deste modo, a utilização de estratégias que

favoreçam a aprendizagem de estudantes surdos e ouvintes é necessária em sala de aula, pois a aprendizagem se torna possível para todos, além de ser um fator que favorece a inclusão.

3.1.2.3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes

Apresentamos a seguir os resultados obtidos à **Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes**, primeiro no Quadro 10 e depois no texto que segue, destacando os aspectos relevantes.

QUADRO 10 – RELAÇÃO/COMUNICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES SURDOS E ESTUDANTES OUVINTES

Professor	Nº de observações de aulas	Comportamentos observados
P1	1ª	ES1 se dirige à turma (...) e cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS. Após o término da aula do período da manhã alguns estudantes ouvintes se aproximaram dos estudantes surdos para cumprimentar e se comunicar por meio do intérprete e também por meio de gestos.
	2ª	Durante a aula é possível observar que um dos colegas ouvintes chega e interage, fazendo o sinal de chato em LIBRAS, para ES1. ES1 se comunica com todos os colegas da sala, fica com o telefone em mãos a maior parte do tempo, circula pela sala. ES1 circula pela sala interagindo com os colegas ouvintes por meio de gestos, LIBRAS e escrita.
	3ª	ES1 cumprimenta os colegas. ES1 conversa um pouco com os colegas ouvintes e apresenta o colega surdo que veio com ele.
P2	1ª	ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.
	2ª	Já por volta das 09h15min chega ES2, cumprimenta alguns colegas, senta-se numa cadeira na parte da frente da sala, olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.
	3ª	Chega à sala de aula ES1, o mesmo abraça P2 e pede para dar um aviso aos colegas antes que a turma saia. Sendo assim, ES1 avisa sobre o curso de LIBRAS da associação de surdos que faz parte e que as inscrições estão abertas, mas nem todos os colegas prestam atenção. O intérprete se encontra realizando a interpretação das falas a ES2 enquanto que ES1 se encontra conversando com alguns colegas ouvintes, por meio da escrita, e de gestos.
	1ª	Os estudantes surdos estão nos grupos interagindo com 2 (dois) colegas ouvintes e o intérprete de LIBRAS.
	2ª	P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais

P3		1 (um) grupo farão perguntas sobre Vygotsky. É dado um tempo para a formação dos grupos e as construções das perguntas, ES1, ES2 e ES3 se encontram no grupo dos vygotskyanos e o intérprete também. Estes estão interagindo com os colegas ouvintes e dão opiniões para as perguntas.
	3ª	Na formação dos grupos os estudantes surdos estão juntos com o intérprete e alguns colegas ouvintes.

No que se refere à *Relação/Comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes* constatamos na 1ª (primeira) observação da aula que ES1 gosta de interagir e se comunicar com os colegas ouvintes. O mesmo se dirige aos colegas e os cumprimenta. Essa relação dos estudantes surdos com os ouvintes também acontece em sala de aula por meio do intérprete e gestos, pois nenhum estudante ouvinte da turma conhece a LIBRAS. Na 2ª (segunda) observação realizada percebemos que dos 3 (três) estudantes surdos que há na sala ES1 é o que mais interage com os colegas ouvintes seja por meio da escrita, dos gestos ou LIBRAS. Este procura os colegas para mostrar novidades, anda muito pela sala e conversa bastante. ES1 conversa até os colegas ouvintes compreenderem o que falou. Essa comunicação é bastante importante no processo de inclusão e os colegas ouvintes gostam dessa interação. Durante a 3ª (terceira) observação é notável que logo em sua chegada ES1 cumprimenta os colegas ouvintes, faz uma leitura da sala, como não ver os colegas surdos e nem o intérprete passa a conversar um pouco com os colegas ouvintes utilizando gestos, escrita e mostrando o celular. Em seguida, apresenta o colega surdo que trouxe, os colegas o cumprimentam por meio de gestos. A relação e comunicação dos estudantes ouvintes com os surdos são interessantes, pois mesmo sem conhecer a LIBRAS os mesmos se comunicam um pouco e um entende o outro. ES1 tem paciência com os colegas ouvintes e usa LIBRAS, gestos, escreve, mostra o celular até os mesmos compreenderem.

Analisando a 1ª (primeira) observação da aula constatamos que P2 ao explicar a dinâmica da formação de grupos pede que os estudantes se organizem. Os estudantes surdos vão ao encontro de alguns colegas ouvintes e forma um grupo, o intérprete também ficou neste mesmo grupo. O trabalho em grupo é uma estratégia que favorece a interação entre surdos e ouvintes, havendo a troca de ideias, a interação e a aprendizagem proposta pela inclusão. Na 2ª (segunda) observação realizada verificamos

que somente ES2 esteve presente na aula. Observamos que a interação de ES2 para com os estudantes ouvintes é muito pouca, apenas um bom dia e da mesma forma acontece da parte dos ouvintes. ES2 apresenta insegurança sem a presença do intérprete. Na 3ª (terceira) observação constatamos que ES1 durante a aula gosta de conversar com os ouvintes, assim que chega pede a P2 para dar um aviso e incentiva os ouvintes a fazerem o curso de LIBRAS ofertado pela associação de surdos da qual faz parte. A maioria dos colegas ouvintes não presta atenção. ES1 neste momento busca promover a inclusão porque sente a necessidade da comunicação em sala de aula.

Observando a aula de P3, de acordo com a 1ª (primeira) observação percebemos que a relação/comunicação dos estudantes surdos com os ouvintes se deu no momento da formação dos grupos. No grupo estes estudantes discutiram suas ideias por meio de gestos, escritas e com a ajuda do intérprete de LIBRAS. O trabalho em grupo favorece a inclusão dos estudantes surdos. Na 2ª (segunda) observação constatamos que essa relação e comunicação dos estudantes surdos com os ouvintes se dão novamente através da formação dos grupos onde uns procuram os outros. No momento das discussões a interação é ainda melhor, pois os mesmos utilizam gestos, escrita e o intérprete como suporte de comunicação. Esta interação entre surdo e ouvinte é um dos propósitos da inclusão. Na 3ª (terceira) observação é notável que o momento da formação dos grupos seja marcante para a relação/comunicação entre estudantes surdos e ouvintes. Os mesmos utilizam de estratégias para se comunicar como o aparelho de celular, mensagens escritas, gestos além do suporte do intérprete de LIBRAS.

Em síntese, a relação e comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes acontecem de forma interessante, pois sem conhecer a LIBRAS os mesmos se comunicam um pouco. ES1 tem paciência com os colegas ouvintes e usa a LIBRAS, gestos, escreve, mostra o celular até os mesmos compreenderem, já ES2 interage mais com o intérprete, quando este não se encontra na sala de aula. ES3 permanece sem buscar interação com os colegas ouvintes.

3.1.2.4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete

Apresentam-se no Quadro 11 e no texto que se lhe segue os resultados da observação de aula referente à **Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete**.

QUADRO 11 – RELAÇÃO/COMUNICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES SURDOS E O INTÉRPRETE

Professor	Nº de observações de aulas	Comportamentos observados
P1	1ª	Os estudantes surdos seguem a interpretação realizada pelo intérprete de LIBRAS, os mesmos estão sentados bem próximos, nas cadeiras, de frente para o intérprete. ES3 pede para o intérprete perguntar sobre os prazos da entrega dos relatórios.
	2ª	ES2 passa o tempo inteiro a espera do intérprete para comunicar algo e sempre que é necessário ES2 oraliza. ES2 pede para o intérprete tirar uma dúvida com P1, o intérprete, por sua vez, chama P1 e faz a pergunta de ES2 e traduz a resposta para a referida estudante. ES3 pergunta ao intérprete suas dúvidas e ele mesmo esclarece. ES2 conversa com o intérprete sobre o estágio e este vai explicando. ES3 novamente faz perguntas ao intérprete sobre o estágio e este responde mostrando todo o material. ES2 novamente chama o intérprete. ES3 pede para o intérprete se dirigir novamente a P1 e perguntar sobre os prazos para a entrega dos primeiros relatórios de estágio, referente à primeira semana. O intérprete vai ao encontro da P1 e pergunta conforme ES3 havia pedido. O intérprete volta e responde a ES3. O intérprete senta perto de ES2 e ES3, conversa com elas, vai novamente ao encontro de P1 realizar novas perguntas sobre o estágio a pedido das referidas estudantes e volta para explicar-lhes novamente. Após um tempo ES3 chama o intérprete e pergunta sobre a quantidade de horas do estágio. Este se dirige a P1 que está no outro grupo e pergunta, retornando para responder à ES3. ES2 e ES3 conversam sobre seus estágios e o intérprete acompanha a conversa. Conversam sobre o plano de aula do estágio. As monografias dos estudantes surdos estão sendo feitas individualmente. O intérprete tira as dúvidas de ES2 e ES3, inclusive sobre a ficha de estágio que precisa ser levada à escola. ES3 procura P1 para perguntar sobre o estágio, mas antes um colega ouvinte faz uma pergunta à ES3 e o intérprete traduz. Então, o intérprete é quem faz a pergunta que ES3 iria fazer sobre o tamanho do papel, pois no papel não aparecia o <i>slogan</i> da instituição e nem a assinatura. Logo o intérprete voltou e explicou à ES3 que teria que pegar outra ficha contendo todas essas informações.
	3ª	ES1 e ES2 me chamam e explicam que o intérprete está doente e que não virá para a faculdade.
P2	1ª	Neste momento, o intérprete está interpretando todas as falas de P2 para ES1, ES2 e

		ES3, mas apenas ES2 e ES3 demonstram compreensão, enquanto que ES1 está no telefone com o aplicativo <i>whatssap</i>. ES2 e ES3 estão interagindo com o intérprete, conversando também sobre gestão. O intérprete se encontra-se traduzindo a fala de P2 para ES2 e ES3. ES3 se comunica com ES2 e com o intérprete, enquanto que P2 escuta um estudante falar. ES2 e ES3 acompanham a aula por meio do intérprete que interpreta a explicação de P2.
	2 ^a	ES2 olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.
	3 ^a	ES2 cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS, abraça o intérprete e senta perto do mesmo. Este permanece sentado e começa a interpretar a aula para a mesma. O intérprete, por sua vez, está do lado esquerdo da sala, na parte da frente com ES2. O intérprete permanece junto a ES2 interpretando a fala de P2.
P3	1 ^a	O intérprete se encontra junto de ES1, ES2 e ES3 conversando e realizando a interpretação da fala de P3.
	2 ^a	Ao término da acolhida, todo o grupo leu a mensagem, sendo que os ouvintes oralmente e os surdos junto com o intérprete fizeram a leitura em LIBRAS.
	3 ^a	O intérprete está do lado direito na parte da frente da sala de aula junto a ES1, ES2 e ES3. O intérprete está junto aos estudantes surdos interpretando o que está acontecendo em sala de aula.

Na informação sobre a *Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete* constatamos na 1^a (primeira) observação da aula de P1 que os estudantes surdos estão atentos à interpretação realizada pelo intérprete de LIBRAS. Percebe-se que os mesmos dependem totalmente do intérprete de LIBRAS para se comunicar dentro da sala de aula. Os mesmos estão sempre junto ao intérprete, há o respeito e a amizade, pois já estão juntos há 4 (quatro anos). Assim sendo, os estudantes surdos se sentem seguros com o intérprete em sala que até para realizar perguntas ao professor o estudante surdo pede que o intérprete o faça. Na 2^a observação compreendemos que essa relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete acontecem de forma muito dependente. Compreendemos também que ES2 e ES3 dependem muito deste profissional, pois os mesmos pedem para o intérprete tirar as dúvidas que eles têm com o professor e em outras situações o papel do intérprete é confundido com o do professor.

Os estudantes surdos tiram dúvidas com o intérprete quando na verdade deveriam tirar com o professor. É preciso ter cuidado com a distorção dos papéis de cada um. Nesta aula observamos que o intérprete a todo o momento está perto de P1 realizando perguntas que os surdos enviam. Assim, a comunicação e o contato dos estudantes surdos com o professor não acontecem em nenhum momento durante esta aula, sendo necessário se ter cuidado com esta situação. O intérprete é apoio na comunicação do professor com os estudantes surdos e dos estudantes surdos para com o professor. Na 3ª observação é notável também que a relação e comunicação dos estudantes surdos com o intérprete são de total dependência. Nesta aula essa comunicação e relação não puderam ser novamente observadas porque o intérprete não compareceu a aula. Os estudantes surdos ficaram sem a comunicação e não participaram da aula.

Observando a 1ª (primeira) aula de P2 verificamos que a relação e a comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete se dão de forma positiva, porém, os estudantes surdos dependem totalmente do intérprete para participar e compreender as aulas, pois além da interpretação da aula o intérprete tira dúvidas dos estudantes surdos, conversa com P2 sobre as dúvidas dos mesmos. O intérprete tem uma função que vai além da determinada para o intérprete de LIBRAS. Alguns surdos não se sentem a vontade para conversar com o professor e por isso esse suporte acontece da parte do intérprete. ES2 e ES3 possuem mais timidez e ES1 é mais de se expressar, de procurar conversar. Na 2ª (segunda) aula constatamos que não houve nenhuma interação, pois o intérprete não esteve presente. Já na 3ª (terceira) observação percebemos novamente que a relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete acontecem de forma positiva, existe uma relação de amizade e respeito. O intérprete está a todo o momento dando o suporte na comunicação dos estudantes surdos. Há muita dependência dos estudantes surdos ao intérprete de LIBRAS por conta que ninguém da turma e nem P2 conhece a LIBRAS.

Observando a 1ª (primeira) aula de P3 constatamos que o intérprete aparece como sendo o mediador dessa comunicação entre P3 e estudantes surdos e entre estudantes ouvintes e estudantes surdos. Os estudantes surdos são amigos do intérprete de LIBRAS há 4 (quatro) anos, os mesmos se dão muito bem. Na 2ª (segunda) aula observada constatamos novamente que o intérprete de LIBRAS é o profissional que facilita a comunicação dos estudantes surdos com os professores e dos estudantes surdos

com os ouvintes. Os surdos estão sempre próximos do intérprete e este é muito paciente com os surdos. Na 3ª (terceira) observação é notável que o intérprete não deixa os estudantes surdos sozinhos e os mesmos também não ficam longe do intérprete. Este profissional trabalha promovendo sempre a comunicação dos estudantes surdos, facilitando esse processo. A relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete são as melhores possíveis.

Sintetizando as informações obtidas nas observações das aulas dos professores constatamos que o profissional intérprete de LIBRAS é indispensável para que a comunicação aconteça dentro da sala de aula no contexto das aulas dos 3 (três) professores. O que é perceptível é que este profissional em algumas situações acaba fazendo o papel do professor, ao tirar as dúvidas dos estudantes surdos, ao realizar perguntas aos professores no lugar dos estudantes surdos, mas a relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete são de amizade, compreensão e também de dependência.

3.1.2.5. Participação dos estudantes surdos na aula

Apresentamos a seguir os resultados obtidos referentes à *Participação dos estudantes surdos na aula*, primeiro no Quadro 12 e depois no texto que segue, destacando os aspectos relevantes.

QUADRO 12 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS NA AULA

Professor	Nº das observações de aulas	Comportamentos observados
P1	1ª	ES1 participa da aula, levanta a mão e pede a palavra.
	2ª	ES2 e ES3 demonstram preocupações com os trabalhos e analisam o material que trouxeram. ES2 e ES3 estão junto ao intérprete e este se encontra conversando com os estudantes no grupo.
	3ª	Às 09h00 h entra na sala Es2, procura o intérprete, não o encontra, mas fica na sala. [Pouco tempo depois] ES2 se ausenta da sala.
P2	1ª	ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.
	2ª	ES2 [parece] não perceber o que se passa na sala de aula.

		Passados mais alguns minutos, mais precisamente às 09h39 min ES2 se ausenta da sala,
	3 ^a	ES1 levanta o braço, se põe de pé e pede a vez para comentar o vídeo, o intérprete realiza toda a tradução para P2 e para os colegas ouvintes. ES1 fala que o vídeo é igual à escola, precisa de um estar em diálogo com o outro buscando alternativas para as soluções dos problemas. Em seguida, retorna ao seu lugar. ES1 levanta a mão, pede a vez e se põe em pé, de frente para a turma e o intérprete traduz para P2 e os colegas ouvintes. P2 interage e o intérprete traduz. ES1 ressalta que o professor precisa organizar métodos diferenciados para que o estudante aprenda. ES1 levanta a mão e comenta o vídeo dizendo que as pessoas enfrentam dificuldades, pessoas com deficiência física, pessoas que fazem hemodialise, o importante é o apoio. ES1 diz receber muito apoio. Toda a turma aplaude ES1. Em seguida, P2 elogia ES1.
P3	1 ^a	ES1 levanta a mão e pede a palavra. ES1 diz que os conceitos de letramento e alfabetização não estão claros, e pede para P3 explicar novamente. O intérprete está realizando a interpretação para a turma. P3 explica oralmente e o intérprete faz a interpretação.
	2 ^a	P3 pede a ajuda de ES2 para entregar o estudo dirigido aos colegas da turma. ES2 responde que fará com todo o prazer e inicia a distribuição. Ao terminar a distribuição ES2 devolve a P3 as sobras. Ao perguntar previamente sobre construtivismo ES3 ressalta que lembra a construção da aprendizagem das crianças. P3 parabeniza e diz ter a ver. ES1 levanta a mão e faz uma pergunta a P3. Piaget teve estudantes ou seguidores em suas ideias construtivistas? P3 responde oralmente e o intérprete faz a interpretação da fala de P3. P3 afirma que sim e cita Emília Ferrero que ampliou o campo para a leitura e a escrita afirmando que a criança aprende bem se estiver em um ambiente que estimule o contato com os textos, com as letras, leitura, produção. E que Emilia Ferrero também tem seguidoras como Telma Waz e Ana Teberosky que dão continuidade a esse trabalho chamado psicogênese da língua escrita e os níveis de escrita e hipóteses de leitura. Estes aspectos serão vistos na parte da tarde afirma P3. A turma afirma querer muito conhecer esses estudos. ES1 agradece a explicação e afirma que entendeu.
	3 ^a	ES1 levanta a mão e pede para argumentar. ES1 diz que é importante a associação entre a teoria e a prática para que o professor possa ter um melhor subsídio e conhecimento para poder agir rapidamente com os possíveis problemas que irá encontrar em sala, preparando também uma aula rica e de qualidade. É bom porque no curso de graduação estamos para entrar no estágio que vai confrontar as teorias que aprendemos até agora com a nova prática. P3 parabeniza e afirma que é de grande contribuição o argumento de ES1, os cursos precisam passar uma ideia do campo de trabalho ao novo profissional para que este possa ter a <i>chance</i> de experimentar desde já um pouco da futura profissão.

Relativamente à *Participação dos estudantes surdos na aula* é notável na 1^a (primeira) observação da aula de P1 que ES1 gosta muito de participar da aula e colocar suas opiniões. Sendo bastante participativo na aula. Observamos que ES3 participa pouco da aula, interage pouco, sempre recorre ao intérprete para tirar dúvidas ou pede para que o mesmo tire suas dúvidas e repasse a resposta do professor. É necessário se ter

cuidado nessas situações, pois o estudante surdo precisa opinar e participar, procurar o professor, o intérprete está para apoiar a comunicação. ES1 utiliza a LIBRAS para se comunicar, buscando comunicação com P1, mas P1 não compreende, então chega o intérprete que realiza a interpretação. Neste momento toda a turma esteve atenta aos questionamentos de ES1. Na 2ª (segunda) observação ressaltamos que durante a aula a participação dos estudantes surdos se deu nos grupos. Percebe-se que durante a aula os estudantes surdos estão bastante preocupados e tensos com os documentos referentes ao estágio. Em nenhum momento estes estudantes interagem fazendo perguntas a P1 e nem durante a aula, somente nos grupos e com o intérprete. Na 3ª (terceira) observação é notável não houve participação dos estudantes surdos na aula de P1, havia muito barulho, a turma estava agitada, os estudantes surdos ficaram inseguros com a falta do intérprete e se ausentaram da sala de aula. A participação dos estudantes surdos acontece quando o intérprete de LIBRAS está presente.

Referindo-se a 1ª (primeira) observação realizada da aula de P2 constatamos que as formas de participação dos estudantes surdos nesta aula foram à participação no grupo com os estudantes ouvintes como também a conversa e a interação com o intérprete de LIBRAS. Na 2ª (segunda) observação percebemos que ES2 (único estudante presente) não participou da aula. Sem o auxílio do intérprete de LIBRAS, ES2 passa pouco tempo em sala de aula. O intérprete tem papel fundamental na comunicação e na participação desses estudantes surdos. Sem a intervenção do intérprete os mesmos ficam inseguros e excluídos do processo de ensino e aprendizagem. Na 3ª (terceira) observação constatamos que ES1 participa bastante da aula, gosta de interagir, de expor suas ideias, de conversar com P2, com os colegas ouvintes, de estar nos grupos e circulando pela sala de aula. Em suas palavras e ações ES1 busca estar incluído, participar das ações propostas em sala de aula. Muito positivo o elogio de P2 para ES1 e também os aplausos da turma.

Observando a 1ª (primeira) aula de P3 constatamos que ES1 gosta bastante de participar das aulas, sempre busca interagir, tirar suas próprias dúvidas. O espaço dos estudantes surdos é respeitado, essa participação favorece o processo de inclusão e o ensino e aprendizagem. Na 2ª (segunda) aula observamos que P3 solicita a participação de ES2 na entrega do material aos colegas e esta participa com todo o prazer. É muito bom que o professor estimule a participação dos estudantes nas aulas de diversos

modos, seja através de perguntas ou solicitando algo. É notável a participação significativa dos estudantes surdos nesta aula. ES1 realiza perguntas e questionamentos, ES3 responde à pergunta feita por P3. Essa participação é um ponto positivo para o processo de inclusão. Na 3ª (terceira) observação ES1 sempre participa das aulas, levanta a mão, pede licença e se expressa. ES1 se sente à vontade para participar opinando nos grupos, conversando ou fazendo os slides. Na ideia colocada ao lado ES1 associa a teoria à prática com o momento que a turma está para vivenciar os estágios que comprovarão ou não o que aprenderam na teoria. Outro fator importante é o incentivo de P3 para ES1, esse apoio é de fundamental importância para o processo de inclusão.

Em síntese, é perceptível que os estudantes surdos participam das aulas dos 3 (três) professores, esta participação é ainda melhor nos grupos de trabalho e com o total apoio do intérprete. Sem a presença do intérprete os estudantes surdos não participam de forma eficaz das aulas dos professores.

3.1.2.6. Considerações importantes

Apresentamos a seguir os resultados referentes às **Considerações importantes** observadas nas práticas dos professores. Estas se encontram descritas no Quadro 14 e depois no texto que segue.

QUADRO 13 – CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

Professor	Nº das observações de aulas	Comportamentos observados
P1	1ª	P1 leciona as disciplinas de estágio supervisionado I e trabalho de conclusão de curso. A sala de aula é climatizada, contendo aparelho de projeção, cadeiras acolchoadas, aparelhos de som, DVD e TV, além de quadro branco e verde. Estavam presentes na aula 37 estudantes, incluindo surdos e ouvintes.
	2ª	ES1 se ausenta da sala, explicando que vai jogar futebol com os colegas.

	3 ^a	Neste momento e por volta das 10h15min chega ES1, cumprimenta os colegas. P1 não percebe que ele chegou... Os estudantes levam o material em pendrive para P1 realizar as possíveis correções e observações. P1 lê todo o material com bastante calma e conversa com os estudantes mostrando o que precisa ser melhorado, além de incentivar bastante os estudantes a continuarem o trabalho.
P2	1 ^a	ES1 está disperso, manuseia um material que trouxe, se dirige ao grupo e ao intérprete explicando que vai se ausentar porque precisa encontrar um amigo surdo em Recife. Dirige-se a P2 juntamente com o intérprete para comunicar a saída. P2 compreende e faz um sinal de positivo e ES1 se ausenta da sala de aula.
	2 ^a	Logo depois ES2 volta e comunica a mim que o intérprete só virá na parte da tarde e que iria esperar pelo mesmo.
	3 ^a	P2 Iniciou a aula às 08h50 min do dia 28/03/2015 com a disciplina de Gestão Escolar, estando presentes 34 (trinta e quatro) alunos, destes 3 (três) são surdos. O intérprete se encontra na sala. Os estudantes surdos se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.
P3	1 ^a	P3 proporcionou um momento de oração coletiva onde todos se deram os pés e fizeram a oração do Pai-nosso em LIBRAS. Como o intérprete também é estudante P3 também conversa com ele dizendo que o trabalho do mesmo é muito bonito e fundamental para os estudantes surdos. O mesmo agradece.
	2 ^a	Os estudantes surdos já estão presentes na sala de aula e se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.
	3 ^a	P3 conversa com o intérprete sobre a aula dando algumas orientações. P3 realiza seus comentários e adentrou no momento de oração e todos uniram os pés para fazer a oração do Pai nosso em LIBRAS

Referente às *Considerações importantes*, destacamos na 1^a (primeira) observação que P1 leciona 2 (duas) disciplinas nesta turma e conta com uma turma numerosa, contendo 47 estudantes ao todo. A sala oferece condições para uma boa aula dispondo de aparelhos, recursos e espaço. Observamos que 10 estudantes faltaram à aula neste dia. Na 2^a (segunda) observação ressaltamos que ES1 gosta muito de participar das aulas, expressa suas ideias e opiniões, contribui bastante nas aulas dos professores. Porém, nesta aula não se percebe o interesse deste estudante em permanecer na sala de aula. P1 não interage em nenhum momento com os estudantes surdos, a turma está bastante agitada neste dia. A saída de ES1 da sala de aula pode ter-se dado pelo fato de não ser atendido totalmente em suas necessidades, a não compreensão do que está sendo tratado, no momento o jogo de bola com os amigos surdos é mais atrativo para ES1. Durante a 3^a (terceira) observação é notável que P1 não percebeu a entrada de ES1 na sala de aula, o que pode revelar que P1 também depende

totalmente do intérprete para se comunicar com os estudantes surdos. P1 atende muito bem as necessidades dos estudantes ouvintes, orienta muito bem os TCCs, as diretrizes do estágio. O que falta é um olhar para as necessidades dos 3 (três) estudantes surdos. Algumas estratégias como os slides contendo imagens e formação de grupos favorece a aprendizagem e a interação entre os estudantes surdos e ouvintes. O ponto-chave para que a inclusão aconteça é a comunicação e esta se apresentou fragmentada no decorrer das aulas de P1.

Referindo-se a observação da 1ª (primeira) aula de P2 destacamos que ES1 também estuda Letras Libras em uma universidade pública, tendo bastante contato com colegas surdos. Observa-se que ES1 sempre fala dos colegas do curso, das aulas do curso de Letras LIBRAS, se sente bem e quer ir ao encontro dos colegas e fazer os trabalhos. ES1 demonstra respeito por P2 e pede o auxílio do intérprete para explicar a sua saída. Na 2ª (segunda) observação destacamos que ES2 tem uma relação de amizade com o intérprete de LIBRAS, procurando sempre se comunicar, além do gosto pelos estudos. Na 3ª (terceira) observação ressaltamos a organização do ambiente que é propício à aprendizagem e os estudantes surdos têm lugares dispostos para melhor visualização próximo do intérprete de LIBRAS. Esta disposição favorece a inclusão desses estudantes.

Na 1ª (primeira) observação de aula de P3 destacamos que o momento de oração foi marcado com a LIBRAS onde todos os estudantes participaram fazendo a oração do Pai-nosso. P3 realizou esta oração e os demais acompanharam. Momento este que também contribui para que a inclusão aconteça, os estudantes surdos precisam cada vez mais se sentir incluídos nos ambientes e instituições que frequentam. P3 também elogiou o trabalho do intérprete de LIBRAS. Este profissional é peça chave para que a inclusão aconteça nas instituições, sendo ponte, apoio e suporte na comunicação dos estudantes surdos. Na 2ª (segunda) observação destacamos a disposição e organização na sala de aula, pois esta dispõe de espaço e recursos diversos que favorecem a aprendizagem, esse fator é importante para que os estudantes surdos consigam participar do processo de ensino e aprendizagem. Na 3ª (terceira) observação ressaltamos o contato de P3 com o intérprete, os 2 (dois) se comunicam e trabalham em conjunto. Outro fator a destacar é o momento da oração em LIBRAS que contribui para que o surdo se sinta incluído na instituição de ensino superior.

Em síntese, as considerações que foram destacadas apontam que P1 e P2 necessitam aprender a LIBRAS para se comunicar e interagir com os estudantes surdos. Observa-se que falta também um olhar específico para a aprendizagem dos estudantes surdos. É importante a atuação do intérprete no processo de inclusão e aprendizagem, pois foi constatado que sem atuação deste profissional a comunicação não acontece.

A sala de aula dispõe de espaço e recursos favoráveis à inclusão, o que pode estar relacionado às estratégias propostas pelos professores, uma vez que os mesmos (professores participantes desta pesquisa) utilizam recursos que apoiam a aprendizagem.

3.2 As percepções dos estudantes surdos

Neste ponto apresentamos as percepções dos estudantes surdos com base na entrevista realizada. Nesta perspectiva retomamos aos objetivos específicos: caracterizar as percepções dos estudantes surdos relativas ao seu processo de inclusão e a sua aquisição de saberes acadêmicos, no que diz respeito às facilidades, dificuldades e estratégias adotadas. Nesta direção, a partir das percepções dos estudantes surdos será abordada a inclusão dos próprios estudantes surdos no curso de graduação em pedagogia, como consta nos Apêndices 6, 7, 8, 12, 13, 14, 18,19 e 20.

3.2.1. *Caraterização dos estudantes surdos*

Apresentamos nos quadros a seguir, as categorias, subcategorias e unidades de registros das entrevistas realizadas com os estudantes surdos, mais precisamente do curso de graduação em pedagogia.

Na análise às respostas dos estudantes procuramos traçar o perfil de cada entrevistado, perceber como acontece a comunicação dos professores com os estudantes surdos, a participação dos estudantes surdos em sala de aula, a avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem, a relação e a comunicação dos estudantes surdos e a inclusão desses estudantes.

Nesta direção apresentamos no quadro abaixo os resultados no que se refere à categoria, **perfil dos estudantes surdos entrevistados** bem como as subcategorias e unidades de registro.

QUADRO 14 – PERFIL DOS ESTUDANTES SURDOS ENTREVISTADOS

Categoria	Subcategoria	Estudante surdo	Unidade de Registo
Perfil do entrevistado	Como pessoa e estudante	ES1	“Primeiro, eu não conhecia o curso de pedagogia.” “Primeiro eu vim junto com mamãe conhecer a faculdade.”
		ES2	“Amo estudar e sou calma.” “Gosto das pessoas educadas que me auxiliam.” “Tem alguns alunos que me perguntam se eu sou calma.” “Gosto dessa interação porque é normal começar na inclusão.” “Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete.”
		ES3	“Bem, antes no ano de 2011 eu comecei a estudar no curso de pedagogia, eu senti vontade.”
	Idade	ES1	“32 anos”
		ES2	“33 anos”
		ES3	“31 anos”
	Curso que estuda	ES1	“Pedagogia e Letras Libras”
		ES2	“Pedagogia”
		ES3	“Pedagogia”
	Motivo da escolha do curso	ES1	“Eu sinto a necessidade de ensinar as crianças para o desenvolvimento delas.”
		ES2	“Eu escolhi o curso de pedagogia para ensinar as crianças.”
		ES3	“eu amo criança” “gosto de ensiná-las e é importante.”
	Tempo que estuda na Instituição de Ensino Superior	ES1	“Eu curso pedagogia há 4 anos.”
		ES2	“Já faz 4 anos.”
		ES3	“Há 4 anos.”

Os 3 (três) estudantes surdos entrevistados estudam no 8º período do curso de pedagogia, ou seja, estudam juntos na mesma sala de aula. Os 3 (três) estudantes surdos gostam do curso de pedagogia e escolheram este curso por almejar ensinar as crianças.

No que se refere à subcategoria, *perfil do entrevistado como pessoa e estudante*, ES1 relata que não tinha conhecimento da existência do curso de pedagogia, para este conhecimento teve a ajuda da mãe. ES2 afirma gostar de estudar além de ser paciente, gostando de pessoas que ajudem. Gosta também de interação porque é fundamental para ela começar no processo de inclusão. ES3 estuda pedagogia porque sentiu vontade

Fica evidente, nas falas dos estudantes surdos, o esforço em procurar uma instituição de ensino superior, a vontade de querer estudar e de participar do processo de inclusão. Porém, é necessário ressaltar a importância também do acompanhamento da

família, como menciona o ES1, que teve o apoio da mãe para se informar do curso de pedagogia e assim estudar. Para conseguir o intérprete de LIBRAS pela IES foi um desafio, pois houve dificuldade e a mãe de ES1 também participou desse processo.

Quanto à subcategoria *idade*, a média situa-se nos 32 anos, sendo esta a média da idade dos estudantes ouvintes que frequentam o curso de pedagogia.

Referindo-se à subcategoria, *curso que estuda*, ES1 estuda pedagogia na instituição pesquisada e letras LIBRAS em uma instituição de ensino superior pública. ES2 e ES3 estudam pedagogia na instituição de ensino superior pesquisada.

Observamos que o ES1 estuda em 2 (dois) cursos ao mesmo tempo, um funciona durante a semana e o outro aos sábados, são dois cursos distintos. O curso de Letras LIBRAS é voltado para a inclusão dos surdos, a maioria dos estudantes são surdos.

Na subcategoria, *motivo da escolha do curso*, os 3 (três) estudantes surdos ES1, ES2 e ES3 afirmam ter escolhido o curso de pedagogia para ensinar as crianças.

É evidente, nas falas dos estudantes surdos, o desejo e a vontade de ensinar as crianças, principalmente às crianças surdas. Um dos estudantes surdos tem um filho ouvinte e este já sabe se comunicar em LIBRAS.

Na subcategoria, *tempo que estuda na IES*, os 3 estudantes surdos ES1, ES2 e ES3 afirmam estar cursando pedagogia há 4 anos. Sendo assim, os estudantes surdos entrevistados estão cursando o último período do curso de pedagogia, sendo, portanto, estudantes concluintes. Estes já se encontram realizando os estágios e o trabalho de conclusão de curso.

Diante das falas dos estudantes surdos é possível compreender que os estudantes surdos são esforçados, gostam de estudar e escolheram o curso por sentirem a necessidade de ensinar.

3.2.2. Comunicação entre os professores e os estudantes surdos

Na sequência, apresentamos o quadro que contém os resultados na categoria, **Comunicação**, de acordo com as percepções desses estudantes, e uma breve análise dos mesmos.

QUADRO 15 – COMUNICAÇÃO

Categoria	Subcategoria	Estudante surdo	Unidade de registro
Comunicação	Idade em que aprendeu LIBRAS e onde	ES1	“Eu aprendi LIBRAS com 10 anos.” “comecei a frequentar um grupo de surdos onde lá comecei a observá-los e comecei a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais.”
		ES2	“Eu aprendi em Nazaré da Mata e já tinha 20 anos mais ou menos.”
		ES3	“comecei a frequentar o CREFAS – Centro de Formação de LIBRAS para crianças e adultos. Eu vim reconhecer a LIBRAS aos 2 anos de idade.”
	Utilização da LIBRAS na comunicação com os professores	ES1	“Eu? Ainda não.” “Aqui o professor não liga muito com o aluno, apenas o que entendemos realizamos as atividades e repassamos para ele.”
		ES2	“Mais ou menos, uso mais gestos.”
		ES3	“Sim, sim com a ajuda do intérprete.”
	Comunicação dos estudantes surdos com os professores	ES1	“Bom, eu consigo me comunicar com ele, mas quando a comunicação dele vem até a mim há uma barreira, precisa chamar o intérprete, aí sim a comunicação acontece.”
		ES2	“Através de gestos, às vezes LIBRAS ou então mostro as atividades a eles.” “Através de gestos, de bilhetes, com a ajuda do intérprete.”
		ES3	“Eu sempre senti vergonha de chegar perto, de fazer perguntas, sempre chamo o intérprete.” “Por gestos, pela escrita e até mesmo com o suporte do intérprete.”
	Comunicação dos professores com os estudantes surdos	ES1	“O professor começa a falar, eu não entendo nada, pergunto o que ele está falando não estou entendendo. Espera! Eu digo chama o intérprete é lei, eu preciso para compreensão certa.” “Aqui na faculdade o professor ensina, eu não entendo, eu o chamo, ele explica e o intérprete traduz. Também faz perguntas a mim, e eu respondo quando sei.” “Agora tem professor que percebo não gosta de interação, parece orgulhoso, então fico na minha, não interajo, uso sempre o intérprete.”
		ES2	“Através de gestos, às vezes LIBRAS.”
		ES3	“se ele ficar falando, falando eu surda não vou entender nada. Por isso é importante o intérprete.”

Os resultados para esta categoria apresentam que os 3 (três) estudantes surdos aprenderam LIBRAS com idades bem distintas. Estes estudantes não utilizam a LIBRAS para se comunicar com os professores porque estes não têm o conhecimento da LIBRAS. Os estudantes surdos se comunicam com os professores para perguntar algo sobre o assunto, tirar dúvidas, porém a maioria se comunica através do intérprete de LIBRAS.

Na subcategoria, *Idade que aprendeu LIBRAS e onde*, constatamos que ES1 aprendeu a LIBRAS aos 10 (dez) anos de idade; ES2 com 20 (vinte) anos e ES3 com 2 (dois) anos. Os 3 (três) estudantes surdos aprenderam LIBRAS na cidade onde residem, pois o grupo de surdos citado pelo ES1 e o centro de formação de LIBRAS para crianças e adultos citado pelo ES3 estão localizados na cidade destes estudantes.

Nas falas dos estudantes é notável que ES3 aprendeu LIBRAS mais cedo, com 3 (três) anos de idade. Podemos ressaltar a importância da família no apoio ao estudante surdo desde pequeno na preocupação com a LIBRAS e com a cultura surda, como também a importância dos grupos e associações de surdos mencionados pelo ES1 e ES2.

Na subcategoria, *Utilização da LIBRAS*, podemos constatar que apenas 1 (um) estudante surdo (ES3) utiliza a LIBRAS para se comunicar com o professor e com a ajuda do intérprete. ES1 afirma que não utiliza a LIBRAS para se comunicar com o professor porque este não se importa muito com o estudante. ES2 afirma utilizar mais gestos para se comunicar com o professor.

Percebemos nas falas dos estudantes surdos a não utilização da LIBRAS para se comunicar com os professores, essa pouca utilização está relacionado ao fator de que o professor não domina a LIBRAS, ficando difícil e inviável a utilização da LIBRAS em sala de aula. Portanto, dá-se abertura aos gestos e o suporte do intérprete de LIBRAS.

Quanto à subcategoria, *Comunicação dos estudantes surdos com os professores*, ES1 relata que ele consegue se comunicar com o professor e este o compreende. Mas, quando o professor tenta se comunicar com o estudante surdo este não compreende precisando chamar o intérprete de LIBRAS para que a comunicação aconteça. ES2 ressalta que se comunica mais com os gestos, às vezes em LIBRAS e ainda se comunica mostrando a atividade aos professores. ES3 afirma que sempre se sentiu tímida em chegar perto do professor para fazer perguntas, sempre chama o intérprete. O mesmo realiza as perguntas ao professor e leva a resposta para ES3.

Constatamos que a comunicação dos estudantes surdos não acontece de forma eficaz, por meio da LIBRAS, há, portanto uma barreira nessa comunicação, gerando assim uma timidez por parte do estudante surdo. O domínio da LIBRAS por parte do professor é o ponto relevante nessa comunicação.

No que compete à subcategoria, *Comunicação dos professores com os estudantes surdos*, ES1 relata que não compreende o que o professor está a falar e assim depende totalmente do intérprete, sem este a comunicação não acontece. Além, de ter professor que não gosta de se comunicar com os estudantes surdos. ES2 relata que se comunica com o professor às vezes em LIBRAS ou gestos. ES3 afirma que é muito importante a mediação do intérprete na comunicação, pois não compreende o que o professor fala.

Nesta direção, é perceptível na opinião dos estudantes surdos a importância da mediação do intérprete no processo de comunicação com o professor, pois este desconhece a LIBRAS.

3.2.3. Participação dos estudantes surdos

No quadro seguinte temos os resultados obtidos na categoria, Participação dos estudantes surdos. A seguir faz-se uma breve análise da informação.

QUADRO 16 – PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS EM SALA DE AULA

Categoria	Subcategoria	Estudante Surdo	Unidade de Registo
Participação dos estudantes surdos	Nas aulas dos professores	ES1	“Eu sempre venho à faculdade, participo fazendo as atividades, também bastante slides.”
		ES2	“Eu sempre participo fazendo as atividades, fazendo slides.”
		ES3	“Às vezes sim, às vezes não. Procuo o intérprete, às vezes ele não está. O professor não sabe se comunicar.”
	Na construção dos trabalhos em grupos	ES1	“Bem, quando há divisão de trabalho eu fico só, não chamo ninguém,” “logo em seguida os próprios ouvintes começam a se aproximar, então se formam os grupos” “gosto de organizar o grupo, fazer slides, mostrar sugestões, perguntar se está certo, o português.”
		ES2	“Reunimo-nos em grupo.” “Para me comunicar nos grupos faço uso de gestos” “ainda não há uma evolução com a comunicação em relação a LIBRAS, é difícil.”
		ES3	“Os grupos de ouvintes são formados, mas não me sinto a vontade de estar lá, eles só falam e eu não entendo.” “Então o intérprete vem me explicar e então dou opinião e ele repassa para o grupo.”

Nesta categoria, observamos que os estudantes surdos participam das aulas dos professores realizando as atividades. Os estudantes surdos participam dos trabalhos em

grupos, porém 1 (um) não gosta de estar nos grupos com os ouvintes e a maioria tem dificuldade para se comunicar com os colegas.

Sobre a *participação dos estudantes surdos em sala de aula*, ES1 e ES2 relatam que sempre vêm à faculdade, participam das aulas realizando as atividades e também *slides*. ES3 afirma que às vezes participa e às vezes não. Relata ainda que procura o intérprete e às vezes o mesmo não se encontra na IES e o professor não sabe se comunicar.

Percebemos que os 3 (três) estudantes surdos gostam de participar das aulas dos professores realizando as atividades e *slides* no *power point*. No entanto, ES3 relata que às vezes chega à sala de aula e o intérprete não está, então vai embora e não participa da aula porque não compreende o que o professor fala e nem a IES providencia uma pessoa para realizar as interpretações. Ficando assim ES3 sem estímulo para estudar e permanecer em sala de aula.

Na subcategoria, *construção dos trabalhos em grupos*, ES1 ressalta que quando há divisão de grupos para fazer trabalho em sala de aula este espera os colegas ouvintes se aproximarem. ES1 participa, dá opinião, apresenta para o grande grupo o trabalho realizado no pequeno grupo e tira nota 10 (dez). Este ainda afirma que gosta de organizar o grupo, fazer os *slides*, pergunta sempre aos colegas se o português escrito está correto. ES2 afirma que a comunicação no grupo é difícil, este utiliza gestos, mas não há uma evolução na comunicação. ES3 afirma que também tem dificuldade para se comunicar com os ouvintes nos grupos e não se sente à vontade de estar no grupo. ES3 chama o intérprete que explica o que o grupo está discutindo, o mesmo ainda dá a sua opinião e o intérprete de LIBRAS repassa para o grupo.

É evidente nas falas dos estudantes surdos a dificuldade de comunicação também nos grupos com os colegas ouvintes, embora os estudantes surdos gostem de realizar as atividades e o trabalho nos grupos. Existe uma barreira para que a comunicação aconteça, sendo necessária sempre a mediação do intérprete de LIBRAS.

3.2.4. Estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem

Na sequência apresentamos o quadro com os resultados da categoria **Estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem** de acordo com as percepções dos estudantes surdos.

QUADRO 17 – ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Categoria	Subcategoria	Estudante Surdo	Unidade de registo
Estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem	Estratégias utilizadas pelos professores na sala de aula	ES1	“já gostava de realizar as atividades, fazer pesquisas no computador”. “os professores falam: - Nossa! Excelente trabalho! Perguntam: você estuda na UFPE? Eu digo: - sim.” “Precisamos prestar atenção nas aulas, se está com sono, tomar um cafezinho.” “ O professor explica e o intérprete traduz.”
		ES2	“Bom, antes do intérprete não havia interação dos surdos com professores, depois chegou o intérprete, começou a ter.”
		ES3	“Os professores são bons, o de matemática, a de didática (...) eu gosto muito.” “Eu tenho dúvida, é difícil, mas pergunto ao intérprete e ele me ajuda.”
	Percepção do estudante surdo sobre a prática dos seus professores	ES1	“Em minha opinião o professor precisa trabalhar com palestras.” “Abordar temas que interessem aos alunos para que eles fiquem atentos tanto os ouvintes quanto os surdos” “não pode ser só cópias do quadro.”
		ES2	“Aprendendo LIBRAS. É importante.”
		ES3	“Falta o conhecimento aprofundado da Língua Brasileira de Sinais.”

Os resultados para esta categoria mostram que os estudantes surdos não revelam muitas estratégias utilizadas pelos seus professores para a aprendizagem. Os 3 (três) estudantes mencionaram o intérprete de LIBRAS como interlocutor da aprendizagem. Sobre a prática dos professores os estudantes surdos afirmam que os professores precisam aprender LIBRAS para melhorar a prática em sala de aula.

Na subcategoria, *estratégias utilizadas pelos professores na sala de aula*, ES1 ressalta que os professores elogiam o trabalho realizado por ele (ES1), falam que é preciso prestar atenção nas aulas. ES1 ressalta ainda que o professor explica e o intérprete de LIBRAS realiza a tradução durante as aulas. ES2 afirma que antes da chegada do intérprete não havia interação dos surdos com os professores somente

depois de esta chegar é que passou a existir a comunicação. ES3 relata que os professores são bons, citando os de matemática e didática, mas quando tem dúvidas pergunta ao intérprete de LIBRAS.

É notável nas falas dos estudantes surdos que o intérprete é um profissional necessário para que a comunicação aconteça em sala de aula e que antes de ter o intérprete na sala de aula, a comunicação não acontecia. É necessário ter condições e meios que promovam a comunicação entre os estudantes surdos com os professores e dos estudantes surdos com os ouvintes.

Na subcategoria, *percepção do estudante surdo sobre a prática dos seus professores*, ES1 dá algumas sugestões para a melhoria da prática dos seus professores como, por exemplo, o trabalho com palestras e com temas interessantes para os estudantes ouvintes e surdos e não somente o professor apresentar conteúdos copiados na lousa. ES1 relata ainda que o professor ensina e ele não compreende, tendo assim que chamar o intérprete. ES1 menciona que tem professor que não gosta de interação. ES2 e ES3 relatam que é preciso que os professores busquem o conhecimento da LIBRAS.

Fica evidente nas falas de ES2 e ES3 que haveria uma melhora significativa na prática dos seus professores se estes estudassem a LIBRAS. Nota-se que a comunicação vem sendo a grande dificuldade para que o processo de inclusão aconteça, sendo o ponto mais relevante. As aulas diversificadas também precisariam ser contempladas na ótica de ES1. Os estudantes surdos precisam de estratégias específicas que promovam a aprendizagem.

3.2.5. Relação dos estudantes surdos

O quadro 18 trata de apresentar os resultados referentes à **relação dos estudantes surdos com os colegas ouvintes e o intérprete de LIBRAS** e em seguida temos a síntese dos pontos mais relevantes.

QUADRO 18 – RELAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Estudante Surdo	Unidade de registo
Relação dos estudantes surdos	Com os colegas ouvintes	ES1	“Aqui no curso de pedagogia os alunos só vivem falando sempre” “quando querem perguntar ou saber de algo chamam o

			intérprete” “o intérprete colhe as informações e repassa e vice-versa.” “Quando quero me comunicar com eles também uso o intérprete como suporte dessa comunicação.”
		ES2	“A relação com os meus colegas é tranquila, tenho amigos na sala de aula.”
		ES3	“A relação é tranquila.”
	Com o intérprete de LIBRAS	ES1	“Eu e o intérprete nós temos um relacionamento bom” “eu sou inteligente, ele também, então trocamos muitas informações.” “Eu passo para ele e ele também me ajuda em alguns sinais.” “Eu também o ajudo quando ele sinaliza algum sinal errado eu o corrijo.”
		ES2	“Boa, ótima.”
		ES3	“Ótima.” “Eu pergunto muito a ele” “é importante porque ele faz a intermediação do professor para nós.”

Os resultados para esta categoria revelam que os 3 (três) estudantes surdos se comunicam por meio do intérprete e a relação também acontece na maioria das vezes por meio da mediação do intérprete. A relação e comunicação com o intérprete de LIBRAS de forma unânime é bastante positiva.

Na subcategoria *relação dos estudantes surdos com os colegas ouvintes* o ES1 afirma que os colegas ouvintes não têm paciência para compreender o que se fala e a todo tempo ficam falando na sala e este não compreende. Tanto ES1 chama o intérprete para ajudar na comunicação, como também o ouvinte o chama. ES1, ES2 e ES3 relatam recorrer ao intérprete para se comunicar com os colegas ouvintes. O ES3 afirma utilizar gestos e escrita também.

Percebemos que a relação de ES1 com os colegas ouvintes é um pouco conflituosa, ao mencionar que não há paciência para a compreensão e nenhum estudante ouvinte compreende LIBRAS. O intérprete precisa sempre mediar essa relação. ES2 e ES3 afirmam que a relação com os colegas ouvintes é bem tranquila, conseguem se comunicar com gestos e escrita.

No que se refere à subcategoria, *relação com o intérprete de LIBRAS*, ES1 afirma que tem um relacionamento bom com o intérprete e que troca muitas informações com o mesmo. ES2 limita-se a afirmar que essa relação e comunicação

com o intérprete são boas e ótimas. ES3 ressalta que é ótima, que pergunta bastante ao intérprete e que este faz a comunicação entre o surdo e o professor.

É evidente a relação amigável e saudável entre estudantes surdos e intérprete de LIBRAS. Os estudantes surdos se sentem a vontade com o mesmo, sempre chamando – o para perguntar, tirar dúvidas e conversar com o professor. É necessário se ter cuidado para não haver a confusão entre os papéis do professor e do intérprete. O professor é responsável por todo o processo de aprendizagem dos estudantes ouvintes e surdos e o intérprete apenas fornece o auxílio na comunicação entre estudantes surdos e professores e entre estudantes surdos e ouvintes.

3.2.6. Inclusão

A seguir apresentamos a informação que contém os resultados obtidos na categoria **Inclusão**.

QUADRO 19 – INCLUSÃO

Categoria	Subcategoria	Estudante Surdo	Unidade de Registro
Inclusão	Conceito	ES1	“O que entendo sobre inclusão é que antigamente não existia, não havia intérprete”. “nos interiores ninguém sabia o que era. Não havia um conhecimento”. “Não conhecia o decreto que fala sobre inclusão.” “Hoje já conhecemos, já entendemos, mas há uma inclusão mais ou menos, precisa-se de mais elaboração.” “Chegou o decreto porque veio do governo e a presidente aceitou.” “Eu preferia a sala só com alunos especiais” “eu estudei em sala especial” “mas depois chegou a inclusão e acabou as salas especiais.”
		ES2	“Bom, antes não tinha na sala de aula ouvintes e surdos e hoje já tem.”
		ES3	“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.” “Eu gosto mais de salas especiais em questão do aprendizado.”
	Inclusão do estudante surdo, no ensino superior	ES1	“sobre inclusão dos surdos na sala de aula é muito bom,” “apesar de que não havia inclusão, o surdo ficava sozinho junto com ouvinte não aprendia muito.” “Depois chegou o intérprete e ajuda a trocar informações.” “Hoje há uma troca de experiência com os ouvintes.” “Aqui na faculdade há mais ou menos inclusão” “hoje os alunos conseguem formar grupos com os surdos com a ajuda do intérprete.”
		ES2	“Significa um estudo mais aprofundado.” “Eu penso que em sala de aula é difícil, precisa ter paciência.”
		ES3	“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está

			no mesmo grau de estudo.” “Igual, o ouvinte e o surdo evoluindo junto.”
	Contribuição da instituição de ensino superior	ES1	“Em parte.” “A inclusão surgiu no curso de pedagogia através dos alunos surdos, do intérprete” “aqui as pessoas sabem que tem estudantes surdos.”
		ES2	“aqui na faculdade é bom porque chegou o intérprete.”
		ES3	“Sim. Porque há uma troca de experiência, uma parceria.”
	Ações que precisam ser realizadas ou melhoradas	ES1	“Bom, eu percebo que precisa mais comunicação entre os alunos e professores,” “precisa ser mais firme, falta organização para melhorar.”
		ES2	“Os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar conosco.”
		ES3	“Os surdos precisam divulgar, chamar a atenção,” “falar que há inclusão, há uma ligação com o intérprete.”
	A inclusão do estudante surdo, no curso de pedagogia	ES1	“Em parte. Porque aqui tem surdos que precisam estudar” “tem o intérprete que ajuda na comunicação. Mas, antes não havia, teve muita confusão até chegar um intérprete.”
		ES2	“Sim. Porque há uma ajuda de parceria entre o professor e o intérprete” “também por conta do perfil da universidade.”
		ES3	“Sim. Aqui tem inclusão.” “É importante o surdo na universidade.”

Os resultados para esta categoria mostram que os 3 (três) estudantes surdos conhecem o conceito de inclusão, mas ES1 e ES3 preferem as salas especiais. A inclusão do estudante surdo no ensino superior de acordo com as percepções dos estudantes entrevistados significa a interação do estudante surdo e ouvinte para aprender, os dois evoluindo juntos. No que se refere à contribuição da IES para a inclusão 2 (dois) estudantes afirmam que esta contribui e 1 (um) afirma que a IES contribui em parte. Quanto às ações a serem melhoradas ou realizadas, os estudantes surdos ressaltam que os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar. Sobre a inclusão do estudante surdo no curso de pedagogia 2 (dois) afirmam que se sentem incluídos.

Na subcategoria, *conceito da inclusão*, ES1 afirma que hoje conhecemos os documentos que regem a inclusão, compreendemos, mas ainda não há uma inclusão, precisa de mais elaboração. ES1 relata ainda que prefere as salas especiais, estudou nessas salas e quando chegou à inclusão estas foram chegando ao fim. ES2 resalta que antigamente não havia surdo e ouvinte numa mesma sala, mas hoje já se tem. ES3

afirma que a inclusão é o estudante surdo e o ouvinte estarem no mesmo grau de estudos e que também prefere as salas especiais por causa da aprendizagem.

Fica evidente nas falas dos estudantes surdos a preferência por salas especiais. Essa preferência se dá porque os estudantes surdos são atendidos por meio da comunicação através da LIBRAS, tendo o contato com outros estudantes surdos, além do professor compreender a LIBRAS. Só que a inclusão tem essa proposta específica e mais o contato entre os estudantes surdos e ouvintes. O que acontece atualmente é que os professores não são formados e capacitados para atuar com os estudantes surdos, gerando assim um fragmento na comunicação. Os 3 (três) estudantes gostam da proposta de inclusão, porém na prática eles têm dificuldade de estar em uma sala de aula onde o professor não é preparado para atuar respeitando as diferenças.

Na subcategoria *inclusão do estudante surdo no ensino superior* ES1 afirma que na IES na qual estuda há uma inclusão mais ou menos, deixando subentendido como acontece essa inclusão mais ou menos. E que hoje já se conseguem formar grupos com surdos e ouvintes com o auxílio do intérprete. Para ES2 a inclusão do estudante surdo na IES significa um estudo aprofundado e que é difícil uma inclusão em sala de aula, sendo necessária paciência. ES3 ressalta que a inclusão do estudante surdo na IES deve ser igual, o ouvinte e o surdo evoluindo juntos.

Percebemos que os estudantes compreendem que precisam ficar nas salas regulares tendo o contato com os colegas ouvintes, intérprete e professor. Mas, também deixa claro que existe uma tentativa de inclusão e não uma inclusão. Aponta-se a inclusão como sendo difícil e que é preciso ter paciência. Sendo assim, não se pode haver uma inclusão se não há a comunicação.

Na subcategoria, *contribuição da instituição de ensino superior*, ES1 afirma que a mesma contribui em parte para que a inclusão aconteça e que esta inclusão teve Início com os estudantes surdos e com o intérprete de LIBRAS. ES2 afirma que a IES é boa porque chegou o intérprete. ES3 afirma que a IES pesquisada contribui para a inclusão do estudante surdo porque há uma troca de experiência, uma parceria.

Percebemos que os estudantes surdos lutaram muito junto à IES para que chegasse o intérprete, 2 (dois) dos estudantes afirmam que na IES há inclusão por conta do intérprete que realiza toda a mediação na comunicação. É necessário ressaltar que para a inclusão acontecer apenas ter o intérprete em sala não basta. A inclusão requer

uma mobilização desde a direção, departamentos, secretaria, professores e estudantes ouvintes, estes precisam estar inteirados sobre a cultura surda e a língua brasileira de sinais.

Na subcategoria, *Ações que precisam ser realizadas ou melhoradas*, ES1 ressalta que a comunicação entre estudantes e professores precisa ser mais firme. ES2 afirma que os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicarem com os estudantes surdos. ES3 relata que os surdos precisam realizar divulgação chamando a atenção para a inclusão.

Nas falas dos estudantes surdos temos o ponto relevante novamente a aprendizagem da LIBRAS por parte dos professores e outro ponto é a mobilização por parte dos próprios estudantes surdos que precisam lutar pela inclusão através dos grupos e associações que frequentam.

No que se refere à subcategoria, *percepção do estudante surdo sobre sua inclusão no curso de pedagogia*, ES1 afirma que está incluído em parte, justificando que na IES pesquisada tem estudantes surdos que precisam estudar e tem também o intérprete que dá suporte à comunicação, justificando ainda que houve confusão até poder chegar o intérprete de LIBRAS. ES2 afirma que se sente incluído no curso de pedagogia porque há uma parceria entre o professor e o intérprete. ES3 afirma que também se sente incluído no curso de pedagogia, que na IES pesquisada há inclusão e que é importante o surdo na universidade.

Constatamos nas percepções dos estudantes surdos que 2 (dois) destes estudantes se sentem incluídos por causa do intérprete de LIBRAS que dá conta de mediar a comunicação e também por causa da parceria entre o professor e o intérprete. Sendo assim, as dificuldades encontradas se dão com relação à comunicação dos professores com os estudantes surdos e também na comunicação dos estudantes ouvintes com os estudantes surdos. No que se refere às facilidades no processo de inclusão e de ensino e aprendizagem é a atuação do intérprete de LIBRAS que dá a sua contribuição para que os surdos não se sintam excluídos.

Constatamos que as percepções dos estudantes surdos relativas ao seu processo de inclusão e a sua aquisição de saberes mostram que ainda há dificuldades nesse processo. Nesta direção, os estudantes surdos que foram entrevistados compreendem que a inclusão precisa acontecer, sendo necessária a interação com os ouvintes, com o

professor, porém há falhas na comunicação com os seus pares afetando assim o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com as percepções dos estudantes surdos os professores precisam aprender a LIBRAS para utilizar na comunicação e nas aulas e também abordar os conteúdos de maneira dinâmica de modo a conquistar a atenção dos estudantes surdos e ouvintes.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo será apresentada a discussão dos resultados obtidos nas entrevistas dos professores e dos estudantes surdos bem como nas observações das aulas dos professores. Primeiro, faremos o cruzamento das percepções dos professores e dos estudantes surdos e em seguida o cruzamento das percepções dos professores com as suas práticas de sala de aula.

4.1. As percepções dos estudantes surdos e dos seus professores: convergências e divergências

Buscamos aqui fazer a discussão dos resultados obtidos tendo como base as percepções dos estudantes surdos e dos seus professores destacando as convergências e divergências como também confrontar esses resultados com as informações teóricas e os resultados das investigações empíricas analisadas. Assim sendo, faremos esta discussão dos resultados através das categorias e subcategorias apresentadas nos quadros a seguir.

4.1.1. Perfil dos entrevistados

No que se refere à categoria **perfil dos entrevistados** discutimos os seguintes resultados:

QUADRO 20 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidades de registo	Professores	Unidades de registo
Perfil dos entrevistados	Caracterização pessoal e profissional	ES1	“32 (trinta e dois) anos de idade” “Primeiro, eu não conhecia o curso de pedagogia.” “Primeiro eu vim junto com mamãe conhecer a faculdade.”	P1	“tenho 32 anos de idade”. “como pessoa e profissional que sou, gosto de fazer tudo muito bem feito porque eu preciso zelar pelo meu nome, pela minha imagem.” “Então, eu gosto de tudo certinho, porque eu posso cobrar das outras pessoas e também posso ser cobrada a partir do momento que faço o meu trabalho bem feito.”
		ES2	“33 (trinta e três) anos” “Amo estudar e sou calma.” “Gosto das pessoas educadas que me auxiliam.” “Tem alguns alunos que me perguntam se eu sou calma.” “Gosto dessa interação porque é normal começar na inclusão.” “Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete.”	P2	“Tenho 42 anos” “como pessoa e também como profissional eu sou uma pessoa acessível.” “Eu me considero extrovertida, legal.” “Sou de fácil amizade,” “sou uma pessoa normal, simples, humilde.”
		ES3	“31 anos” “Bem, antes no ano de 2011 eu comecei a estudar no curso de pedagogia, eu senti vontade.”	P3	“tenho 28 anos” “Como pessoa eu gosto muito de ajudar as pessoas” “de compartilhar o que eu sei com as outras pessoas” “de aprender com cada uma que eu convivo, que eu encontro e que trabalho.” “sou uma pessoa muito aberta ao diálogo e também ao novo.” “Como profissional eu sou uma professora que gosto das minhas aulas planejadas com antecedência.” “Levo tudo organizado para a sala de aula.” “Gosto de utilizar diversas estratégias para que os alunos aprendam.”
	Tempo de estudo/atuação no ensino superior	ES1	“Eu curso pedagogia há 4 anos.”	P1	“Faz mais ou menos em torno de 1 (um) mês que estou trabalhando na educação superior, chamada pela Instituição de Ensino Superior” “estou gostando da experiência.”
		ES2	“Já faz 4 anos.”	P2	“estou atuando em torno de 10 a 15 anos por aí, acho que mais, 15 anos.”
		ES3	“Há 4 anos.”	P3	“Atuo no magistério superior há precisamente 3 (três anos).”

Nesta categoria procuramos discutir os resultados obtidos ao caracterizar os entrevistados. Sendo assim, na subcategoria do perfil dos entrevistados, *caracterização pessoal e profissional*, constatamos que as idades dos estudantes surdos são aproximadas, sendo ES2 com 33 (trinta e três), ES1 com 32 (trinta e dois) e ES3 com 31 (trinta e um). Constatamos também que entre os estudantes surdos existem convergências no que se referem ao interesse pelos estudos procurando assim o curso de graduação em pedagogia. É importante destacar que ES1 não conhecia o curso (pedagogia), mas com a ajuda da mãe passou a conhecer e assim se inscreveu no vestibular e foi aprovado para cursar. O vestibular foi realizado na língua portuguesa escrita, não tendo a especificidade para estudantes surdos. Já a situação de ES2 diverge da situação de ES1, pois ES2 não teve a ajuda das pessoas, mas afirma gostar da interação que há na turma.

Nesta direção, a presença dos estudantes surdos na instituição de ensino superior vai de encontro ao pensamento de Bisol (2013) apontando que esta presença é recente e acontece por conta de alguns fatores que são:

O reconhecimento, a partir de meados da década de 1990, do status de língua para a língua de sinais; o desenvolvimento de propostas de educação bilíngue de qualidade para surdos; e um momento histórico no qual políticas públicas de inclusão vêm aos poucos aumentando o acesso e a participação ativa de pessoas com necessidades especiais em diferentes contextos sociais. (BISOL, 2013, p.148).

Assim sendo, esta procura por parte dos estudantes surdos pelo ensino superior reflete-se nas instituições de ensino fazendo com que estas busquem promover a inclusão.

Referindo-se aos professores através da subcategoria, *caracterização pessoal e profissional*, encontramos divergências nas idades dos mesmos, sendo P2 com maior idade e mais tempo de serviço (42 anos de idade/15 anos de serviço), P3 com menor idade e tempo médio de serviço (28 anos de idade / 3 anos de serviço) e P1 com uma idade média e menor tempo de serviço (32 anos de idade / 1 mês de serviço).

Encontramos também convergências entre os mesmos. P1, P2 e P3 dizem ser profissionais acessíveis e que gostam de realizar o trabalho bem feito, com aulas planejadas e organizadas.

Confrontando os resultados dos estudantes surdos e de seus professores referentes à idade é possível constatar que há uma aproximação, inclusive P3 (com 28 anos) tem menos idade entre os professores e os estudantes surdos; a média de idades dos estudantes (32 anos) é muito próxima da média de idade dos professores (34 anos), sendo que um dos professores é 3 (três) anos mais novo que o mais novo dos estudantes.

Constatamos também que tanto os estudantes surdos quanto os seus professores em suas percepções estão abertos ao diálogo e dispostos a ensinar e aprender e a promover a inclusão, o que está de acordo com Machado (2010) “a educação inclusiva leva em consideração a pluralidade das culturas, a complexidade das redes de interação humanas” (MACHADO, 2010, p.69).

P3 ao afirmar que utiliza em suas aulas diversas metodologias vai de encontro ao que Sanches e Teodoro (2006) abordam:

Numa escola inclusiva só pode existir uma educação inclusiva, uma educação em que a heterogeneidade do grupo não é mais um problema, mas um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo dos profissionais da educação, gerando e gerindo mudanças de mentalidades, de políticas e de práticas educativas. (SANCHES; TEODORO, 2006, p.72).

Assim sendo, as práticas educativas com metodologias diversificadas podem contribuir e valorizar toda a turma. É um desafio constante para o professor pensar em estratégias que inclua todos os estudantes.

Quanto à subcategoria *Tempo de estudo/atuação no ensino superior*, os 3 (três) estudantes surdos afirmam que cursa pedagogia há 4 (quatro) anos, portanto entraram no curso juntos e no momento são estudantes concluintes e em fase de estágios e TCCs.

Referindo - se aos 3 (três) professores os mesmos divergem neste tempo. P2 atua já há bastante tempo (15 anos), em seguida se encontra P3 (3 anos) e P1 (apenas 1 mês).

Confrontando as percepções dos estudantes surdos com a de seus professores encontramos divergências no tempo em que estão no ensino superior. Os estudantes surdos cursam pedagogia há 4 (quatro) anos, enquanto que o tempo de experiência dos professores varia.

A partir do exposto é possível compreender que os estudantes surdos são esforçados e gostam de estudar além de passarem o período de todo o curso de

pedagogia compartilhando as experiências/dificuldades com vários professores. Este resultado encontra-se com a pesquisa realizada por Ansay (2009), apontando que não é uma tarefa fácil para os estudantes surdos estarem no ensino superior, pois muitos desafios são encontrados pelos mesmos. Os professores, por sua vez, se esforçam para atender os estudantes surdos, porém 2 (dois) destes não têm formação na área de inclusão e LIBRAS.

4.1.2. Comunicação entre professores e estudantes surdos

Discutimos a seguir os resultados referentes à categoria **comunicação entre professores e estudantes surdos**.

QUADRO 21 – COMUNICAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidade de registo	Professores	Unidade de registo
Comunicação entre professores e estudantes surdos	Aprendizagem da LIBRAS	ES1	“Eu aprendi LIBRAS com 10 anos.” “comecei a frequentar um grupo de surdos” “lá comecei a observá-los” “comecei a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais.”	P1	“Não. Não fiz até o momento ainda porque não tive oportunidade” “mas acho muito bonito quem sabe falar, quem sabe se expressar com relação” “sei que o mercado está se expandindo muito” “há necessidade de fazer parte.”
		ES2	“Eu aprendi em Nazaré da Mata e já tinha 20 anos mais ou menos.”	P2	“Não fiz ainda” “mas estou bastante interessada” “trabalhei numa escola durante três anos que tinha uma sala de especiais de surdo – mudo e a professora de lá dava umas dicas ao nosso grupo” “Então, eu já sei algumas coisas, pouquinho, bem básica, mas eu acho muito interessante.” “Estou com vontade de fazer agora.”
		ES3	“comecei a frequentar o CREFAS – Centro de Formação de LIBRAS para crianças e adultos.” “Eu vim reconhecer a LIBRAS aos 2 anos de idade.”	P3	“Sim. Eu fiz curso de LIBRAS, um curso técnico que teve duração de 2 (dois) anos.” “Nesse curso nós aprendemos a teoria da Língua Brasileira de Sinais, a lei que está em volta da disseminação e da expansão da LIBRAS nas escolas, nas instituições e também o principal, nós aprendemos um pouco da língua das pessoas surdas” “nós tivemos vários conteúdos ligados a LIBRAS, juntamente com muita prática” “durante o curso conhecemos muitos surdos tanto homens quanto mulheres e nós passamos a dialogar tendo um contato mais próximo com essas pessoas.”
	Modalidades de comunicação	ES1	“Eu? Ainda não.” “Aqui o professor não liga muito com o aluno, apenas o que entendemos realizamos as atividades e repassamos para ele.”	P1	“Por meio do intérprete que tem aqui na sala” “tento ao máximo compreender, tentar fazer com que eles compreendam o que eu venho falando.”
		ES2	“Mais ou menos, uso mais gestos.”	P2	“alguma noção eu tenho, é bem básico, um bom dia, um olá, perguntar nomes, porque as letras algumas eu já sei fazer também e tem que ter o auxílio de alguém com certeza.” “É muito complicado” “tem que ter alguém com certeza para auxiliar, no caso feito essa sala da gente que tem 1 (um) intérprete e 3 (três) estudantes surdos, tem que ter realmente porque a gente fala acelerado para dar aula” “os gestos assim, a gente sabe o básico mesmo.” “Então não tem como não. Tem que ter alguém para nos ajudar.”
		ES3	“Sim, sim com a ajuda do intérprete.”	P3	“eu utilizo a Língua Brasileira de Sinais” “por saber um pouco dessa língua, utilizo também outras estratégias” “Procuro realizar na minha aula sempre metodologias que tragam o visual, como slides com ilustrações para que ajudem os estudantes surdos a compreender um pouco do assunto com mais facilidade.” “E o principal também é que nós temos muito contato com o intérprete de LIBRAS que há na sala.”

Na subcategoria referente a *Aprendizagem da LIBRAS*, percebemos que os 3 (três) estudantes surdos aprenderam LIBRAS no local onde residem, porém as idades que esses estudantes aprenderam divergem bastante. ES2 aprendeu LIBRAS com mais idade (aos 20 anos), enquanto que ES1 (aos 10 anos) e ES3 (aos 2 anos) aprenderam com menos idade. Sendo assim, os 3 (três) estudantes surdos têm assegurada a 1ª (primeira) língua de direito (a LIBRAS), indo de encontro ao que regulamenta a lei nº 10.436 de 2002 que apresenta a língua brasileira de sinais (LIBRAS) como sendo “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. (BRASIL, 2002).

Referindo-se aos professores dentro da mesma subcategoria, *Aprendizagem da LIBRAS*, é notável que apenas P3 conhece a LIBRAS, tendo feito um curso técnico com duração de 2 (dois) anos.

Confrontando as percepções dos estudantes surdos com as de seus professores encontramos divergências e impasses que dificultam a comunicação em sala de aula. Este resultado vai de encontro aos resultados das investigações empíricas analisadas no enquadramento teórico, mais precisamente na pesquisa desenvolvida por Bisol (2010) que aponta o desafio encontrado pelos estudantes surdos ao estudarem em uma instituição de ensino superior que é direcionada a comunidade ouvinte, pois a LIBRAS, o contato com os estudantes surdos e a valorização de sua cultura não são consideradas. Os desafios especificamente mencionados são: "o primeiro deles diz respeito à identidade surda: estar em um ambiente onde a surdez e a comunicação visual não são a regra exige muito desses jovens". (BISOL, 2010, p.169).

Na subcategoria, *modalidades de comunicação*, é notável que a LIBRAS é pouco utilizada. Os estudantes surdos utilizam mais gestos ou pedem a ajuda do intérprete. Somente ES2 afirma utilizar um pouco a LIBRAS.

Referindo-se à mesma subcategoria, *modalidades de comunicação*, constatamos que 2 (dois) professores se comunicam com os estudantes surdos através do intérprete de LIBRAS e também de gestos (P1 e P2). Enquanto que 1 (um / P3) afirma utilizar a LIBRAS juntamente com o auxílio do intérprete e também através de metodologias que tragam o visual como ponte para a comunicação.

Assim sendo, encontramos convergências entre as percepções dos estudantes surdos com as de seus professores ao afirmarem que não utilizam a LIBRAS e sim o auxílio do intérprete e gestos. No entanto, ES2 afirma utilizar um pouco da LIBRAS também e P3 utiliza LIBRAS em alguns momentos por conhecer um pouco. Pode ser que ES2 e P3 se comuniquem mais entre si por ressaltarem que utilizam a LIBRAS.

Este resultado está de acordo com o resultado da pesquisa realizada por Cruz (2007) ao constatar que a dificuldade maior é que a universidade se encontra organizada para ouvintes não havendo a contemplação da LIBRAS.

Diante do exposto, compreende-se que o ponto chave para que a comunicação aconteça entre estudantes surdos e professores são o conhecimento e domínio da língua brasileira de sinais (LIBRAS), sendo preciso investir na formação de professores para este fim.

4.1.3. Relação

Apresentamos a seguir a discussão dos resultados referentes à categoria, **Relação.**

QUADRO 22 – RELAÇÃO

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidade de registo	Professores	Unidade de registo
Relação ¹	Entre estudantes surdos e professores	ES1	“Bom, eu consigo me comunicar com ele” “mas quando a comunicação dele vem até mim há uma barreira” “precisa chamar o intérprete, aí sim a comunicação acontece.”	P1	“É proveitosa para mim” “acredito que para eles também porque a cada dia eu aprendo um pouquinho mais como me expressar com os dedos.”
		ES2	“Através de gestos, às vezes LIBRAS ou então mostro as atividades a eles.” “Através de gestos, de bilhetes, com a ajuda do intérprete.”	P2	“Muito bom e muito amigável.” “Uma das alunas, ela é professora lá do CREFAS, ela dá aula de LIBRAS lá e eu disse a ela que aqui eu sou professora dela e lá ela vai ser minha professora. Então, ela começou rir. Isso foi hoje.” “Então super bem, sem problema algum.” “Tento ser bastante clara, tento ser o máximo que posso.”
		ES3	“Eu sempre senti vergonha de chegar perto, de fazer perguntas, sempre chamo o intérprete.” “Por gestos, pela escrita e até mesmo com o suporte do intérprete.”	P3	“é uma relação de amizade.” “Nós conversamos bastante sobre a temática, os acontecimentos que vem perdurando no âmbito nacional, municipal e estadual”. “Então, é uma relação de amizade, é uma relação de respeito, um buscando aprender com o outro.” “Então, assim, eles são muito carinhosos e muito amigos.”
	Dos estudantes surdos e professores com o intérprete	ES1	“Eu e o intérprete, nós temos um relacionamento bom” “eu sou inteligente, ele também, então trocamos muitas informações.” “Eu passo para ele e ele também me ajuda em alguns sinais.” “Eu também o ajudo quando ele sinaliza algum sinal errado eu o corrijo.”	P1	Satisfatória.
		ES2	“Boa, ótima.”	P2	“Muito boa.” “Da melhor maneira possível” “às vezes até assunto extrassala que eu quero dizer para os alunos de LIBRAS, que eu não sei, eu já o chamo para me auxiliar”. “a gente se dá super bem”
		ES3	“Ótima.” “Eu pergunto muito a ele” “é importante porque ele faz a intermediação do professor para nós.”	P3	“é a melhor possível.” “Ele é um profissional muito atento, muito aberto, dá sugestões para as aulas.” “ele é uma pessoa que realmente eu vejo como parceiro dentro da sala de aula” “É uma pessoa totalmente capacitada”

¹ A relação e a comunicação estão muito ligadas, daí que ES1 não faça a diferença, como se verifica no quadro.

Na subcategoria, *Relação entre estudantes surdos e professores*, constatamos que os estudantes não conseguem separar a comunicação da relação, verificando-se que os 3 (três) estudantes surdos dependem do intérprete para se relacionar com os professores. ES1 ressalta que consegue se comunicar com o professor, porém o mesmo (professor) não consegue se comunicar, há uma barreira nessa relação por conta da fragmentação da comunicação. ES2 e ES3 utilizam gestos e escritas. ES2 menciona novamente que às vezes utiliza a LIBRAS. Na mesma subcategoria, os 3 (três) professores afirmam que esta relação é positiva. Sendo proveitosa, amigável e de amizade.

Confrontando os resultados das percepções dos estudantes com as de seus professores constatamos divergências. Primeiramente, ES1 afirma que há uma barreira nessa relação por conta da comunicação, enquanto que ES2 e ES3 se relacionam com os professores através do intérprete, gestos e escrita. P1, P2 e P3 afirmam que se relacionam de forma tranquila, mesmo sem conhecer a LIBRAS (no caso de P1 e P2). Aqui encontramos novamente a dificuldade existente na categoria anterior, a falta do conhecimento da LIBRAS que também dificulta essa relação entre estudantes surdos e professores. Este resultado segue contra ao que é proposto por Quadros (2004) “a educação de surdos no Brasil deve ser bilingue, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua” (QUADROS, 2004, p.17).

Nesta perspectiva, os professores precisam buscar formações que contemplem a LIBRAS e a educação especial na perspectiva inclusiva, pois as novas exigências do trabalho docente requerem profissionais qualificados para saber atuar com as diferenças. Sendo assim, este fragmento existente na relação entre estudantes surdos e professores requer soluções dentro do contexto da inclusão. Gatti (2011) fundamenta que “a nova situação solicita, cada vez mais, que esse profissional esteja preparado para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do momento, à cultura local, ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares”. (GATTI, 2011, p.25).

Na subcategoria, *relação dos estudantes surdos e professores com o intérprete*, os 3 (três) estudantes surdos convergem ao afirmar que essa relação é ótima por conta do importante suporte que o mesmo (o intérprete) oferece para a relação e comunicação

com os professores e colegas ouvintes. Na mesma subcategoria, os 3 (três) professores também convergem em suas percepções afirmando que essa relação é satisfatória, muito boa e a melhor possível, sendo o intérprete visto como uma pessoa totalmente capacitada.

Confrontando os resultados das percepções dos estudantes surdos com as de seus professores constatamos total convergência, todos tem uma boa relação com o profissional intérprete de LIBRAS. Deste modo, o intérprete de LIBRAS contribui para que o espaço dos estudantes surdos seja respeitado, como também a forma de se comunicar que é através da língua própria dos surdos (a LIBRAS).

Diante do exposto, é possível verificar a dificuldade que os professores (principalmente P1 e P2) têm de se comunicar com os estudantes surdos, falta o conhecimento e a prática da LIBRAS. Porém, o intérprete é a pessoa que está dando conta dessa comunicação fazendo “uma ponte” entre os professores e os estudantes surdos. Neste contexto, o intérprete está a contribuir com o ensino inclusivo que de acordo com Stainback e Stainback (1999) “é a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas”. (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p.21). Deste modo, para realizar este ensino inclusivo os professores podem buscar a parceria com o intérprete e também com outros profissionais, além da formação e do planejamento que valorize as diferenças existentes nas turmas.

4.1.4. Processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos

Apresentamos a seguir a discussão dos resultados referente à categoria, **Processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos**.

QUADRO 23 – PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidades de registo	Professores	Unidades de registo
Processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	Estratégias utilizadas pelos professores em sala de aula	ES1	“já gostava de realizar as atividades, fazer pesquisas no computador”. “os professores falam: - Nossa! Excelente trabalho!” “Perguntam: você estuda na UFPE? Eu digo: - sim.” “Precisamos prestar atenção nas aulas, se está com sono, tomar um cafezinho.” “O professor explica e o intérprete traduz.”	P1	“Procuro ao máximo falar mais devagar” “falar sempre olhando no rosto do aluno para que ele possa compreender pelo menos pela leitura labial.”
		ES2	“Bom, antes do intérprete não havia interação dos surdos com professores, depois chegou o intérprete, começou a ter.”	P2	“A estratégia que a gente usa na verdade é geral para os alunos”. “Eles vão falar na linguagem deles e o intérprete vai passar para a gente.” “A estratégia vai ser normal como fazemos com os alunos normais até porque eles não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam.” “Nas minhas aulas eu utilizo slides e também vídeos”.
		ES3	“Os professores são bons, o de matemática, a de didática (...) eu gosto muito.” “Eu tenho dúvida, é difícil, mas pergunto ao intérprete e ele me ajuda.”	P3	“Utilizo algumas estratégias como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma mais visual” “procuro que eles fiquem sentados à frente para que o intérprete possa interpretar tudo o que eu esteja apresentando a turma,”. “pergunto sempre se eles entenderam.” “Se tiver alguma dúvida levanta a mão,”. “aí eles começam a se expressar em LIBRAS e o intérprete fala para a turma e para mim.” “Outra estratégia utilizada são os trabalhos em grupo” “procuro sempre misturá-los para que não fique só um grupo de surdos, mas proporcionar o contato também com os ouvintes.” “Utilizo também rodas de conversas, debates, filmes que tenham legendas.”
	Percepção dos estudantes surdos e professores	ES1	“Em minha opinião o professor precisa trabalhar com palestras.” “Abordar temas que interessem aos alunos para que eles fiquem atentos tanto os ouvintes quanto os surdos”	P1	“De início, eu acredito que bem, porque até agora não houve nenhuma reclamação.” “Então, acredito que eles estão compreendendo e estão gostando do meu trabalho.”

	sobre a prática de ensino		“não pode ser só cópias do quadro.”		
		ES2	“Aprendendo LIBRAS. É importante.”	P2	“Vendo agora acho que eles estão se adequando” “eles nunca reclamaram nada.”
		ES3	“Falta o conhecimento aprofundado da Língua Brasileira de Sinais.”	P3	“Os alunos surdos, eles de antemão reagem bem, em minha opinião.” “eu preciso aprender mais a Língua Brasileira de Sinais para poder alcançar uma comunicação plena com eles.” “E eles reclamam muito que os professores não sabem se comunicar com eles.” “Muitas vezes também eu, por saber pouco a língua de sinais também não consigo me comunicar muito”.

Referindo-se a subcategoria, *estratégias utilizadas pelos professores em sala de aula*, os 3 (três) estudantes surdos não deixam claro as estratégias utilizadas por seus professores, porém os mesmos ressaltam que o suporte na comunicação é dado pelo intérprete, sendo este fator importante no processo de ensino e aprendizagem. ES1 ressalta que gosta de fazer atividades e pesquisas no computador e que os professores elogiam. ES3 ressalta que os professores são bons.

Já os professores, se referindo à mesma subcategoria divergem nas estratégias utilizadas em sala de aula. P1 afirma que tenta falar devagar para que o estudante surdo possa fazer a leitura labial. P2 afirma que a estratégia que utiliza é uma só para toda a turma. Já P3 ressalta diversas estratégias: apresentações em power point tendo a imagem para explorar o visual, trabalhos em grupo, rodas de conversas, debates são positivos. Porém, os filmes legendados não estão de acordo com a especificidade dos estudantes surdos, no entanto, deveriam ser filmes que tivessem as interpretações em LIBRAS.

Sendo assim, confrontando os resultados das percepções dos professores com as informações teóricas temos: P1 ao afirmar que utiliza a oralidade para que o surdo faça a leitura labial vai contra o que é proposto por Quadros (1997) quando apresenta a proposta de educação bilíngue para surdos: “uma proposta educacional bilíngue e bicultural para surdos caracteriza-se pela utilização de uma língua oral usada na comunidade ouvinte e uma língua de sinais própria da comunidade surda” (QUADROS, 1997, 46).

A diversidade de estratégias que foi ressaltada por P3 favorece o processo de ensino e aprendizagem de todos e também a inclusão, onde as necessidades dos estudantes são consideradas. A experiência com as estratégias visuais também mencionados por P3 vão de encontro ao que é proposto por Skliar (2013) que afirma “a surdez é uma experiência visual, e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e de todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual” (SKLIAR, 2013, p. 28).

Na subcategoria, *percepção dos estudantes surdos e professores sobre a prática de ensino*, constatamos que 2 (dois) dos estudantes surdos, mais precisamente ES2 e ES3 afirmam que os professores precisam aprender a LIBRAS. ES1 destaca que os professores precisam abordar temas que interessem a todos os estudantes. Assim,

percebe-se mais uma vez a necessidade dos professores em terem formação em LIBRAS para se comunicar com os estudantes surdos. Referindo-se à mesma subcategoria, percebe-se que os 3 (três) professores convergem da mesma opinião, afirmando que os estudantes surdos reagem bem. Porém, P1 e P2 afirmam que os estudantes surdos nunca reclamaram da aula. Já P3 ressalta que os estudantes surdos reclamam que os professores não sabem se comunicar com eles, havendo assim, divergência nesse ponto entre os professores.

Confrontando as percepções dos estudantes surdos com as de seus professores constatamos divergências, pois enquanto os estudantes surdos se encontram angustiados com a fragmentação da comunicação e do processo de ensino e aprendizagem, os professores afirmam que está tudo bem. P3 ainda reconhece a necessidade de aprender mais a LIBRAS, pois em algumas situações ainda não consegue se comunicar. Esses resultados seguem de encontro à investigação empírica analisada. Daroque (2011) ao realizar a pesquisa com a temática “Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária” encontra nos resultados da pesquisa: os estudantes surdos afirmaram que os professores não têm informações sobre a surdez e os professores, por sua vez, destacaram como dificuldade a língua pelo fato de que a prática bilingue não existe e também não é reconhecida no campo da pesquisa.

Os professores, como também a escola, precisam valorizar e respeitar os estudantes surdos como sendo usuários de uma língua própria (a LIBRAS), essa atitude encontra-se diretamente relacionada com as estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem, a organização das atividades e as metodologias de ensino.

4.1.5. Inclusão

Apresentamos a seguir a discussão dos resultados referentes à categoria, **Inclusão.**

QUADRO 24 – INCLUSÃO

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidades de registro	Professores	Unidades de registro
Inclusão	Conceito	ES1	“O que entendo sobre inclusão é que antigamente não existia, não havia intérprete.” “nos interiores ninguém sabia o que era. Não havia um conhecimento”. “Não conhecia o decreto que fala sobre inclusão.” “Hoje já conhecemos, já entendemos, mas há uma inclusão mais ou menos, precisa-se de mais elaboração.” “Chegou o decreto porque veio do governo e a presidente aceitou.” “Eu preferia a sala só com alunos especiais” “eu estudei em sala especial” “mas depois chegou a inclusão e acabou as salas especiais.”	P1	“Inclusão é como o próprio nome já diz, a questão de incluir, fazer com que esteja dentro, não é isso?” “Então, inclusão social, inclusão do jovem é fazer com que ele permaneça, não seja excluído por apenas apresentar certa deficiência do meio social.”
		ES2	“Bom, antes não tinha na sala de aula ouvintes e surdos e hoje já tem.”	P2	“E a inclusão, eu acho que foi a melhor coisa que fizeram, foi tentar dar um novo horizonte para essas pessoas.”
		ES3	“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.” “Eu gosto mais de salas especiais em questão do aprendizado.”	P3	“Inclusão é incluir. E o que significa esse incluir? Primeiro: o acesso da pessoa à educação, a ter uma aprendizagem. Além disso, para incluir é preciso assegurar a permanência dessa pessoa ou dessas pessoas na instituição de ensino e também dar condições para esta pessoa consiga concluir os seus estudos.” “A inclusão vem propor ao professor, aos profissionais que estão dentro da escola, de uma instituição, de uma universidade a fazer com que todas as pessoas participem do processo de ensino e aprendizagem. Ninguém pode ficar de fora.”
	Inclusão do estudante surdo no ensino superior	ES1	“sobre inclusão dos surdos na sala de aula é muito bom,” “apesar de que não havia inclusão, o surdo ficava sozinho junto com ouvinte não aprendia muito.” “Depois chegou o intérprete e ajuda a trocar informações.” “Hoje há uma troca de experiência com os ouvintes.” “Aqui na faculdade há mais ou menos inclusão” “hoje os alunos conseguem formar grupos com os surdos com a ajuda do intérprete.”	P1	“O mais normal possível. Porque eles apresentam uma deficiência, mas não uma incapacidade.”
		ES2	“Significa um estudo mais aprofundado.”	P2	“Eu acho que todas as instituições deveriam abraçar essa ideia de

			“Eu penso que em sala de aula é difícil, precisa ter paciência.”		imediato” “Deveria abraçar essa ideia e se ele conseguiu chegar ao nível superior é porque tem capacidade sim e como eu já falei não é diferente” “deveria oferecer meios de contratar esses profissionais de LIBRAS.”
		ES3	“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.” “Igual, o ouvinte e o surdo evoluindo junto.”	P3	“fazê-los participar de um processo de ensino e aprendizagem que contemple a sua cultura e também a Língua Brasileira de Sinais.”
	Contribuição da instituição de ensino superior	ES1	“Em parte.” “A inclusão surgiu no curso de pedagogia através dos alunos surdos, do intérprete” “aqui as pessoas sabem que tem estudantes surdos.”	P1	“Com certeza. A partir do momento em que esta paga um intérprete para facilitar a vida do educador.”
		ES2	“aqui na faculdade é bom porque chegou o intérprete.”	P2	“A partir do momento que ela abriu espaço para ter um intérprete na sala de aula, uma pessoa intérprete, ela abriu espaço para que um aluno surdo se inscreva nessa faculdade que faça o vestibular, que passe, que seja um aluno normal como ele realmente é.” “Ela está contribuindo sim para o avanço.”
		ES3	“Sim. Porque há uma troca de experiência, uma parceria.”	P3	“a instituição em que leciono contribui em parte pelo seguinte: pela aquisição do intérprete de LIBRAS que é sempre muito preocupado com cada estudante, sempre procura ajudar ao máximo que ele pode. Então, isso é um ponto muito positivo.” “Acredito que faltam estudos, espaço de tempo dedicado aos professores para que possamos nos capacitar, realizar cursos de Língua Brasileira de Sinais, para que possamos ter um acesso maior à cultura surda.”
	Ações que precisam ser realizadas ou melhoradas	ES1	“Bom, eu percebo que precisa mais comunicação entre os alunos e professores,” “precisa ser mais firme, falta organização para melhorar.”	P1	“Que de início ele procurasse ao máximo se adaptar porque a inserção realmente é meio complicada para quem não consegue desenvolver a linguagem com os alunos.” “E que em nenhum momento deve haver essa proibição e sim pelo contrário, um incentivo.”
		ES2	“Os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar conosco.”	P2	“Na divulgação mostrando que eles precisam de apoio, que precisa de alguém que dê uma força.”
		ES3	“Os surdos precisam divulgar, chamar a atenção,” “falar que há inclusão, há uma ligação com o intérprete.”	P3	“que estudasse a LIBRAS, seja por meio de um curso técnico ou superior,” “em segundo lugar orientaria a busca do contato com as pessoas surdas.” “Em terceiro, pediria ao meu colega professor que pensasse em estratégias de aprendizagens dentro e fora da sala de aula.”

Referindo-se à subcategoria, *conceito* (da inclusão), constatamos que 2 (dois) dos estudantes surdos (ES1 e ES3) conhecem o conceito de inclusão afirmando que a mesma está pautada na lei, havendo documentos que a fundamentam. Há a interação com o intérprete e com os colegas ouvintes, porém os mesmos preferem as salas especiais por já terem estudado nelas e por pensarem ser o aprendizado melhor do que nas salas com estudantes ouvintes. ES2 ressalta que a inclusão é a interação entre estudantes surdos e ouvintes, somente. É possível perceber que ES2 ainda não tem uma compreensão mais precisa sobre a inclusão.

Dos 3 (três) professores apenas 2 (dois) demonstram compreender o conceito de inclusão (P1 e P3). P2 se limita a afirmar que a inclusão é um novo horizonte para as pessoas.

Confrontando os resultados das percepções dos estudantes surdos com as de seus professores constatamos que todos compreendem o conceito de inclusão, com exceção de P2. Constatamos também que os estudantes surdos afirmam haver dificuldades nesse processo de inclusão, os mesmos compreendem a inclusão, e a interação com os ouvintes como sendo parte desse processo. No entanto, dos 3 (três) estudantes surdos 2 (dois) destacam que preferem as escolas especiais, sendo esta ideia contrária ao princípio da inclusão. Deste modo, Correia (2011) propõe que o princípio da inclusão é:

a heterogeneidade de características dos alunos que só enriquece a escola, contribuindo para o desenvolvimento harmonioso de uma comunidade escolar, onde as capacidades de cada um se unam para a promoção de sucesso. O princípio da inclusão apela, portanto, para a educação inclusiva que pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais diversas capacidades, interesses, características e necessidades, possam aprender juntos, que seja dada atenção ao seu desenvolvimento global (acadêmico, socioemocional e pessoal), que, sempre que possível, todos os serviços educativos sejam prestados nas classes regulares, que se crie um verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades (não necessariamente as mesmas oportunidades para todos) que vise o sucesso escolar. (CORREIA, 2001, p. 125).

Neste sentido, podemos destacar que nas salas regulares (inclusão) há o contato e a interação com os ouvintes e o intérprete e nas salas especiais o contato é com os grupos de surdos.

Na subcategoria, *inclusão do estudante surdo no ensino superior*, constatamos que ES1 e ES3 ressaltam que na IES há uma troca de experiências nesse processo de inclusão entre ouvintes, surdos e intérprete. ES2, por sua vez, ressalta que é muito difícil estar na sala de aula com os ouvintes, precisa ter paciência. Na mesma subcategoria, os professores afirmam: P1 que a inclusão deve acontecer normalmente, não deixando claro de que modo esta precisa acontecer. P2 ressalta que deveria haver meios de contratar os profissionais da LIBRAS. P3 afirma que para incluir é preciso fazer com que os estudantes surdos participem do processo de ensino e aprendizagem, além da necessidade de haver a valorização da cultura surda e da LIBRAS.

Confrontando os resultados das percepções dos estudantes surdos e dos seus professores percebemos que os surdos não se sentem totalmente incluídos na sala de aula, mas também destacam pontos favoráveis a inclusão. Dos professores apenas P3 ressalta como deve acontecer à inclusão, enquanto que P1 não demonstra conhecimento sobre como incluir o estudante surdo e P2 se limita a ressaltar a contratação de profissionais de LIBRAS. Em síntese, os surdos não se sentem totalmente incluídos e nem a maioria dos professores (P1 e P2) demonstram conhecimento de como incluir esses estudantes. P3 demonstrou conhecimento sobre o processo de inclusão dos estudantes surdos indo de encontro à ideia proposta por Sanches (2005):

A mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um, independentemente da sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física. (SANCHES, 2005, 128).

Assim sendo, podemos compreender que a educação inclusiva modifica a escola, fazendo com que as instituições de ensino tratem de atender as diferenças.

Referindo-se à subcategoria, *Contribuição da Instituição de Ensino Superior*, 2 (dois) dos estudantes surdos (ES2 e ES3) afirmam que a IES em que estudam contribui para que a inclusão do estudante surdo aconteça. Enquanto que ES1 ressalta que a IES contribui em parte afirmando que a inclusão surgiu no curso de pedagogia por meio dos estudantes surdos e do intérprete.

Dos professores, 2 (dois) afirmam que a IES contribui para a inclusão dos estudantes surdos (P1 e P2) por conta do intérprete de LIBRAS. Enquanto que P3

afirma que a mesma contribui em parte, pois ainda tem muito para ser feito como, por exemplo, o espaço de tempo para estudos e cursos para os professores na área da educação inclusiva.

Confrontando as percepções dos estudantes surdos com as de seus professores constatamos que há convergências e divergências, pois 2 (dois) estudantes surdos e 2 (dois) professores veem a IES como sendo promotora da inclusão; 1 (um) estudante surdo e 1 (um) professor afirmam que essa contribuição da IES acontece em parte, pois apenas a contratação de um intérprete não é suficiente. Sendo assim, o ponto chave para que a inclusão aconteça é a comunicação, sem a comunicação os professores não conseguem conduzir o conhecimento científico aos estudantes surdos.

Referindo-se às ações que precisam ser realizadas ou melhoradas, constatamos que 2 (dois) dos estudantes surdos (ES1 e ES2) ressaltam que é preciso haver mais comunicação entre estudantes surdos e professores sendo necessária a aprendizagem da LIBRAS. Já ES3 responsabiliza os surdos afirmando que é preciso que os mesmos divulguem a inclusão. Nas ações a realizar para uma melhor inclusão, percebemos que há divergências entre os 3 (três) professores. P1 demonstra confundir a inclusão com a inserção ressaltando que é necessário o professor se adaptar à inserção. P2 ressalta que é necessário o professor dar apoio aos surdos na divulgação, não deixando muito claro. P3 afirma que é necessário os professores se apropriarem da LIBRAS, ter contato com os surdos e pensar em estratégias de aprendizagens que contemplem os estudantes surdos.

Assim sendo, confrontando as percepções dos estudantes surdos e de seus professores encontramos algumas convergências entre 2 (dois) estudantes surdos (ES1 e ES2) e 1 (um) professor (P3). Os mesmos ressaltam que os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar com os estudantes surdos. Portanto, os surdos formam um grupo linguístico que precisa ter a sua língua valorizada. Este resultado nos faz refletir no pensamento abordado pelo pacto nacional pela alfabetização na idade certa ao afirmar que os surdos buscam o “seu reconhecimento como um grupo linguístico minoritário que compartilha tanto uma língua em comum quanto uma cultura surda” (BRASIL, 2014, p. 32-33). Deste modo, o trabalho dos professores necessita estar associado à perspectiva linguística e à cultura surda para que haja a comunicação no contexto da sala de aula.

4.2. Das percepções dos professores às suas práticas de sala de aula: convergências e divergências

Buscamos neste ponto fazer a discussão dos resultados obtidos tendo como base as percepções professores e as suas práticas de sala de aula destacando as convergências e divergências como também confrontar esses resultados com as informações teóricas e os resultados das investigações empíricas analisadas. Essa discussão ainda será realizada através das categorias e subcategorias que estão presentes nos quadros que seguem.

4.2.1. Relação e comunicação do professor com os estudantes surdos

Apresentamos a seguir a discussão dos resultados da categoria **Relação/comunicação do professor com os estudantes surdos.**

QUADRO 25 – RELAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR COM OS ESTUDANTES SURDOS

Catego- ria	Subcate- goria	Profes- sores	Unidades de registo	Número da aula observada	Comportamentos observados
Relação e comuni- cação do profes- sor com os estudan- -tes surdos	Aprendiza- gem da LIBRAS	P1	“Não. Não fiz até o momento ainda porque não tive oportunidade, mas acho muito bonito quem sabe falar, quem sabe se expressar com relação e sei que o mercado está se expandindo muito.” “há necessidade de fazer parte.”	1ª	P1 entra na sala de aula, deseja bom dia oralmente a todos os estudantes. ES3 cumprimenta P1 que responde oralmente.
				2ª	P1 deu continuidade aos relatórios de estágio, explicando novamente as fichas referentes às 3 (três) etapas. .
				3ª	P1 pede a ES1 que se ausente da sala para conversar com o colega surdo no pátio.
		P2	“Não fiz ainda” “mas estou bastante interessada” “trabalhei numa escola durante três anos que tinha uma sala de especiais de surdo – mudo e a professora de lá dava umas dicas ao nosso grupo” “Então, eu já sei algumas coisas, pouquinho, bem básica, mas eu acho muito interessante.” “Estou com vontade de fazer agora.”	1ª	P2 deu Início à aula cumprimentando a todos e explicando o horário de término dos trabalhos do dia. O tema abordado por P2 neste dia é Gestão escolar e cidadania. O intérprete está sentado junto a ES1 e ES2, interpretando a explicação de P2.
				2ª	P2 inicia a aula conversando com os estudantes, pergunta como os estudantes passaram a semana, se durante a semana conseguiram desenvolver as atividades de estágio.
				3ª	P2 inicia a aula dando bom dia e logo vai falando da importância da participação e frequência dos estudantes nas aulas.
		P3	“Sim. Eu fiz curso de LIBRAS, um curso técnico que teve duração de 2 (dois) anos.” “Nesse curso nós aprendemos a teoria da Língua Brasileira de Sinais, a lei que está em volta da disseminação e da expansão da LIBRAS nas escolas, nas instituições e também o principal, nós aprendemos um pouco da língua das pessoas surdas” “nós tivemos vários conteúdos ligados a LIBRAS, juntamente com muita prática” “durante o curso conhecemos muitos surdos tanto homens quanto mulheres e nós passamos a dialogar tendo um contato mais próximo com essas pessoas.”	1ª	Mesmo ainda não chegando todos os estudantes P3 deu início à aula através de um bom dia em LIBRAS e oralmente, perguntando como os estudantes estavam em LIBRAS e oralmente. Os estudantes ouvintes e surdos responderam e também afirmaram que estava tudo bem.
				2ª	P2 inicia a aula conversando com os estudantes, pergunta como os estudantes passaram a semana e se estão todos bem. Os estudantes ouvintes respondem e perguntam o mesmo a P3 que também responde e agradece. ES1 responde que a semana foi de muito estudo, mas foi boa. P3... pára e pergunta se estão compreendendo, se tem dúvidas de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que está tudo bem.
				3ª	P3 vai junto a ES1, ES2 e ES3 e conversa um pouco em LIBRAS. P3 vai ao encontro de ES1, ES2, ES3 e do intérprete e pergunta para eles o que compreenderam sobre listas temáticas? ES3 responde que o trabalho com listas pode ser feito desde a educação infantil podendo ser de frutas, brinquedos preferidos, festa de aniversário e entre outros. ES1 e ES2 afirmam que compreenderam a importância de um trabalho que promova a leitura e a escrita desde a educação infantil. P3 parabeniza e volta ao grande grupo.

	Modalidade de comunicação	P1	“Por meio do intérprete que tem aqui na sala” “tento ao máximo compreender, tentar fazer com que eles compreendam o que eu venho falando.”	1ª	P1 começa a aula falando que hoje explicará as diretrizes do estágio supervisionado I e que será necessária a atenção de todos para que possam realizar estágios e relatórios bem feitos.
				2ª	P1 retoma a aula e fala sobre as temáticas dos trabalhos dos estudantes e pede para que durante a semana os mesmos realizem as duas observações propostas na primeira semana do estágio
				3ª	P1 expôs a estrutura do trabalho, como também revisou as diretrizes para a construção do trabalho.
		P2	“alguma noção eu tenho, é bem básico, um bom dia, um olá, perguntar nomes, porque as letras algumas eu já sei fazer também e tem que ter o auxílio de alguém com certeza.” “É muito complicado” “tem que ter alguém com certeza para auxiliar, no caso feito essa sala da gente que tem 1 (um) intérprete e 3 (três) estudantes surdos, tem que ter realmente porque a gente fala acelerado para dar aula” “os gestos assim, a gente sabe o básico mesmo.” “Então não tem como não. Tem que ter alguém para nos ajudar.”	1ª	P2 recomeça a aula falando sobre a importância do trabalho na escola, um trabalho articulado, o gestor como líder e a valorização do grêmio estudantil. A escola pública é para todos e envolve os diferentes sujeitos de uma comunidade.
				2ª	P2 dar continuidade a aula explicando a próxima atividade do estágio. Na oportunidade apresenta o plano de aula aos estudantes e como os mesmos devem fazer o preenchimento e realizar a aula sob a supervisão dos professores titulares das turmas em que os estudantes estão estagiando.
				3ª	P2 inicia o assunto explicando que o gestor da escola deve ser pedagógico, pois é importante a orientação ao trabalho com as religiões e com a sexualidade. P2 ainda fala sobre sua experiência no PROJOVEM, sobre o direcionamento pedagógico em sala de aula na questão das diferenças e das particularidades de cada estudante.
		P3	“eu utilizo a Língua Brasileira de Sinais” “por saber um pouco dessa língua, utilizo também outras estratégias”. “Procuro realizar na minha aula sempre metodologias que tragam o visual, como slides com ilustrações para que ajudem os estudantes surdos a compreender um pouco do assunto com mais facilidade.” “E o principal também é que nós temos muito contato com o intérprete de LIBRAS que há na sala.”	1ª	P3 se apresentou em LIBRAS e oralmente, pois se tratam da volta as aulas e pediu para que cada estudante falasse da expectativa com relação à disciplina. Alguns estudantes falaram que espera aprender mais sobre a didática na sala de educação infantil, sobre a leitura e a escrita na educação infantil, sobre conteúdos nessa modalidade de ensino. Após explicação do plano de curso P3 pergunta se ES1 entendeu, o mesmo afirma que agora sim e agradece.
				2ª	P3, pergunta novamente se a turma está compreendendo, oralmente e em LIBRAS. ES2 ressalta que esta teoria da aprendizagem leva em consideração o contato da pessoa com o meio e com o grupo. P3 afirma positivamente e parabeniza ES2.
				3ª	P3 entra na sala de aula, dar bom dia a todos oralmente e em LIBRAS, pois os estudantes surdos já estão em sala. Pergunta se estão bem e como passaram a semana.

Referindo-se a subcategoria, *aprendizagem da LIBRAS*, constatamos que a fala e a prática de P1 convergem. Sendo assim, P1 afirma não ter feito curso de LIBRAS e em sua prática utiliza bastante a oralidade, não sendo esta a forma específica para se comunicar com os estudantes surdos. Portanto, por não ter conhecimento da LIBRAS, P1 não consegue utilizá-la para se comunicar com os estudantes surdos.

Referindo-se a P2 constatamos em sua afirmação que também não fez curso de LIBRAS. A prática de P2 converge com a afirmação, por não conhecer a LIBRAS também utiliza bastante a oralidade em suas aulas.

Já P3 afirma ter feito curso de LIBRAS com duração de 2 (dois) anos. A fala de P3 converge com a prática, pois P3 utiliza a LIBRAS em alguns momentos da aula para se comunicar com os estudantes surdos.

Confrontando as percepções e as práticas dos professores constatamos que é preciso ser realizada a busca por formação na área de educação inclusiva principalmente relacionada à aprendizagem da LIBRAS por parte dos professores. Este resultado nos faz refletir no que é proposto por Pimenta (2014):

na docência enquanto prestador de um serviço à sociedade mediante sua profissão o professor universitário precisa atuar como profissional reflexivo, crítico e competente no âmbito de sua disciplina, além de capacitado a exercer a docência e realizar atividades de investigação. (PIMENTA, 2014, p.165).

Nesta direção, o professor precisa se qualificar para trabalhar bem e atender as necessidades dos estudantes, sem a busca constante de formação fica difícil proporcionar a inclusão dos estudantes, no nosso caso dos estudantes surdos, pois a aprendizagem da LIBRAS é a principal condição para que estes estudantes se sintam participantes do processo de ensino e aprendizagem.

Fazendo referência à subcategoria, *Modalidades de comunicação*, verificamos que existe convergência entre a percepção de P1 e sua prática em sala de aula, pois afirma que a comunicação acontece por meio do intérprete e que tenta ao máximo fazer com que os surdos compreendam a sua fala. Sendo assim, P1 utiliza a oralidade o que é comprovado na prática ao explicar e direcionar os assuntos em sala de aula.

Referindo-se a P2 há uma divergência entre a sua percepção e a prática, pois P2 afirma pelo menos conseguir cumprimentar os estudantes surdos em LIBRAS, mas em

nenhum momento identificámos esse fato em sua prática, apenas a oralidade e o intérprete sempre na interpretação da fala de P2.

Identificamos convergências entre a percepção de P3 e sua prática em sala de aula, pois P3 afirma se comunicar em LIBRAS e em sua prática sempre se comunica com os surdos em LIBRAS, conversa, pergunta se entenderam o conteúdo e chama o intérprete para ajudar.

Confrontando as percepções e as práticas dos professores verificamos que ainda é necessário mudanças nas práticas dos mesmos relacionadas a promover a inclusão dos estudantes surdos. Este resultado nos remete ao que é proposto por Rodrigues e Ramos (2012) ao afirmar que:

A profissionalização docente é uma busca difícil, complexa, mas possível se perseguida através de atitudes de valorização da pesquisa no processo formativo, da socialização de resultados e de estudos pedagógicos que consolidam um modelo, um caminho de profissionalização que se espera obter, uma profissionalização capaz de preparar o professor, para conviver e trabalhar com a diversidade na sala de aula. (RODRIGUES; RAMOS, 2012, p. 47).

Neste contexto, refletir sobre a formação docente no contexto da inclusão é também pensar e repensar as práticas em sala de aula para reconhecer as especificidades dos estudantes e valorizar a todos, sem excluir nenhum desses estudantes do processo de ensino e aprendizagem.

4.2.2. Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula

No que se refere à categoria, **Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula**, apresentamos a seguir a discussão dos resultados.

QUADRO 26 – PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE SURDO EM SALA DE AULA

Categoria	Subcategoria	Professores	Unidades de registo	Número da aula observada	Comportamentos observados
Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula	Estratégias utilizadas pelos professores para comunicar	P1	“Procuro ao máximo falar mais devagar” “falar sempre olhando no rosto do aluno para que ele possa compreender pelo menos pela leitura labial.”	1ª	P1 começa a aula falando que hoje explicará as diretrizes para o estágio supervisionado I e que será necessária a atenção de todos para que possam fazer estágios e relatórios bem feitos. No decorrer da explicação alguns estudantes falam alto, outros ficam com dúvidas, P1 pára a explicação e pergunta sobre o que não estão compreendendo. Alguns estudantes ouvintes realizam perguntas sobre a ficha de relatório do estágio I e tiram suas dúvidas. O intérprete de LIBRAS continua realizando toda a tradução da aula. ES1 pede licença e faz suas perguntas a P1e o intérprete traduz O restante da turma percebe os questionamentos de ES1. ES1, por sua vez, faz sinal de que entendeu.
				2ª	...passa nos grupos para conversar sobre as ideias dos estudantes com relação à temática escolhida. ...o intérprete tira as dúvidas dos estudantes surdos com P1.
				3ª	P1 deu Início à aula conversando com os estudantes sobre o trabalho de conclusão de curso.
		P2	“Eles vão falar na linguagem deles” “o intérprete vai passar para a gente.” “A estratégia vai ser normal como fazemos com os alunos normais até porque eles não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam.”	1ª	O intérprete traduz todo o vídeo para ES2 e ES3. O vídeo aborda o trabalho de uma escola sem informatização e assim, a documentação se encontrava toda acumulada, o serviço era grande para assinar, conferir e carimbar estes documentos. Explicou que ao adotar um sistema de trabalho na escola toda essa demanda de serviço e acúmulo foi facilitado. P2 coloca outro vídeo sobre a reunião de professores na escola, conselho de classe, formação continuada e grêmio estudantil. O intérprete realiza toda a interpretação, pois o vídeo não contém legenda.
				2ª	P2 dá continuidade à aula explicando a próxima atividade do estágio. Na oportunidade apresenta o plano de aula aos estudantes e como os mesmos devem fazer o preenchimento e realizar a aula sob a supervisão dos professores titulares das turmas em que os estudantes estão estagiando. Neste momento também, 2 (dois) estudantes ouvintes fazem muitas perguntas a P2. Os

		P3	“Utilizo algumas estratégias como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma mais visual” “procuro que eles fiquem sentados à frente para que o intérprete possa interpretar tudo o que eu esteja apresentando a turma,” “pergunto sempre se eles entenderam.” “Se tiver alguma dúvida levanta a mão,” “aí eles começam a se expressar em LIBRAS e o intérprete fala para a turma e para mim.”		mesmos apresentam dúvidas com relação ao estágio além de reclamar a quantidade de 12 aulas para ministrar. P2, com muita paciência vai perto de cada estudante ouvinte que está com dúvida e busca responder a todas estas.
				3ª	P2 incentiva os estudantes, falando que os mesmos são capazes sim de realizar os trabalhos, os estágios e a monografia, é preciso procurar o melhor para nós e que um objeto podem tirar de nós, mas o conhecimento não, nós levamos por toda a vida.
				1ª	P3 apresenta oralmente o plano de curso da disciplina didática e letramento infantil discutindo a ementa, os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos metodológicos e avaliação. O intérprete se encontra interpretando a fala de P3 para ES1, ES2 e ES3. P3 sempre para perguntar se a turma está compreendendo, se não tiver é preciso interromper e perguntar. P3 prossegue a aula explicando o conteúdo. ...durante a atividade P3 passa entre as carteiras, observando e tirando dúvidas dos estudantes, chega próximo a ES1, ES2 e depois ES3 pergunta em LIBRAS se tem dúvidas, os mesmos afirmam que está tranquilo. ES1 afirma que está contente porque P3 demonstra saber um pouco da LIBRAS. Então, P3 chama a atenção da turma para que deem continuidade após o almoço. E que além desta atividade, na parte da tarde todos terão um texto de Magda Soares para discutir em roda de conversa.
				2ª	Assim sendo, P3 inicia perguntando aos estudantes o que eles entendem por construtivismo? Em seguida, P3 apresenta o sociointeracionismo, perguntando à turma o que compreendem sobre este conceito. 1 (um) estudante ouvinte relata que acredita ser a interação social das pessoas tendo como fim o conhecimento. P3 parabeniza e diz que tem a ver. P3 apresenta o conceito e ressalta que nesta teoria a interação social tem papel principal para o conhecimento. Após a explicação, P3 pergunta se compreenderam o conteúdo. A turma afirma que sim.
				3ª	P3 apresenta em slides os tópicos do texto que se subdivide em: A organização do ensino; A identidade do professor pelo que ele faz, e a atividade orientadora de ensino. P3 expõe os subtópicos. Ao término P3 pergunta se todos compreenderam de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que sim.
	Estratégias utilizadas pelos professores para passar	P1	“Utilizo nas aulas exposições de slides, onde o conteúdo é abordado de maneira bem visual”.	1ª	P1 realiza a explicação das três etapas do estágio através de fichas, estas são entregues a todos os estudantes.
				2ª	Na oportunidade P1 deu continuidade aos relatórios de estágio, explicando novamente as fichas referentes às 3 (três) etapas.

	as matérias				P1 levanta-se do birô e se dirige a alguns estudantes dando direcionamentos sobre os temas dos trabalhos.
				3ª	Na sequência foi realizada uma roda de conversa para ver o andamento dos TCCs. P1 expôs a estrutura do trabalho, como também revisou as diretrizes para a construção do trabalho. Após a explicação P1 começou a atender os estudantes individualmente em sua mesa, olhando as produções da semana com relação ao TCC e ao estágio supervisionado.
		P2	“Nas minhas aulas eu utilizo slides e também vídeos”.	1ª	P2 abre um vídeo de curta duração sobre a escola mostrando o trabalho do gestor. P2 explica o conteúdo do material e aponta para a tela de projeção, a mesma preparou o conteúdo em slide com base nos textos distribuídos. Os slides além dos textos contêm imagens para melhor visualização dos estudantes surdos. Os estudantes surdos olham para a tela, apostila e intérprete.
				2ª	Às 10h00min P2 iniciou um atendimento individual em seu birô para os estudantes que trouxeram a documentação do estágio de semana. Alguns estudantes não haviam feito, então foram liberados. P2 ficou apenas com aqueles que haviam trazido à documentação.
				3ª	P2, por sua vez, apresenta 1 (um) vídeo sobre o trabalho em equipe. Este é composto apenas por imagens, o intérprete não realiza a interpretação para ES2. ES2, então faz a leitura das imagens do vídeo. A turma se diverte e ri com o desenrolar do vídeo. P2 apresenta outro vídeo sobre conceitos de gestão e participação. Os estudantes assistem, o intérprete se encontra interpretando o vídeo para ES1 e ES2. ES1 afirma que conhece o vídeo. P2 dá uma pausa no vídeo e faz algumas considerações. P2 apresenta um vídeo contendo o trecho do filme – Desafiando gigantes. O intérprete se põe de pé e interpreta o vídeo para ES1 e ES2. O vídeo passa um desafio para um jogador levando o outro nas costas. O treinador incentiva o jogador a levar o outro nas costas com um percurso de 50 m. Assim sendo, o treinador incentiva tanto que o jogador anda o campo quase inteiro com o colega que pesa 68 kilos. A turma de jogadores critica, mas o treinador acredita e o jogador se supera. A turma em sala de aula interage e discute o vídeo, cada um fala do que enfrenta no dia a dia para estar presente na faculdade.
		P3	“Utilizo também rodas de conversas, debates, filmes que tenham legendas.”	1ª	P3 realizou uma apresentação em slides sobre a origem, história e conceito de didática, alfabetização e letramento. Os slides contêm imagens referentes ao conteúdo.
				2ª	P3, por sua vez, dar continuidade ressaltando que agora dará início a exposição dialogada em slides sobre as teorias de aprendizagens: construtivismo e socioconstrutivismo e que em seguida será realizado um jogo de perguntas e respostas através de 2 (dois) grupos Piagetianos

					e Vygotskyanos. P3 dá início à exposição, nos slides tem o conteúdo e gravuras referentes ao mesmo. P3 vai à lousa e faz um diagrama para explicar a ZDP (...)
				3ª	A proposta inicial é um roteiro, diz P3. Mas, na volta do almoço P3 afirma que os grupos irão colocar os roteiros em prática, ou seja, os grupos darão aulas uns para os outros e mostrar que trouxe alguns materiais para ajudar como cartolinas, hidrocores, colas, tesouras, lápis de cor e fitas. Neste momento há bastante discussão, P3 circula pela sala apoiando os grupos.
	Estratégias utilizadas pelos professores para organizar as atividades	P1	-----	1ª	-----
				2ª	P1 conclui a explicação sobre as etapas do estágio e passa a dividir os estudantes para atender de acordo com as temáticas dos trabalhos de conclusão de curso. P1 divide os estudantes por tema do trabalho de conclusão de curso, forma grupos. Ao orientar os grupos de ouvintes P1 passa no grupo onde estão ES2 e ES3. P1 redivide os grupos de acordo com o material que os estudantes trouxeram: pasta de estágio e TCC (projeto / monografia). Os que trouxeram pasta de estágio foram para o lado esquerdo da sala e quem trouxe o material do TCC para o lado direito. ES2 e ES3 permaneceram no lado esquerdo da sala, pois trouxeram a pasta de estágio. Os grupos se formaram e P1 orienta o primeiro grupo a fazer o relatório das primeiras observações em sala de aula. Após, orientar os estudantes do grupo de estágio P1 vai até o grupo 2 para direcionar o Início das construções dos tccs. Discute a partir da estrutura do mesmo e organiza as temáticas. Enquanto isso o outro grupo está discutindo a 1ª etapa do estágio.
				3ª	Na sequência foi realizada uma roda de conversa para ver o andamento dos tccs. P1 expôs a estrutura do trabalho, como também revisou as diretrizes para a construção do trabalho. Após a explicação P1 começou a atender os estudantes individualmente em sua mesa, olhando as produções da semana com relação ao TCC e ao estágio supervisionado. Os estudantes levam o material em pendrive para P1 realizar as possíveis correções e observações. P1 lê todo o material e conversa com os estudantes mostrando o que precisa ser melhorado, além de incentivar bastante os estudantes a continuarem o trabalho.
		P2	“A estratégia que a gente usa na verdade é geral para os alunos”.	1ª	P2 explicita a dinâmica para a divisão de grupos, sendo necessário no total formar 4 grupos para realizar um trabalho em sala de aula.

				2ª	Às 10h00min P2 Iniciou um atendimento individual em seu birô para os estudantes que trouxeram a documentação do estágio da semana. Alguns estudantes não haviam feito, então foram liberados. P2 ficou apenas com aqueles que haviam trazido à documentação.
				3ª	-----
				1ª	Na oportunidade P3 lança o desafio da turma produzir um resumo contendo os conceitos de alfabetização, letramento e didática. P3 distribui papel pautado para todos e os mesmos dão início.
		P3	“Outra estratégia utilizada são os trabalhos em grupo” “procuro sempre misturá-los para que não fique só um grupo de surdos, mas proporcionar o contato também com os ouvintes.”	2ª	P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais 1 (um) grupo farão perguntas sobre Vygotsky.
				3ª	P3 dá alguns avisos sobre o horário de entrada, a recolha dos estudos dirigidos para o próximo sábado e divide grupos para a mesa redonda também do próximo sábado. Nessa divisão de grupos ES1 fica em um grupo com ouvintes e ES2 e ES3 ficaram em outro grupo junto com o intérprete. P3 passa uma atividade em grupo, preparar um roteiro de aula de acordo com o modelo que irá distribuir, as temáticas serão as discutidas anteriormente: textos que se sabe de cor, nomes próprios, listas temáticas. Acrescentando contos, fábulas e rótulos de embalagens. A turma se divide, P3 entrega a proposta do roteiro. P3 pede para que alguns estudantes leiam trechos do texto e vai explicando o sentido do texto que é pautado na formação inicial e contínua do professor, a relação entre teoria e prática, experiência, pesquisa, competências e conhecimento. P3 inicia o conteúdo da aula através do estudo do texto “Saber a prática para ensinar bem”. P3 pede que todos peguem o texto que fora recebido no primeiro dia de aula. O estudo começa pela leitura da introdução do texto. P3 prossegue a apresentação de slides com o subtema – A prática pedagógica, contendo atividades com listas temáticas, textos que se sabe de cor, nomes próprios, sequências didáticas e projetos didáticos.

Referindo-se à subcategoria, *Estratégias utilizadas pelos professores para comunicar*, constatamos que a percepção de P1 converge com a prática. Em sua afirmação P1 ressalta que fala devagar pra que os estudantes surdos façam a leitura labial e na prática interage nos grupos para orientar os trabalhos, utiliza como estratégia a aula expositiva (oral) por não conhecer a LIBRAS.

P2 afirma utilizar uma estratégia geral para todos os estudantes, ou seja, P2 fala para todos e o intérprete traduz. Na prática P2 utiliza a oralidade para se comunicar, mesmo quando utiliza os vídeos. Sendo assim, a afirmação de P2 é convergente com a sua prática.

P3 afirma utilizar como estratégias a apresentação de conteúdos de forma visual, orienta os estudantes surdos a sentarem próximos ao intérprete, pois facilita a comunicação com o mesmo e com o professor. P3 utiliza a LIBRAS como estratégia de comunicação com os estudantes surdos, realizando perguntas ou tirando dúvidas.

Confrontando os resultados das percepções dos professores com as práticas de sala de aula podemos verificar que apenas P3 utiliza estratégias que favorecem os estudantes surdos, P1 e P2 ainda apresentam dificuldades nessa utilização, pois a oralidade é a sua estratégia principal. Portanto, de um modo geral ainda há dificuldades na utilização dessas estratégias. Esse resultado se apresenta contra o que é proposto por Figueiredo (2011) ao ressaltar que “o professor situa-se como mediador, considerando aspectos como atenção às diferenças dos alunos; variação de papéis que o professor assume diferentes situações de aprendizagem” (FIGUEIREDO, 2011, p.142). Sendo assim, os professores precisam atender às diferenças no âmbito das instituições de ensino, sem essa especificidade e formação a utilização de estratégias para se comunicar com os estudantes surdos será sempre um entrave.

Reportando-nos à subcategoria, *Estratégias utilizadas pelos professores para passar as matérias*, constatamos que a percepção de P1 diverge da prática, pois o mesmo afirma utilizar nas aulas apresentações de slides buscando ao máximo explorar o visual no conteúdo abordado, porém na prática não identificamos esta ação. P1 utiliza fichas para realizar as explicações, rodas de conversas e atendimento no birô para orientar e explicar os conteúdos relacionados aos estágios e TCCs.

A afirmação de P2 converge com a prática realizada em sala de aula, pois o mesmo afirma utilizar slides e vídeos para passar os conteúdos e na prática constatamos

a utilização desses recursos nas aulas. Os slides contêm imagens, o que facilita a visualização e aprendizagem. Os estudantes surdos contam com o apoio do intérprete e o material impresso.

A percepção de P3 diverge da prática de sala de aula, pois o mesmo afirma utilizar também rodas de conversas, filmes que tenham legendas e debates, porém na prática P3 utiliza apresentações de slides, esboços e explicações na lousa, construções de roteiros de aulas e aulas práticas. Observamos que mesmo com a divergência entre a percepção e a prática P3 diversifica as estratégias para passar as matérias para os estudantes. O que observamos também é que o vídeo com legenda não contempla os estudantes surdos, estes deveriam se apresentar acompanhados da tradução em LIBRAS.

Confrontando os resultados das percepções dos professores com as práticas de sala de aula verificamos que ainda é preciso se ter mudanças nas estratégias utilizadas pelos professores para passar as matérias, há a diversificação, mas é necessário um olhar para estratégias que contemplem mais os estudantes surdos como vídeos e filmes com tradução em LIBRAS, e outros recursos que utilizem a LIBRAS. Sendo assim, os estudantes surdos acabam por enfrentar dificuldades para aprender e consequentemente excluídos desse processo, estes resultados estão de acordo com o que afirma Ansay (2009) quando ressalta as dificuldades que esses estudantes enfrentam em sala de aula:

A falta de intérpretes, o despreparo dos professores, o preconceito e discriminação e a falta ou uso inadequado do material didático pedagógico para este alunado, como por exemplo, filmes legendados, aulas sem material de apoio visual e o uso do power point na sala escura. (ANSAY, 2009, p.114).

Nesta direção, a falta e a inexistência de estratégias que contemplem a aprendizagem dos estudantes surdos se apresentam como um entrave no processo de inclusão desses estudantes.

Referindo-se à subcategoria, *Estratégias utilizadas pelos professores para organizar as atividades*, verificamos que P1 não menciona as estratégias que utiliza para organizar essas atividades em sala de aula, mas na prática identificamos que o mesmo trabalha com a formação de grupos para realizar as orientações do estágio e TCC, circula entre os grupos, como também utiliza a roda de conversa para que os

estudantes apresentem o andamento das ações referentes ao estágio e TCC. P1 ainda atende individualmente os estudantes no birô.

P2 afirma utilizar a mesma estratégia para todos os estudantes referente à organização das atividades. Sendo assim, P2 trabalha com a formação de grupos e atendimento individual no birô.

P3, por sua vez, afirma utilizar trabalhos em grupo com a finalidade de proporcionar um maior contato entre todos os estudantes. Esta afirmação é confirmada na prática de P3, pois utiliza a formação de grupos para construir trabalhos como, por exemplo, roteiros de aulas, resumos e mesas redondas.

Confrontando os resultados das percepções dos professores com as práticas de sala de aula constatamos que as estratégias utilizadas na organização das atividades atendem aos estudantes ouvintes e em algumas situações os surdos, havendo assim indicativos referentes à preocupação dos professores em tentar atender a todos. No entanto, ainda é preciso refletir sobre as estratégias utilizadas de forma a intensificá-las também de forma mais específica para os estudantes surdos.

Neste contexto, a afirmação e prática de P2 referente à utilização das mesmas estratégias para todos os estudantes, está explícita na afirmação de Moraes e Cavalcante (2009): “Como bem sabemos, a escola, muito frequentemente, tem-se caracterizado como prática uniformizadora, homogeneizadora. Com o discurso falacioso de tratar de modo igual a todos, vem se tornando experiência negativa na vida de muitos que fogem ao padrão que ela privilegia.” (MORAES; CAVALCANTE, 2009, p. 32).

Nesta direção, todas as pessoas têm direito a educação e a ter as suas necessidades atendidas. As estratégias utilizadas pelos professores precisam contribuir para uma educação que busque contemplar a todos, inclusive as diferenças. Portanto, o professor tem papel primordial na IES, pois dão significado ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes como afirma Tardif e Lessard (2007) “os professores são também atores que investem em seu local de trabalho, que pensam, dão sentido e significado aos seus atos, e vivenciam sua função como uma experiência pessoal, construindo conhecimentos e uma cultura própria da profissão” (TARDIF; LESSARD, 2007, p.38). Neste contexto, o professor tem o importante papel de mediar a aprendizagem dos estudantes além de refletir continuamente sobre sua prática.

Por fim, percebemos que embora os professores participantes tenham pensado e aplicado os conteúdos através de algumas estratégias próprias, inclusive algumas que contemplam os estudantes surdos ainda é preciso que os mesmos pensem em estratégias que atendam melhor esses estudantes.

4.2.3. Relação dos estudantes surdos

Apresentamos a seguir a discussão dos resultados referentes à categoria,
Relação dos estudantes surdos.

QUADRO 27 – RELAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidades de registo	Professores	Número da aula observada	Comportamentos observados
Relação dos estudantes surdos	Com os colegas ouvintes	ES1	“Aqui no curso de pedagogia os alunos só vivem falando sempre” “quando querem perguntar ou saber de algo chamam o intérprete” “o intérprete colhe as informações e repassa e vice-versa.” “Quando quero me comunicar com eles também uso o intérprete como suporte dessa comunicação.”	P1	1ª	ES1 se dirige à turma (...) e cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS. Após o término da aula do período da manhã alguns estudantes ouvintes se aproximaram dos estudantes surdos para cumprimentar e se comunicar por meio do intérprete e também por meio de gestos.
					2ª	Durante a aula um dos colegas ouvintes chega e interage, fazendo o sinal de chato em LIBRAS para ES1. ES1 se comunica com todos os colegas da sala, fica com o telefone em mãos a maior parte do tempo, circula pela sala. ES1 circula pela sala interagindo com os colegas ouvintes por meio de gestos, LIBRAS e escrita.
					3ª	ES1 cumprimenta os colegas. ES1 conversa um pouco com os colegas ouvintes e apresenta o colega surdo que veio com ele.
		ES2	“A relação com os meus colegas é tranquila, tenho amigos na sala de aula.”	P2	1ª	ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.
					2ª	Já por volta das 09h15min chega ES2, cumprimenta alguns colegas, senta-se numa cadeira na parte da frente da sala, olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.
					3ª	Chega à sala de aula ES1, o mesmo abraça P2 e pede para dar um aviso aos colegas antes que a turma saia. Sendo assim, ES1 avisa sobre o curso de LIBRAS da associação de surdos que faz parte e que as inscrições estão abertas, mas nem todos os colegas prestam atenção. O intérprete se encontra realizando a interpretação das falas a ES2 enquanto que ES1 se encontra conversando com alguns colegas ouvintes, por meio da escrita, e de gestos.
		ES3	“A relação é tranquila.”	P3	1ª	Os estudantes surdos estão nos grupos interagindo com 2 (dois) colegas ouvintes e o intérprete de LIBRAS.
					2ª	P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais 1 (um) grupo farão perguntas sobre Vygotsky. É dado um tempo para a formação dos grupos e as construções das perguntas, ES1, ES2 e ES3 se encontram no grupo dos vygotskyanos e o intérprete também.

						Estes estão interagindo com os colegas ouvintes e dão opiniões para as perguntas.
					3 ^a	Na formação dos grupos os estudantes surdos estão juntos com o intérprete e alguns colegas ouvintes.
					1 ^a	[os estudantes surdos] estão sentados bem próximos, nas cadeiras, de frente para o intérprete. ES3 pede para o intérprete perguntar sobre os prazos da entrega dos relatórios. ES2 passa o tempo inteiro à espera do intérprete para comunicar algo e sempre que é necessário ES2 oraliza.
					2 ^a	ES2 passa o tempo inteiro a espera do intérprete para comunicar algo e sempre que é necessário ES2 oraliza. ES2 pede para o intérprete tirar uma dúvida com P1, o intérprete, por sua vez, chama P1 e faz a pergunta de ES2 e traduz a resposta para a referida estudante. ES3 pergunta ao intérprete suas dúvidas e ele mesmo esclarece. ES2 conversa com o intérprete sobre o estágio e este vai explicando. ES3 novamente faz perguntas ao intérprete sobre o estágio e este responde mostrando todo o material. ES2 novamente chama o intérprete. ES3 pede para o intérprete se dirigir novamente a P1 e perguntar sobre os prazos para a entrega dos primeiros relatórios de estágio, referente à primeira semana. O intérprete vai ao encontro da P1 e pergunta conforme ES3 havia pedido. O intérprete volta e responde a ES3. O intérprete senta perto de ES2 e ES3, conversa com elas, vai novamente ao encontro de P1 realizar novas perguntas sobre o estágio a pedido das referidas estudantes e volta para explicá-lhes novamente. Após um tempo ES3 chama o intérprete e pergunta sobre a quantidade de horas do estágio. Este se dirige a P1 que está no outro grupo e pergunta, retornando para responder à ES3. ES2 e ES3 conversam sobre seus estágios e o intérprete acompanha a conversa. Conversam sobre o plano de aula do estágio. As monografias dos estudantes surdos estão sendo feitas individualmente. O intérprete tira as dúvidas de ES2 e ES3, inclusive sobre a ficha de estágio que precisa ser levada a escola. ES3 procura P1 para perguntar sobre o estágio, mas antes um colega ouvinte faz uma pergunta à ES3 e o intérprete traduz. Então, o intérprete é quem faz a pergunta que ES3 iria fazer sobre o tamanho do papel, pois no papel não aparecia o <i>slogan</i> da instituição e nem a assinatura. Logo o intérprete voltou e explicou à ES3 que teria que pegar outra ficha contendo todas essas

						informações.
					3ª	ES1 e ES2 me chamam e explicam que o intérprete está doente e que não virá para a faculdade.
		ES2	“Boa, ótima.”	P2	1ª	Neste momento, o intérprete está interpretando todas as falas de P2 para ES1, ES2 e ES3, mas apenas ES2 e ES3 estão atentos, enquanto que ES1 está no telefone com o aplicativo whatsapp. ES2 e ES3 estão interagindo com o intérprete, conversando também sobre gestão. O intérprete se encontra traduzindo a fala de P2 para ES2 e ES3. ES3 se comunica com ES2 e com o intérprete, enquanto que P2 escuta um estudante falar. ES2 e ES3 acompanham a aula por meio do intérprete que interpreta a explicação de P2.
					2ª	ES2 olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.
					3ª	ES2 cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS, abraça o intérprete e senta perto do mesmo. Este permanece sentado e começa a interpretar a aula para a mesma. O intérprete, por sua vez, está do lado esquerdo da sala, na parte da frente com ES2. O intérprete permanece junto a ES2 interpretando a fala de P2.
		ES3	“Ótima.” “Eu pergunto muito a ele” “é importante porque ele faz a intermediação do professor para nós.”	P3	1ª	O intérprete se encontra junto de ES1, ES2 e ES3 conversando e realizando a interpretação da fala de P3.
					2ª	Ao término da acolhida, todo o grupo leu a mensagem, sendo que os ouvintes oralmente e os surdos junto com o intérprete fizeram a leitura em LIBRAS.
					3ª	O intérprete está do lado direito na parte da frente da sala de aula junto a ES1, ES2 e ES3. O intérprete está junto aos estudantes surdos interpretando o que está acontecendo em sala de aula.

Referindo-se a subcategoria relação dos estudantes surdos *com os colegas ouvintes*, constatamos que há convergências e divergências entre as afirmações dos estudantes surdos e as práticas observadas em sala de aula. Neste contexto, há convergências quando ES1 afirma que essa relação com os colegas ouvintes acontece por meio do intérprete, este fato é comprovado na prática observada em sala de aula, pois os estudantes ouvintes se aproximam dos estudantes surdos e o intérprete faz a interpretação. Há também divergências, pois além da mediação do intérprete nessa relação com os ouvintes há também a utilização de gestos por parte dos ouvintes e dos surdos. Os surdos utilizam os gestos também para que os ouvintes possam compreender o que estão a afirmar. Encontramos esta situação ao observar a prática em sala de aula, no entanto não é ressaltado por ES1.

ES2 e ES3 afirmam que a relação é tranquila, porém identificamos que ES2 e ES3 interagem menos com os colegas ouvintes do que ES1.

Confrontando esses resultados das afirmações dos estudantes surdos com a prática em sala de aula é possível compreender que os mesmos dependem bastante do intérprete para se comunicar, mas que ES1 como também alguns alunos ouvintes são os que vão mais a busca dessa relação e comunicação e mesmo utilizando os gestos há um pouco de compreensão. Este resultado nos faz refletir que essa relação entre estudantes surdos e ouvintes é um dos fatores principais para que a inclusão aconteça e que é preciso disponibilizar a LIBRAS para todos, o que nos remete ao que diz o decreto nº 5.296/05 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, destacando a inclusão dos estudantes surdos e estabelecendo a LIBRAS como uma disciplina.

Na subcategoria, relação dos estudantes surdos *com o intérprete de LIBRAS* encontramos convergências nas falas dos 3 (três) estudantes surdos ao afirmar que essa relação é ótima, boa e positiva. Na prática em sala de aula é possível constatar essa boa relação, porém também é possível compreender que os estudantes surdos dependem do intérprete para se comunicar. Quando o mesmo (o intérprete) falta à aula os estudantes surdos permanecem pouco tempo em sala de aula e/ou se ausentam.

Confrontando esses resultados fica evidente que o intérprete é um profissional necessário para que a inclusão aconteça, além de contribuir para que os estudantes surdos tenham de forma assegurada a comunicação através da LIBRAS, sua primeira

língua, facilitando essa comunicação entre surdo-surdo e surdos-ouvintes como regulamenta a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

Diante do exposto é possível verificar que a relação dos estudantes surdos com o intérprete de LIBRAS é totalmente positiva e acontece muito bem. Já em relação aos estudantes surdos com os colegas ouvintes identificamos uma dependência dos estudantes surdos em relação ao intérprete, pois há dificuldades nessa relação por meio da LIBRAS (entre surdos e ouvintes). Os ouvintes não conhecem a LIBRAS, por isso os surdos algumas vezes acabam utilizando gestos para que os ouvintes possam compreender. Sugerimos que a aprendizagem da LIBRAS para os estudantes ouvintes contribuiria para a melhoria da relação e comunicação em sala de aula com os estudantes surdos.

4.2.4. Participação dos estudantes surdos na aula

Apresentamos a seguir a discussão dos resultados referentes à categoria,
Participação dos estudantes surdos na aula.

QUADRO 28 - PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS

Categoria	Subcategoria	Estudantes surdos	Unidades de registo	Professores	Número da aula observada	Comportamentos observados
Participação dos estudantes surdos	Nas aulas dos professores	ES1	“Eu sempre venho à faculdade, participo fazendo as atividades, também bastante slides.”	P1	1ª	ES1 participa da aula, levanta a mão e pede a palavra.
					2ª	ES2 e ES3 demonstram preocupações com os trabalhos e analisam o material que trouxeram.
					3ª	Às 09h00min entra na sala Es2, procura o intérprete, não o encontra, mas fica na sala. [Pouco tempo depois] ES2 se ausenta da sala.
		ES2	“Eu sempre participo fazendo as atividades, fazendo slides.”	P2	1ª	ES2 e ES3 acompanham a explicação por meio do intérprete. ES1 manuseia um material que trouxe...
					2ª	Enquanto isso ES2 e ES3 acompanham a aula por meio do intérprete que interpreta a explicação de P2. ES2 [parece] não perceber o que se passa na sala de aula.
					3ª	Passados mais alguns minutos, mais precisamente às 09h39 min ES2 se ausenta da sala. ES1 levanta o braço, se põe de pé e pede a vez para comentar o vídeo, o intérprete realiza toda a tradução para P2 e para os colegas ouvintes. ES1 ressalta que o vídeo é igual à escola, precisa de um estar em diálogo com o outro buscando alternativas para as soluções dos problemas. Em seguida, retorna ao seu lugar. ES1 levanta a mão, pede a vez e se põe em pé, de frente para a turma e o intérprete traduz para P2 e os colegas ouvintes. P2 interage e o intérprete traduz. ES1 ressalta que o professor precisa organizar métodos diferenciados para que o estudante aprenda. ES1 levanta a mão e comenta o vídeo dizendo que as pessoas enfrentam dificuldades, pessoas com deficiência física, pessoas que fazem hemodialise, o importante é o apoio. ES1 diz receber muito apoio. Toda a turma aplaude ES1. Em seguida, P2 elogia ES1.

		ES3	“As vezes sim, às vezes não. Procuro o intérprete, às vezes ele não está. O professor não sabe se comunicar.”	P3	1ª	ES1 levanta a mão e pede a palavra. ES1 diz que os conceitos de letramento e alfabetização não estão claros, e pede para P3 explicar novamente. O intérprete está realizando a interpretação para a turma. P3 explica oralmente e o intérprete faz a interpretação.
					2ª	P3 pede a ajuda de ES2 para entregar o estudo dirigido aos colegas da turma. ES2 responde que fará com todo o prazer e inicia a distribuição. Ao terminar a distribuição ES2 devolve a P3 as sobras. Ao perguntar previamente sobre construtivismo ES3 ressalta que lembra a construção da aprendizagem das crianças. P3 parabeniza e diz ter a ver. ES1 levanta a mão e faz uma pergunta a P3. Piaget teve estudantes ou seguidores em suas ideias construtivistas? P3 responde oralmente e o intérprete faz a interpretação da fala de P3. P3 afirma que sim e cita Emília Ferrero que ampliou o campo para a leitura e a escrita afirmando que a criança aprende bem se estiver em um ambiente que estimule o contato com os textos, com as letras, leitura, produção. E que Emília Ferrero também tem seguidoras como Telma Waz e Ana Teberosky que dão continuidade a esse trabalho chamado psicogênese da língua escrita e os níveis de escrita e hipóteses de leitura. Estes aspectos serão vistos na parte da tarde afirma P3. A turma afirma querer muito conhecer esses estudos. ES1 agradece a explicação e afirma que entendeu.
					3ª	ES1 levanta a mão e pede para argumentar. ES1 diz que é importante a associação entre a teoria e a prática para que o professor possa ter um melhor subsídio e conhecimento para poder agir rapidamente com os possíveis problemas que irá encontrar em sala, preparando também uma aula rica e de qualidade. É bom porque no curso de graduação estamos para entrar no estágio que vai confrontar as teorias que aprendemos até agora com a nova prática. P3 parabeniza e afirma que é de grande contribuição o argumento de ES1, os cursos precisam passar uma ideia do campo de trabalho ao novo profissional para que este possa ter a <i>chance</i> de experimentar desde já um pouco da futura profissão.

Na construção dos trabalhos em grupo	ES1	“Bem, quando há divisão de trabalho eu fico só, não chamo ninguém”, “logo em seguida os próprios ouvintes começam a se aproximar, então se formam grupos.” “gosto de organizar o grupo, fazer slides, mostrar sugestões, perguntar se está certo, o português”.	P1	1ª	-----
				2ª	ES2 e ES3 estão junto ao intérprete e este se encontra conversando com os estudantes no grupo. Ao orientar os grupos de ouvintes P1 passa no grupo donde estão ES2 e ES3 e o intérprete tira as dúvidas dos estudantes surdos com P1. ES2 e ES3 permaneceram no lado esquerdo da sala, pois trouxeram a pasta de estágio. ES2 pede para o intérprete tirar uma dúvida com P1, o intérprete, por sua vez, chama P1 e faz a pergunta de ES2 e traduz a resposta para a referida estudante. Neste mesmo momento alguns estudantes ouvintes chegam perto de P1 para perguntar, mas o mesmo pede que os estudantes aguardem, enquanto termina de tirar as dúvidas do grupo do estágio onde estão os estudantes surdos.
				3ª	-----
	ES2	“Reunimo-nos em grupo”. “Para me comunicar nos grupos faço uso de gestos”. “ainda não há uma evolução com a comunicação em relação a LIBRAS, é difícil”.	P2	1ª	ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.
				2ª	-----
				3ª	-----
	ES3	“Os grupos de ouvintes são formados, mas não me sinto a vontade de estar lá, eles só falam e eu não entendo”. “Então o intérprete vem me explicar e então dou opinião e ele repassa para o grupo”.	P3	1ª	Os surdos estão nos grupos interagindo com mais 2 (dois) colegas ouvintes e o intérprete.
				2ª	ES1, ES2 e ES3 se encontram no grupo dos vygotskyanos e o intérprete também. Estes estão interagindo com os colegas ouvintes e dão opiniões para as perguntas.
				3ª	Nessa divisão de grupos ES1 fica em um grupo com ouvintes e ES2 e ES3 ficaram em outro grupo junto com o intérprete. A turma se divide, P3 entrega a proposta do roteiro. Os estudantes surdos estão juntos com o intérprete e alguns colegas ouvintes.

Fazendo referência à subcategoria *participação dos estudantes surdos, nas aulas dos professores*, constatamos que há convergências entre as afirmações dos estudantes surdos e as práticas em sala de aula. ES1 e ES2 afirma que sempre frequenta a faculdade e participa da aula realizando as atividades. ES3, por sua vez, afirma que só participa da aula quando o intérprete se encontra na sala de aula, pois o professor não consegue se comunicar.

Na prática de sala de aula verificamos que ES1 participa da aula dando opiniões sobre os assuntos discutidos. ES2 gosta de participar da aula e fica mais próximo de ES3. Fica evidente que a participação dos estudantes surdos só acontece em sala de aula quando o intérprete está na sala de aula fazendo a mediação na comunicação. Os professores, por sua vez se esforçam para que os estudantes participem das aulas.

Confrontando esses resultados compreendemos que a participação dos estudantes surdos em sala de aula acontece em alguns momentos, podemos perceber uma participação maior de ES1, isto é positivo e estar de acordo com o princípio da inclusão. Porém, ES2 e ES3 participam pouco das aulas, pois apresentam timidez e dependem bastante do intérprete. Este fato significa dizer que é preciso que exista uma organização do ensino e da aprendizagem para todos os estudantes, competência do professor. Este fator identificado vai ao encontro da proposta de Silva (2008) ao ressaltar que esta organização do ensino e da aprendizagem “em função de todos os alunos, para além de estarem sensibilizados à questão da diferença, independentemente da sua etiologia, sentirem-se confiantes quanto à(s) resposta(s) que podem pôr em prática” (SILVA, 2008, p.480).

Reportando-nos a subcategoria *participação dos estudantes surdos, na construção dos trabalhos em grupo*, ES1 afirma que quando se formam grupos, espera os ouvintes se aproximarem, e aí formam-se os grupos. ES1 afirma ainda gostar de organizar o grupo e os slides, além de dar sugestões. ES2 afirma que participa dos trabalhos em grupos e que para se comunicar utiliza gestos, não havendo comunicação através da LIBRAS, pois os colegas ouvintes não a conhecem, ficando difícil a comunicação. ES3, afirma não se sente a vontade de estar no grupo com os colegas ouvintes, pois os mesmos falam e não há compreensão (por parte de ES3), dependendo assim da mediação do intérprete de LIBRAS.

Nas práticas de sala de aula constatamos as afirmações dos estudantes surdos. Os 3 (três) estudantes surdos participam dos grupos e interagem com os ouvintes por meio do intérprete. Quando o mesmo não vem para a aula ES2 e ES3 participa pouco ou não participa. Na formação dos grupos encontramos sempre os surdos e o intérprete no mesmo grupo, às vezes ES1 fica em um grupo diferente, só com ouvintes.

Outro fator observado é que quando o intérprete não está, a participação por parte dos estudantes surdos não acontece, deixando claro mais uma vez que a falta de comunicação atrapalha a participação efetiva desses estudantes.

Neste contexto, outro fator evidente é o esforço dos professores em promover essa participação por meio das formações dos grupos com os ouvintes. Esta organização do ensino e aprendizagem neste contexto vai de encontro à proposta de Silva (2008) ao afirmar que o professor ao organizar o processo de ensino e aprendizagem pensando em todos os estudantes contempla os princípios da inclusão destacando que: “é por isso que a educação inclusiva faz tanto sentido quando a perspectiva é o ensino e a aprendizagem para todos, no contexto de sala de aula” (SILVA, 2008, p.481).

Diante do exposto compreendemos este esforço dos professores como sendo favorável à inclusão dos estudantes surdos, uma vez que esta tem como ponto de partida a valorização das diferenças e a organização do ensino e da aprendizagem para toda a turma. Este fator valoriza a aprendizagem dos estudantes surdos com os seus pares.

CONCLUSÕES

Esta investigação propôs-se compreender o processo de inclusão dos estudantes surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes e das percepções e das práticas dos seus professores, no curso de graduação em pedagogia. A investigação realizada foi de fundamental importância, pois nos possibilitou a compreensão de como está a processar-se a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior, mais precisamente no curso de graduação em pedagogia. Ficou evidente que é necessário que todos os que fazem a instituição de ensino superior pesquisada, principalmente os professores aprendam e utilizem a LIBRAS no cotidiano de suas aulas, como também o repensar de suas práticas em sala de aula.

Como aporte teórico foram consultados autores como Quadros (1997, 2004), Sá (2003), Damázio (2005), Gesueli (2006), Ansay (2009), Alvez, Ferreira, Damázio (2010), Bisol, Valentini (2011) que abordam os estudantes surdos no ensino superior, como também a inclusão desses estudantes e a proposta bilíngue também para esses estudantes.

Sobre a inclusão foram consultados autores como Stainback e Stainback (1999), Correia (2001), Sanches (2005), Sanches e Teodoro (2006), Ainscow (2009), Favero (2011) que apresentam a inclusão como sendo a prática da educação de todos.

Consultamos também a legislação brasileira que orienta a educação inclusiva: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 e a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva Inclusiva 2007 que se referem à educação inclusiva no Brasil destacando que os estudantes com deficiências precisam estar incluídos no ensino regular. A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 que apresenta a língua brasileira de sinais – LIBRAS e o decreto nº 5.296 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 destacando a inclusão dos estudantes surdos e estabelecendo a LIBRAS como uma disciplina. Estes documentos asseguram legalmente a LIBRAS como sendo a primeira língua dos surdos, como também convergem com as ideias dos teóricos consultados.

Esta investigação teve os dados empíricos coletados em uma instituição de ensino superior privada. Utilizámos a entrevista a 3 (três) estudantes surdos e a 3 (três) professores, como também realizámos as observações das aulas desses professores nas turmas dos estudantes surdos, sendo 3 (três) aulas por professor, no total 9 (nove) aulas. A análise dos dados se deu com base na análise de conteúdo de Bardin (2006). Assim sendo, relacionámos as percepções dos estudantes surdos com as percepções de seus professores bem como as percepções dos professores com as práticas de sala de aula.

No que se refere aos resultados discutimos no ponto um as percepções dos estudantes surdos e dos seus professores. Discorrendo sobre a comunicação entre os estudantes surdos e professores verificamos que há dificuldade nessa comunicação por parte dos professores por não conhecerem a LIBRAS (tendo como exceção um dos professores). Porém, o intérprete é a pessoa que está dando o suporte necessário para que essa comunicação aconteça em sala de aula. Verificámos também que o ponto chave para esta comunicação (entre estudantes surdos e professores) é o conhecimento e o domínio da LIBRAS por parte dos professores.

Referindo-se ao processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos constatámos que estes não reportam as estratégias realizadas pelos seus professores. Constatámos também que enquanto os estudantes surdos se encontram angustiados com a fragmentação da comunicação e do processo de ensino e aprendizagem, os professores afirmam que está tudo bem, com exceção de um dos professores que ainda reconhece a necessidade de aprender mais a LIBRAS, pois em algumas situações ainda não consegue se comunicar. Esse fator se apresenta como uma barreira no processo de inclusão dos estudantes surdos.

Sobre a inclusão, verificámos que a maioria dos estudantes surdos e professores compreendem o processo de inclusão (dois estudantes e dois professores), e que é preciso lutar para promovê-la. Porém, os estudantes surdos não se sentem totalmente incluídos na sala de aula, a maioria destes preferem as salas especiais por afirmarem que o aprendizado é melhor (dois estudantes), mas destacam pontos positivos em relação à inclusão. Sobre como fazer a inclusão dos estudantes surdos em sala de aula, apenas um dos professores demonstra conhecimento de como incluir os estudantes surdos, sendo este um fator preocupante. Referindo-se à contribuição da instituição de ensino superior para a inclusão dos estudantes surdos, a maioria dos participantes afirma que a IES

contribui por conta do intérprete de LIBRAS. Referindo-se às ações que precisam ser realizadas ou melhoradas por parte dos professores, os estudantes surdos apontam que os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar.

No ponto dois discorremos sobre os resultados com base nas percepções dos professores e suas práticas de sala de aula. No que se refere à relação e comunicação do professor com os estudantes surdos ficou evidente que é preciso ser realizada a busca por formação na área de educação inclusiva principalmente relacionada à aprendizagem da LIBRAS por parte dos professores, pois a relação e comunicação não acontece em sala de aula sem o conhecimento desta língua.

No que se refere ao processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula já encontramos indicativos positivos, pois os professores participantes já vêm pensando e aplicando os conteúdos através de algumas estratégias próprias, inclusive algumas que contemplam os estudantes surdos. Porém, ainda é preciso que os professores revejam e intensifiquem as suas estratégias de forma a atender melhor os estudantes surdos,

A relação e comunicação entre os estudantes surdos e os estudantes ouvintes acontecem através do suporte do intérprete e também de gestos, pois os colegas ouvintes não conhecem a LIBRAS. Mesmo utilizando os gestos há um pouco de compreensão. A relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete são bastante positivas e de amizade, sendo que existe muita dependência dos estudantes surdos em relação ao intérprete, pois a maioria dos ouvintes não conhece a LIBRAS. De acordo com essa realidade pode-se concluir que o grande entrave para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça na IES pesquisada é a falta da comunicação por meio da língua brasileira de sinais – LIBRAS. Encontramos como fatores positivos o indicativo da utilização de estratégias no processo de ensino e aprendizagem por parte da maioria dos professores, a presença e o trabalho do intérprete em sala de aula.

Como fator positivo, é importante destacar também, o conhecimento e a prática da LIBRAS de um dos professores participantes, como também o esforço de todos os professores em buscar envolver os estudantes surdos na aula, embora tenha sido difícil em muitos momentos observados nas práticas dos mesmos. Destacamos também o processo de avaliação da aprendizagem dos estudantes surdos que se deu de forma processual, valorizando os diversos contextos e atividades realizadas pelos mesmos e

pela turma. Verificámos que mesmo com dificuldades os estudantes surdos se esforçam e se destacam na turma em relação aos estudantes ouvintes, confirmando assim as falas dos professores.

Só temos a certeza de que ainda há muito a fazer para que os estudantes surdos sejam de fato incluídos no ensino superior, mais precisamente no curso de graduação em pedagogia, precisa-se de professores com formação na área da inclusão e da LIBRAS, oportunidades para que os ouvintes aprendam a LIBRAS e se comuniquem com os estudantes surdos e a busca de parcerias entre os profissionais são algumas ações necessárias no processo de inclusão desses estudantes.

No término desta investigação não podemos apontar que o estudo chegou ao seu final. A pesquisa em educação está sempre em processo constante de surgimento e mudanças, sendo por isso um processo inacabado nos remetendo ao pensamento de Morin (2011):

O novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar a força na teoria incapaz de recebê-lo (MORIN, 2011, p.30).

É no contexto apontado por Morin (2011) que a nossa investigação sobre o processo de inclusão dos estudantes surdos está situada. Hoje encontramos resultados que apontam desafios a enfrentar, além de contribuir com novas investigações que venham a surgir, pois o novo surge sem parar, não podemos prever e sim esperar o inesperado e enfrentar os desafios que este nos traz e trará.

RECOMENDAÇÕES

Esta investigação propôs-se a estudar a inclusão dos estudantes surdos no curso de pedagogia (ensino superior), sendo assim compreendemos os resultados desta como sendo indicadores para pesquisas vindouras. Constatamos que o entrave para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça é a falta da comunicação por meio da língua brasileira de sinais (LIBRAS).

O nosso estudo apresenta limitações apontando que há muito a se fazer pela inclusão de surdos no ensino superior, mais precisamente no curso de graduação em pedagogia, pois se precisa de professores com formação específica para a inclusão de surdos e LIBRAS.

Recomenda-se aos investigadores que desenvolvam estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos, como este vem acontecendo, a abordagem bilingue em sala de aula e o oferecimento da LIBRAS nas instituições com base na cultura surda, todos esses elementos estão ligados à inclusão dos estudantes surdos.

Recomenda-se à direção da instituição de ensino superior pesquisada o oferecimento de curso de LIBRAS para os professores, funcionários e estudantes ouvintes, pois a comunicação com os estudantes surdos é um fator primordial para a inclusão e a efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

É necessário também que a IES ofereça formação continuada para professores sobre a educação inclusiva promovendo assim a oportunidade para que os mesmos compreendam o processo de inclusão e repensem suas práticas de sala de aula.

Assim sendo, recomenda-se também à IES pesquisada a oferta da disciplina de LIBRAS como parte integrante do currículo, visto que essa oferta é lei.

E por último, outra recomendação é a busca de parcerias entre os diversos profissionais da educação, saúde, assistência social e associações de surdos com o objetivo de fortalecer as ações referentes ao processo de inclusão dos estudantes surdos.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. **Tornar a educação inclusiva:** como essa tarefa deve ser conceituada? In: FÁVERO, Osmar. FERREIRA, Windiz. IRELAND, Timothy. BARREIROS, Débora. (orgs). **Tornar a educação inclusiva.** p.11-22 Brasília: UNESCO, 2009.

ALVEZ, Carla Barbosa. FERREIRA, Josimário de Paula. DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar:** abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez. Fortaleza: Secretaria de educação especial, 2010. (coleção A educação especial na perspectiva da inclusão escolar v. 4).

ANDRADE, Maria Edgleuma de. **Ampliação do acesso à educação superior:** compromisso com a inclusão social? In: ANSELMO, Roberto Derivaldo. DANTAS, Éder da Silva. **Inclusão políticas e práticas.** João Pessoa: editora universitária da UFPB, 2012.

ANSAY, N.N. **A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior.** Curitiba, 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70 Ltda, 2006.

BISOL, Claudia. VALENTINI, Carla Beatris. **Surdez e Deficiência Auditiva - qual a diferença?** Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em www.grupoelri.com.br / Acesso em: 25 out. 2014.

BISOL, Cláudia Alquato [et.al]. **Estudantes surdos no ensino superior:** reflexões sobre a inclusão. Caderno de pesquisa v. 40, nº 139, p. 147-172, jan / abr. 2010. Disponível em: [www.scielo. br/pdf/ /v40n139/v40n139a08.pdf](http://www.scielo.br/pdf/v40n139/v40n139a08.pdf). Acesso em: 05 fev. 2015.

BOBBIO, Noberto. **O futuro da democracia.** 8. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

BOTO, Carlota. **A educação escolar como Direito Humano de três gerações:** identidades e universalismos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a04.pdf> Acesso em: 27 ago. 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 ago. 2014.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm . Acesso em: 20 ago. 2014.

BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN**. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acesso em: 27 ago. 2014.

BRASIL. Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm Acesso em: 23 maio 2014.

BRASIL. Lei 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 30 jul. 2014.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 22 mar. 2015.

BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso: 21 maio 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial no Brasil. **Evolução da Educação Especial no Brasil**. Brasília: 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>. Acesso em 13/06/2014.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial, 2007.

BRASIL. Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm Acesso em: 25 maio 2014.

BRASIL. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Disponível em: portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf Acesso em: 13 ago.2014.

BRASIL. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm Acesso em: 08 set. 2014.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: educação inclusiva. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASÍLIA. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

BRASÍLIA. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf Acesso em: 03 maio 2014.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/04.pdf> / Acesso em: 29 ago.2014.

CHAUÍ, Marilena. **A Universidade Pública sob nova perspectiva**. Revista Brasileira de Educação, 2003, nº 24 p. 5-15, set - Out - Nov e dez. Disponível em: [ww.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf) / Acesso em: 01 dez. 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORREIA, Luís de Miranda. **Educação inclusiva ou educação apropriada?** In: RODRIGUES, David. (org). **Educação e diferença**: valores e práticas para uma educação inclusiva. Portugal: Porto, 2001.

CRUZ, J.I.G.da. **Consolidação de uma trajetória escolar: o olhar do surdo universitário sobre o ensino superior**. Ribeirão Preto, 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto.

DANNA, Marilda Fernandes. MATOS, Maria Amelia. **Aprendendo a observar**. 2ª ed. São Paulo: Edicon, 2011.

DAROQUE, S. **Alunos surdos no ensino superior**: uma discussão necessária. Piracicaba, 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba.

DUARTE, José Bernardino Pereira. **Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização.** Revista lusófona de Educação, 2008, 11, 113 – 132. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/575/472> Acesso em: 22 mar. 2015.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **O direito à diferença na igualdade de direitos.** In: MANTOAN, Teresa Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERENC, Alvanize Valente Fernandes. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Formação de professores, docência universitária e o aprender a ensinar, 2005, São Paulo. In: VIII Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores e UNESP - Universidade Estadual Paulista - Pro-reitoria de graduação. Anais: Formação Docente para o ensino superior, p. 3-11. Disponível em: www.unesp.br/prograd/e-book%20viii%20cepfe/.../10eixo.pdf Acesso em: 24 jun. 2014.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: seu tocar e seu escutar.** In: FREIRE, Paulo. **Quando as ideias e os afetos se cruzam.** Recife: UFPE, 2006. (Série educação e cidade, v.1).

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. **Formação de professores para a inclusão dos alunos no espaço pedagógico da diversidade.** In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. (org). 3 ed. **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. (org). **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: UNESCO, 2011.

GESUELI, Zilda Maria. **Linguagem e identidade: a surdez em questão.** Educação e sociedade. Campinas, v.27, n.94, p. 277 – 292, 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a14v27n94.pdf / Acesso em: 20 out. 2014.

GIAMMELARO, Cínthia Najla Fahl. GESUELI, Zilda Maria. SILVA, Ivani Rodrigues. **A relação sujeito / linguagem na construção da identidade surda.** Revista Educação e Sociedade, Campinas, 2013, v. 34, n. 123, p. 509-527, abr-jun. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200011. Acesso em: 20 nov. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: atlas, 2008.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica.** São Paulo: Avercamp, 2005.

JANUZZI, Gilberto de Martino. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 1. Ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

JOBERT, Guy. **A profissionalização: entre competência e reconhecimento social**. In: ALTLET, Marguerite. PAQUAY, Léopold. PERRENOUD, Philippe. **A profissionalização dos formadores de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: artmed; Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.

MACHADO, Rosangela. **Educação Inclusiva: revisar e refazer a cultura escolar**. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O direito de ser, sendo diferente, na escola – por uma escola das diferenças**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

MADRUGA, Sidney. **Pessoas com deficiência e direitos humanos: ótica da diferença e ações afirmativas**. São Paulo: Saraiva, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. CAVALCANTE, Lucíola Inês Pessoa. A formação docente sob a ótica da diversidade e da inclusão: uma reflexão sobre a formação superior de professores indígenas. In: DIAS, Adelaide Alves. MACHADO (org). **Educação, direitos humanos e inclusão social: currículo, formação docente e diversidades socioculturais**. João Pessoa: UFPB, 2009, p.27-50.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRN, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. Ed. 2ª. São Paulo: Cortez, 2011.

NOVENA, Nadja Patrícia. Pesquisando as narrativas da sexualidade na organização escolar: Formulação do problema e adequação dos procedimentos metodológicos na pesquisa qualitativa. In: FARIAS, Maria da Salete Barboza. WEBER, Silke. **Pesquisas Qualitativas nas ciências sociais e na educação: propostas de análise do discurso**. João Pessoa: editora universitária da UFPB, 2008.

PADILHA, Paulo Roberto. Educação em Direitos Humanos sob a ótica dos ensinamentos de Paulo Freire. In: SCHILLING, Flávia (org.). **Direitos Humanos e Educação: outras palavras, outras práticas**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. CHOI Daniel. VIEIRA, Maria Inês. [et.al]. **LIBRAS conhecimento além dos sinais**. 1. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PERETZ, Henri. **Métodos em sociologia**. Paris: La decouverte & Syros, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica Gather. (org). **As competências para ensinar no século XXI: A formação de professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no Ensino Superior**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. RAMOS, Francineide Nogueira. A educação inclusiva, em busca da formação do humano. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho. (org). **Construindo trilhas, refazendo caminhos: alguns pontos de reflexão sobre educação e diversidade**. João Pessoa: UFPB, 2012, p.21-37.

SÁ, Nidia Regina de. **Convite a uma revisão da pedagogia para minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos**. Revista Espaço, Rio de Janeiro, n.18/19, p.87-92, 2003.

SÁ, Nidia Regina de. **O discurso surdo: a escuta dos sinais**. In: SKLIAR, Carlos (org). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação.

SANCHES, Isabel. Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação. **Revista lusófona de Educação**, 2005, 5, 127-142. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1015/835> Acesso em: 06 out. 2014.

SANCHES, Isabel. TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, 2006, 8, 63-83. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/691/583> Acesso em: 27 set. 2014.

SILVA, Aline Maira. **Educação Especial e inclusão escolar: História e fundamentos**. Curitiba: Ibpex, 2010. (Série Inclusão escolar).

SILVA, Maria Odete Emygdio da. Inclusão e Formação Docente. **Eccos Revista Científica**, 2008, v.10.n.2p. 479 - 498. Disponível em: http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos_v10n2/eccosv10n2_4aensaio01.pdf Acesso em: 12 out. 2014.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Muller (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

STAINBACK, Susan. STAINBACK, Willian. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho Docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O ofício de professor**: história, perspectivas e desafios internacionais. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Beatriz de Basto Teixeira. Escolas para os Direitos Humanos e a Democracia. In: SCHILLING, Flávia (org.). **Direitos Humanos e Educação**: outras palavras, outras práticas. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNESCO. **Declaração de salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais 1994**. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf Acesso em: 07 jun. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – PLANO DA ENTREVISTA – PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR (CURSO DE PEDAGOGIA)

ENFOQUES	Objetivos	Exemplo de questionamento	Observações (cuidados a ter)	Data e Hora
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente - Motivar o entrevistado - Garantir confidencialidade - Acordar os termos de utilização da informação	- Fazer a apresentação entrevistador/entrevistado - Explicar os motivos da entrevista - Falar sobre os objectivos da entrevista	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local agradável - Pedir para gravar a entrevista - Marcar o dia, a hora e o local da entrevista	Professor 1 28/02 10h00min Professor 2 07/03 15h00min Professor 3 14/03 11h00min
Perfil do entrevistado	Coletar dados referentes ao perfil do entrevistado, de âmbito pessoal e profissional	- Fale-me um pouco de você, como pessoa e como profissional. - Qual é a sua formação e há quanto tempo atua no magistério superior?	- Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito - Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas - Ter atenção aos comportamentos não-verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado	
Comunicação com os estudantes surdos	Caraterizar os modos de comunicação com os estudantes surdos	- Você fez curso de LIBRAS ou outro curso para ensinar os estudantes surdos? Se sim, discorra um pouco. Se não por que não realizou? - De que forma você se comunica com os estudantes surdos? - Discorra sobre uma experiência que chegou a ter com estudantes surdos no ensino superior.		
Ensino e aprendizagem do estudante surdo, em sala de aula	Caraterizar as estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos e os seus modos de reacção	- Quais estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem com os estudantes surdos, em sala de aula? - Como os estudantes surdos reagem ao seu modo de ensinar? Discorra sobre uma experiência sua.		
Avaliação da aprendizagem dos estudantes surdos	Pedir para explicar as metodologias que usa para avaliar os estudantes surdos	De que modo você avalia a aprendizagem dos estudantes surdos?		
Relação com os seus estudantes surdos e com	Falar sobre a relação com os estudantes surdos e com o intérprete de	- Há intérprete de LIBRAS? - Como é a sua relação com este profissional? - Fale sobre a sua relação com os		

o intérprete de LIBRAS	LIBRAS.	estudantes surdos.		
Inclusão	- Pedir para definir conceito e significado de inclusão - Pedir para explicar como está acontecendo a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior e na instituição em que trabalha	12. O que você entende por inclusão? Discorra sobre uma experiência sua. 13. Para você, enquanto professor, o que significa a inclusão dos estudantes surdos? 14. Na sua percepção como deve acontecer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior? 15. Em sua opinião você está contribuindo para que a inclusão desses estudantes aconteça? De que modo? 16. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você leciona está contribuindo para que esta inclusão aconteça? De que forma? 17. Como você orientaria um colega no trabalho para a inclusão dos estudantes surdos?		

APÊNDICE 2 - PLANO DA ENTREVISTA – ESTUDANTE SURDO

ENFOQUES	Objetivos	Exemplo de questionamento	Observações (cuidados a ter)	Data e Hora
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	- Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente; - Motivar o entrevistado; - Garantir confidencialidade - Acordar os termos de utilização da informação.	- Fazer a apresentação entrevistador/entrevistado; - Explicar os motivos da entrevista; - Falar sobre os objectivos da entrevista.	- Entrevista semi-directiva - Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado - Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível - Pedir para gravar a entrevista - Marcar o dia, a hora e o local da entrevista.	Estudante 1 28/02 10h00min Estudante 2 28/02 10h30min Estudante 3 28/02 11h00min
Perfil do entrevistado	Coletar dados referentes ao perfil do entrevistado, de âmbito pessoal e profissional.	1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como estudante do ensino superior. 2. Há quanto tempo você está cursando Pedagogia e o porquê da escolha deste curso?	- Estar atento às reacções do entrevistado e anotá-las por escrito; - Mostrar disponibilidade e abertura para a compreensão das situações apresentadas; - Ter atenção aos comportamentos não-verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado.	
Comunicação com os professores.	Caraterizar os modos de comunicação com os professores.	3. Onde você aprendeu LIBRAS e com que idade começou a aprender? 4. Você utiliza a LIBRAS para se comunicar com os professores? 5. Discorra como acontece a comunicação com os seus professores e em quais contextos?		
Participação em sala de aula.	Caracterizar a participação em sala de aula.	6. Você participa efetivamente das aulas propostas pelos professores e de que forma? 7. Fale-me como se dá a construção dos trabalhos em equipe, com os colegas da turma em sala de aula, e como você participa dessa construção e desse momento de aprendizagem.		
Estratégias utilizadas pelos professores.	Caraterizar as estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem.	8. Fale-me da sua experiência como estudante e de como os professores fazem para você aprender. 9. Em sua opinião o que precisa ser melhorado na prática dos professores para que eles possam contribuir de forma eficaz para a aprendizagem do estudante surdo?		
Relação e comunicação com os colegas ouvintes e	Caracterizar a relação e a comunicação com os colegas ouvintes e com o	10. Como acontece a relação e a comunicação com os colegas ouvintes? 11. Fala-me como acontece a sua comunicação com o intérprete?		

com o intérprete de LIBRAS	o intérprete de LIBRAS.			
Inclusão	- Definir conceito e significado de inclusão. - Explicar como está acontecendo a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior (curso de Pedagogia) e na instituição em que estuda.	12. O que você entende por inclusão? 13. Para você, enquanto estudante, o que significa a inclusão dos estudantes surdos? 14. Para você como deve acontecer a inclusão do estudante surdo no ensino superior? 15. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você estuda está contribuindo para que a inclusão aconteça? De que forma? Como este processo vem acontecendo? 16. Em sua opinião o que é necessário ser feito ou melhorado para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça no curso de pedagogia da instituição onde estuda? 17. Você acha que está incluído na instituição em que estuda? Por quê?		

APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 1

1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como profissional.

Chamo-me (nome da entrevistada), tenho 32 anos de idade. Trabalho na educação há mais ou menos 10 anos e como pessoa e profissional que sou gosto de fazer tudo muito bem feito porque eu preciso zelar pelo meu nome, pela minha imagem. Então, eu gosto de tudo certinho, porque eu posso cobrar das outras pessoas e também posso ser cobrada a partir do momento que faço o meu trabalho bem feito.

2. Qual é a sua formação e há quanto tempo atua no magistério superior?

A minha formação é em História e pós - graduada, especializada em História do Nordeste. Faz mais ou menos em torno de 1 (um) mês que estou trabalhando na educação superior, chamada pela Instituição de Ensino Superior e estou gostando da experiência.

3. Você fez curso de LIBRAS ou outro curso para ensinar os estudantes surdos? Se sim, discorra um pouco. Se não por que não realizou?

Não. Não fiz até o momento ainda porque não tive oportunidade, mas acho muito bonito quem sabe falar, quem sabe se expressar com relação e sei que o mercado está se expandindo muito e que há necessidade de fazer parte.

4. De que forma você se comunica com os estudantes surdos?

Por meio do intérprete que tem aqui na sala e tento ao máximo compreender, tentar fazer com que eles compreendam o que eu venho falando.

5. Discorra sobre uma experiência que chegou a ter com estudantes surdos no ensino superior.

Foi o contato no primeiro dia de aula e com os alunos foi meio complicado porque eu não sou muito boa em entender o que eles falam. Aí eu me senti insegura na hora de me expressar para eles.

6. Quais estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem com os estudantes surdos, em sala de aula?

Procuro ao máximo falar mais devagar e falar sempre olhando no rosto do aluno para que ele possa compreender pelo menos pela leitura labial.

7. Como os estudantes surdos reagem ao seu modo de ensinar? Discorra sobre uma experiência sua.

De Início, eu acredito que bem porque até agora não houve nenhuma reclamação. Então, acredito que eles estão compreendendo e estão gostando do meu trabalho.

8. De que modo você avalia a aprendizagem dos estudantes surdos?

Boa. Eles conseguem identificar o que é desejado por meio do educador e se saem muito bem. Utilizo nas aulas exposições de slides, onde o conteúdo é abordado de maneira bem visual. Para avaliar eu levo em consideração esse conjunto a atenção e a participação nas aulas.

9. Há intérprete de LIBRAS?

Sim.

10. Como é a sua relação com este profissional?

Satisfatória.

11. Fale sobre a sua relação com os estudantes surdos.

É proveitosa para mim e acredito que para eles também por que a cada dia eu aprendo um pouquinho mais como me expressar com os dedos.

12. O que você entende por inclusão? Discorra sobre uma experiência sua.

Inclusão é como o próprio nome já diz, a questão de incluir, fazer com que esteja dentro, não é isso? Então, inclusão social, inclusão do jovem é fazer com que ele permaneça, não seja excluído por apenas apresentar certa deficiência do meio social.

13. Para você, enquanto professor, o que significa a inclusão dos estudantes surdos?

Não deixar de fora de nenhum acontecimento só por conta da sua deficiência.

14. Na sua percepção como deve acontecer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior?

O mais normal possível. Porque eles apresentam uma deficiência, mas não uma incapacidade.

15. Em sua opinião você está contribuindo para que a inclusão desses estudantes aconteça? De que modo?

Acredito que sim. Apartir do momento em que os alunos interagem com os outros alunos, interagem na minha aula. E assim por diante.

16. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você leciona está contribuindo para que esta inclusão aconteça? De que forma?

Com certeza. A partir do momento em que esta paga um intérprete para facilitar a vida do educador.

18. Como você orientaria um colega no trabalho para a inclusão dos estudantes surdos?

Que de Início ele procurasse ao máximo se adaptar porque a inserção realmente é meio complicada para quem não consegue desenvolver a linguagem com os alunos. Porém, com o decorrer do tempo tudo vai se encaixando. E que em nenhum momento deve haver essa proibição e sim pelo contrário, um incentivo.

APÊNDICE 4 - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 2

1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como profissional.

Chamo-me (nome da entrevistada), tenho 42 anos de idade. Bem, como pessoa e também como profissional eu sou uma pessoa acessível. Eu me considero extrovertida, legal. Sou de fácil amizade, sou uma pessoa normal, simples, humilde.

2. Qual é a sua formação e há quanto tempo atua no magistério superior?

Minha formação é História pela (nome da IES) e fiz especialização em psicopedagogia clínica e institucional pela (nome da IES) e estou atuando em torno de 10 a 15 anos por aí, acho que mais, 15 anos.

3. Você fez curso de LIBRAS ou outro curso para ensinar os estudantes surdos? Se sim, discorra um pouco. Se não por que não realizou?

Não fiz ainda, mas estou bastante interessada e trabalhei numa escola durante três anos que tinha uma sala de especiais de surdo – mudo e a professora de lá dava umas dicas ao nosso grupo. Então, eu já sei algumas coisas, pouquinho, bem básica, mas eu acho muito interessante. Estou com vontade de fazer agora.

4. De que forma você se comunica com os estudantes surdos?

Vê mesmo! Como eu falei, alguma noção eu tenho, é bem básico, um bom dia, um olá, perguntar nomes, porque as letras algumas eu já sei fazer também e tem que ter o auxílio de alguém com certeza. Porque ainda é um nível assim, que o pessoal não sabe muita coisa. Porque você conversar com alguém, falar é uma coisa e com gestos, nós não sabemos tudo. É muito complicado tem que ter alguém com certeza para auxiliar, no caso feito essa sala da gente que tem 1 (um) intérprete e 3 (três) estudantes surdos, tem que ter realmente porque agente fala acelerado para dar aula e os gestos assim, agente sabe o básico mesmo. Então não tem como não. Tem que ter alguém para nos ajudar.

5. Discorra sobre uma experiência que chegou a ter com estudantes surdos no ensino superior.

Agora. É a primeira. Eu trabalhei o ano passado lá na (nome da escola de ensino fundamental) e não tinha surdo. Agora está sendo a primeira vez, assim de eu trabalhar diretamente com eles em um nível superior. Como eu falei eu trabalhei numa escola que tinha, mas era ensino fundamental e eu não dava aula nessa sala. Era só uma sala que pertencia à escola e agente tinha todo dia que vê-los, falar com cada um. Então, assim nós aprendemos o básico, tá sendo a primeira vez e eu estou achando bastante interessante e é um dos motivos pelos quais eu me interessei em fazer LIBRAS. Estou com vontade.

6. Quais estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem com os estudantes surdos, em sala de aula?

Bom. A estratégia que agente usa na verdade é geral para os alunos. Se tiver um seminário, nós vamos fazer, ainda hoje mesmo vai ter uma apresentação com eles. O intérprete que vai auxiliar. Eles vão falar na linguagem

deles e o intérprete vai passar para agente. E eu nunca tinha trabalhado, então vai ser agora com a ajuda do intérprete, tudo na verdade. A estratégia vai ser normal como fazemos com os alunos normais até porque eles não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam.

7. Como os estudantes surdos reagem ao seu modo de ensinar? Discorra sobre uma experiência sua.

Bem. Vendo agora acho que eles estão se adequando, eles nunca reclamaram nada. Assim! E como você viu da outra vez eu fui tentar falar meu nome com as letras na mão, formando na mão. Eles vieram me corrigir, eu estava mexendo muito a mão. Eles ficaram me corrigindo, mas assim é muito bom. Eu sinceramente, eu estou amando a ideia de trabalhar com eles. É uma coisa diferenciada e o professor, ele tem que está se reciclando. Eu acho que LIBRAS, eu estava conversando hoje com o menino, ele falou que está tendo muita inscrição para matrícula no curso de LIBRAS aqui. Já é por conta disso porque a clientela está aumentando. O professor, ele tem que se adaptar as ocasiões, as situações.

8. De que modo você avalia a aprendizagem dos estudantes surdos?

Bem. Eu acho que é normal. Eles não são como eu já falei, eles não são diferentes. Eles são especiais, eles não são diferentes. Eles têm a mentalidade saudável, igual a todo aluno. Então eu acho que agente faz na sala de aula, no geral e o intérprete passa para eles. Acho que o aprendizado dele não é diferenciado não. Eles não são menos do que os outros não. Eu acho até que tem alguns que se destacam até mais. Eles são bastante interessados. Nas minhas aulas eu utilizo slides e também vídeos e através das discussões e interações durante as exposições dos mesmos eu já avalio a aprendizagem.

9. Há intérprete de LIBRAS?

Há. Aqui na sala há. Tem um intérprete sim. Por sinal é aluno e professor e é muito bom por sinal.

10. Como é a sua relação com este profissional?

Muito boa. Da melhor maneira possível e às vezes até assunto extrassala que eu quero dizer para os alunos de LIBRAS, que eu não sei, eu já o chamo para me auxiliar e agente se dá super bem.

11. Fale sobre a sua relação com os estudantes surdos.

Muito bom e muito amigável. Uma das alunas, ela é professora lá do CREFAS, ela dar aula de LIBRAS lá e eu disse a ela que aqui eu sou professora dela e lá ela vai ser minha professora. Então, ela começou rir. Isso foi hoje. Então super bem, sem problema algum. Tento ser bastante clara, tento ser o máximo que posso.

12. O que você entende por inclusão? Discorra sobre uma experiência sua.

Bem. Inclusão é justamente, no nosso país que é um país muito cheio de discriminação. Então essas pessoas surdas, cegas, com alguma outra dificuldade, elas eram excluídas do normal, do cotidiano. Eu trabalho como eu falei, a noite como um projeto federal que é o projovem urbano que é justamente um projeto de inclusão social.

São pessoas que não conseguiram terminar o ensino fundamental e são de 18 a 29 anos, estão concluindo esse ensino fundamental e eles concluem em um ano e meio. A maioria é problemático. E assim, esses trabalhos de inclusão são muito bons porque ajudam essas pessoas que se sentem excluídas, discriminadas a terem uma profissão, a alcançarem algo que pretendem na vida e às vezes elas passam por problemas por falta de alguém que dê uma oportunidade. E a inclusão, eu acho que foi a melhor coisa que fizeram, foi tentar dar um novo horizonte para essas pessoas.

13. Para você, enquanto professor, o que significa a inclusão dos estudantes surdos?

É o que eu falei agora. Eu acho que foi o melhor método, é a inclusão. Eles se sentem valorizados, eles se sentem ambientados, eles vão e falam e os que falam errados despertam a curiosidade para aprender a linguagem deles. Então, eu acho que é excelente, foi um método muito bom e de incentivo.

14. Na sua percepção como deve acontecer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior?

Eu acho que todas as instituições deveriam abraçar essa ideia de imediato. Eu acho que tem lugar que não tem. Deveria abraçar essa ideia e se ele conseguiu chegar ao nível superior é porque tem capacidade sim e como eu já falei não é diferente, então deveria oferecer meios de contratar esses profissionais de LIBRAS. Fazer campanhas, divulgar e abraçar a ideia mesmo.

15. Em sua opinião você está contribuindo para que a inclusão desses estudantes aconteça? De que modo?

Eu creio que sim. É! Apesar de começar a trabalhar com eles agora. Assim! Como eu já trabalhei antes numa escola que tinha surdos tinha a escola incluída e eu, nós, às vezes os meninos queriam até discriminar. Nós ajudávamos nessa questão de fazer uma campanha, de divulgar, de pedir respeito, de conversar e mostrar a eles que não são diferentes e até divulgar o curso de LIBRAS também. Eu tenho um amigo que ele tem problema, ele é surdo e mudo, ele perdeu a audição quando criança. Ele teve uma meningite e ele trabalha essa questão de LIBRAS aqui na cidade com muita força de vontade. Agente sempre divulga, perguntamos: - Vocês querem aprender LIBRAS? Procura (nome do responsável pelo curso de LIBRAS). Agente sempre faz essa divulgação. Então, eu tento ajudar assim divulgando também.

16. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você leciona está contribuindo para que esta inclusão aconteça? De que forma?

Sim. Apartir do momento que ela abriu espaço para ter um intérprete na sala de aula, uma pessoa intérprete, ela abriu espaço para que um aluno surdo se inscreva nessa faculdade que faça o vestibular, que passe, que seja um aluno normal como ele realmente é. Ela está contribuindo sim para o avanço.

17. Como você orientaria um colega no trabalho para a inclusão dos estudantes surdos?

Da mesma forma que eu tinha dito antes. Na divulgação mostrando que eles precisam de apoio, que precisa de alguém que dê uma força. Eu acho que assim. A propaganda é a alma do negócio. Se você não divulgar aquilo ali,

A INCLUSÃO DO ESTUDANTE SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula. Estudo de caso.

Poliana Barboza da Silva

disser o motivo, para que serve. Eu acho que não procede, mas como a nossa clientela de surdo e mudo aumenta a cada dia e eles estão engajados e querem estudar. Então, eu acho que a divulgação é a melhor coisa que tem.

APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 3

1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como profissional.

Bem. Sou (nome), tenho 28 anos de idade. Como pessoa eu gosto muito de ajudar as pessoas, de compartilhar o que eu sei com as outras pessoas e também de aprender com cada uma que eu convivo, que eu encontro e que trabalho. Então, eu sou uma pessoa muito aberta ao diálogo e também ao novo. Como profissional eu sou uma professora que gosto das minhas aulas planejadas com antecedência. Levo tudo organizado para a sala de aula. Gosto de utilizar diversas estratégias para que os alunos aprendam. Então, em cada aula busco trazer algo dinâmico, algo novo para que possa facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

2. Qual é a sua formação e há quanto tempo atua no magistério superior?

Sou formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, em Atendimento Educacional Especializado, em Supervisão e Orientação Educacional e também em Desenvolvimento e Políticas Educativas. Atuo no magistério superior há precisamente 3 (três anos).

3. Você fez curso de LIBRAS ou outro curso para ensinar os estudantes surdos? Se sim, discorra um pouco. Se não por que não realizou?

Sim. Eu fiz curso de LIBRAS, um curso técnico que teve duração de 2 (dois) anos. Nesse curso nós aprendemos a teoria da Língua Brasileira de Sinais, a lei que está em volta da disseminação e da expansão da LIBRAS nas escolas, nas instituições e também o principal, nós aprendemos um pouco da língua das pessoas surdas, nós tivemos vários conteúdos ligado a LIBRAS, juntamente com muita prática e durante o curso conhecemos muitos surdos tanto homens quanto mulheres e nós passamos a dialogar tendo um contato mais próximo com essas pessoas.

4. De que forma você se comunica com os estudantes surdos?

Bem. Para me comunicar com os estudantes surdos que estão aqui em sala de aula eu utilizo a Língua Brasileira de Sinais, por saber um pouco dessa língua, utilizo também outras estratégias. Procuro realizar na minha aula sempre metodologias que tragam o visual, como slides com ilustrações para que ajudem os estudantes surdos a compreender um pouco do assunto com mais facilidade. E o principal também é que nós temos muito contato com o intérprete de LIBRAS que há na sala. Então, tanto eu utilizo a LIBRAS como outras estratégias, por exemplo, o recurso visual, apresentações e até o próprio gesto às vezes também é utilizado por mim quando eu vou explicar algo para ele, até por meio da escrita muitas vezes e também por meio muito frequente do intérprete. É muito frequente também a intervenção do intérprete nessa comunicação.

5. Discorra sobre uma experiência que chegou a ter com estudantes surdos no ensino superior.

A única experiência que eu tive foi justamente nessa turma. Além de lecionar esta disciplina eu também lecionei

outra disciplina anteriormente. Então foram duas. Então, eu tive a oportunidade de conviver com essa turma, com os estudantes surdos no desenrolar de 2 (duas) disciplinas e eu achei muito interessante porque foi justamente no momento em que eu estava no meio do curso de LIBRAS e surge esta oportunidade também nessa Instituição de Ensino Superior. Eu nunca imaginava poder ter 3 (três) estudantes surdos dedicados, totalmente autônomos, inteligentes, abertos e sempre buscando aprender. Então é maravilhoso conviver com estes estudantes surdos porque faz também com que nós compreendamos a cultura surda, a Língua Brasileira de Sinais. Então, assim é fascinante a experiência que estou tendo no momento.

6. Quais estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem com os estudantes surdos, em sala de aula?

Utilizo algumas estratégias como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma mais visual, procuro que eles fiquem sentados à frente para que o intérprete possa interpretar tudo o que eu esteja apresentando a turma, pergunto sempre se eles entenderam. Se tiver alguma dúvida levanta a mão, aí eles começam a se expressar em LIBRAS e o intérprete fala para a turma e para mim. Então, eu procuro responder e o intérprete vai passando para a LIBRAS no momento que eu estou explicando. Outra estratégia utilizada são os trabalhos em grupo, procuro sempre misturá-los para que não fique só um grupo de surdos, mas proporcionar o contato também com os ouvintes. Utilizo também rodas de conversas, debates, filmes que tenham legendas. Então, procuro diversificar um pouco as estratégias para atender a todos os estudantes.

7. Como os estudantes surdos reagem ao seu modo de ensinar? Discorra sobre uma experiência sua.

Os alunos surdos, eles de antemão reagem bem, em minha opinião. Às vezes o que acontece é que algo que eu explico, que eu mostro e eles não compreendem, tem vezes que eu não consigo explicar em LIBRAS ou de outra forma, então o que acontece? O intérprete, ele intervém. Ele intervém diversas vezes. Então, eles se alegraram quando eu cheguei à sala de aula pela primeira vez e dei um bom dia em LIBRAS e consegui dizer o meu nome, o meu sinal. Então, eles viram que eu sabia um pouco da LIBRAS, não sabia muito. Sabia pouquinho e sabia das coisas básicas para poder me comunicar com eles, eles ficaram contentes. Agora, em minha opinião eu preciso aprender mais a Língua Brasileira de Sinais para poder alcançar uma comunicação plena com eles. E eles reclamam muito que os professores não sabem se comunicar com eles. Muitas vezes também eu, por saber pouco a língua de sinais também não consigo me comunicar muito, mas busco me comunicar ao máximo que eu posso.

8. De que modo você avalia a aprendizagem dos estudantes surdos?

Primeiro, os estudantes surdos, os quais fazem parte da turma que leciono eles são bastante interessados, eles não faltam, eles sempre chegam com os trabalhos prontos. Na hora de apresentar também apresentam bem, dão suas opiniões, mostram exemplos, entram até na parte da legislação mostrando o que é lei, o que é direito. Então assim, os estudantes surdos, principalmente na questão da aprendizagem, eles se destacam em relação aos próprios alunos ouvintes porque eles buscam, eles pesquisam, eles enviam mensagem, enviam email, falam comigo por meio do facebook, sempre tirando dúvidas. Nas aulas eu utilizo aulas com apresentações de slides e videos, trabalhos em grupos, debates, observo a postura dos estudantes e a participação dos mesmos e já servem para eu

avaliar a aprendizagem de cada um. Então, em minha opinião a aprendizagem deles realmente acontece porque cada um se dedica e até muitas vezes quando acontece o trabalho, provas, eles se destacam bastante.

9. Há intérprete de LIBRAS?

Sim. Temos um intérprete de LIBRAS na turma. Ele é totalmente capacitado com diversos cursos: Língua Brasileira de Sinais, inclusive o PROLIBRAS e ele é um aluno da faculdade e ao mesmo tempo ele presta esse serviço de interpretação da Língua Brasileira de Sinais para os 3 (três) estudantes surdos.

10. Como é a sua relação com este profissional?

A minha relação com o intérprete de LIBRAS é a melhor possível. Ele é um profissional muito atento, muito aberto, dar as sugestões para as aulas. Quando realizamos o planejamento da aula ele sempre estivera por dentro e nós vamos combinando até o momento da aula, em como ele vai agir, como eu posso ter uma melhor postura. Então assim, ele é uma pessoa que realmente eu vejo como parceiro dentro da sala de aula. É uma pessoa totalmente capacitada.

11. Fale sobre a sua relação com os estudantes surdos.

A minha relação com os estudantes surdos é uma relação de amizade. Nós conversamos bastante sobre a temática, os acontecimentos que vem perdurando no âmbito nacional, municipal e estadual. Então, é uma relação de amizade, é uma relação de respeito, um buscando aprender com o outro. Então, assim, eles são muito carinhosos e muito amigos.

12. O que você entende por inclusão? Discorra sobre uma experiência sua.

Inclusão é incluir. E o que significa esse incluir? Primeiro: o acesso da pessoa à educação, a ter uma aprendizagem. Além disso, para incluir é preciso assegurar a permanência dessa pessoa ou dessas pessoas na instituição de ensino e também dar condições para esta pessoa consiga concluir os seus estudos. A inclusão vem propor ao professor, aos profissionais que estão dentro da escola, de uma instituição, de uma universidade a fazer com que todas as pessoas participem do processo de ensino e aprendizagem. Ninguém pode ficar de fora. Todos precisam ser sujeitos de sua própria aprendizagem e para isso o professor precisa ter esse olhar voltado a cada pessoa que está ali dentro da sala buscando fazer com que nenhum fique de fora. E sobre uma experiência que eu tenho é também no magistério superior, nessa própria turma quando nós fomos fazer uma oração no Início da aula. Quando todos pensavam que a oração do Pai - nosso ia ser feita de forma oral, eu pedi que todos dessem os pés e que iríamos utilizar as mãos para orar – Oração do Pai-nosso em LIBRAS. Eu aprendi a oração e fui fazendo juntamente com todos e os 3 (três) estudantes surdos estavam e em seguida cada um fez a sua oração espontânea. Então precisamos em cada recurso que utilizarmos em cada aula, buscar fazer com que cada um, não importa a condição, não importa a deficiência, não importa a situação o essencial é fazer com que cada uma das pessoas se sintam importantes dentro do processo de ensino e aprendizagem e dentro da instituição de ensino superior.

13. Para você, enquanto professor, o que significa a inclusão dos estudantes surdos?

A inclusão dos alunos surdos significa fazê-los participar de um processo de ensino e aprendizagem que contemple a sua cultura e também a Língua Brasileira de Sinais. Dentro desse contexto da inclusão eles tiveram a oportunidade de ter o intérprete para as interpretações que são necessárias como também o contato com os ouvintes. Então, eles participam de um meio onde tem diversas pessoas. A inclusão busca fazer com que os estudantes surdos também tenham contato com as pessoas ouvintes e as pessoas ouvintes, por sua vez, tenham contato com os estudantes surdos.

14. Na sua percepção como deve acontecer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior?

Deve acontecer por meio do processo de ensino e aprendizagem. Como já foi mencionado, um processo de ensino e aprendizagem que contemple a especificidade de cada estudante, incluindo os estudantes surdos. Na estratégia que o professor levar a sala de aula, levar recursos que também contemplem esse estudante. Como eu já falei o visual ajuda bastante, a escrita, o contato e a relação do professor com o intérprete, fazer com que os surdos sempre fiquem a frente perto do intérprete são ações que contribuem. Então, a inclusão acontece dentro da Instituição de Ensino Superior por meio de diversas estratégias e estas estratégias citadas são importantes e que ajudam os estudantes a serem incluídos dentro do curso de Pedagogia, como também a inclusão facilita o processo de ensino e aprendizagem, eles precisam estar dentro, ser autor, ser participante, ser sujeito de sua própria aprendizagem.

15. Em sua opinião você está contribuindo para que a inclusão desses estudantes aconteça? De que modo?

Acredito que estou contribuindo um pouco por quê? Porque, primeiro eu fiz um curso básico e técnico em Língua Brasileira de Sinais, busquei compreender um pouco da LIBRAS. Acredito que estou contribuindo um pouco também porque me preocupo com cada estudante, seja ele ouvinte ou surdo, buscando levar recursos que facilitem a aprendizagem, buscando explicar os conteúdos de cada aula por meio de estratégias que contemplem tanto o estudante surdo como o estudante ouvinte.

16. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você leciona está contribuindo para que esta inclusão aconteça? De que forma?

Acredito que a instituição em que leciono contribui em parte pelo seguinte: pela aquisição do intérprete de LIBRAS que é sempre muito preocupado com cada estudante, sempre procura ajudar ao máximo que ele pode. Então, isso é um ponto muito positivo. Acredito que faltam estudos, espaço de tempo dedicado aos professores para que possamos nos capacitar, realizar cursos de Língua Brasileira de Sinais, para que possamos ter um acesso maior à cultura surda. Então, acredito que a instituição poderia fazer muito mais pela inclusão desses estudantes.

17. Como você orientaria um colega no trabalho para a inclusão dos estudantes surdos?

Primeiramente, eu orientaria a um colega professor meu que estudasse a LIBRAS, seja por meio de um curso técnico ou superior, em segundo lugar orientaria a busca do contato com as pessoas surdas. Em terceiro, pediria ao

meu colega professor que pensasse em estratégias de aprendizagens dentro e fora da sala de aula. Então, o visual facilita muito e a parceria com outros profissionais, principalmente o intérprete de LIBRAS contribui muito para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça. Então, essas seriam as orientações que eu daria a um colega no trabalho.

APÊNDICE 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 1

1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como estudante do ensino superior.

Primeiro, eu tenho 32 anos de idade. Não conhecia o curso de pedagogia. Primeiro eu vim junto com mamãe conhecer a faculdade. Só que não tinha intérprete, havia uma barreira na comunicação. Então falei a minha mãe precisa ter intérprete, precisamos, já havia três surdos e nenhum intérprete, então falei é lei eu conheço a faculdade precisa de um intérprete. Pois, nas outras faculdades já tinham, como a UFPE, só aqui já tinha três surdos e não tinha intérprete. Eu persisti muito para o intérprete chegar à faculdade. Hoje há um aprendizado, as coisas ficam mais claras com o intérprete.

2. Há quanto tempo você está cursando Pedagogia e o porquê da escolha deste curso?

Certo entendi, eu curso pedagogia já há 4 (quatro) anos, eu sinto a necessidade de ensinar as crianças para o desenvolvimento delas. O curso de pedagogia é bem diferente de letras libras, pois lá aprendemos com vídeo aula. Então junto os dois cursos posso ensinar a alunos ouvintes e também ajudar na evolução dos alunos surdos.

3. Onde você aprendeu LIBRAS e com que idade começou a aprender?

Eu antes, quando criança, não sabia nada de LIBRAS, olhava as pessoas, percebia algo diferente. E também por morar no interior fui crescendo sem ter o conhecimento da língua de sinais. Então comecei a frequentar um grupo de surdos onde lá comecei a observá-los e comecei a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais. Porém, não sabia português, as pessoas tentavam e se comunicavam na escola usando gestos. Nas aulas observava as palavras e depois ia procurar e aprender o sinal que combinava. Estudei 5ª série (6º ano) e então comecei um desenvolvimento melhor com o português sempre perguntava a professora que palavra era aquela e assim foi 7º ano, 8º, 9º. Inglês eu só copiava, mas aprendi algumas palavras, matemática mais ou menos. Eu aprendi LIBRAS com 10 anos.

4. Você utiliza a LIBRAS para se comunicar com os professores?

Eu? Ainda não. Na UFPE, usam-se muitas aulas audiovisuais. Aqui o professor não liga muito com o aluno, apenas o que entendemos realizamos as atividades e repassamos para ele. Eu no curso que dou gosto de interagir com os alunos, se aprofundar, perguntar se entendeu, se tem dúvida, se tiver vou lá e ensino novamente. Como pode o professor chegar sério, começar a ensinar sem interação, precisa ajudar ao aluno a interagir com piada, teatro e conteúdo também, com isso as coisas vão ficar mais claras.

5. Discorra como acontece a comunicação com os seus professores e em quais contextos?

Bom, eu consigo me comunicar com ele, mas quando a comunicação dele vem até a mim há uma barreira, precisa chamar o intérprete, aí sim a comunicação acontece. O professor começa a falar, eu não entendo nada, pergunto o que ele está falando não estou entendendo. Espera! Eu digo chama o intérprete é lei, eu preciso para compreensão certa.

6. Você participa efetivamente das aulas propostas pelos professores e de que forma?

Eu sempre venho à faculdade, participo fazendo as atividades, também faço bastante slides, dou opinião de teatro. E no futuro vou ensinar crianças, sinto uma emoção quero ser professor de universidade e ajudar na interação de alunos surdos.

7. Fale-me como se dá a construção dos trabalhos em equipe, com os colegas da turma em sala de aula, e como você participa dessa construção e desse momento de aprendizagem.

Bem, quando há divisão de trabalho eu fico só, não chamo ninguém, logo em seguida os próprios ouvintes começam a se aproximar, então se formam os grupos, pergunto sobre opinião, apresentamos e sempre as pessoas ficam atentas e acabamos tirando 10, gosto de organizar o grupo, fazer slides, mostrar sugestões, perguntar se está certo, o português. Apago e faço novamente.

8. Fale-me da sua experiência como estudante e de como os professores fazem para você aprender.

Eu já, antes na UFPE já gostava de realizar as atividades, fazer pesquisas no computador, os professores falam: - Nossa! Excelente trabalho! Perguntam: você estuda na UFPE? Eu digo: - sim. Precisamos prestar atenção nas aulas, se está com sono, tomar um cafezinho. O professor explica e o intérprete traduz.

9. Em sua opinião o que precisa ser melhorado na prática dos professores para que eles possam contribuir de forma eficaz para a aprendizagem do estudante surdo?

Em minha opinião o professor precisa trabalhar com palestras, eu estudo de manhã e à tarde, a noite pode me chamar para dar palestra, eu gosto muito de trabalhar com temas. Abordar temas que interessem aos alunos que eles fiquem atentos tanto os ouvintes quanto os surdos não pode ser só cópias do quadro. Aqui na faculdade o professor ensina, eu não entendo, eu o chamo, ele explica e traduz. Também faz perguntas a mim, e eu respondo quando sei. Agora tem professor que percebo não gosta de interação, parece orgulhoso, então fico na minha, não interajo, uso sempre o intérprete.

10. Como acontece a relação e a comunicação com os colegas ouvintes?

Aqui no curso de pedagogia os alunos só vivem falando sempre, quando querem perguntar ou saber de algo chamam o intérprete, o intérprete colhe as informações e repassa e vice-versa. Quando quero me comunicar com eles também uso o intérprete como suporte dessa comunicação. Agora eu tenho coragem de falar para eles vocês precisam aprender LIBRAS. Eles falam que não. Eu digo sim e no futuro se tiver algum aluno surdo, vocês precisam ter essa consciência. Se vocês não tiverem consciência esse aluno surdo vai ficar excluído, cadê a inclusão é lei, existe um código que fala sobre isso.

11. Fala-me como acontece a sua comunicação com o intérprete?

Eu e o intérprete nós temos um relacionamento bom, eu sou inteligente, ele também, então trocamos muitas informações. Eu passo para ele e ele também me ajuda em alguns sinais. Eu também o ajudo quando ele sinaliza algum sinal errado eu o corrijo.

12. O que você entende por inclusão?

O que entendo sobre inclusão é que antigamente não existia, não havia intérprete, nos interiores ninguém sabia o que era. Não havia um conhecimento. Não conhecia o decreto que fala sobre inclusão. Hoje já conhecemos, já entendemos, mas há uma inclusão mais ou menos, precisa-se de mais elaboração. Chegou o decreto porque veio do governo e a presidente aceitou. Eu preferia a sala só com alunos especiais, eu estudei em sala especial, mas depois chegou a inclusão e acabou as salas especiais.

13. Para você, enquanto estudante, o que significa a inclusão dos estudantes surdos?

Sim, sobre inclusão dos surdos na sala de aula é muito bom, apesar de que não havia inclusão o surdo ficava sozinho junto com ouvinte não aprendia muito. Depois chegou o intérprete e ajuda a trocar informações. Hoje há uma troca de experiência com os ouvintes.

14. Para você como deve acontecer a inclusão do estudante surdo no ensino superior?

Antes de estudar ainda no ensino médio eu sabia que tinha que fazer faculdade só que sentia medo porque tinha que pagar a faculdade, um amigo meu surdo já fazia faculdade, eu disse: - Nossa! que interessante, muito bom. Perguntei: - O curso de pedagogia custa quanto? Perguntei a várias pessoas: - Estuda o quê? Depois ouvi falar sobre o curso de letras LIBRAS na UFPE, eu não sabia que tinha eu marquei e fui conhecer, estudei, fiz a prova e passei. Muito difícil, lá tem muita cobrança do aluno, das atividades. Percebi que no curso de pedagogia os assuntos eram mais fáceis. Aqui na faculdade há mais ou menos inclusão, hoje os alunos conseguem formar grupos com os surdos com a ajuda do intérprete.

15. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você estuda está contribuindo para que a inclusão aconteça? De que forma? Como este processo vem acontecendo?

Em parte. Como a inclusão surgiu no curso de pedagogia através dos alunos surdos, do intérprete, aqui as pessoas sabem que tem estudantes surdos.

16. Em sua opinião o que é necessário ser feito ou melhorado para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça no curso de pedagogia da instituição onde estuda?

Bom, eu percebo que precisa mais comunicação entre os alunos e professores, precisa ser mais firme, falta organização para melhorar, na UFPE os professores cobram muito, aqui é muito fácil, lá é mais ou menos.

17. Você acha que está incluído na instituição em que estuda? Por quê?

Em parte. Porque aqui tem surdos que precisam estudar, tem o intérprete que ajuda na comunicação. Mas, antes não havia, teve muita confusão até chegar um intérprete. Eu falei para mamãe exigir o intérprete porque eu sei que é lei.

APÊNDICE 7 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 2

1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como estudante do ensino superior.

Tenho 33 anos. Amo estudar e sou calma. Gosto das pessoas educadas que me auxiliam. Tem alguns alunos que me perguntam se eu sou calma. Gosto dessa interação porque é normal começar na inclusão. Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete.

2. Há quanto tempo você está cursando Pedagogia e o porquê da escolha deste curso?

Já fazem 4 (quatro) anos, eu escolhi o curso de pedagogia para ensinar as crianças.

3. Onde você aprendeu LIBRAS e com que idade começou a aprender?

Eu aprendi em Nazaré da Mata e já tinha 20 anos mais ou menos.

4. Você utiliza a LIBRAS para se comunicar com os professores?

Mais ou menos, uso mais gestos.

5. Discorra como acontece a comunicação com os seus professores e em quais contextos?

Através de gestos, às vezes LIBRAS ou então mostro as atividades a eles.

6. Você participa efetivamente das aulas propostas pelos professores e de que forma?

Eu sempre participo fazendo as atividades, fazendo slides.

7. Fale-me como se dá a construção dos trabalhos em equipe, com os colegas da turma em sala de aula, e como você participa dessa construção e desse momento de aprendizagem.

Reunimo-nos em grupo. Para me comunicar nos grupos faço uso de gestos, mas ainda não há uma evolução com a comunicação em relação a LIBRAS, é difícil.

8. Fale-me da sua experiência como estudante e de como os professores fazem para você aprender.

Bom, antes do intérprete não havia interação nem surdos com professores, depois chegou o intérprete, começou a ter.

9. Em sua opinião o que precisa ser melhorado na prática dos professores para que eles possam contribuir de forma eficaz para a aprendizagem do estudante surdo?

Aprendendo LIBRAS. É importante.

10. Como acontece a relação e a comunicação com os colegas ouvintes?

A relação com os meus colegas é tranquila, tenho amigos na sala de aula.

11. Fala-me como acontece a sua comunicação com o intérprete?

Boa, ótima.

12. O que você entende por inclusão?

Bom, antes não tinha na sala de aula ouvintes e surdos e hoje já tem.

13. Para você, enquanto estudante, o que significa a inclusão dos estudantes surdos?

Significa um estudo mais aprofundado.

14. Para você como deve acontecer a inclusão do estudante surdo no ensino superior?

Eu penso que em sala de aula é difícil, precisa ter paciência.

15. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você estuda está contribuindo para que a inclusão aconteça? De que forma? Como este processo vem acontecendo?

Bom, aqui na faculdade é bom porque chegou o intérprete.

16. Em sua opinião o que é necessário ser feito ou melhorado para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça no curso de pedagogia da instituição onde estuda?

Os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar conosco.

17. Você acha que está incluído na instituição em que estuda? Por quê?

Sim. Porque há uma ajuda de parceria entre o professor e o intérprete e também por conta do perfil da universidade.

1. Fale-me um pouco de você, como pessoa e como estudante do ensino superior.

Bem, tenho 31 anos. Antes no ano de 2011 eu comecei a estudar no curso de pedagogia, eu senti vontade. Difícil porque o professor falava só para os ouvintes, pois eu surda não entendia nada.

2. Há quanto tempo você está cursando Pedagogia e o porquê da escolha deste curso?

Há 4 (quatro) anos, eu amo criança e gosto de ensiná-las e é importante.

3. Onde você aprendeu LIBRAS e com que idade começou a aprender?

Bem, antes eu comecei a estudar, mas era só ouvinte, logo depois mudei para outra escola. Aos 10 anos comecei a entender que havia uma barreira de comunicação, comecei a me angustiar. Depois comecei a frequentar o CREFAS – Centro de Formação de LIBRAS para crianças e adultos. Eu vim reconhecer a LIBRAS aos 2 anos de idade.

4. Você utiliza a LIBRAS para se comunicar com os professores?

Sim, sim com a ajuda do intérprete.

5. Discorra como acontece a comunicação com os seus professores e em quais contextos?

Eu sempre senti vergonha de chegar perto, de fazer perguntas, sempre chamo o intérprete. Porque se ele ficar falando, falando eu surda não vou entender nada. Por isso é importante o intérprete.

6. Você participa efetivamente das aulas propostas pelos professores e de que forma?

Às vezes sim, às vezes não. Procuro o intérprete, às vezes ele não está. O professor não sabe se comunicar. Procura ter uma acessibilidade.

7. Fale-me como se dá a construção dos trabalhos em equipe, com os colegas da turma em sala de aula, e como você participa dessa construção e desse momento de aprendizagem.

Os grupos de ouvintes são formados, mas não me sinto a vontade de está lá, eles só falam e eu não entendo. Então o intérprete vem me explicar e então dou opinião e ele repassa para o grupo.

8. Fale-me da sua experiência como estudante e de como os professores fazem para você aprender.

Os professores são bons, o de matemática, a de didática que foi a professora Polliana eu gosto muito. Eu tenho dúvida, é difícil, mas pergunto ao intérprete e ele me ajuda.

9. Em sua opinião o que precisa ser melhorado na prática dos professores para que eles possam contribuir de forma eficaz para a aprendizagem do estudante surdo?

Falta o conhecimento aprofundado da Língua Brasileira de Sinais.

10. Como acontece a relação e a comunicação com os colegas ouvintes?

A relação é tranquila. Por gestos, pela escrita e até mesmo com o suporte do intérprete.

11. Fala-me como acontece a sua comunicação com o intérprete?

Ótima. Eu pergunto muito a ele, é importante porque ele faz a intermediação do professor para nós.

12. O que você entende por inclusão?

Bom, mais ou menos. Eu gosto mais de salas especiais em questão do aprendizado.

13. Para você, enquanto estudante, o que significa a inclusão dos estudantes surdos?

Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.

14. Para você como deve acontecer a inclusão do estudante surdo no ensino superior?

Igual, o ouvinte e o surdo evoluindo junto.

15. Na sua percepção a instituição de ensino superior em que você estuda está contribuindo para que a inclusão aconteça? De que forma? Como este processo vem acontecendo?

Sim. Porque há uma troca de experiência, uma parceria.

16. Em sua opinião o que é necessário ser feito ou melhorado para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça no curso de pedagogia da instituição onde estuda?

Os surdos precisam divulgar, chamar a atenção, falar que há inclusão, há uma ligação com o intérprete.

17. Você acha que está incluído na instituição em que estuda? Por quê?

Sim. Aqui tem inclusão. É importante o surdo na universidade. O ouvinte precisa divulgar a universidade.

APÊNDICE 9 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 1

Categoria	Subcategoria	Unidade de registro
Perfil do entrevistado	Formação acadêmica	“A minha formação é em História” “pós – graduada” “especializada em História do Nordeste.”
	Tempo de atuação no magistério superior	“Faz mais ou menos em torno de 1 (um) mês que estou trabalhando na educação superior, chamada pela Instituição de Ensino Superior” “estou gostando da experiência.”
	Caracterização pessoal e profissional	“Chamo-me (nome da entrevistada), tenho 32 anos de idade”. “como pessoa e profissional que sou, gosto de fazer tudo muito bem feito porque eu preciso zelar pelo meu nome, pela minha imagem.” “Então, eu gosto de tudo certinho, porque eu posso cobrar das outras pessoas e também posso ser cobrada a partir do momento que faço o meu trabalho bem feito.”
Comunicação do professor com os estudantes surdos	Aprendizagem da LIBRAS	“Não. Não fiz até o momento ainda porque não tive oportunidade, mas acho muito bonito quem sabe falar, quem sabe se expressar com relação e sei que o mercado está se expandindo muito”. “há necessidade de fazer parte.”
	Modalidades de comunicação	“Por meio do intérprete que tem aqui na sala” “tento ao máximo compreender, tentar fazer com que eles compreendam o que eu venho falando.”
	Experiência com estudante surdo	“Foi o contato no primeiro dia de aula” “com os alunos foi meio complicado porque eu não sou muito boa em entender o que eles falam.” “Aí eu me senti insegura na hora de me expressar para eles.”
Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula	Estratégias utilizadas pelos professores	“Procuro ao máximo falar mais devagar” “falar sempre olhando no rosto do aluno para que ele possa compreender pelo menos pela leitura labial.”
	Percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar	“De início, eu acredito que bem, porque até agora não houve nenhuma reclamação.” “Então, acredito que eles estão compreendendo e estão gostando do meu trabalho.”
Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos	Metodologias utilizadas pelo professor	“Para avaliar eu levo em consideração esse conjunto a atenção e a participação nas aulas.”
	Resultados	“Boa” “Eles conseguem identificar o que é desejado por meio do educador e se saem muito bem.”
Relação do professor	Com os estudantes surdos	“É proveitosa para mim” “acredito que para eles também porque a cada dia eu aprendo um pouquinho mais como me expressar com os dedos.”

	Com o intérprete de LIBRAS	“Satisfatória”.
Inclusão	Conceito	“Inclusão é como o próprio nome já diz, a questão de incluir, fazer com que esteja dentro, não é isso?” “Então, inclusão social, inclusão do jovem é fazer com que ele permaneça, não seja excluído por apenas apresentar certa deficiência do meio social.”
	Como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior	“O mais normal possível. Porque eles apresentam uma deficiência, mas não uma incapacidade.”
	Contribuição do professor para inclusão dos estudantes surdos	“A partir do momento em que os alunos interagem com os outros alunos, interagem na minha aula.”
	Contribuição da Instituição de ensino superior	“Com certeza. A partir do momento em que esta paga um intérprete para facilitar a vida do educador.”
	Conselhos a um colega de trabalho para incluir estudantes surdos	“Que de início ele procurasse ao máximo se adaptar porque a inserção realmente é meio complicada para quem não consegue desenvolver a linguagem com os alunos.” “E que em nenhum momento deve haver essa proibição e sim pelo contrário, um incentivo.”

APÊNDICE 10 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 2

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo
Perfil do professor entrevistado	Formação académica	“Minha formação é História pela (nome da IES)” “fiz especialização em psicopedagogia clínica e institucional”
	Tempo de atuação no magistério superior	“estou atuando em torno de 10 a 15 anos por aí, acho que mais, 15 anos.”
	Caracterização pessoal e profissional	“Chamo-me (nome da entrevistada), tenho 42 anos de idade”. “como pessoa e também como profissional eu sou uma pessoa acessível.” “Eu me considero extrovertida, legal.” “Sou de fácil amizade,” “sou uma pessoa normal, simples, humilde.”
Comunicação do professor com os estudantes surdos	Aprendizagem da LIBRAS	“Não fiz ainda” “mas estou bastante interessada” “trabalhei numa escola durante três anos que tinha uma sala de especiais de surdo – mudo e a professora de lá dava umas dicas ao nosso grupo” “Então, eu já sei algumas coisas, pouquinho, bem básica, mas eu acho muito interessante.”
	Modalidades de comunicação	“alguma noção eu tenho, é bem básico, um bom dia, um olá, perguntar nomes, porque as letras algumas eu já sei fazer também e tem que ter o auxílio de alguém com certeza.” “É muito complicado” “tem que ter alguém com certeza para auxiliar, no caso feito essa sala da gente que tem 1 (um) intérprete e 3 (três) estudantes surdos, tem que ter realmente porque a gente fala acelerado para dar aula” “os gestos assim, a gente sabe o básico mesmo.” “Então não tem como não. Tem que ter alguém para nos ajudar.”
	Experiência com estudante surdo	“Agora está sendo a primeira vez, assim de eu trabalhar diretamente com eles em um nível superior.” “eu trabalhei numa escola que tinha, mas era ensino fundamental e eu não dava aula nessa sala.” “Era só uma sala que pertencia à escola e a gente tinha todo dia que vê-los, falar com cada um.”
Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula	Estratégias utilizadas pelos professores	“A estratégia que a gente usa na verdade é geral para os alunos”. “Eles vão falar na linguagem deles e o intérprete vai passar para a gente.” “A estratégia vai ser normal como fazemos com os alunos normais até porque eles não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam.” “Nas minhas aulas eu utilizo slides e também vídeos”.
	Percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar	“Vendo agora acho que eles estão se adequando” “eles nunca reclamaram nada.”
Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos	Metodologias utilizadas pelo professor	“através das discussões e interações durante as exposições dos mesmos eu já avalio a aprendizagem.”
	Resultados	“Acho que o aprendizado dele não é diferenciado não.” “Eles não são menos do que os outros não.” “Eu acho até que tem alguns que se destacam até mais.”
Relação do professor	Com os estudantes surdos	“Muito bom e muito amigável.” “Uma das alunas, ela é professora lá do CREFAS, ela dá aula de LIBRAS lá e eu disse a ela que aqui eu sou professora dela e lá ela vai ser minha professora. Então,

		ela começou rir. Isso foi hoje.” “Então super bem, sem problema algum.” “Tento ser bastante clara, tento ser o máximo que posso.”
	Com o intérprete de LIBRAS	“Muito boa.” “Da melhor maneira possível” “às vezes até assunto extra sala que eu quero dizer para os alunos de LIBRAS, que eu não sei, eu já o chamo para me auxiliar”. “a gente se dá super bem”
Inclusão	Conceito	“E a inclusão, eu acho que foi a melhor coisa que fizeram, foi tentar dar um novo horizonte para essas pessoas.”
	Como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior	“Eu acho que todas as instituições deveriam abraçar essa ideia de imediato” “Deveria abraçar essa ideia e se ele conseguiu chegar ao nível superior é porque tem capacidade sim e como eu já falei não é diferente” “deveria oferecer meios de contratar esses profissionais de LIBRAS.”
	Contribuição do professor, para inclusão dos estudantes surdos	“A gente sempre faz essa divulgação. Então, eu tento ajudar assim divulgando também.”
	Contribuição da Instituição de ensino superior	“A partir do momento que ela abriu espaço para ter um intérprete na sala de aula, uma pessoa intérprete, ela abriu espaço para que um aluno surdo se inscreva nessa faculdade que faça o vestibular, que passe, que seja um aluno normal como ele realmente é.” “Ela está contribuindo sim para o avanço.”
	Conselhos a um colega de trabalho para incluir estudantes surdos	“Na divulgação mostrando que eles precisam de apoio, que precisa de alguém que dê uma força.”

APÊNDICE 11 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 3

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo
Perfil do professor entrevistado	Formação académica	“Sou formada em Pedagogia” “pós-graduada em Psicopedagogia Institucional” “em Atendimento Educacional Especializado” “em Supervisão e Orientação Educacional” e “em Desenvolvimento e Políticas Educativas.”
	Tempo de atuação no magistério superior	“Atuo no magistério superior há precisamente 3 (três anos).”
	Caracterização pessoal e profissional	“Bem. Sou (nome), tenho 28 anos de idade”. Como pessoa eu gosto muito de ajudar as pessoas” “de partilhar o que eu sei com as outras pessoas” “de aprender com cada uma que eu convivo, que eu encontro e que trabalho.” “sou uma pessoa muito aberta ao diálogo e também ao novo.” “Como profissional eu sou uma professora que gosto das minhas aulas planeadas com antecedência.” “Levo tudo organizado para a sala de aula.” “Gosto de utilizar diversas estratégias para que os alunos aprendam.”
Comunicação do professor com os estudantes surdos	Aprendizagem da LIBRAS	“Sim. Eu fiz curso de LIBRAS, um curso técnico que teve duração de 2 (dois) anos.” “Nesse curso nós aprendemos a teoria da Língua Brasileira de Sinais, a lei que está em volta da disseminação e da expansão da LIBRAS nas escolas, nas instituições e também o principal, nós aprendemos um pouco da língua das pessoas surdas” “nós tivemos vários conteúdos ligado a LIBRAS, juntamente com muita prática” “durante o curso conhecemos muitos surdos tanto homens quanto mulheres e nós passamos a dialogar tendo um contato mais próximo com essas pessoas.”
	Modalidades de comunicação	“eu utilizo a Língua Brasileira de Sinais” “por saber um pouco dessa língua, utilizo também outras estratégias” “Procuro realizar na minha aula sempre metodologias que tragam o visual, como slides com ilustrações para que ajudem os estudantes surdos a compreender um pouco do assunto com mais facilidade.” “E o principal também é que nós temos muito contato com o intérprete de LIBRAS que há na sala.”
	Experiência com estudante surdo	“A única experiência que eu tive foi justamente nessa turma.” “Além de lecionar esta disciplina eu também lecionei outra disciplina anteriormente.” “Eu nunca imaginava poder ter 3 (três) estudantes surdos dedicados, totalmente autônomos, inteligentes, abertos e sempre buscando aprender.” “Então é maravilhoso conviver com estes estudantes surdos porque faz também com que nós compreendamos a cultura surda, a Língua Brasileira de Sinais.” “Então, assim é fascinante a experiência que estou tendo no momento.”
Processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula	Estratégias utilizadas pelos professores	“Utilizo algumas estratégias como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma mais visual” “procuro que eles fiquem sentados à frente para que o intérprete possa interpretar tudo o que eu esteja apresentando a turma,” “pergunto sempre se eles entenderam.”

		“Se tiver alguma dúvida levanta a mão,” “aí eles começam a se expressar em LIBRAS e o intérprete fala para a turma e para mim.” “Outra estratégia utilizada são os trabalhos em grupo” “procuro sempre misturá-los para que não fique só um grupo de surdos, mas proporcionar o contato também com os ouvintes.” “Utilizo também rodas de conversas, debates, filmes que tenham legendas.”
	Percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar	“Os alunos surdos, eles de antemão reagem bem, em minha opinião.” “eu preciso aprender mais a Língua Brasileira de Sinais para poder alcançar uma comunicação plena com eles.” “E eles reclamam muito que os professores não sabem se comunicar com eles.” “Muitas vezes também eu, por saber pouco a língua de sinais também não consigo me comunicar muito”.
Avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos	Metodologias utilizadas pelo professor	“observo a postura dos estudantes e a participação dos mesmos e já servem para eu avaliar a aprendizagem de cada um.”
	Resultados	“os estudantes surdos, principalmente na questão da aprendizagem, eles se destacam em relação aos próprios alunos ouvintes porque eles buscam, eles pesquisam, eles enviam mensagem, enviam email, falam comigo por meio do facebook, sempre tirando dúvidas.” “a aprendizagem deles realmente acontece porque cada um se dedica e até muitas vezes quando acontece o trabalho, provas, eles se destacam bastante.”
Relação do professor	Com os estudantes surdos	“é uma relação de amizade.” “Nós conversamos bastante sobre a temática, os acontecimentos que vem perdurando no âmbito nacional, municipal e estadual”. “Então, é uma relação de amizade, é uma relação de respeito, um buscando aprender com o outro.” “Então, assim, eles são muito carinhosos e muito amigos.”
	Com o intérprete de LIBRAS	“é a melhor possível.” “Ele é um profissional muito atento, muito aberto, dá sugestões para as aulas.” “ele é uma pessoa que realmente eu vejo como parceiro dentro da sala de aula” “É uma pessoa totalmente capacitada”
Inclusão	Conceito	“Inclusão é incluir. E o que significa esse incluir? Primeiro: o acesso da pessoa à educação, a ter uma aprendizagem. Além disso, para incluir é preciso assegurar a permanência dessa pessoa ou dessas pessoas na instituição de ensino e também dar condições para esta pessoa consiga concluir os seus estudos.” “A inclusão vem propor ao professor, aos profissionais que estão dentro da escola, de uma instituição, de uma universidade a fazer com que todas as pessoas participem do processo de ensino e aprendizagem. Ninguém pode ficar de fora.”
	Como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior	“fazê-los participar de um processo de ensino e aprendizagem que contemple a sua cultura e também a Língua Brasileira de Sinais.”
	Contribuição do professor, para inclusão dos estudantes surdos	“Acredito que estou contribuindo um pouco.” “Porque, primeiro eu fiz um curso básico e técnico em Língua Brasileira de Sinais, busquei compreender um

		pouco da LIBRAS.” “Acredito que estou contribuindo um pouco também porque me preocupo com cada estudante, seja ele ouvinte ou surdo, buscando levar recursos que facilitem a aprendizagem, buscando explicar os conteúdos de cada aula por meio de estratégias que contemplem tanto o estudante surdo como o estudante ouvinte.”
	Contribuição da Instituição de ensino superior	“a instituição em que leciono contribui em parte pelo seguinte: pela aquisição do intérprete de LIBRAS que é sempre muito preocupado com cada estudante, sempre procura ajudar ao máximo que ele pode. Então, isso é um ponto muito positivo.” “Acredito que faltam estudos, espaço de tempo dedicado aos professores para que possamos nos capacitar, realizar cursos de Língua Brasileira de Sinais, para que possamos ter um acesso maior à cultura surda.”
	Conselhos a um colega de trabalho, para incluir estudantes surdos	“que estudasse a LIBRAS, seja por meio de um curso técnico ou superior,” “em segundo lugar orientaria a busca do contato com as pessoas surdas.” “Em terceiro, pediria ao meu colega professor que pensasse em estratégias de aprendizagens dentro e fora da sala de aula.”

APÊNDICE 12 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 1

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
Perfil do estudante surdo entrevistado	Como pessoa e estudante	“Primeiro, eu não conhecia o curso de pedagogia.” “Primeiro eu vim junto com mamãe conhecer a faculdade.”
	Idade	“32 anos”
	Curso que estuda	“Pedagogia e Letras Libras.”
	Motivo da escolha do curso	“Eu sinto a necessidade de ensinar as crianças para o desenvolvimento delas.”
	Tempo que estuda na Instituição de Ensino Superior	“Eu curso pedagogia há 4 anos.”
Comunicação dos professores com os estudantes surdos	Idade que aprendeu LIBRAS e onde	“Eu aprendi LIBRAS com 10 anos.” “comecei a frequentar um grupo de surdos onde lá comecei a observá-los e comecei a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais.”
	Utilização da LIBRAS na comunicação com os professores	“Eu? Ainda não.” “Aqui o professor não liga muito com o aluno, apenas o que entendemos realizamos as atividades e repassamos para ele.”
	Comunicação dos estudantes surdos com os professores	“Bom, eu consigo me comunicar com ele, mas quando a comunicação dele vem até a mim há uma barreira, precisa chamar o intérprete, aí sim a comunicação acontece.”
	Comunicação dos professores com os estudantes surdos	“O professor começa a falar, eu não entendo nada, pergunto o que ele está falando não estou entendendo. Espera! Eu digo chama o intérprete é lei, eu preciso para compreensão certa.” “Aqui na faculdade o professor ensina, eu não entendo, eu o chamo, ele explica e o intérprete traduz. Também faz perguntas a mim, e eu respondo quando sei.” “Agora tem professor que percebo não gosta de interação, parece orgulhoso, então fico na minha, não interajo, uso sempre o intérprete.”
Participação dos estudantes surdos em sala de aula	Nas aulas dos professores	“Eu sempre venho à faculdade, participo fazendo as atividades, também bastante slides.”
	Na construção dos trabalhos em grupos	“Bem, quando há divisão de trabalho eu fico só, não chamo ninguém, logo em seguida os próprios ouvintes começam a se aproximar, então se formam os grupos.” “gosto de organizar o grupo, fazer slides, mostrar sugestões, perguntar se está certo, o português.”
Avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem	Estratégias utilizadas pelos professores na aprendizagem do estudante surdo	“já gostava de realizar as atividades, fazer pesquisas no computador, os professores falam: - Nossa! Excelente trabalho! Perguntam: você estuda na UFPE? Eu digo: - sim. Precisamos prestar atenção nas aulas, se está com sono, tomar um cafezinho. O professor explica e o intérprete traduz.”
	Percepção do estudante surdo sobre a prática dos seus professores	“Em minha opinião o professor precisa trabalhar com palestras.” “Abordar temas que interessem aos alunos que eles fiquem atentos tanto os ouvintes quanto os surdos não pode ser só cópias do quadro.”
Relação dos estudantes surdos	Com os colegas ouvintes	“Aqui no curso de pedagogia os alunos só vivem falando sempre, quando querem perguntar ou saber de algo chamam o intérprete, o intérprete colhe as informações e repassa e vice-versa.”

		“Quando quero me comunicar com eles também uso o intérprete como suporte dessa comunicação.”
	Com o intérprete de LIBRAS	“Eu e o intérprete nós temos um relacionamento bom, eu sou inteligente, ele também, então trocamos muitas informações.” “Eu passo para ele e ele também me ajuda em alguns sinais.” “Eu também o ajudo quando ele sinaliza algum sinal errado eu o corrijo.”
Inclusão	Conceito	“O que entendo sobre inclusão é que antigamente não existia, não havia intérprete, nos interiores ninguém sabia o que era. Não havia um conhecimento.” “Não conhecia o decreto que fala sobre inclusão.” “Hoje já conhecemos, já entendemos, mas há uma inclusão mais ou menos, precisa-se de mais elaboração.” “Chegou o decreto porque veio do governo e a presidente aceitou.” “Eu preferia a sala só com alunos especiais, eu estudei em sala especial, mas depois chegou a inclusão e acabou as salas especiais.”
	Inclusão do estudante surdo no ensino superior	“sobre inclusão dos surdos na sala de aula é muito bom, apesar de que não havia inclusão o surdo ficava sozinho junto com ouvinte não aprendia muito. Depois chegou o intérprete e ajuda a trocar informações.” “Hoje há uma troca de experiência com os ouvintes.” “Aqui na faculdade há mais ou menos inclusão, hoje os alunos conseguem formar grupos com os surdos com a ajuda do intérprete.”
	Contribuição da instituição de ensino superior	“Em parte.” “Como a inclusão surgiu no curso de pedagogia através dos alunos surdos, do intérprete, aqui as pessoas sabem que tem estudantes surdos.”
	Ações que precisam realizadas ou melhoradas	“Bom, eu percebo que precisa mais comunicação entre os alunos e professores, precisa ser mais firme, falta organização para melhorar.”
	A inclusão do estudante surdo, no curso de pedagogia	“Em parte. Porque aqui tem surdos que precisam estudar, tem o intérprete que ajuda na comunicação. Mas, antes não havia, teve muita confusão até chegar um intérprete.”

APÊNDICE 13 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 2

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
Perfil do estudante surdo entrevistado	Como pessoa e estudante	“Amo estudar e sou calma.” “Gosto das pessoas educadas que me auxiliam.” “Tem alguns alunos que me perguntam se eu sou calma.” “Gosto dessa interação porque é normal começar na inclusão.” “Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete.”
	Idade	“33 anos”
	Curso que estuda	“Pedagogia”
	Motivo da escolha do curso	“Eu escolhi o curso de pedagogia para ensinar as crianças.”
	Tempo que estuda na Instituição de Ensino Superior	Já faz 4 anos.”
Comunicação dos professores com os estudantes surdos	Idade que aprendeu LIBRAS e onde	“Eu aprendi em Nazaré da Mata e já tinha 20 anos mais ou menos.”
	Utilização da LIBRAS na comunicação com os professores	“Mais ou menos, uso mais gestos.”
	Comunicação dos estudantes surdos com os professores	“Através de gestos, às vezes LIBRAS ou então mostro as atividades a eles.” “Através de gestos, de bilhetes, com a ajuda do intérprete.”
	Comunicação dos professores com os estudantes surdos	“Através de gestos, às vezes LIBRAS.”
Participação dos estudantes surdos em sala de aula	Nas aulas dos professores	“Eu sempre participo fazendo as atividades, fazendo slides.”
	Na construção dos trabalhos em grupos	“Reunimo-nos em grupo. Para me comunicar nos grupos faço uso de gestos, mas ainda não há uma evolução com a comunicação em relação a LIBRAS, é difícil.”
Avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem	Estratégias utilizadas pelos professores na aprendizagem do estudante surdo	“Bom, antes do intérprete não havia interação nem surdos com professores, depois chegou o intérprete, começou a ter.”
	Percepção do estudante surdo sobre a prática dos seus professores	“Aprendendo LIBRAS. É importante.”
Relação dos estudantes surdos	Com os colegas ouvintes	“A relação com os meus colegas é tranquila, tenho amigos na sala de aula.”
	Com o intérprete de LIBRAS	“Boa, ótima.”
Inclusão	Conceito	“Bom, antes não tinha na sala de aula ouvintes e surdos e hoje já tem.”
	Do estudante surdo no ensino superior	“Significa um estudo mais aprofundado.” “Eu penso que em sala de aula é difícil, precisa ter paciência.”
	Contribuição da instituição de ensino superior	“aqui na faculdade é bom porque chegou o intérprete.”
	Ações que precisam realizadas ou melhoradas	“Os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar conosco.”
	A inclusão do estudante surdo, no curso de pedagogia	“Sim. Porque há uma ajuda de parceria entre o professor e o intérprete e também por conta do perfil da universidade.”

APÊNDICE 14 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 3

Categoria	Subcategoria	Unidade de registro
Perfil do estudante surdo entrevistado	Como pessoa e estudante	“Bem, antes no ano de 2011 eu comecei a estudar no curso de pedagogia, eu senti vontade.”
	Idade	“31 anos”
	Curso que estuda	“Pedagogia”
	Motivo da escolha do curso	“eu amo criança” “gosto de ensiná-las e é importante.”
	Tempo que estuda na Instituição de Ensino Superior	“Há 4 anos.”
Comunicação dos professores com os estudantes surdos	Idade que aprendeu LIBRAS e onde	“comecei a frequentar o CREFAS – Centro de Formação de LIBRAS para crianças e adultos. Eu vim reconhecer a LIBRAS aos 2 anos de idade.”
	Utilização da LIBRAS na comunicação com os professores	“Sim, sim com a ajuda do intérprete.”
	Comunicação dos estudantes surdos com os professores	“Eu sempre senti vergonha de chegar perto, de fazer perguntas, sempre chamo o intérprete.” “Por gestos, pela escrita e até mesmo com o suporte do intérprete.”
	Comunicação dos professores com os estudantes surdos	“se ele ficar falando, falando eu surda não vou entender nada. Por isso é importante o intérprete.”
Participação dos estudantes surdos em sala de aula	Nas aulas dos professores	“Às vezes sim, às vezes não. Procuro o intérprete, às vezes ele não está. O professor não sabe se comunicar.”
	Na construção dos trabalhos em grupos	“Os grupos de ouvintes são formados” “mas não me sinto a vontade de está lá, eles só falam e eu não entendo.” “Então o intérprete vem me explicar” “então dou opinião e ele repassa para o grupo.”
Avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem	Estratégias utilizadas pelos professores na aprendizagem do estudante surdo	“Os professores são bons, o de matemática, a de didática (...) eu gosto muito. Eu tenho dúvida, é difícil, mas pergunto ao intérprete e ele me ajuda.”
	Percepção do estudante surdo sobre a prática dos seus professores	“Falta o conhecimento aprofundado da Língua Brasileira de Sinais.”
Relação dos estudantes surdos	Com os colegas ouvintes	“A relação é tranquila.”
	Com o intérprete de LIBRAS	“Ótima.” “Eu pergunto muito a ele, é importante porque ele faz a intermediação do professor para nós.”
Inclusão	Conceito	“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.” “Eu gosto mais de salas especiais em questão do aprendizado.”
	Inclusão do estudante surdo, no ensino superior	“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.” “Igual, o ouvinte e o surdo evoluindo junto.”
	Contribuição da instituição de ensino superior	“Sim. Porque há uma troca de experiência, uma parceria.”
	Ações que precisam ser realizadas ou melhoradas	“Os surdos precisam divulgar, chamar a atenção, falar que há inclusão, há uma ligação com o intérprete.”
	A inclusão do estudante surdo, no curso de pedagogia	“Sim. Aqui tem inclusão.” “É importante o surdo na universidade.”

APÊNDICE 15 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 1

P1 tem 32 (trinta e dois) anos, é graduado em história e pós –graduado em história do nordeste. Atua no magistério superior há mais ou menos 1 mês, sendo chamado pela instituição de ensino superior e está gostando da experiência. Como profissional gosta de realizar os trabalhos fazendo tudo bem feito para zelar pela sua própria imagem e nome.

A comunicação com os estudantes surdos e a aprendizagem da LIBRAS de acordo com P1 é necessária, portanto ainda não fez curso de LIBRAS, pois não teve oportunidade, achando muito bonito quem sabe falar e se expressar, além de mencionar a expansão do mercado nessa área. Quanto às modalidades de comunicação com os estudantes surdos esta comunicação acontece por meio do intérprete, além da leitura labial.

O processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo acontece na sala de aula, e quanto às estratégias utilizadas por P1 estas são o falar devagar e olhando no rosto do estudante surdo para que ele possa compreender a leitura labial. Os estudantes surdos reagem bem ao modo de ensinar do professor, segundo a percepção de P1, pois até então não houve reclamação de nenhum estudante surdo, o professor afirma que esses estudantes estão compreendendo e gostando do trabalho que está sendo desenvolvido.

Quanto às metodologias utilizadas para avaliar, P1 utiliza nas aulas exposições de slides com imagens pertinentes ao conteúdo, utilizando assim o visual. Para avaliar considera a atenção e a participação dos estudantes nas aulas. Sobre os resultados da avaliação que P1 faz da aprendizagem dos estudantes surdos o mesmo avalia como sendo boa, afirmando que eles conseguem identificar o que é desejado por meio do educador, se saindo muito bem.

A relação de P1 com os estudantes surdos é bastante proveitosa e de acordo com o mesmo acredita que para os estudantes surdos também. P1 relata que a cada dia aprende mais como se expressar com os dedos. A relação do professor com o intérprete de LIBRAS é satisfatória, limitando-se apenas a esta informação.

Para o referido professor a inclusão é fazer com que a pessoa esteja dentro. A inclusão social é fazer com que o jovem permaneça, que não seja excluído por apenas apresentar uma deficiência. A inclusão dos estudantes surdos deve acontecer o mais normal possível, de acordo com P1 porque estes são capazes, apenas apresentam uma deficiência e não uma incapacidade.

A percepção de P1 no que se refere à contribuição do professor no processo de inclusão é positiva, pois os estudantes interagem com seus pares e também na aula. Quanto à contribuição da instituição de ensino superior pesquisada, P1 afirma de forma positiva que esta contribui para a inclusão dos estudantes surdos, pois a mesma se preocupa pagando um intérprete para facilitar a vida do educador. Diante desta afirmação percebemos que P1 entende que o intérprete de LIBRAS é para facilitar o seu trabalho, não compreendendo este profissional como um articulador e mediador da comunicação entre estudantes surdos, ouvintes e o professor. No que se refere aos conselhos a um colega de trabalho para incluir estudantes surdos, P1 sugeriu que o colega de trabalho procurasse ao máximo se adaptar porque a inserção é complicada para as pessoas que não conseguem desenvolver a linguagem com os estudantes surdos. Assim sendo, percebemos que P1 confunde a inclusão com a inserção, e esses são conceitos diferentes.

APÊNDICE 16 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO PROFESSOR 2

P2 tem 42 (quarenta e dois) anos de idade, é formado em História e pós-graduado em psicopedagogia clínica e institucional atuando no magistério superior acerca de 15 anos. Como pessoa e profissional P2 se apresenta como sendo uma pessoa acessível, extrovertido, legal e de fácil amizade.

No que se refere à comunicação do professor com os estudantes surdos este afirma que ainda não fez um curso de LIBRAS, mas que está bastante interessado em realizar. Como já trabalhou numa escola fundamental que tinha estudantes surdos aprendeu um pouco da LIBRAS. Para se comunicar P2 afirma que consegue cumprimentar os estudantes surdos, mas que é complicado tendo que ter a ajuda do intérprete. Quanto à experiência com o estudante surdo, está sendo a primeira vez e no curso de pedagogia.

Referindo-se ao processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula as estratégias utilizadas por P2 é geral para todos os estudantes. Assim sendo, P2 relata ainda que a estratégia vai ser normal, igual aos estudantes normais porque os estudantes surdos não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam. Com esta afirmação P2 deixa claro que não diversifica as estratégias de aprendizagens e também não demonstra o conhecimento de que os surdos se comunicam através da LIBRAS. Sobre a percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar P2 afirma que eles estão se adequando e que os mesmos nunca reclamaram de nada.

Tratando-se da avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos P2 ressalta que as metodologias utilizadas são as discussões e interações nas aulas. Durante a participação dos estudantes P2 já avalia a aprendizagem de cada um desses. Sobre os resultados da aprendizagem P2 avalia como sendo normal, que estes não são diferentes, tem a mentalidade saudável, igual a todo o estudante. Sendo assim, este professor avalia no geral e tem estudantes surdos que se destacam em relação à turma.

A relação do professor com os estudantes surdos de acordo com P2 que esta é muito boa e amigável, dando um exemplo de uma estudante surda que há na sala de aula dizendo que a mesma é professora de LIBRAS de uma instituição. P2 relatou que na instituição onde a estudante surda ensina, a mesma vai ser a sua professora de LIBRAS. A relação do professor com o intérprete de LIBRAS também é muito boa, sendo da melhor maneira possível. P2 afirma que sempre recorre ao intérprete para mediar a comunicação com os estudantes surdos.

Sobre o conceito de inclusão P2 ressalta que o Brasil é um país repleto de discriminações, então as pessoas com deficiências eram excluídas do cotidiano. Então a inclusão foi a melhor coisa que fizeram para tentar dar novos caminhos para essas pessoas. Sobre como fazer a inclusão dos estudantes surdos no ensino superior, P2 afirma que todas as instituições deveriam abraçar a ideia da inclusão, porque tem instituição que ainda não trabalha nesta perspectiva. As instituições deveriam oferecer meios favoráveis para as contratações dos profissionais da LIBRAS.

No que se refere à contribuição do professor para a inclusão P2 afirma que está contribuindo para este processo ajudando na divulgação de cursos de LIBRAS, alguns desses dados pelos estudantes surdos. Na percepção de P2 a instituição de ensino superior pesquisada contribui para o processo de inclusão dos estudantes surdos porque esta concedeu espaço para os estudantes surdos e para o intérprete. A partir do momento que a IES realiza inscrições e prova de vestibular para estudantes surdos a mesma está contribuindo para a inclusão dos mesmos, na percepção de P2. É necessário ressaltar que esta ação é garantida por lei, as instituições de ensino superior têm por obrigação

proporcionar vagas para as pessoas com deficiência. No que se refere aos conselhos a um colega de trabalho, para incluir alunos, P2 sugere que é preciso fazer divulgações, pois os estudantes surdos precisam de apoio. Neste ponto, fica evidente que apenas a divulgação de cursos da área, de que os estudantes precisam de apoio é pouco para que a inclusão aconteça, é preciso se aproximar do contexto dos estudantes surdos, a comunicação com eles é primordial.

P3 tem 28 (vinte e oito) anos de idade é formado em pedagogia e pós-graduado em Atendimento Educacional Especializado, Supervisão e orientação educacional, psicopedagogia institucional e também em desenvolvimento e políticas educativas, atuando no magistério superior há precisamente 3 (três) anos. Como pessoa gosta bastante de ajudar as outras pessoas, de compartilhar conhecimentos e também de aprender com aqueles que convivem, sendo aberto ao diálogo e ao novo. Como profissional P3 gosta das aulas planejadas com antecedência, levando tudo organizado para a sala de aula, além de gostar de utilizar diversas estratégias para as aprendizagens dos estudantes.

Referindo-se a comunicação do professor com os estudantes surdos, mais precisamente na aprendizagem da LIBRAS P3 afirma ter feito curso de LIBRAS que teve duração de 2 anos aprendendo a teoria e a prática da LIBRAS. Quanto às modalidades de comunicação P3 afirma utilizar a LIBRAS para se comunicar por compreender um pouco, além de utilizar aulas que explorem o visual e o auxílio do intérprete de LIBRAS. Quanto à experiência com estudante surdo, P3 ressalta que a experiência nesta turma de pedagogia até o momento é a única, sendo a segunda disciplina a lecionar nesta mesma turma.

Assim sendo, no processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo em sala de aula, no tocante as estratégias utilizadas pelos professores P3 afirma que utiliza algumas como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma visual, orienta os estudantes surdos a sentarem nas cadeiras da frente e bem próximo ao intérprete de LIBRAS, trabalhos em grupos, rodas de conversas, debates e filmes, procurando sempre a interação com os estudantes ouvintes. Referindo-se a percepção dos professores sobre a reação dos estudantes surdos ao seu modo de ensinar P3 ressalta que os mesmos reagem bem. Mas, ainda afirma que sente que precisa aprender mais a LIBRAS para poder alcançar uma comunicação plena com os estudantes surdos. P3 relata que os estudantes surdos reclamam bastante pelo fato dos professores não saberem se comunicar com eles.

No que compete à avaliação que o professor faz da aprendizagem dos estudantes surdos P3 relata que utiliza algumas metodologias. Observa à postura de cada estudante surdo, a participação e o envolvimento nos trabalhos em grupos, estes critérios já servem para avaliar a aprendizagem dos estudantes. Sobre os resultados da aprendizagem dos estudantes surdos P3 afirma que os mesmos se destacam em relação aos estudantes ouvintes porque buscam, pesquisam, enviam mensagem, enviam email, facebook, sempre tiram dúvidas sobre os conteúdos. Sempre quando tem prova ou trabalho para realizar os estudantes surdos se destacam.

No que se refere à relação do professor com os estudantes surdos P3 ressalta que esta é uma relação de amizade, respeito, diálogo, pois um busca aprender com o outro, sendo muito carinhosos. A relação de P3 com o intérprete é a melhor possível, sendo o intérprete um profissional muito atento, aberto ao diálogo, além de dar sugestões para as aulas, um parceiro e uma pessoa muito capacitada.

Sobre o conceito de inclusão P3 demonstra ter compreensão deste processo afirmando que a inclusão significa o acesso da pessoa a educação, a permanência e a sua participação no processo de ensino e aprendizagem de forma efetiva, além de dar condições para a conclusão dos estudos. De acordo com P3 a inclusão vem propor ao professor e aos profissionais que estão dentro da escola, de uma instituição ou universidade a fazer com que todas as pessoas participem do processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, a inclusão dos estudantes surdos no ensino

superior significa fazê-los participar de um processo de ensino e aprendizagem que contemple a cultura surda e a LIBRAS.

P3 afirma que enquanto professor do curso de pedagogia está contribuindo um pouco para que o processo de inclusão aconteça. Primeiro, porque fez um curso de LIBRAS, buscando compreendê-la, em seguida, destaca que se preocupa com cada estudante sendo este surdo ou ouvinte, buscando levar recursos que facilitem a aprendizagem dos seus estudantes. A instituição de ensino superior, na percepção de P3, contribui em parte para a inclusão do estudante surdo justificando que a aquisição do intérprete de LIBRAS é muito positiva, no entanto, faltam estudos, espaço de tempo dedicado aos professores, curso de LIBRAS para que possam ser capacitados e ter acesso a cultura surda.

Porfim, ao relatar sobre quais seriam os conselhos a um colega de trabalho, para incluir estudantes surdos P3 afirma que é necessário o estudo da LIBRAS, o contato com pessoas surdas, além da realização de estratégias de aprendizagens dentro e fora da sala de aula que contemple a todos os estudantes. Sendo assim, P3 apresenta 3 (três) pontos relevantes para a inclusão dos estudantes surdos.

ES1 tem 32 anos de idade, aprendeu LIBRAS aos 10 anos em um grupo de surdos, estuda Pedagogia na instituição de ensino superior pesquisada e Letras e LIBRAS em uma IES pública. Não conhecia o curso de pedagogia, veio com a mãe conhecer a faculdade. O referido estudante escolheu o curso de pedagogia pela necessidade que sente em ensinar as crianças e está no curso há 4 anos.

No que se refere à comunicação dos professores com os estudantes surdos, ES1 afirma que não utiliza a LIBRAS para se comunicar com o professor, pois o mesmo não se importa com o estudante. ES1 afirma ainda que consegue se comunicar com o professor, mas quando a comunicação do mesmo vem até a ele existe uma barreira porque este não sabe se comunicar, sendo necessário chamar o intérprete para que a comunicação aconteça.

Quanto à participação dos estudantes surdos em sala de aula, ES1 relata que sempre vem a faculdade, participa das aulas realizando as atividades e também bastantes slides. Assim sendo, na construção dos trabalhos afirma que quando há divisões de grupos ele não chama ninguém, fica a espera e logo os colegas ouvintes o chama para participar do grupo. No grupo, ES1 pergunta, dar opinião, organiza os slides, apresenta o trabalho e pergunta se o português escrito está correto. Se não estiver ele apaga e faz novamente.

Na avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem ES1 retrata que recebe elogios dos professores, perguntam se o mesmo faz outro curso de graduação. Os professores dizem para ele prestar atenção nas aulas e se estiver com sono é preciso tomar um café. Nas aulas o professor sempre explica o conteúdo e o intérprete realiza a tradução. Sobre a prática dos professores ES1 afirma que os professores precisam trabalhar com palestras, trazendo temáticas que interessem aos alunos. ES1 afirma também que o professor ensina e ele não compreende e que tem professor que não gosta de interação.

Assim sendo, sobre a relação dos estudantes surdos com os colegas ouvintes, ES1 afirma que os mesmos quando querem perguntar algo chamam o intérprete e ES1 faz da mesma forma. O mesmo ainda fala para os colegas ouvintes que estes precisam aprender LIBRAS e os colegas, por sua vez, respondem que não. A relação dos estudantes surdos com o intérprete de LIBRAS, segundo ES1 é muito boa e afirma que troca muitas informações com o mesmo.

Sobre o conceito de inclusão, ES1 relata que antigamente não existia inclusão, não havia o intérprete de LIBRAS, não havia conhecimento. Hoje já se fala em inclusão e há uma inclusão mais ou menos precisando ainda de mais elaboração. ES1 afirma que preferia as salas especiais, mas chegou à inclusão e estas acabaram. Na percepção do referido estudante, a inclusão do surdo no ensino superior existe de forma parcial na instituição de ensino superior pesquisada.

ES1 ressalta que a instituição em que estuda contribui para a inclusão em parte, pois há intérprete e as pessoas sabem que tem estudantes surdos no curso de pedagogia da instituição. Sobre as ações que precisam ser realizadas ou melhoradas ES1 relata que é necessária mais comunicação entre os estudantes e os professores. ES1 afirmou que se sente incluído no curso de pedagogia em parte, pois tem o intérprete que ajuda na comunicação.

APÊNDICE 19 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 2

ES2 tem 33 anos de idade, aprendeu LIBRAS aos 20 anos mais ou menos na cidade onde reside e estuda pedagogia há 4 anos. ES2 é calmo, gosta das pessoas educadas e que o auxiliem, gosta da interação porque é normal começar na inclusão, não teve muita ajuda e sempre lutou pelo intérprete de LIBRAS em sala de aula. Escolheu o curso de pedagogia para poder ensinar as crianças.

Nesta direção, no que se refere à comunicação dos professores com os estudantes surdos, ES2 afirma que utiliza mais gestos para se comunicar, às vezes utiliza a LIBRAS ou mostra as atividades aos professores.

Assim sendo, a participação dos estudantes surdos em sala de aula, de acordo com ES2 é positiva, o mesmo participa das aulas fazendo as atividades e os slides que são propostos pelos professores. Sobre os trabalhos em grupos ES2 utiliza os gestos para se comunicar com os colegas ouvintes, porque ainda não há uma evolução em relação a LIBRAS.

No que se referem à avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem ES2 aponta apenas a atuação do intérprete como interlocutor da comunicação em sala de aula. Sobre a prática dos professores o referido estudante afirma claramente que estes precisam aprender LIBRAS.

De acordo com ES2 a relação com os colegas ouvintes são através de gestos, bilhetes e com a ajuda do intérprete de LIBRAS. Já com o intérprete essa relação é boa, ótima, afirma o estudante.

Sobre o conceito de inclusão ES2 afirma que antes não havia na sala de aula surdos e ouvintes juntos, hoje já se tem. A inclusão do estudante surdo no ensino superior, segundo a percepção do estudante significa um estudo mais aprofundado, em sala de aula é difícil, é preciso ter paciência. ES2 afirma que na faculdade em que estuda é bom porque há o intérprete, deixando claro que esta contribui para a inclusão.

Quanto às ações que precisam ser realizadas ou melhoradas ES2 afirma que os professores precisam aprender LIBRAS para poder se comunicar com os estudantes surdos. ES2 se sente incluído no curso de pedagogia porque existe uma parceria entre o professor e o intérprete e por conta do perfil da universidade.

É necessário ressaltar que mesmo com muitas dificuldades de comunicação em sala de aula ES2 compreende que precisa estar no contexto da inclusão.

APÊNDICE 20 – SÍNTESE DA ENTREVISTA DO ESTUDANTE SURDO 3

ES3 tem 31 anos de idade, começou a aprender LIBRAS aos 2 anos no centro de formação de LIBRAS para crianças e adultos, cursa pedagogia há 4 (quatro) anos, escolheu este curso porque ama crianças e gosta de ensiná-las.

No que se refere à comunicação dos professores com os estudantes surdos, ES3 afirma que utiliza a LIBRAS para se comunicar, sendo que com a ajuda do intérprete. ES3 relata que sempre sentiu vergonha de chegar perto dos professores e fazer perguntas, o referido estudante sempre chama o intérprete para fazer as perguntas e o mesmo faz ao professor e traz as respostas para o estudante.

Na participação dos estudantes surdos em sala de aula, ES3 afirma que às vezes participa das aulas, às vezes não, pois este procura o intérprete e às vezes ele não está e o professor não sabe se comunicar. Sobre os trabalhos que precisam ser realizados, ES3 afirma que os grupos de ouvintes são formados, mas que não se sente a vontade de fazer parte dele, pois os colegas ouvintes falam e o referido estudante não compreende, então é necessário sempre chamar o intérprete de LIBRAS para que a comunicação aconteça.

No que se referem à avaliação das estratégias utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem ES3 não cita as estratégias que o professor utiliza em sala, apenas cita o intérprete como interlocutor dessa comunicação. De acordo com ES3 os professores são bons e destaca o professor de matemática e o de didática. Sobre a prática dos professores ES3 afirma que falta o conhecimento aprofundado da língua brasileira de sinais. É necessário ressaltar que sem o conhecimento da LIBRAS o professor não conseguirá se comunicar com os estudantes surdos, este é um ponto relevante.

Sobre a relação dos estudantes surdos com os colegas ouvintes ES3 afirma que estas acontecem por meio dos gestos, da escrita e do intérprete de LIBRAS. Já com o intérprete, a relação é ótima. ES3 afirma perguntar muito a ele, ele é importante porque faz a intermediação da comunicação do professor para nós.

Sobre o conceito de inclusão ES3 afirma que significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo. O referido estudante afirma ainda que gosta mais das salas especiais por conta da aprendizagem. É importante ressaltar que as salas especiais atendiam apenas os estudantes surdos utilizando a LIBRAS e algumas estratégias específicas. A inclusão vem propor também as especificidades, a valorização da LIBRAS, porém o que acontece hoje é que 2 (dois) dos professores da instituição pesquisada ainda não conseguem se comunicar com os estudantes surdos, gerando assim, um desconforto nessa comunicação.

A respeito da inclusão do estudante surdo no ensino superior, ES3 afirma que esta significa o surdo e o ouvinte evoluindo juntos. Assim sendo, ES3 relata que a instituição de ensino superior em que estuda contribui para a inclusão do estudante surdo porque existe uma parceria e troca de experiência. As ações que precisam ser realizadas ou melhoradas é a divulgação. De acordo com a percepção de ES3 os surdos precisam divulgar a inclusão. O mesmo se sente incluído no curso de pedagogia, afirmando que na IES em que estuda há inclusão.

APÊNDICE 21 — PLANO DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Categorias	Comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/Comunicação do Professor com os estudantes surdos		
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos		
3. Relação/Comunicação entre os estudantes surdos e os estudantes ouvintes		
4. Comunicação dos estudantes surdos com o intérprete		
5. Participação dos estudantes surdos na aula		
6. Considerações importantes.		

APÊNDICE 22— DESCRIÇÃO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1

Início: 08h00min

Término: 11h00min

Antes de iniciar a observação da aula de P1 foi realizada uma apresentação, conversa sobre a pesquisa que estava sendo realizada, a importância da participação dos professores e de toda a turma. Assim sendo, o convite foi aceito.

Nesta direção, a primeira observação da aula de P1 que leciona as disciplinas de estágio supervisionado I e trabalho de conclusão de curso ocorreu no dia 28/02/2015 (sábado). A sala de aula é climatizada, contendo data show, cadeiras acochoadas, aparelhos de som, DVD e TV, além de quadro branco e quadro verde. Estavam presentes na turma 37 (trinta e sete) estudantes, incluindo surdos e ouvintes.

A aula teve início às 08h10 min da manhã, dos 3 (três) estudantes surdos que há na turma apenas 1 (um) já estava em sala de aula e o intérprete de LIBRAS também. Ao chegar à sala de aula P1 deseja bom dia a todos os estudantes, os estudantes ouvintes a cumprimenta e também deseja bom dia. P1 começa a aula falando que hoje explicará as diretrizes do estágio supervisionado I e que será necessária a atenção de todos para que possam realizar estágios e relatórios bem feitos. Neste momento o intérprete está em pé, de frente a ES2 traduzindo a fala de P1, o restante da turma se encontra ouvindo as primeiras informações do dia. Em seguida chegam mais 2 (dois) estudantes, sendo 1 (um) ouvinte e 1 (um) surdo (ES1). ES1 se dirige a turma e a P1 e cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS, vem até mim e me cumprimenta. Novamente chegam mais estudantes, mais 3 (três) ouvintes, depois mais 2 (dois) ouvintes, e por fim ES3 que estava faltando chegar, ES3 cumprimenta P1 que responde oralmente. ES3 vem até mim e me cumprimenta. Os estudantes ainda estão chegando à sala de aula. P1 tenta dar início a explicação dos relatórios de estágio, pede silêncio e a atenção de todos. Os estudantes surdos estão juntos ao intérprete, os mesmos estão sentados bem próximos, nas cadeiras da frente e de frente para o intérprete. P1 realiza a explicação das três etapas do estágio através de fichas, estas são entregues a todos os estudantes. No decorrer da explicação alguns estudantes falam alto, outros ficam com dúvidas, P1 para a explicação e pergunta sobre o que não estão compreendendo. Alguns estudantes ouvintes realizam perguntas sobre a ficha de relatório do estágio I e tiram suas dúvidas. O intérprete de LIBRAS continua realizando toda a tradução da aula. ES1 pede licença e faz suas perguntas a P1 e o intérprete traduz, o restante da turma percebe os questionamentos de ES1. ES1, por sua vez, faz sinal de que entendeu.

ES3 pede para o intérprete perguntar sobre os prazos da entrega dos relatórios a P1. ES3 parece não gostar de tirar dúvidas com os professores. Após este momento P1 continuou a explicação passando para a ficha 2 e 3. Perto do término das explicações P1 pediu concentração e paciência para conseguir terminar, já estávamos perto das 11h00min. P1 conseguiu concluir a explicação sobre as fichas de estágio. Após o término da aula do período da manhã alguns estudantes ouvintes se aproximaram dos estudantes surdos para cumprimentar e se comunicar por meio do intérprete e também por meio de gestos. P1 combinou a hora da volta após o almoço e se ausentou da sala de aula.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

A aula de P1 teve início às 08h15min do dia 07/03/2015 (sábado) referente às disciplinas de estágio I e trabalho de conclusão de curso. Estavam presentes na aula 34 (trinta e quatro) estudantes. A sala de aula é composta por cadeiras de madeira, mesa e cadeira do professor e quadro de giz.

Na oportunidade P1 deu continuidade aos relatórios de estágio, explicando novamente as fichas referentes às 3 (três) etapas. O intérprete ainda não havia chegado à sala de aula e já estava presente ES1. Mesmo assim, P1 deu início às atividades.

Nos primeiros momentos ES1 ficou sentado e sozinho. Alguns estudantes estavam chegando ainda, e às 08h45min o intérprete chega juntamente com ES2, justificando que o ônibus atrasou, pois ele mora na cidade vizinha. O intérprete pergunta a P1 sobre o que está a apresentar para turma, P1 explica para o intérprete e este, por sua vez, explica a ES1 e ES2 o que está acontecendo e sobre o que P1 está falando, e dar início a interpretação da aula. P1 deu um tempo para o intérprete fazer isso. Porém, alguns estudantes continuaram chegando. ES1 e ES2 estavam sentados nas primeiras cadeiras, próximo ao intérprete.

Durante a aula é possível observar que um dos colegas ouvintes chega e interage, fazendo o sinal de chato em LIBRAS para ES1. ES2 passa o tempo inteiro à espera do intérprete para comunicar algo e sempre que é necessário ES2 oraliza. Enquanto isso P1 conclui a explicação sobre as etapas do estágio e passa a dividir os estudantes para atender de acordo com as temáticas do trabalho de conclusão de curso. Os estudantes interagem entre si sobre os seus respectivos temas. O intérprete conversa com ES2, enquanto que ES1 circula pela sala interagindo com os colegas ouvintes por meio de gestos, LIBRAS e escrita.

P1 levanta-se do birô e se dirige a alguns alunos dando direcionamentos sobre os temas dos trabalhos. Algumas alunas têm dúvidas e também vai ao encontro de P1 que procura tirar as dúvidas dos estudantes. ES1 abraça P1, enquanto orienta uma estudante. Neste momento muitos estudantes têm dúvidas sobre o plano de estágio e os estudantes surdos estão ainda sem orientação. O intérprete que também é estudante, sendo que na qualidade de bolsista conversa com os estudantes ouvintes.

ES1 se comunica com todos os colegas da sala, fica com o telefone em mãos a maior parte do tempo, circula pela sala, faz perguntas a P1 que não compreende. Às 09h30min chega ES3, cumprimenta aos colegas e P1 com um bom dia em LIBRAS. ES1 logo chega perto de ES3, cumprimenta e pergunta se está tudo bem, fala do trabalho e de como está a aula hoje e os dois interagem. A turma ainda está a discutir o estágio.

P1 retoma a aula e fala sobre as temáticas dos trabalhos dos estudantes e pede para que durante a semana os mesmos realizem as duas observações propostas na primeira semana do estágio, o intérprete se encontra traduzindo a fala de P1 para ES1, ES2 e ES3. ES1 se ausenta da sala, explicando que vai jogar futebol com os colegas. As outras duas estudantes surdas continuam a acompanhar a aula.

P1 divide os estudantes por tema do trabalho de conclusão de curso, forma grupos e passa nos grupos para conversar sobre as ideias dos estudantes com relação à temática escolhida. ES2 e ES3 estão junto ao intérprete e este se encontra conversando com os estudantes no grupo.

Ao orientar os grupos de ouvintes P1 passa no grupo donde estão ES2 e ES3 e o intérprete tira as dúvidas dos estudantes surdos com P1. Em seguida, P1 divulga alguns cursos que a faculdade está oferecendo sobre os temas: gestão escolar, educação infantil, educação inclusiva e cultura afro-brasileira, sendo necessário, o estudante escolher dentre esses temas e realizar a sua inscrição.

Na sequência P1 pergunta quem trouxe o material sobre a estrutura da monografia a fim de dar continuidade aos trabalhos, mas a turma não reage. O intérprete está junto de ES2 e ES3 que permaneceram na aula. Alguns estudantes reagem dizendo que trouxe o projeto. Diante dessa situação, P1 redivide os grupos de acordo com o material que os estudantes trouxeram: pasta de estágio e TCC (projeto / monografia). Os que trouxeram pasta de estágio foram para o lado esquerdo da sala e quem trouxe o material do TCC para o lado direito. ES2 e ES3 permaneceram no lado esquerdo da sala, pois trouxeram a pasta de estágio.

Assim sendo, os grupos se formaram e P1 orienta o primeiro grupo a fazer o relatório das primeiras observações em sala de aula. Após, orientar os estudantes do grupo de estágio P1 vai até o grupo 2 para direcionar o Início das construções dos TCCs. Discute a partir da estrutura do mesmo e organiza as temáticas. Enquanto isso o outro grupo está discutindo a 1ª etapa do estágio.

ES2 pede para o intérprete tirar uma dúvida com P1, o intérprete, por sua vez, chama P1 e faz a pergunta de ES2 e traduz a resposta para a referida estudante. Neste mesmo momento alguns estudantes ouvintes chegam perto de P1 para perguntar, mas o mesmo pede que os estudantes aguardem, enquanto termina de tirar as dúvidas do grupo do estágio onde estão os estudantes surdos. ES3 pergunta ao intérprete suas dúvidas e ele mesmo esclarece. P1 se dirige para o outro grupo. ES2 conversa com o intérprete sobre o estágio e este vai explicando. ES3 novamente faz perguntas ao intérprete sobre o estágio e este responde mostrando todo o material calmamente. ES2 novamente chama o intérprete. ES3 pede para o intérprete se dirigir novamente a P1 e perguntar sobre os prazos para a entrega dos primeiros relatórios de estágio, referente à primeira semana. O intérprete vai ao encontro da P1 e pergunta conforme ES3 havia pedido. O intérprete volta e responde a ES3.

ES2 e ES3 demonstram preocupações com os trabalhos e analisam o material que trouxeram. O intérprete senta perto de ES2 e ES3, conversa com elas, vai novamente ao encontro de P1 realizar novas perguntas sobre o estágio a pedido das referidas estudantes e volta para explicar-lhes novamente. Assim sendo, ES2 e ES3 afirmam não ter mais dúvidas, o intérprete passa a conversar com os colegas ouvintes. Após um tempo ES3 chama o intérprete e pergunta sobre a quantidade de horas do estágio. Este se dirige a P1 que está no outro grupo e pergunta, retornando para responder à ES3. ES2 e ES3 conversam sobre seus estágios e o intérprete acompanha a conversa, conversam sobre o plano de aula do estágio. As monografias dos estudantes surdos estão sendo feitas individualmente. O intérprete tira as dúvidas de ES2 e ES3, inclusive sobre a ficha de estágio que precisa ser levada a escola.

ES3 procura P1 para perguntar sobre o estágio, mas antes um colega ouvinte faz uma pergunta à ES3 e o intérprete traduz. Então, o intérprete é quem faz a pergunta que ES3 iria fazer sobre o tamanho do papel, pois no papel não aparecia o slogan da instituição e nem a assinatura. Logo o intérprete voltou e explicou à ES3 que teria que pegar outra ficha contendo todas essas informações.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

A aula de P1 teve início às 08h10min do dia 21/03/2015 sobre as disciplinas de estágio I e trabalho de conclusão de curso. Na oportunidade estavam presentes 35 (trinta e cinco) estudantes. A sala de aula é composta por cadeiras de madeira, mesa e cadeira do professor e quadro de giz.

P1 deu Início à aula conversando com os estudantes sobre o trabalho de conclusão de curso. Na sequência foi realizada uma roda de conversa para ver o andamento dos tccs. P1 expôs a estrutura do trabalho, como também revisou as diretrizes para a construção do trabalho. Neste momento chegam seis estudantes ouvintes. P1 sempre dando continuidade. Até então o intérprete não havia chegado e nenhum estudante surdo estava em sala.

Às 09h00 h entra na sala ES2 que procura o intérprete, não o encontra, mas fica na sala. Após a explicação P1 começou a atender os estudantes individualmente em sua mesa, olhando as produções da semana com relação ao TCC e ao estágio supervisionado. Neste momento chegam mais 3 (três) estudantes ouvintes. ES2 se ausenta da sala. P1 está em sua mesa atendendo os estudantes de um por um e em alguns casos duplas.

Os estudantes levam o material em pendrive para P1 realizar as possíveis correções e observações. P1 lê todo o material e conversa com os estudantes mostrando o que precisa ser melhorado, além de incentivar bastante os estudantes a continuarem o trabalho. Ao restante da turma P1 pede silêncio.

Neste momento e por volta das 10h15min chega ES1, cumprimenta os colegas, chega para mim, faz o cumprimento e pergunta pelos colegas surdos e pelo intérprete, e eu respondo o intérprete ainda não chegou e ES2 se ausentou da sala de aula. ES1 conversa um pouco com os colegas ouvintes e apresenta o colega surdo que veio com ele.

P1 se incomoda com o barulho e pede para as pessoas que já foram atendidas irem para a sala vizinha ou pátio da instituição. P1 também pede a ES1 que vá conversar no pátio. ES1 vai até a sala dos professores e encontra ES2 por volta das 10h40 min. ES1 e ES2 me chamam e explicam que o intérprete está doente e que não virá para a faculdade. Após atender os estudantes na parte da manhã por volta das 11h00min P1 se ausenta da sala.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

A aula de P2 teve início às 08h50min do dia 14/03/2015 com a disciplina Gestão Escolar, estando presentes 35 (trinta e cinco) estudantes, destes 3 (três) são surdos. A sala de aula é climatizada sendo composta por cadeiras acochoadas, aparelho de projeção, de som, DVD, TV, quadro branco e verde, mesa, birô e armário. Os estudantes surdos se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.

P2 deu início à aula cumprimentando a todos e explicando o horário de término dos trabalhos do dia. O tema abordado por P2 neste dia é Gestão escolar e cidadania. O intérprete está sentado junto a ES1 e ES2, interpretando a explicação de P2. ES2 está junto do intérprete e ES1 está circulando na sala. Nesse momento a secretária da instituição entra na sala para dar um aviso da diretoria, ES1 pede a palavra e indaga que é preciso mais comunicação da IES para com os estudantes, para que todos fiquem mais informados sobre a programação do mês que acontece na instituição e o intérprete faz a interpretação para todos. Nesse momento entra na sala ES3. O intérprete situa ES3 sobre o que estão tratando. A conversa continua e ao passo em que as falas vão acontecendo o intérprete vai acompanhando e interpretando. A secretária sai da sala e em seguida a aula recomeça.

P2 recomeça a aula falando sobre a importância do trabalho na escola, um trabalho articulado, o gestor como líder e a valorização do grêmio estudantil. A escola pública é para todos e envolve os diferentes sujeitos de uma comunidade. Neste momento, o intérprete está interpretando todas as falas de P2 para ES1, ES2 e ES3, mas apenas ES2 e ES3 estão atentos e demonstrando compreensão, enquanto que ES1 está no telefone com o aplicativo *whatsapp*.

Neste momento são entregues os kits para estudo, imediatamente ES1 solta o telefone para manusear o material. P2 explica o conteúdo do material e aponta para a tela de projeção, a mesma preparou o conteúdo em slide com base nos textos distribuídos. Os slides além dos textos contêm imagens para melhor visualização dos estudantes surdos. Os estudantes surdos olham para a tela, apostila e intérprete.

Assim sendo, P2 explica a função da gestão da escola, o que a gestão deve promover para a comunidade, a relação com os pais. Na sequência 3 (três) estudantes ouvintes interagem, estes citam exemplos da gestão de suas respectivas escolas. P2, por sua vez, também relata uma experiência vivenciada na escola. ES2 e ES3 acompanham a explicação por meio do intérprete. ES1 manuseia um material que trouxe, se dirige ao grupo e ao intérprete explicando que vai se ausentar porque precisa encontrar um amigo surdo em Recife. Dirige-se à P2 juntamente com o intérprete para comunicar a saída. P2 compreende e faz um sinal de positivo e ES1 se ausenta da sala de aula.

ES2 e ES3 continuam na sala de aula. O intérprete continua a interpretação para os estudantes surdos. P2 fala sobre sua experiência na gerência regional em Nazaré da Mata, na escola de aplicação, uma escola que trabalha com testes, pessoas de classe alta, média e baixa. Um estudante ouvinte se reporta a P2 e pede para que use o termo classe baixa e não pobre.

P2 dar continuidade e fala que a gestão trabalha com coordenação, professores, funcionários, pais e comunidade. Alguns estudantes ouvintes falam sobre as escolas dos filhos, relatando experiências das avaliações.

Enquanto isso ES2 e ES3 estão interagindo com o intérprete, conversando também sobre gestão. P2 escuta um estudante ouvinte falando sobre o compromisso público, pois as prefeituras ao realizar concurso público demoram a chamar os concursados. P2 dar exemplo de outras situações de concurso, quem pode fazer e que o processo para chamar é rápido em alguns casos e lento em outros. O intérprete se encontra traduzindo a fala de P2 para ES2 e ES3.

Um estudante ouvinte fala sobre o gestor escolar e o controle da merenda, relatando que às vezes os professores interviam na merenda para pedir algo melhor, alguns destes professores faziam a comida e a coordenadora pensava que estava errada essa ação. Neste momento ES2 e ES3 conversam com o intérprete. P2 continua falando com os ouvintes. O intérprete volta a interpretar a fala de P2 que dá um conselho para o crescimento do trabalho dos professores: ter sempre atitudes, boas ações, é importante para os estudantes, para os professores e para a escola.

ES3 se comunica com ES2 e com o intérprete, enquanto que P2 escuta um estudante falar. P2, em seguida, fala sobre o ambiente de trabalho harmonioso, as relações interpessoais e que o gestor precisa proporcionar momentos de crescimento para a equipe com a qual trabalha. P2 menciona que a escola precisa ter autonomia, a equipe gestora se reúne para proporcionar autonomia ao seu grupo.

Enquanto isso ES2 e ES3 acompanham a aula por meio do intérprete que interpreta a explicação de P2. P2 fala sobre a democratização da escola e que o gestor não deve fugir do foco pedagógico.

Na sequência P2 abre um vídeo de curta duração sobre a escola mostrando o trabalho do gestor. O intérprete traduz todo o vídeo para ES2 e ES3. O vídeo aborda o trabalho de uma escola sem informatização e assim, a documentação se encontrava toda acumulada, o serviço era grande para assinar, conferir e carimbar estes documentos. Ao adotar um sistema de trabalho na escola toda essa demanda de serviço e acúmulo foi facilitado.

P2 coloca outro vídeo sobre a reunião de professores na escola, conselho de classe, formação continuada e grêmio estudantil. O intérprete realiza toda a interpretação, pois o vídeo não contém legenda. P2 explica o vídeo, fala da importância da formação continuada, planejamento, reuniões e participação de cada pessoa que faz parte da escola nesses aspectos, pois esta precisa da participação de todos. P2 ainda ressalta que tudo isso está explícito na teoria e temos que levar ao máximo para a prática.

P2 explicita a dinâmica para a formação de grupos, sendo necessário no total formar 4 grupos para realizar um trabalho em sala de aula. ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.

P2 se comprometeu em enviar os arquivos por email para todos os estudantes, portanto, alguns destes pediram no mesmo momento para que P2 passasse para o pendrive os mesmos arquivos e assim P2 o fez. Após definir os grupos, P2 liberou a turma para o almoço e permaneceu na sala com alguns estudantes que queriam o material no pendrive. Após terminar de passar os arquivos para os pendrives dos estudantes, P2 se ausentou da sala de aula.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

P2 iniciou a aula às 08h16 min do dia 21/03/2015 com a disciplina de estágio III, estando presentes 32 (trinta e dois) estudantes, deste 1 (um) é surdo. A sala de aula é composta por 1(um) birô, 1(uma) cadeira para o professor, carteiras de madeira e quadro verde

P2 inicia a aula conversando com os estudantes, pergunta como os mesmos passaram a semana, se durante a semana conseguiram desenvolver as atividades de estágio. Os estudantes ouvintes conversam sobre suas experiências de estágio desenvolvido durante a semana e apresentam a documentação para P2 relativo à regência em sala de aula. Neste momento inicial os estudantes surdos não estão na sala de aula e nem o intérprete de LIBRAS. Chegam mais 3 (três) estudantes ouvintes nesse momento.

P2 dar continuidade a aula explicando a próxima atividade do estágio. Na oportunidade apresenta o plano de aula aos estudantes e como os mesmos devem fazer o preenchimento e realizar a aula sob a supervisão dos professores titulares das turmas em que os estudantes estão estagiando. Para cada semana são 2 (duas) aulas, sendo realizada essas 2 (duas) aulas durante 6 (seis) semanas, no total 12 aulas. Ainda continuam a chegar os estudantes, chegando mais 2 (dois).

Neste momento também, 2 (dois) estudantes ouvintes fazem muitas perguntas a P2. Os mesmos apresentam dúvidas com relação ao estágio além de reclamar a quantidade de 12 aulas para ministrar. P2, com muita paciência vai perto de cada estudante ouvinte que está com dúvida e busca responder a todas estas. Já por volta das 09h15min chega ES2, cumprimenta alguns colegas, senta-se numa cadeira na parte da frente da sala, olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.

Após alguns minutos ES2 vem até mim, me cumprimenta e pergunta se o intérprete não chegou. ES2 parece não perceber o que se passa na sala de aula, P2 não se dirige a ES2 para tentar se comunicar. Passados mais alguns minutos, mais precisamente às 09h39 min ES2 se ausenta da sala, sem se comunicar com P2. Às 10h00min P2 iniciou um atendimento individual em seu birô para os estudantes que trouxeram a documentação do estágio de semana. Alguns estudantes não haviam feito, então foram liberados. P2 ficou apenas com aqueles que haviam trazido à documentação.

Logo depois ES2 volta e comunica a mim que o intérprete só virá na parte da tarde e que iria esperar pelo mesmo. Às 11h00 h P2 termina de atender os estudantes e se ausenta da sala de aula, ES2 se dirigiu para a secretaria da instituição.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

P2 iniciou a aula às 08h50 min do dia 28/03/2015 com a disciplina de Gestão Escolar, estando presentes 34 (trinta e quatro) estudantes, destes 3 (três) são surdos. O intérprete se encontra na sala. A sala de aula é climatizada sendo composta por cadeiras acochoadas, aparelho de projeção, de som, DVD, TV, quadro branco e verde, mesa, birô e armário. Os estudantes surdos se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.

P2 inicia a aula dando bom dia e logo vai falando da importância da participação e frequência dos estudantes nas aulas. P2 ainda falou sobre a reunião de professores ocorrida no último sábado. Neste momento chega ES2, são 09h02 min. ES2 cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS, abraça o intérprete e senta perto do mesmo. Este permanece sentado e começa a interpretar a aula para a mesma.

P2 aborda a temática Gestão democrática e os trabalhadores em educação. P2 inicia o assunto explicando que o gestor da escola deve ser pedagógico, pois é importante a orientação ao trabalho com as religiões e com a sexualidade. P2 ainda fala sobre sua experiência no PROJOVEM, sobre o direcionamento pedagógico em sala de aula na questão das diferenças e das particularidades de cada estudante. Sendo necessário conquistar o público, é difícil, menciona P2, sendo a orientação do gestor indispensável.

P2 ainda afirma que as escolas precisam ter direcionamentos pedagógicos, atividades de ballet, capoeira, karatê, palestras, jogos, fazem parte do pedagógico proporciona a participação das pessoas. P2 relata que as atividades na escola visam à formação integral do estudante. Durante todo este momento a turma está muito atenta às palavras e exposição de P2. O intérprete, por sua vez, está do lado esquerdo da sala, na parte da frente com ES2, P2 está no centro da sala; 1 (um) dos estudantes ouvintes comenta sobre uma situação ocorrida na escola onde trabalha. Sobre um rapaz que tem deficiência e o mesmo dar ótimas palestras. Sendo assim, P2 adentrou nesta questão da inclusão e falou que as pessoas com deficiência se destacam e são capazes de ensinar, de aprender e de interagir.

P2 continua a aula apresentando que a escola está dividida em esfera pedagógica e administrativa. A parte administrativa é a estrutura, organização, ornamentação, distribuição de carga horária, de materiais. São os gestores, adjuntos, secretários e auxiliares. A parte pedagógica é formada pelos professores e supervisores que juntos pensam em estratégias de aprendizagem para os estudantes.

P2 cita exemplos da função do gestor e que uma dessas é cuidar da estrutura do prédio, zelar pelo patrimônio escolar, sendo um líder na instituição. O intérprete permanece junto a ES2 interpretando a fala de P2.

Na sequência 1 (um) estudante ouvinte interage relatando situações da escola na qual trabalha, indagando que precisou do gestor escolar para resolver uma situação e o mesmo não estava na escola. O referido estudante afirmou que é muito importante a presença do gestor na instituição escolar.

Outro estudante ouvinte pede a palavra e fala que há 1 (um) estudante com deficiência física na sala em que leciona e que quando precisa faltar o estudante também falta, pois é necessário muitos cuidados e a família não confia em outra pessoa.

Outro estudante ouvinte pede a vez de fala e ressalta que tem um estudante com deficiência intelectual, este não para na sala. Desorganiza os materiais e é muito agitado. P2 interage. Pergunta se na sala há monitor ou

cuidador na sala. Sendo essa situação tendo também a gestão como responsável e assim solicitar os monitores. P2 exemplifica que há escolas que não dispõem de monitores e o professor não tem tempo nem de ir ao banheiro. P2 explica ainda que a organização da merenda escolar, o gestor precisa gerir. Muitas crianças vêm para a escola sem terem se alimentado. Sendo assim, vários estudantes ouvintes interagem com o professor citando outros exemplos de suas escolas. Neste momento alguns estudantes continuam chegando à sala de aula. P2 utiliza como recursos o aparelho de projeção, *notbook* e caixas de som.

O intérprete continua auxiliando ES2, P2 está discutindo com os estudantes ouvintes. Neste momento chega mais um estudante ouvinte em sala de aula, já são 09h35min, P2 continua a aula falando sobre trabalhadores docentes e não docentes, que todos precisam contribuir para que a inclusão aconteça, a aprendizagem e a permanência do estudante na escola.

Em seguida, 1 (um) estudante ouvinte relata a importância do prédio escolar em estar limpo e acolhedor. P2 interage nesta questão citando mais exemplos. Neste momento um estudante ouvinte sai da sala para tomar água. P2 dar continuidade a aula, neste momento mais um estudante ouvinte se ausenta da sala. Muitos falam ao mesmo tempo e o intérprete espera P2 falar. Neste momento chega mais 1 (um) estudante ouvinte na sala, o estudante que saiu para tomar água retorna.

P2 pede atenção e silêncio e continua explicando que no próximo sábado não haverá aula. Neste momento chega mais 1 (um) estudante ouvinte. Ainda continuamos com o intérprete e apenas ES2 está na sala de aula. Os estudantes ouvintes falam ao mesmo tempo, 3 (três) estudantes pedem para ir até a secretaria da instituição e se ausentam da sala de aula.

P2 dá continuação à aula e o intérprete continua junto a ES2. Em seguida 1 (um) estudante fala que tem professor que por ser muito amigo do gestor confunde as coisas e quer fazer outras coisas, não respeitando o gestor.

P2 prossegue falando da importância do papel de cada pessoa que faz parte da escola e as regras para os estudantes. Em seguida, 1 (um) estudante relata que é importante que se tenha um treinamento para os funcionários saberem acolher bem as pessoas. P2 ressalta que tem gestor que deixa claro a função de cada pessoa na escola, mas é essencial, sobretudo a interação entre a equipe escolar. P2 menciona ainda que o cumprimento, a gentileza e a educação das pessoas, professores para com o porteiro, o auxiliar de serviço precisa ser gerida, todos são importantes na escola.

P2 fala do trabalho que realiza no PROJOVEM, sendo este um programa que trabalha com jovens de 18 a 29 anos, explicando que também é um programa de inclusão social. Neste momento, 1 (um) estudante retorna a sala. P2 explica que é da religião evangélica e que ajuda a escola em tudo e vai para outras igrejas junto com os estudantes, como a noite de maio, por exemplo. Neste momento, mais 1 (um) estudante entra na sala. P2 está prosseguindo e avançando nas discussões, ressalta a importância da comunidade na escola, ou seja, dentro da escola. Alguns estudantes ouvintes conversam, o intérprete de LIBRAS continua sentado junto a ES2 interpretando a explicação de P2.

P2, por sua vez, apresenta 1 (um) vídeo sobre o trabalho em equipe. Este é composto apenas por imagens, o intérprete não realiza a interpretação para ES2. ES2, então faz a leitura das imagens do vídeo atentamente. A turma se diverte e ri com o desenrolar do vídeo. P2 realiza o comentário do vídeo, afirmando que é necessário o trabalho em equipe, que um depende do outro. Em seguida, P2 dar um momento de intervalo a toda a turma de 15 minutos.

Neste momento chega à sala de aula ES1, o mesmo abraça P2 e pede para dar um aviso aos colegas antes que a turma saia. Sendo assim, ES1 avisa sobre o curso de LIBRAS da associação de surdos que faz parte e que as inscrições estão abertas, mas nem todos os colegas prestam atenção.

Após 17 minutos dados para o intervalo P2 retoma a aula, orienta os estudantes a entrarem na sala e se concentrarem. Enquanto isso, P2 dar alguns informes sobre a faculdade e a organização do estágio III. Em seguida, P2 apresenta mais 1 (um) vídeo. Ao término do vídeo P2 comenta-o. ES1 levanta o braço, se põe de pé e pede a vez para comentar o vídeo, o intérprete realiza toda a tradução para P2 e para os colegas ouvintes. ES1 fala que o vídeo é igual à escola, precisa de um estar em diálogo com o outro buscando alternativas para as soluções dos problemas. Em seguida, retorna ao seu lugar.

P2 apresenta outro vídeo sobre conceitos de gestão e participação. O intérprete se encontra interpretando o vídeo para ES1 e ES2. ES1 afirma que conhece o vídeo. P2 dar uma pausa no vídeo e faz algumas considerações. O intérprete está junto a ES1 e ES2 dando sempre continuidade a interpretação da fala de P2. P2, por sua vez, chama a atenção da turma para a continuação do vídeo que tem por título – Tudo começa com um bom professor. Ao término do vídeo P2 ressalta que um bom gestor já é um bom professor. Se não for um bom professor, não vai ser um bom gestor. Alguns estudantes ouvintes falam sobre a importância de um bom professor principalmente nos anos iniciais. Outro estudante ouvinte fala da diferença entre escola pública e privada. Os pais valorizam mais a escola privada, mas é ilusão porque da escola pública em que o referido estudante ouvinte estudou saíram vários profissionais. Neste momento, ES1 vai para perto de 1 (um) colega ouvinte, senta e conversa um pouco mostrando os vídeos que tem no celular.

P2 conversa com os estudantes afirmando que o mais importante é a dedicação pelos estudos, não importa se a instituição de ensino é privada ou pública. P2 continua ressaltando que para a escola andar bem é necessário que cada um execute a sua função e dialogue para resolver problemas. Nesse momento, o intérprete se encontra realizando a interpretação das falas a ES2 enquanto que ES1 se encontra conversando com alguns colegas ouvintes, por meio da escrita, e de gestos. Em seguida, ES1 se ausenta da sala.

Passados 10 minutos ES1 retorna a sala de aula, senta em seu lugar e acompanha a explicação de P2. ES1 levanta a mão, pede a vez e se põe em pé, de frente para a turma e o intérprete traduz para P2 e os colegas ouvintes. P2 interage e o intérprete traduz. ES1 ressalta que o professor precisa organizar métodos diferenciados para que o estudante aprenda.

P2 fala do trecho do filme - Desafiando gigantes. Fala que é um desafio de gigante para cada um estar aqui, pois muitas dificuldades são enfrentadas ao longo do caminho. P2 apresenta um vídeo contendo o trecho do filme – Desafiando gigantes. O intérprete se põe de pé e interpreta o vídeo para ES1 e ES2. O vídeo passa um desafio para um jogador levando o outro nas costas. O treinador incentiva o jogador a levar o outro nas costas com um percurso de 50 m. Assim sendo, o treinador incentiva tanto que o jogador anda o campo quase inteiro com o colega que pesa 68 kilos. A turma de jogadores critica, mas o treinador acredita e o jogador se supera. A turma em sala de aula interage e discute o vídeo, cada um fala do que enfrenta no dia a dia para estar presente na faculdade. P2 incentiva os estudantes, falando que os mesmos são capazes sim de realizar os trabalhos, os estágios e a monografia, é preciso procurar o melhor para nós e que um objeto podem tirar de nós, mas o conhecimento não, nós levamos por toda a vida. ES1 levanta a mão e comenta o vídeo dizendo que as pessoas enfrentam dificuldades, pessoas com deficiência

A INCLUSÃO DO ESTUDANTE SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula. Estudo de caso.

Polliana Barboza da Silva

física, pessoas que fazem hemodialise, o importante é o apoio. ES1 diz receber muito apoio. Toda a turma aplaude ES1. Em seguida, P2 elogia ES1 e afirma que é chegado o horário da parada para o almoço.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

P3 iniciou a aula às 08h10min min do dia 07/02/2015 com a disciplina de Didática e Letramento Infantil, estando presentes 39 (trinta e nove) estudantes, destes 3 (três) são surdos. O intérprete se encontra na sala. A sala de aula é climatizada sendo composta por cadeiras acochoadas, aparelho de projeção, de som, DVD, TV, quadro branco e verde, mesa, birô e armário. Os estudantes surdos já estão presentes na sala de aula e se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.

Mesmo ainda não chegando todos os estudantes P3 deu Início a aula através de um bom dia em LIBRAS e oralmente, perguntando como os alunos estavam em LIBRAS e Oralmente. Os estudantes ouvintes e surdos responderam e também afirmaram que estava tudo bem. Foi realizado o momento de acolhida sendo feita a entrega de lápis com biscoito e um vídeo que tem como título - Há uma luz com o objetivo de fazer uma reflexão sobre a vida. Foi realizada uma corrente com todos os que estavam em sala de aula para colocar o que cada um percebeu no vídeo e assim realizar uma prece a Deus. Sendo assim, 3 (três) estudantes ouvintes falaram. Em seguida, todos se deram os pés e fizeram a oração do Pai-nosso em LIBRAS. Nesse momento chegam 4 (quatro) estudantes ouvintes, os mesmos cumprimentam a turma com um bom dia e perguntam se podem entrar. P3 responde dando bom dia e afirma que podem entrar.

Em seguida, P3 se apresentou em LIBRAS e oralmente, pois se tratam da volta as aulas e pediu para que cada estudante falasse da expectativa com relação à disciplina. Alguns estudantes falaram que espera aprender mais sobre a didática na sala de educação infantil, sobre a leitura e a escrita na educação infantil, sobre conteúdos nessa modalidade de ensino. O intérprete se encontra junto a ES1, ES2 e ES3 conversando e realizando a interpretação da fala de P3.

Na sequência P3 apresenta oralmente o plano de curso da disciplina didática e letramento infantil discutindo a ementa, os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos metodológicos e avaliação. Neste momento chegam mais 3 (três) alunos ouvintes. P3 cumprimenta-os e entrega-lhes o plano de curso e explica que está apresentando-o. Os estudantes ouvintes debatem com P3 as formas de avaliação que foram propostas, afirmando que gostaram da diversidade avaliativa. Na parte da avaliação do plano de curso P3 colocou que a avaliação será formativa, sendo acompanhado o interesse, a frequência e a participação nos encontros, grupos de estudos e debates. Serão realizados também estudos dirigidos, resumos, fichamentos e apresentação de projetos pedagógicos. Na oportunidade, P3 pergunta em LIBRAS a ES1, ES2 e ES3 se entenderam, se desejam falar algo a respeito. Os mesmos respondem que compreenderam e que está muito bom assim.

Dando continuidade P3 realizou uma apresentação em slides sobre a origem, história e conceito de didática, alfabetização e letramento. Nos slides contém imagens referentes ao conteúdo. Toda a turma está atenta, o intérprete se encontra interpretando a fala de P3 para ES1, ES2 e ES3. P3 sempre para perguntar se a turma está compreendendo, se não tiver é preciso interromper e perguntar. P3 prossegue a aula explicando o conteúdo. ES1 levanta a mão e pede a palavra. ES1 diz que os conceitos de letramento e alfabetização não estão claros, e pede para P3 explicar novamente. O intérprete está realizando a interpretação para a turma. P3 explica oralmente e o intérprete faz a interpretação. P3 explica que letramento e alfabetização estão relacionados, porém a alfabetização está dentro

do contexto do letramento. O letramento é algo maior, mais amplo, tem o seu contexto, por exemplo, um ambiente de sala de aula que favoreça exposições de textos, alfabeto, numerais, se trata de um ambiente que promove o letramento e facilita a alfabetização que é a aprendizagem da leitura e da escrita. Após essa explicação P3 pergunta se ES1 entendeu, o mesmo afirma que agora sim e agradece. P3 prossegue a explicação e a turma acompanha. Todos os estudantes estão em sala de aula. Ao terminar a apresentação dos slides P3 novamente pergunta se foi possível a compreensão. A turma afirma que sim.

Na oportunidade P3 lança o desafio da turma produzir um resumo em grupos contendo os conceitos de alfabetização, letramento e didática. P3 distribui papel pautado para todos e os mesmos dão Início, durante a atividade P3 passa nos grupos, observando e tirando dúvidas dos alunos, chega próximo a ES1, ES2 e depois ES3 pergunta em LIBRAS se tem dúvidas, os mesmos afirmam que está tranquilo. ES1 afirma que está contente porque P3 demonstra saber um pouco da LIBRAS. Os surdos estão nos grupos interagindo com mais 2 (dois) colegas ouvintes e o intérprete. Como o intérprete também é estudante P3 também conversa com o mesmo dizendo que o trabalho do mesmo é muito bonito e fundamental para os estudantes surdos. O mesmo agradece. Não dá tempo os alunos concluírem suas produções porque é chegada a hora do almoço. Então, P3 chama a atenção da turma para que deem continuidade após o almoço. E que além desta atividade, na parte da tarde todos terão um texto de Magda Soares para discutir em roda de conversa. Após estas palavras P3 libera a turma acertando o horário da volta às 13h00min.

Início: 08h00min

Término: 11h00min

P3 iniciou a aula às 08h10min do dia 14/02/2015 com a disciplina de Didática e Letramento Infantil, estando presentes 37 (trinta e sete) estudantes, destes 3 (três) são surdos. O intérprete se encontra na sala. A sala de aula é climatizada sendo composta por cadeiras acochoadas, aparelho de projeção, de som, DVD, TV, quadro branco e verde, mesa, birô e armário. Os estudantes surdos já estão presentes na sala de aula e se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.

P3 entra na sala, cumprimenta a todos oralmente e em LIBRAS, pergunta como passaram a semana e se estão todos bem. Os estudantes ouvintes respondem e perguntam o mesmo a P3 que também responde e agradece. ES1 responde que a semana foi de muito estudo, mas foi boa. P3 instala o aparelho de projeção, *notbook* enquanto vai conversando com alguns estudantes. Após alguns minutos, pede a atenção da turma oralmente e em LIBRAS, cumprimenta o intérprete e dar o sinal para o mesmo iniciar a interpretação.

P3 realiza um momento dinâmico e de acolhida através de uma música no formato MP3 e a letra no projetor, distribui algumas mensagens com bombons. Toda a turma está participando fazendo os gestos e o intérprete se encontra interpretando a música para ES1, ES2 e ES3. Nesse momento chegam mais 6 (seis) estudantes ouvintes, que pede licença e entra na sala de aula e passa a realizar a mesma dinâmica. Ao término da acolhida, todo o grupo leu a mensagem, sendo que os ouvintes oralmente e os surdos junto com o intérprete fizeram a leitura em LIBRAS. Em seguida todos uniram os pés e realizaram a oração do pai-nosso em LIBRAS.

P3 prossegue a aula explicando como será a aula, ressaltando que entregará o estudo dirigido que é exigido pela instituição contendo todo o conteúdo trabalhado da disciplina devendo ser entregue no 4º (quarto) sábado. Todos estão atentos e concordam com a proposta. Assim sendo, P3 pede a ajuda de ES2 para entregar o estudo dirigido aos colegas da turma. ES2 responde que fará com todo o prazer e inicia a distribuição. Ao terminar a distribuição ES2 devolve a P3 as sobras.

P3, por sua vez, dar continuidade ressaltando que agora dará Início a exposição dialogada em slides sobre as Teorias de Aprendizagens: construtivismo e sociointeracionismo e que em seguida será realizado um jogo de perguntas e respostas através de 2 (dois) grupos Piagetianos e Vygotskyanos. P3 dar Início a exposição, nos slides tem o conteúdo e gravuras referentes ao mesmo. Assim sendo, P3 inicia perguntando aos estudantes o que eles entendem por construtivismo? 1 (um) estudante ouvinte fala que lembra de construção, ES3 resalta que lembra a construção da aprendizagem das crianças. P3 parabeniza e diz ter a ver. Assim sendo, P3 apresenta o conceito de construtivismo afirmando que este é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência está relacionado às ações entre a pessoa e o meio. Neste momento chegam mais 2 (dois) estudantes ouvintes, cumprimentam P3 e entram na sala de aula. P3 situa-os na aula falando do estudo dirigido e do assunto que estão a conversar.

P3 apresenta em seguida o estudioso Jean Piaget, psicólogo e biólogo, que estudou os próprios filhos, os comportamentos para saber como as pessoas aprendem. Sendo assim, P3 afirma que o construtivismo é a construção do conhecimento, somos seres inteligentes e construímos conhecimentos, pois o meio contribui para a nossa

aprendizagem. Toda a turma está atenta e os estudantes surdos também, o intérprete se encontra interpretando a fala de P3. P3 para e pergunta se estão compreendendo, se tem dúvidas de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que está tudo bem.

Adentrando no conteúdo P3 explica que o método construtivista é baseado nas ideias de Jean Piaget. O construtivismo proporciona ao estudante utilizar a curiosidade, pois a partir de seus próprios conhecimentos o mesmo deverá encontrar respostas de acordo com o contexto que faz parte e na interação com os colegas de classe. ES1 levanta a mão e faz uma pergunta a P3. Piaget teve estudantes ou seguidores em suas ideias construtivistas? P3 responde oralmente e o intérprete faz a interpretação da fala de P3. P3 afirma que sim e cita Emília Ferrero que ampliou o campo para a leitura e a escrita afirmando que a criança aprende bem se estiver em um ambiente que estimule o contato com os textos, com as letras, leitura, produção. E que Emília Ferrero também tem seguidoras como Telma Waz e Ana Teberosky que dão continuidade a esse trabalho chamado psicogênese da língua escrita e os níveis de escrita e hipóteses de leitura. Estes aspectos serão vistos na parte da tarde afirma P3. A turma afirma querer muito conhecer esses estudos. ES1 agradece a explicação e afirma que entendeu.

Na oportunidade P3 apresenta os estágios do desenvolvimento propostos por Piaget, sendo estes: Sensório-motor: nascimento aos 2 anos de idade; Pré-operatório – dos 2 aos 6 anos; Operatório concreto – dos 7 aos onze anos; Operatório formal – dos 12 aos 16 anos; explicando a característica de cada estágio. Neste momento a turma se agita, mas P3 pede a atenção e que parem as conversas paralelas. P3 dar continuidade.

Em seguida, P3 apresenta o sociointeracionismo, perguntando a turma o que compreendem sobre este conceito. 1 (um) estudante ouvinte relata que acredita ser a interação social das pessoas tendo como fim o conhecimento. P3 parabeniza e diz que tem a ver. P3 apresenta o conceito e ressalta que nesta teoria a interação social tem papel principal para o conhecimento. É preciso avaliar o que a criança é capaz de fazer sozinha e com a ajuda do outro. P3 afirma que esta teoria tem como principal estudioso Vygotsky, sendo este professor e pesquisador. P3, pergunta novamente se a turma está compreendendo oralmente e em LIBRAS. ES2 ressalta que esta teoria da aprendizagem leva em consideração o contato da pessoa com o meio e com o grupo. P3 afirma positivamente e parabeniza ES2.

P3 relata que Vygotsky desenvolveu suas pesquisas dentro do campo da educação comprovando que as relações sociais, os ambientes contribuem na aprendizagem das pessoas. P3 continua apresentando a ZDP – Zona de desenvolvimento proximal afirmando que esta é a distância existente entre o que o estudante já aprendeu e o que ele precisa aprender, chamado de conhecimento real e potencial. P3 vai à lousa e faz um diagrama para explicar a ZDP. Todos estão atentos. Após a explicação, P3 pergunta se compreenderam o conteúdo. A turma afirma que sim.

P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais 1 (um) grupo farão perguntas sobre Vygotsky. É dado um tempo para a formação dos grupos e as construções das perguntas, ES1, ES2 e ES3 se encontram no grupo dos vygotksyanos e o intérprete também. Estes estão interagindo com os colegas ouvintes e dão opiniões para as perguntas. Depois desse tempo o jogo começa e as perguntas são lançadas, a turma se mostrou afiada nas respostas. Ao término do jogo P3 parabeniza a todos os participantes, dar um brinde para que possam dividir entre todos (caixa de bombons). Em seguida, P3 libera a turma para o almoço.

Apêndice 30 – Descrição da 3ª observação de aula do professor 3

Início: 08h00min

Término: 11h00min

P3 iniciou a aula às 08h15min min do dia 21/02/2015 com a disciplina de Didática e Letramento Infantil, estando presentes 46 (quarenta e seis) estudantes, destes 3 (três) são surdos. O intérprete se encontra na sala. A sala de aula é climatizada sendo composta por cadeiras acochoadas, aparelho de projeção, de som, DVD, TV, quadro branco e verde, mesa, birô e armário. Os estudantes surdos já estão presentes na sala de aula e se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.

P3 entra na sala de aula, dar bom dia a todos oralmente e em LIBRAS, pois os estudantes surdos já estão em sala. Pergunta se estão bem e como passaram a semana. Alguns estudantes ouvintes chegam perto de P3 e ficam em volta conversando. Em seguida, P3 conversa com o intérprete sobre a aula dando algumas orientações. Monta o aparelho de projeção e *notbook* para dar Início a aula. P3 vai junto a ES1, ES2 e ES3 e conversa um pouco em LIBRAS.

Após essas ações P3 inicia a aula com o momento da acolhida, pede a ajuda de ES3 para entregar as mensagens de reflexão enquanto que 1 (um) estudante ouvinte entrega os bombons. Todos são convidados a ler a mensagem, os alunos surdos apenas acompanham a leitura através do intérprete. Após a leitura, P3 deixa o espaço aberto para os estudantes comentarem. Sendo assim, 4 (quatro) estudantes ouvintes e ES3 também comentam. Em seguida P3 realiza seus comentários e adentrou no momento de oração e todos uniram os pés para fazer a oração do Pai nosso em LIBRAS.

Em seguida, P3 dá alguns avisos sobre o horário de entrada, a recolha dos estudos dirigidos para o próximo sábado e forma grupos para a mesa redonda também do próximo sábado. Nessa divisão de grupos ES1 fica em um grupo com ouvintes e ES2 e ES3 ficaram em outro grupo junto com o intérprete.

P3 inicia o conteúdo da aula através do estudo do texto “Saber a prática para ensinar bem”. P3 pede que todos peguem o texto que fora recebido no primeiro dia de aula. O estudo começa pela leitura da introdução do texto. Neste momento continuam a chegar estudantes, chegam mais 3 (três) estudantes ouvintes. P3 cumprimenta-os e pede que entrem e situa-os na aula. P3 pede para que alguns estudantes leiam trechos do texto e vai explicando o sentido do texto que é pautado na formação inicial e contínua do professor, a relação entre teoria e prática, experiência, pesquisa, competências e conhecimento. O intérprete está do lado direito na parte da frente da sala de aula junto a ES1, ES2 e ES3. Após a leitura da introdução P3 pergunta se há dúvidas. ES1 levanta a mão e pede para argumentar. ES1 diz que é importante a associação entre a teoria e a prática para que o professor possa ter um melhor subsídio e conhecimento para poder agir rapidamente com os possíveis problemas que irá encontrar em sala, preparando também uma aula rica e de qualidade. É bom porque no curso de graduação estamos para entrar no estágio que vai confrontar as teorias que aprendemos até agora com a nova prática. P3 parabeniza e afirma que é de grande contribuição o argumento de ES1, os cursos precisam passar uma ideia do campo de trabalho ao novo profissional para que este possa ter a chance de experimentar desde já um pouco da futura profissão.

P3 apresenta em slides os tópicos do texto que se subdivide em: A organização do ensino; A identidade do professor pelo que ele faz, e a atividade orientadora de ensino. P3 expõe os subtópicos. Não há indagações. Ao término P3 pergunta se todos compreenderam de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que sim.

P3 prossegue a apresentação de slides com o subtema – A prática pedagógica, contendo atividades com listas temáticas, textos que se sabe de cor, nomes próprios, sequências didáticas e projetos didáticos. P3 expõe que a prática pedagógica na educação infantil deve ser bem diversificada com o intuito de promover o contato com a leitura e a escrita por meio de diversos gêneros. Sendo assim, P3 apresenta os conceitos dessas atividades em slide e explica a importância. Os estudantes ouvintes realizam várias perguntas. P3 responde. O intérprete está junto aos estudantes surdos interpretando o que está acontecendo em sala de aula.

Após responder P3 vai ao encontro de ES1, ES2, ES3 e do intérprete e pergunta para eles o que compreenderam sobre listas temáticas? ES3 responde que o trabalho com listas pode ser feito desde a educação infantil podendo ser de frutas, brinquedos preferidos, festa de aniversário e entre outros. ES1 e ES2 afirmam que compreenderam a importância de um trabalho que promova a leitura e a escrita desde a educação infantil. P3 parabeniza e volta ao grande grupo. P3 enfatiza ainda que este trabalho precisa acontecer em um ambiente que promova o letramento e a alfabetização das crianças, lembrando o que foi discutido na aula passada.

Terminado esta parte P3 passa uma atividade em grupo, preparar um roteiro de aula de acordo com o modelo que irá distribuir, as temáticas serão as discutidas anteriormente: textos que se sabe de cor, nomes próprios, listas temáticas. Acrescentando contos, fábulas e rótulos de embalagens. A turma se divide, P3 entrega a proposta do roteiro. Os estudantes surdos estão juntos com o intérprete e alguns colegas ouvintes. A proposta inicial é um roteiro, diz P3. Mas, na volta do almoço P3 afirma que os grupos irão colocar os roteiros em prática, ou seja, os grupos darão aulas uns para os outros e mostra que trouxe alguns materiais para ajudar como cartolinas, hidrocores, colas, tesouras, lápis de cor e fitas. Neste momento há bastante discussão, P3 circula pela sala apoiando os grupos. Chega a hora da parada para o almoço, os grupos param suas produções para na volta terminar o roteiro e preparar o material da aula que irá ser apresentada.

APÊNDICE 31 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/Comunicação do Professor com os estudantes surdos	P1 entra na sala de aula, deseja bom dia oralmente a todos os estudantes. ES3 cumprimenta P1 que responde oralmente.	Podemos identificar que P1 se relaciona de forma passiva com os estudantes surdos, não tendo interação para com eles. É perceptível também que P1 não conhece a LIBRAS, sempre se utiliza da oralidade para se comunicar, o que dificulta a relação e comunicação com os estudantes surdos.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P1 começa a aula falando que hoje explicará as diretrizes para o estágio supervisionado I e que será necessária a atenção de todos para que possam fazer estágios e relatórios bem feitos.	A estratégia utilizada por P1 é a mesma para todos os estudantes. P1 trabalha com a oralidade, o que é comum à maioria da turma e o intérprete realiza toda a interpretação para os estudantes surdos.
3. Relação/Comunicação entre alunos surdos e alunos ouvintes	ES1 se dirige à turma (...) e cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS Após o término da aula do período da manhã alguns estudantes ouvintes se aproximaram dos estudantes surdos para cumprimentar e se comunicar por meio do intérprete e também por meio de gestos.	Percebe-se que ES1 gosta de interagir e se comunicar com os colegas ouvintes. O mesmo se dirige aos colegas e os cumprimenta. Essa relação dos estudantes surdos com os ouvintes também acontece em sala de aula por meio do intérprete e gestos, pois nenhum estudante ouvinte da turma conhece a LIBRAS.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	[os estudantes surdos] estão sentados bem próximos, nas cadeiras, de frente para o intérprete. ES3 pede para o intérprete perguntar sobre os prazos da entrega dos relatórios.	Os estudantes surdos estão atentos à interpretação realizada pelo intérprete de LIBRAS. Percebe-se que os mesmos dependem totalmente do intérprete de LIBRAS para se comunicar dentro da sala de aula. Os mesmos estão sempre junto ao intérprete, há o respeito e a amizade, pois já estão juntos há 4 (quatro anos). Os estudantes surdos se sentem seguros com o intérprete em sala que até para realizar perguntas ao professor o estudante surdo pede que o intérprete o faça.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES1 participa da aula, levanta a mão e pede a palavra.	Foi observado que ES1 gosta muito de participar da aula e colocar suas opiniões. Sendo bastante participativo na aula. Observamos que ES3 participa pouco da aula, interage pouco, sempre recorre ao intérprete para tirar dúvidas ou pede para que o mesmo tire suas dúvidas e repasse a resposta do professor. É necessário se ter cuidado nessas situações, pois o estudante surdo precisa opinar e participar, procurar o professor, o intérprete está para apoiar a comunicação. ES1 utiliza a LIBRAS para se comunicar, buscando comunicação com P1, mas P1 não compreende, então chega o intérprete que realiza a interpretação. Neste momento toda a turma esteve atenta aos questionamentos

A INCLUSÃO DO ESTUDANTE SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula. Estudo de caso.

Polliana Barboza da Silva

		de ES1.
6. Considerações importantes.	P1 leciona as disciplinas de estágio supervisionado I e trabalho de conclusão de curso. A sala de aula é climatizada, contendo aparelho de projeção, cadeiras acolchoadas, aparelhos de som, DVD e TV, além de quadro branco e verde. Estavam presentes na aula 37 estudantes, incluindo surdos e ouvintes.	P1 leciona 2 (duas) disciplinas nesta turma e conta com uma turma numerosa, a turma toda contém 47 estudantes ao todo. A sala oferece condições para uma boa aula dispondo de aparelhos, recursos e espaço. Observamos que 10 estudantes faltaram à aula neste dia.

APÊNDICE 32 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P1 deu continuidade aos relatórios de estágio, explicando novamente as fichas referentes às 3 (três) etapas. P1 retoma a aula e fala sobre as temáticas dos trabalhos dos estudantes e pede para que durante a semana os mesmos realizem as duas observações propostas na primeira semana do estágio.	A relação e comunicação de P1 acontece em todo o tempo por meio da oralidade, além de não se aproximar dos estudantes surdos. Sendo assim, sem comunicação, sem o olhar, sem o mínimo gesto não existe relação. Percebe-se também que o intérprete ainda não havia chegado à sala de aula.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P1 conclui a explicação sobre as etapas do estágio e passa a dividir os estudantes para atender de acordo com as temáticas dos trabalhos de conclusão de curso. P1 divide os estudantes por tema do trabalho de conclusão de curso, forma grupos e passa nestes para conversar sobre as ideias dos estudantes com relação à temática escolhida. Ao orientar os grupos de ouvintes P1 passa no grupo onde estão ES2 e ES3 e o intérprete tira as dúvidas dos estudantes surdos com P1. P1 redivide os grupos de acordo com o material que os estudantes trouxeram: pasta de estágio e TCC (projeto / monografia). Os que trouxeram pasta de estágio foram para o lado esquerdo da sala e quem trouxe o material do TCC para o lado direito. ES2 e ES3 permaneceram no lado esquerdo da sala, pois trouxeram a pasta de estágio. Os grupos se formaram e P1 orienta o primeiro grupo a fazer o relatório das primeiras observações em sala de aula. Após, orientar os estudantes do grupo de estágio P1 vai até o grupo 2 para direcionar o Início das construções dos tccs. Discute a partir da estrutura do mesmo e organiza as temáticas. Enquanto isso o outro grupo está discutindo a 1ª etapa do estágio.	P1 em suas estratégias utiliza a oralidade, a divisão de grupos para facilitar os trabalhos de estágio e orientação. Durante essas estratégias chega pouco tempo perto dos estudantes surdos e quando chega o intérprete é quem faz as perguntas no lugar dos estudantes surdos. As estratégias utilizadas em sala de aula tem o papel de facilitar a aproximação do professor de seus estudantes, isto não acontece nesses momentos propostos por P1.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	Durante a aula é possível observar que um dos colegas ouvintes chega e interage, fazendo o sinal de chato em LIBRAS para ES1. ES1 se comunica com todos os colegas da sala, fica com o telefone em mãos a maior parte do tempo, circula pela sala. ES1 circula pela sala interagindo com os colegas ouvintes por meio de gestos, LIBRAS e escrita.	Observamos que dos 3 (três) estudantes surdos que há na sala ES1 é o que mais interage com os colegas ouvintes seja por meio da escrita, dos gestos ou LIBRAS. Este procura os colegas para mostrar novidades, anda muito pela sala e conversa bastante. ES1 conversa até os colegas ouvintes compreenderem o que falou. Essa comunicação é bastante importante no processo de inclusão e os colegas ouvintes gostam dessa interação.
4. Relação e Comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	ES2 passa o tempo inteiro a espera do intérprete para comunicar algo e sempre que é necessário ES2 oraliza.	A relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete acontecem de forma muito dependente. Observamos que ES2 e ES3 dependem

	ES2 pede para o intérprete tirar uma dúvida com P1, o intérprete, por sua vez, chama P1 e faz a pergunta de ES2 e traduz a resposta para a referida estudante. ES3 pergunta ao intérprete suas dúvidas e ele mesmo esclarece. ES2 conversa com o intérprete sobre o estágio e este vai explicando. ES3 novamente faz perguntas ao intérprete sobre o estágio e este responde mostrando todo o material. ES2 novamente chama o intérprete. ES3 pede para o intérprete se dirigir novamente a P1 e perguntar sobre os prazos para a entrega dos primeiros relatórios de estágio, referente à primeira semana. O intérprete vai ao encontro da P1 e pergunta conforme ES3 havia pedido. O intérprete volta e responde a ES3. O intérprete senta perto de ES2 e ES3, conversa com elas, vai novamente ao encontro de P1 realizar novas perguntas sobre o estágio a pedido das referidas estudantes e volta para explicar-lhes novamente. Após um tempo ES3 chama o intérprete e pergunta sobre a quantidade de horas do estágio. Este se dirige a P1 que está no outro grupo e pergunta, retornando para responder à ES3. ES2 e ES3 conversam sobre seus estágios e o intérprete acompanha a conversa. Conversam sobre o plano de aula do estágio. As monografias dos estudantes surdos estão sendo feitas individualmente. O intérprete tira as dúvidas de ES2 e ES3, inclusive sobre a ficha de estágio que precisa ser levada a escola. ES3 procura P1 para perguntar sobre o estágio, mas antes um colega ouvinte faz uma pergunta à ES3 e o intérprete traduz. Então, o intérprete é quem faz a pergunta que ES3 iria fazer sobre o tamanho do papel, pois no papel não aparecia o <i>slogan</i> da instituição e nem a assinatura. Logo o intérprete voltou e explicou à ES3 que teria que pegar outra ficha contendo todas essas informações.	muito deste profissional, pois os mesmos pedem para o intérprete tirar as dúvidas que eles têm com o professor e em outras situações o papel do intérprete é confundido com o do professor. Os estudantes surdos tiram dúvidas com o intérprete quando na verdade deveriam tirar com o professor. É preciso ter cuidado com a distorção dos papéis de cada um. Nesta aula observamos que o intérprete a todo o momento está perto de P1 realizando perguntas que os surdos enviam. Assim, a comunicação e o contato dos estudantes surdos com o professor não aconteceram em nenhum momento durante esta aula. Sendo necessário se ter cuidado com esta situação. O intérprete é apoio na comunicação do professor com os estudantes surdos e dos estudantes surdos para com o professor.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES2 e ES3 demonstram preocupações com os trabalhos e analisam o material que trouxeram. ES2 e ES3 estão junto ao intérprete e este se encontra conversando com os estudantes no grupo.	Durante a aula a participação dos estudantes surdos se deu nos grupos. Percebe-se que durante a aula os estudantes surdos estão bastante preocupados e tensos com os documentos referentes ao estágio. Em nenhum momento estes estudantes interagem fazendo perguntas ao professor e nem durante a aula, somente nos grupos e com o intérprete.

6.Considerações importantes.	ES1 se ausenta da sala, explicando que vai jogar futebol com os colegas.	ES1 gosta muito de participar das aulas, expressa suas ideias e opiniões, contribui bastante nas aulas dos professores. Porém, nesta aula não se percebe o interesse deste estudante na aula. P1 não interage em nenhum momento com os estudantes surdos, a turma está bastante agitada neste dia. A saída de ES1 da sala de aula pode ter-se dado pelo fato de não ser atendido totalmente em suas necessidades, a não compreensão do que está sendo tratado, no momento o jogo de bola com os amigos surdos é mais atrativo para ES1.
------------------------------	--	---

APÊNDICE 33 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 1

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P1 pede a ES1 que se ausente da sala para conversar com o colega surdo no pátio.	Durante a aula não se percebe uma relação de atenção para com os estudantes surdos. A única comunicação que acontece é a de P1 pedindo para o ES1 se ausentar da sala, após poucos minutos do mesmo entrar, pois o som que ele emite na percepção de P1 atrapalha a orientação aos grupos.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P1 deu Início à aula conversando com os estudantes sobre o trabalho de conclusão de curso. Na sequência foi realizada uma roda de conversa para ver o andamento dos tccs. P1 expôs a estrutura do trabalho, como também revisou as diretrizes para a construção do trabalho. Após a explicação P1 começou a atender os estudantes individualmente em sua mesa, olhando as produções da semana com relação ao tcc e ao estágio supervisionado.	A estratégia utilizada por P1 é a exposição oral, sempre explicando os conteúdos dessa forma. Esta estratégia não contempla os estudantes surdos, somente os ouvintes. Os estudantes surdos não se sentem a vontade com esta estratégia e ainda mais que nesta aula o intérprete não estava presente. Observa-se que outra estratégia utilizada foi a divisão de grupos para atendimentos, esta estratégia poderia contemplar os estudantes surdos, porém só contemplou os estudantes ouvintes. Os estudantes surdos não permaneceram na aula, se ausentaram logo.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	ES1 cumprimenta os colegas. ES1 conversa um pouco com os colegas ouvintes e apresenta o colega surdo que veio com ele.	Logo em sua chegada ES1 cumprimenta os colegas ouvintes, faz uma leitura da sala, como não ver os colegas surdos e nem o intérprete passa a conversar um pouco com os colegas ouvintes utilizando gestos, escrita e mostrando o celular. Em seguida, apresenta o colega surdo que trouxe, os colegas o cumprimentam por meio de gestos. A relação e comunicação dos estudantes ouvintes com os surdos são interessantes, pois mesmo sem conhecer a LIBRAS os mesmos se comunicam um pouco e um entende o outro. ES1 tem paciência com os colegas ouvintes e usa LIBRAS, gestos, escreve, mostra o celular até os mesmos compreenderem.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	ES1 e ES2 me chamam e explicam que o intérprete está doente e que não virá para a faculdade.	A relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete são de total dependência. Nesta aula essa comunicação e relação não puderam ser novamente observadas porque o intérprete não compareceu a aula. Os estudantes surdos ficaram perdidos e não participaram da aula.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	Às 09h00 h entra na sala ES2, procura o intérprete, não o encontra, mas fica na sala. [Pouco tempo depois] ES2 se ausenta da sala.	Não houve participação dos estudantes surdos na aula de P1, havia muito barulho, a turma estava agitada, os estudantes surdos ficaram inseguros com a falta do intérprete e se ausentaram da sala de aula. A participação dos estudantes surdos acontece quando o intérprete de LIBRAS está presente.

6. Considerações importantes.	Neste momento e por volta das 10h15min chega ES1, cumprimenta os colegas. P1 não percebe que ele chegou... Os estudantes levam o material em pendrive para P1 realizar as possíveis correções e observações. P1 lê todo o material com bastante calma e conversa com os estudantes mostrando o que precisa ser melhorado, além de incentivar os estudantes a continuarem o trabalho.	É notável que P1 não percebeu a entrada de ES1 na sala de aula, o que pode revelar que P1 também depende totalmente do intérprete para se comunicar com os estudantes surdos. P1 atende muito bem as necessidades dos estudantes ouvintes, orienta muito bem os TCCs, as diretrizes do estágio. O que falta é um olhar para as necessidades dos 3 (três) estudantes surdos.
-------------------------------	--	--

APÊNDICE 34 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P2 deu Início à aula cumprimentando a todos e explicando o horário de término dos trabalhos do dia. O tema abordado por P2 neste dia é Gestão escolar e cidadania. O intérprete está sentado junto a ES1 e ES2, interpretando a explicação de P2. P2 recomeça a aula falando sobre a importância do trabalho na escola, um trabalho articulado, o gestor como líder e a valorização do grêmio estudantil. A escola pública é para todos e envolve os diferentes sujeitos de uma comunidade.	A relação e comunicação de P2 para com os estudantes surdos não se dão de forma plena, pois P2 não conhece a LIBRAS. Essa comunicação acontece de forma oral e o intérprete dá total suporte a comunicação. Percebe-se que P2 durante a aula se dirige mais aos estudantes ouvintes, a todo o tempo utiliza a oralidade, não chega próximo aos estudantes surdos.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P2 explica o conteúdo do material e aponta para a tela de projeção. Os slides além dos textos contêm imagens para melhor visualização dos estudantes surdos. Os estudantes surdos olham para a tela, apostila e intérprete. P2 abre um vídeo de curta duração sobre a escola mostrando o trabalho do gestor. O intérprete traduz todo o vídeo para ES2 e ES3. O vídeo aborda o trabalho de uma escola sem informatização e assim, a documentação se encontrava toda acumulada, o serviço era grande para assinar, conferir e carimbar estes documentos. Ao adotar um sistema de trabalho na escola toda essa demanda de serviço e acúmulo foi facilitado. P2 coloca outro vídeo sobre a reunião de professores na escola, conselho de classe, formação continuada e grêmio estudantil. O intérprete realiza toda a interpretação, pois o vídeo não contém legenda. P2 explicita a dinâmica para a formação de grupos, sendo necessário no total formar 4 (quatro) grupos para realizar um trabalho em sala de aula.	Observando as estratégias de aprendizagens propostas por P2 percebe-se a preocupação com os estudantes surdos. P2 adota a exibição de vídeos, Power points com imagens para melhor visualização e assimilação dos estudantes surdos. A dinâmica da formação de grupos também está presente favorecendo a inclusão e a interação com os estudantes ouvintes. Assim sendo, através de estratégias que favoreçam estudantes surdos e ouvintes o momento da aprendizagem se torna rico para todos, fator que também favorecem a inclusão.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.	P2 ao explicar a dinâmica da formação de grupos pede que os estudantes se organizem. Os estudantes surdos vão ao encontro de alguns colegas ouvintes e formam um grupo, o intérprete também ficou neste mesmo grupo. O trabalho em grupo é uma estratégia que favorece a interação entre surdos e ouvintes, havendo a troca de ideias, a interação e a aprendizagem proposta pela inclusão.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	Neste momento, o intérprete está interpretando todas as falas de P2 para ES1, ES2 e ES3, mas apenas ES2 e ES3 estão atentos, enquanto que ES1 está no telefone com o aplicativo whatsapp. ES2 e ES3 estão interagindo com o intérprete, conversando também sobre gestão. O intérprete se encontra traduzindo a fala de P2	A relação e comunicação entre os alunos surdos e o intérprete se dão de forma positiva. Os alunos surdos dependem totalmente do intérprete para participar e compreender as aulas, pois além da interpretação da aula o intérprete tira dúvidas dos alunos surdos, conversa com P2 sobre as dúvidas dos mesmos. O intérprete

	para ES2 e ES3. ES3 se comunica com ES2 e com o intérprete, enquanto que P2 escuta um estudante falar. ES2 e ES3 acompanham a aula por meio do intérprete que interpreta a explicação de P2.	tem uma função que vai além da determinada para um intérprete de LIBRAS. Alguns surdos sentem vergonha de conversar com o professor e por isso esse suporte acontece da parte do intérprete. ES2 e ES3 possuem mais timidez e ES1 é mais de se expressar, de procurar conversar.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES2 e ES3 formaram um grupo com o intérprete e com alguns estudantes ouvintes.	As formas de participação dos estudantes surdos nesta aula foram a participação no grupo com os estudantes ouvintes como também a conversa e a interação com o intérprete de LIBRAS.
6. Considerações importantes.	ES1 manuseia um material que trouxe, se dirige ao grupo e ao intérprete explicando que vai se ausentar porque precisa encontrar um amigo surdo em Recife. Dirige à P2 juntamente com o intérprete para comunicar a saída. P2 compreende e faz um sinal de positivo e ES1 se ausenta da sala de aula.	É importante considerar que ES1 também estuda Letras Libras em uma universidade pública, tendo bastante contato com colegas surdos. Observa-se que ES1 sempre fala dos colegas do curso, das aulas do curso de Letras Libras, se sente bem e quer ir ao encontro dos colegas e fazer os trabalhos. ES1 demonstra respeito por P2 e pede o auxílio do intérprete para explicar a sua saída.

APÊNDICE 35 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P2 inicia a aula conversando com os estudantes, pergunta como os estudantes passaram a semana, se durante a semana conseguiram desenvolver as atividades de estágio.	A relação e comunicação de P2 com os estudantes surdos acontecem de forma superficial, pois é utilizada a oralidade, favorecendo assim os ouvintes apenas. Percebe-se que ES2 se sente perdida dentro da sala de aula, não percebe o que está a ser discutido e P2 não vai ao seu encontro, a comunicação não chega e o intérprete não está presente na aula para fazer a ponte da comunicação. Se sentindo excluída ES2 sai da sala. A falta de comunicação é o grande entrave para que a inclusão aconteça, sem comunicação não há inclusão.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	Às 10h00min P2 Iniciou um atendimento individual em seu birô para os estudantes que trouxeram a documentação do estágio da semana. Alguns estudantes não haviam feito, então foram liberados. P2 ficou apenas com aqueles que haviam trazido a documentação.	A estratégia proposta por P2 não atende as necessidades dos estudantes surdos, a orientação está sendo de forma oral e também excludente.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	Já por volta das 09h15min chega ES2, cumprimenta alguns colegas, senta-se numa cadeira na parte da frente da sala, olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.	Apenas ES2 esteve presente na aula. Observamos que a interação de ES2 para com os estudantes ouvintes é pouca, apenas um bom dia e da mesma forma acontece da parte dos ouvintes. ES2 se sente inseguro sem a presença do intérprete.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	ES2 olha para todos os lados e percebe que o intérprete não está.	Não houve nenhuma interação, pois o intérprete não esteve presente.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES2 [parece] não perceber o que se passa na sala de aula. Passados mais alguns minutos, mais precisamente às 09h39 min ES2 se ausenta da sala.	Não houve a participação de ES2 na aula (único aluno presente). Sem o auxílio do intérprete de LIBRAS ES2 passa pouco tempo em sala de aula. O intérprete tem papel fundamental na comunicação desses estudantes surdos, sem a intervenção do intérprete os mesmos ficam inseguros e excluídos do processo de ensino e aprendizagem.
6. Considerações importantes.	Logo depois ES2 volta e comunica a mim que o intérprete só virá na parte da tarde e que iria esperar pelo mesmo.	Observa-se que ES2 tem uma relação de amizade com o intérprete de LIBRAS, procurando sempre se comunicar, além do gosto pelos estudos.

APÊNDICE 36 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 2

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P2 inicia a aula dando bom dia e logo vai falando da importância da participação e frequência dos estudantes nas aulas.	A relação e comunicação de P2 com os estudantes surdos são restritas, não há uma aproximação constante entre professor e estudante surdo. P2 se comunica mais com os estudantes ouvintes. P2 utiliza a oralidade para se comunicar o que dificulta a comunicação para com os estudantes surdos.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P2, por sua vez, apresenta 1 (um) vídeo sobre o trabalho em equipe. Este é composto apenas por imagens, o intérprete não realiza a interpretação para ES2. ES2, então faz a leitura das imagens do vídeo atentamente. A turma ri com o desenrolar do vídeo. P2 apresenta outro vídeo sobre conceitos de gestão e participação, o intérprete se encontra interpretando o vídeo para ES1 e ES2. ES1 afirma que conhece o vídeo. P2 dar uma pausa no vídeo e faz algumas considerações. P2 apresenta um vídeo contendo o trecho do filme – Desafiando gigantes. O intérprete se põe de pé e interpreta o vídeo para ES1 e ES2. O vídeo passa um desafio para um jogador levando o outro nas costas. O treinador incentiva o jogador a levar o outro nas costas com um percurso de 50 m. Assim sendo, o treinador incentiva tanto que o jogador anda o campo quase inteiro com o colega que pesa 68 kilos. A turma de jogadores critica, mas o treinador acredita e o jogador se supera. A turma em sala de aula interage e discute o vídeo, cada um fala do que enfrenta no dia a dia para estar presente na faculdade. P2 incentiva os estudantes, falando que os mesmos são capazes sim de realizar os trabalhos, os estágios e a monografia, é preciso procurar o melhor para nós e que um objeto podem tirar de nós, mas o conhecimento não, nós levamos por toda a vida.	As estratégias apresentadas por P2 favorece a aprendizagem dos estudantes surdos, são vídeos contextualizados e de imagens e legendas. A fala de P2 durante esta aula teve o apoio visual dos slides. Essas estratégias favorecem a todos.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	Chega à sala de aula ES1, o mesmo abraça P2 e pede para dar um aviso aos colegas antes que a turma saia. Sendo assim, ES1 avisa sobre o curso de LIBRAS da associação de surdos que faz parte e que as inscrições estão abertas, mas nem todos os colegas prestam atenção. O intérprete se encontra realizando a interpretação das falas a ES2 enquanto que ES1 se encontra conversando com alguns colegas ouvintes, por meio da escrita, e de gestos.	ES1 durante a aula gosta de conversar com os ouvintes, assim que chega pede a P2 para dar um aviso e incentiva os ouvintes a fazerem o curso de LIBRAS ofertado pela associação de surdos da qual faz parte. A maioria dos colegas ouvintes não presta atenção. ES1 neste momento busca promover a inclusão porque sente a necessidade da comunicação em sala de aula.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	ES2 cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS, abraça o intérprete e senta perto do mesmo. Este permanece sentado e começa a	A relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete acontecem de forma positiva, existe uma relação de amizade e

	interpretar a aula para a mesma. O intérprete, por sua vez, está do lado esquerdo da sala, na parte da frente com ES2. O intérprete permanece junto a ES2 interpretando a fala de P2.	respeito. O intérprete está a todo o momento dando o suporte na comunicação dos estudantes surdos. Há muita dependência dos estudantes surdos ao intérprete de LIBRAS por conta que ninguém da turma e nem P2 conhece a LIBRAS.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES1 levanta o braço, se põe de pé e pede a vez para comentar o vídeo, o intérprete realiza toda a tradução para P2 e para os colegas ouvintes. ES1 ressalta que o vídeo é igual à escola, precisa de um estar em diálogo com o outro buscando alternativas para as soluções dos problemas. Em seguida, retorna ao seu lugar. ES1 levanta a mão, pede a vez e se põe em pé, de frente para a turma e o intérprete traduz para P2 e os colegas ouvintes. P2 interage e o intérprete traduz. ES1 ressalta que o professor precisa organizar métodos diferenciados para que o estudante aprenda. ES1 levanta a mão e comenta o vídeo dizendo que as pessoas enfrentam dificuldades, pessoas com deficiência física, pessoas que fazem hemodialise, o importante é o apoio. ES1 diz receber muito apoio. Toda a turma aplaude ES1. Em seguida, P2 elogia ES1.	Observa-se que ES1 participa bastante da aula, gosta de interagir, de suas ideias, de conversar com P2, com os colegas ouvintes, de estar nos grupos e circulando pela sala de aula. Em suas palavras e ações ES1 busca estar incluído, participar das ações propostas em sala de aula. Muito positivo o elogio de P2 para ES1 e também os aplausos da turma.
6. Considerações importantes.	P2 Iniciou a aula às 08h50 min do dia 28/03/2015 com a disciplina de Gestão Escolar, estando presentes 34 (trinta e quatro) estudantes, destes 3 (três) são surdos. O intérprete se encontra na sala. A sala de aula é climatizada sendo composta por cadeiras acochoadas, aparelho de projeção, de som, DVD, TV, quadro branco e verde, mesa, birô e armário. Os estudantes surdos se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.	Ressaltamos a organização do ambiente que é propício à aprendizagem e os estudantes surdos têm lugares dispostos para melhor visualização próximo do intérprete de LIBRAS. Esta disposição favorece a inclusão desses estudantes.

APÊNDICE 37 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 1ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	Mesmo ainda não chegando todos os estudantes P3 deu início à aula através de um bom dia em LIBRAS e oralmente, perguntando como os estudantes estavam em LIBRAS e Oralmente. Os estudantes ouvintes e surdos responderam e também afirmaram que estava tudo bem. P3 se apresentou em LIBRAS e oralmente, pois se tratam da volta as aulas e pediu para que cada estudante falasse da expectativa com relação à disciplina. Alguns estudantes falaram que espera aprender mais sobre a didática na sala de educação infantil, sobre a leitura e a escrita na educação infantil, sobre conteúdos nessa modalidade de ensino. Após explicação do plano de curso P3 pergunta se ES1 entendeu, o mesmo afirma que agora sim e agradece.	É perceptível que P3 tem um conhecimento da LIBRAS o que facilita a relação com os estudantes surdos. P3 consegue se comunicar um pouco com os estudantes surdos, pois conhece um pouco da LIBRAS. Proporcionou um momento de oração com o pai nosso em LIBRAS e sempre que explica o conteúdo se reporta aos estudantes surdos e toda a turma para perceber se compreenderam.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P3 apresenta oralmente o plano de curso da disciplina didática e letramento infantil discutindo a ementa, os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos metodológicos e avaliação. P3 realizou uma apresentação em slides sobre a origem, história e conceito de didática, alfabetização e letramento. Nos slides contém imagens referentes ao conteúdo. O intérprete se encontra interpretando a fala de P3 para ES1, ES2 e ES3. P3 sempre para perguntar se a turma está compreendendo, se não tiver é preciso interromper e perguntar. P3 prossegue a aula explicando o conteúdo. Na oportunidade P3 lança o desafio da turma produzir um resumo contendo os conceitos de alfabetização, letramento e didática. P3 distribui papel pautado para todos e os mesmos dão início, durante a atividade P3 passa entre as carteiras, observando e tirando dúvidas dos estudantes, chega próximo a ES1, ES2 e depois ES3 pergunta em LIBRAS se tem dúvidas, os mesmos afirmam que está tranquilo. ES1 afirma que está contente porque P3 demonstra saber um pouco da LIBRAS. Então, P3 chama a atenção da turma para que deem continuidade após o almoço. E que além desta atividade, na parte da tarde todos terão um texto de Magda Soares para discutir em roda de conversa.	P3 ao apresentar o plano de curso da disciplina Didática e Letramento Infantil destaca os objetivos, a ementa e principalmente as estratégias e metodologias diversificadas de avaliação o que favorece toda a turma. P3 utiliza slides com imagens, trabalho em grupo, a roda de conversa o que favorece a aprendizagem dos estudantes surdos e o contato com os estudantes ouvintes. É notável que P3 chega perto dos estudantes, circula por entre os grupos, para a aula para verificar se os estudantes surdos compreenderam o conteúdo.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	Os estudantes surdos estão nos grupos interagindo com 2 (dois) colegas ouvintes e o intérprete de LIBRAS.	Observa-se que a relação/comunicação dos estudantes surdos com os ouvintes se deu no momento da formação dos grupos. No grupo estes estudantes discutiram suas ideias por meio de gestos, escritas e com a ajuda do intérprete de LIBRAS. O trabalho

		em grupo favorece a inclusão dos estudantes surdos.
4. Relação/comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	O intérprete se encontra junto de ES1, ES2 e ES3 conversando e realizando a interpretação da fala de P3.	O intérprete aparece como sendo o mediador dessa comunicação entre P3 e estudantes surdos e entre estudantes ouvintes e estudantes surdos. Os estudantes surdos são amigos do intérprete de LIBRAS há 4 (quatro) anos, os mesmos se dão muito bem.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES1 levanta a mão e pede a palavra. ES1 diz que os conceitos de letramento e alfabetização não estão claros, e pede para P3 explicar novamente. O intérprete está realizando a interpretação para a turma. P3 explica oralmente e o intérprete faz a interpretação.	ES1 gosta bastante de participar das aulas, sempre busca interagir, tirar suas próprias dúvidas. O espaço dos estudantes surdos é respeitado, essa participação favorece o processo de inclusão e o ensino e aprendizagem.
6. Considerações importantes.	P3 proporcionou um momento de oração coletiva onde todos se deram os pés e fizeram a oração do Pai-nosso em LIBRAS. Como o intérprete também é estudante P3 também conversa com ele dizendo que o trabalho do mesmo é muito bonito e fundamental para os estudantes surdos. O mesmo agradece.	O momento de oração foi marcado com a LIBRAS onde todos os estudantes participaram fazendo a oração do Pai-nosso. P3 realizou esta oração e os demais acompanharam. Momento este que também contribui para que a inclusão aconteça, os estudantes surdos precisam cada vez mais se sentir incluídos nos ambientes e instituições que frequentam. P3 também elogiou o trabalho do intérprete de LIBRAS. Este profissional é peça chave para que a inclusão aconteça nas instituições, sendo ponte, apoio e suporte na comunicação dos estudantes surdos.

APÊNDICE 38 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 2ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P3 entra na sala, cumprimenta a todos oralmente e em LIBRAS, pergunta como passaram a semana e se estão todos bem. Os estudantes ouvintes respondem e perguntam o mesmo a P3 que também responde e agradece. ES1 responde que a semana foi de muito estudo, mas foi boa. P3... para e pergunta se estão compreendendo, se tem dúvidas de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que está tudo bem. P3, pergunta novamente se a turma está compreendendo, oralmente e em LIBRAS. ES2 ressalta que esta teoria da aprendizagem leva em consideração o contato da pessoa com o meio e com o grupo. P3 afirma positivamente e parabeniza ES2.	A relação e comunicação de P3 com os estudantes surdos é de compreensão e tranquilidade pelo fato de P3 conhecer um pouco da LIBRAS. P3 consegue conversar com os estudantes surdos. P3 também se preocupa com os estudantes sempre perguntando de compreenderam e incentivando a participação dos mesmos. Esses fatores favorecem a inclusão dos estudantes surdos.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P3, por sua vez, dar continuidade ressaltando que agora dará Início a exposição dialogada em slides sobre as Teorias de Aprendizagens: construtivismo e sociointeracionismo e que em seguida será realizado um jogo de perguntas e respostas através de 2 (dois) grupos Piagetianos e Vygotskyanos. P3 dar Início a exposição, nos slides tem o conteúdo e gravuras referentes ao mesmo. Assim sendo, P3 inicia perguntando aos estudantes o que eles entendem por construtivismo? Em seguida, P3 apresenta o sociointeracionismo, perguntando a turma o que compreendem sobre este conceito; 1 (um) estudante ouvinte relata que acredita ser a interação social das pessoas tendo como fim o conhecimento. P3 parabeniza e diz que tem a ver. P3 apresenta o conceito e ressalta que nesta teoria a interação social tem papel principal para o conhecimento. P3 vai à lousa e faz um diagrama para explicar a ZDP (...). Após a explicação, P3 pergunta se compreenderam o conteúdo. A turma afirma que sim. P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais 1 (um) grupo farão perguntas sobre Vygotsky.	As estratégias de aprendizagem utilizadas por P3 são diversas. Podemos observar que são utilizadas as exposições de slides com imagens e textos junto com a interpretação do profissional intérprete de LIBRAS. É utilizado o lúdico que é o jogo de perguntas e respostas por meio de 2 (dois) grupos de estudantes e os conhecimentos prévios dos mesmos são explorados. Essas estratégias favorecem a construção do processo de ensino e aprendizagem e a inclusão dos estudantes surdos por oferecerem suportes específicos como a imagem atrelada ao texto, o incentivo e a opinião por meio dos conhecimentos prévios e do jogo proposto. Outra estratégia importante é a utilização do diagrama para a compreensão da zona de desenvolvimento proximal, o desenho ilustra e assimila as informações promovendo o conhecimento.
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	P3 prossegue formando 2 (dois) grupos para o jogo de perguntas e respostas, sendo que 1 (um) grupo são os piagetianos que irão realizar perguntas sobre Piaget e mais 1 (um) grupo farão	A relação e comunicação dos estudantes surdos com os ouvintes se dão na formação dos grupos onde uns procuram os outros. No momento das discussões a interação é

	perguntas sobre Vygotsky. É dado um tempo para a formação dos grupos e as construções das perguntas, ES1, ES2 e ES3 se encontram no grupo dos vygotksyanos e o intérprete também. Estes estão interagindo com os colegas ouvintes e dão opiniões para as perguntas.	ainda melhor, pois os mesmos utilizam gestos, escrita e o intérprete como suporte de comunicação. Esta interação surdo e ouvinte é o propósito da inclusão.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	Ao término da acolhida, todo o grupo leu a mensagem, sendo que os ouvintes oralmente e os surdos junto com o intérprete fizeram a leitura em LIBRAS.	O intérprete de LIBRAS é o profissional que facilita a comunicação dos estudantes surdos com os professores e dos estudantes surdos com os ouvintes. Os surdos estão sempre próximos do intérprete e este é muito paciente com os surdos.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	P3 pede a ajuda de ES2 para entregar o estudo dirigido aos colegas da turma. ES2 responde que fará com todo o prazer e inicia a distribuição. Ao terminar a distribuição ES2 devolve a P3 as sobras. Ao perguntar previamente sobre construtivismo ES3 ressalta que lembra a construção da aprendizagem das crianças. P3 parabeniza e diz ter a ver. ES1 levanta a mão e faz uma pergunta a P3. Piaget teve estudantes ou seguidores em suas ideias construtivistas? P3 responde oralmente e o intérprete faz a interpretação da fala de P3. P3 afirma que sim e cita Emília Ferrero que ampliou o campo para a leitura e a escrita afirmando que a criança aprende bem se estiver em um ambiente que estimule o contato com os textos, com as letras, leitura, produção. E que Emilia Ferrero também tem seguidoras como Telma Waz e Ana Teberosky que dão continuidade a esse trabalho chamado psicogênese da língua escrita e os níveis de escrita e hipóteses de leitura. Estes aspectos serão vistos na parte da tarde afirma P3. A turma afirma querer muito conhecer esses estudos. ES1 agradece a explicação e afirma que entendeu.	P3 solicita a participação de ES2 na entrega do material aos colegas e esta participa com todo o prazer. É muito bom que o professor estimule a participação dos estudantes nas aulas de diversos modos, seja através de perguntas ou solicitando algo. É notável a participação significativa dos estudantes surdos nesta aula e atenção de todos. ES1 realiza perguntas e questionamentos, ES3 responde a pergunta feita por P3. Essa participação é um ponto positivo para o processo de inclusão.
6. Considerações importantes.	Os estudantes surdos já estão presentes na sala de aula e se acomodam nas primeiras cadeiras, na parte da frente, próximo do intérprete.	Essa disposição de organização na sala de aula é importante para que os estudantes surdos consigam participar do processo de ensino e aprendizagem.

APÊNDICE 39 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DA 3ª OBSERVAÇÃO DE AULA DO PROFESSOR 3

Categorização dos comportamentos	Situações e comportamentos observados	Comentários/inferências
1. Relação/comunicação do Professor com os estudantes surdos	P3 entra na sala de aula, dar bom dia a todos oralmente e em LIBRAS, pois os estudantes surdos já estão em sala. Pergunta se estão bem e como passaram a semana. P3 vai junto a ES1, ES2 e ES3 e conversa um pouco em LIBRAS. P3 vai ao encontro de ES1, ES2, ES3 e do intérprete e pergunta para eles o que compreenderam sobre listas temáticas? ES3 responde que o trabalho com listas pode ser feito desde a educação infantil podendo ser de frutas, brinquedos preferidos, festa de aniversário e entre outros. ES1 e ES2 afirmam que compreenderam a importância de um trabalho que promova a leitura e a escrita desde a educação infantil. P3 parabeniza e volta ao grande grupo.	A relação e comunicação de P3 com os estudantes surdos são positivas, P3 sempre procura conversar com os mesmos e atendê-los da melhor forma possível. Percebe-se que P3 procura sempre ir ao encontro dos estudantes surdos, busca a comunicação por meio da LIBRAS, sempre os chama para participar, se preocupa se os mesmos estão compreendendo o assunto. A comunicação é o principal instrumento para que a inclusão dos estudantes surdos aconteça.
2. Estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos	P3 dá alguns avisos sobre o horário de entrada, a recolha dos estudos dirigidos para o próximo sábado e forma grupos para a mesa redonda também do próximo sábado. Nessa formação de grupos ES1 fica em um grupo com ouvintes e ES2 e ES3 ficaram em outro grupo junto com o intérprete. P3 inicia o conteúdo da aula através do estudo do texto “Saber a prática para ensinar bem”. P3 pede que todos peguem o texto que fora recebido no primeiro dia de aula. O estudo começa pela leitura da introdução do texto. P3 pede para que alguns estudantes leiam trechos do texto e vai explicando o sentido do texto que é pautado na formação inicial e contínua do professor, a relação entre teoria e prática, experiência, pesquisa, competências e conhecimento. P3 apresenta em slides os tópicos do texto que se subdivide em: A organização do ensino; A identidade do professor pelo que ele faz, e a atividade orientadora de ensino. P3 expõe os subtópicos. Não há indagações. Ao término P3 pergunta se todos compreenderam de forma oral e em LIBRAS. A turma afirma que sim. P3 prossegue a apresentação de slides com o subtema – A prática pedagógica, contendo atividades com listas temáticas, textos que se sabe de cor, nomes próprios, sequências didáticas e projetos didáticos. P3 passa uma atividade em grupo, preparar um roteiro de aula de acordo com o modelo que irá distribuir, as temáticas serão as	É interessante a diversidade de estratégias utilizadas por P3, desde o plano de curso podemos perceber esse leque de estratégias que favorece a toda a turma. Os estudos dirigidos valorizam a escrita e a pesquisa, a mesa redonda do próximo sábado promoverá a apresentação de cada grupo bem como a divulgação de ideias que cada um teve sobre sua temática seja em LIBRAS ou oralmente. O estudo do texto promove a leitura, a apresentação de slides com imagens potencializam a leitura visual e o trabalho em grupo a interação com os estudantes ouvintes. Percebe-se que no momento das formações dos grupos houve bastante interação.

	discutidas anteriormente: textos que se sabe de cor, nomes próprios, listas temáticas. Acrescentando contos, fábulas e rótulos de embalagens. A turma se divide, P3 entrega a proposta do roteiro. A proposta inicial é um roteiro, diz P3. Mas, na volta do almoço P3 afirma que os grupos irão colocar os roteiros em prática, ou seja, os grupos darão aulas uns para os outros e mostra que trouxe alguns materiais para ajudar como cartolinas, hidrocores, colas, tesouras, lápis de cor e fitas. Neste momento há bastante discussão. P3 circula pela sala apoiando os grupos.	
3. Relação/comunicação entre estudantes surdos e estudantes ouvintes	Na formação dos grupos os estudantes surdos estão juntos com o intérprete e alguns colegas ouvintes.	O momento da formação dos grupos é marcante para a relação/comunicação entre estudantes surdos e ouvintes. Os mesmos utilizam de estratégias para se comunicar como o aparelho de celular, mensagens escritas, gestos além do suporte do intérprete de LIBRAS.
4. Relação e comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete	O intérprete está do lado direito na parte da frente da sala de aula junto a ES1, ES2 e ES3. O intérprete está junto aos estudantes surdos interpretando o que está acontecendo em sala de aula.	O intérprete não deixa os estudantes surdos sozinhos e os mesmos também não ficam longe do intérprete. Este profissional trabalha promovendo sempre a comunicação dos estudantes surdos, facilitando esse processo. A relação e a comunicação entre os estudantes surdos e o intérprete são as possíveis.
5. Participação dos estudantes surdos na aula	ES1 levanta a mão e pede para argumentar. ES1 diz que é importante a associação entre a teoria e a prática para que o professor possa ter um melhor subsídio e conhecimento para poder agir rapidamente com os possíveis problemas que irá encontrar em sala, preparando também uma aula rica e de qualidade. É bom porque no curso de graduação estamos para entrar no estágio que vai confrontar as teorias que aprendemos até agora com a nova prática. P3 parabeniza e afirma que é de grande contribuição o argumento de ES1, os cursos precisam passar uma ideia do campo de trabalho ao novo profissional para que este possa ter a <i>chance</i> de experimentar desde já um pouco da futura profissão.	ES1 sempre participa das aulas, levanta a mão, pede licença e se expressa. ES1 se sente a vontade para participar opinando, nos grupos conversando ou fazendo os slides. Na ideia colocada ao lado ES1 associa a teoria a prática com o momento que a turma está para vivenciar os estágios que comprovarão ou não o que aprenderam na teoria. Outro fator importante é o incentivo de P3 para ES1, esse apoio é de fundamental importância para o processo de inclusão.
6. Considerações importantes.	P3 conversa com o intérprete sobre a aula dando algumas orientações. P3 realiza seus comentários e adentrou no momento de oração e todos uniram os pés para fazer a oração do Pai nosso em LIBRAS.	É importante ressaltar o contato de P3 com o intérprete, os 2 (dois) se comunicam e trabalham em conjunto. Outro fator a destacar é o momento da oração em LIBRAS que contribui para que o surdo se sinta incluído na instituição de ensino superior.

ANEXOS

ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO DE RECOLHA DOS DADOS

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Carta de esclarecimento da pesquisa e termo de consentimento do diretor geral

Senhor Diretor,

Venho por meio deste solicitar autorização para desenvolvimento da pesquisa intitulada **“O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”**. A pesquisa corresponde aos procedimentos para minha dissertação de mestrado, realizado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, sob a orientação da professora Dr^a Isabel Rodrigues Sanches.

A pesquisa tem como objetivo compreender o processo de inclusão dos estudantes surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes e das percepções e das práticas dos seus professores, tendo em vista o trabalho que a instituição desenvolve na região. Para tanto, serão entrevistados estudantes surdos e professores como também será realizada observações de aulas.

As informações obtidas serão utilizadas para fins científicos, resguardando a identidade da Instituição de Ensino Superior como também dos participantes da pesquisa. Coloco-me a disposição para qualquer esclarecimento.

Meus agradecimentos,

Atenciosamente,



Polliana Barboza da Silva

AUTORIZADO 05/02/2015


Diretor Geral

João Pessoa, 03 de fevereiro de 2015.

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento dos entrevistados (as) e esclarecimentos da pesquisa.

Prezado (a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

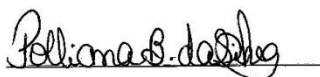
A sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Em seguida, serão devolvidas para aprovação.

A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação da pesquisadora.

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento dos entrevistados (as) e esclarecimentos da pesquisa.

Prezado (a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado **“O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”**, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Em seguida, serão devolvidas para aprovação.

A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação da pesquisadora.

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2015.



0 Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento dos entrevistados (as) e esclarecimentos da pesquisa.

Prezado (a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

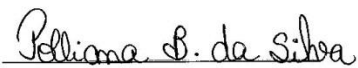
A sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Em seguida, serão devolvidas para aprovação.

A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação da pesquisadora.

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento dos entrevistados (as) e esclarecimentos da pesquisa.

Prezado (a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Em seguida, serão devolvidas para aprovação.

A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação da pesquisadora.

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2015.

[Redacted Signature]

Participante

Poliana B. da Silva

Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento dos entrevistados (as) e esclarecimentos da pesquisa.

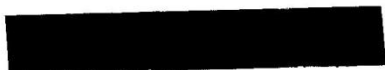
Prezado (a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado **“O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”**, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

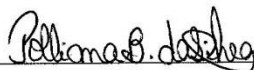
A sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Em seguida, serão devolvidas para aprovação.

A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação da pesquisadora.

João Pessoa, 07 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento dos entrevistados (as) e esclarecimentos da pesquisa.

Prezado (a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

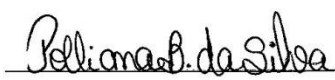
A sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Em seguida, serão devolvidas para aprovação.

A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação da pesquisadora.

João Pessoa, 14 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

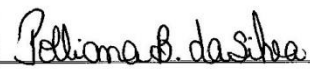
Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 07 de fevereiro de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

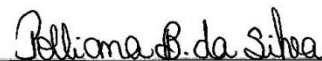
Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 14 de fevereiro de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 21 de fevereiro de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado **“O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”**, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 28 de fevereiro de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

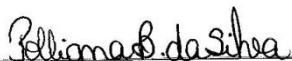
Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado **“O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”**, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 07 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

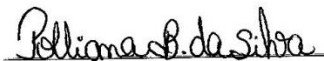
Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado **“O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”**, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 07 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

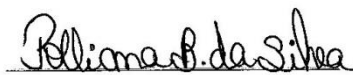
Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 14 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “**O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos**”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 21 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora

UNIVERSIDADE LUSOFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Instituto de Educação
Mestrado em Ciências da Educação

Termo de consentimento das observações de aulas dos professores

Prezado (a) professor(a)

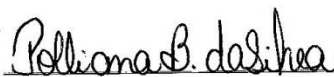
Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através das observações de aulas. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias no Mestrado em Ciências da Educação intitulado “O ENSINO E A APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: das concepções às práticas dos professores e estudantes surdos”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Rodrigues Sanches.

A prática da observação das aulas tem como objetivo coletar informações sobre o processo de ensino e a aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

João Pessoa, 28 de março de 2015.



Participante



Pesquisadora